



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS/PPGAV
ALLA SOÜB – 17/0160611

FINÍCIOS: ARTE-VIDA GORDA
EM TEMPOS PANDÊMICOS

JUNHO / 2022
BRASÍLIA – DF

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS/PPGAV
ALLA SOÜB – 17/0160611

FINÍCIOS: ARTE-VIDA GORDA
EM TEMPOS PANDÊMICOS

Tese apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutor em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, na linha de Poéticas Transversais.

Orientação: Profa. Dra. Maria Beatriz de Medeiros

JUNHO / 2022
BRASÍLIA – DF

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sf Soüb, Alla
 Finícios: arte-vida gorda em tempos pandêmicos / Alla
Soüb; orientador Maria Beatriz de Medeiros. -- Brasília, 2022.
 317 p.

 Tese (Doutorado - Doutorado em Arte) -- Universidade de
Brasília, 2022.

 1. Performance. 2. Pandemia. 3. Corpo-caderno. 4. Arte
Gorda. 5. Gordência. I. de Medeiros, Maria Beatriz, orient.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Beatriz de Medeiros
PPGAV/UnB
(presidenta)

Profa. Dra. Maria Luisa Jimenez-Jimenez
PPGEICOS/UFRJ
(membro externo)

Profa. Dra. Karina Dias
PPGAV/UnB
(membro interno)

Prof. Dr. Orlando Manescky
PPG/UFGA
(membro externo)

Profa. Dra. Luisa Günther Rosa
PPGAV/UnB
(suplente interno)

Profa. Dra. Ângela Donini
PPG/UFRJ
(suplente externo)

A todas pessoas gordas deste território
impossível chamado Brasil;

As avós Anacelia, Evanira e Edna por
toda sabedoria compartilhada;

Aos meus pais, Maria Celia Ramos Soüb e Ricardo Brites,
que fizeram a passagem nos últimos anos e reinauguraram
meu corpo e memória como morada ancestral;

Aos meus irmãos, João Diogo e Alice;

À minha mãedrastra, Marcelise, pela força e sensibilidade
compartilhada na vida e neste processo.

Agradeço a Exu, Yemanjá, Ibeji, Iku e Tempo;

As amigas de doutoramento Maria Eugênia, Ana Reis e a fiel revisora Samara Lima pelas conversas indispensáveis para apresentação deste trabalho;

Elton Panamby, pós-família e Cacimba por me fazerem acreditar em novas possibilidades de coletivizar-se em conexão com a natureza, buscando o devir bicho em nossas (in)constâncias;

Às amigas, amigues e amigos de longo tempo, que não canso de arengar, que sempre se fazem presentes em meio ao turbilhão caóticos me fazendo crer em vínculos duradouros;

À cidade de Cavalcante, Goiás, por ter sido acolhedora em momentos onde meu corpo já cansado não achava canto no mundo, em especial ao CAPS Cavalcante, em nome de Maria, Meire, Fernanda, Veralúcia, Tia Silvia, Sercunda e Ana, pela acolhida sincera e produtiva;

À Prakash Péricles Mustafá, Anis Estrelosa da Guiné Sauro, Coentro Cubensis Cimples e Savana Sativa Sagui, meus amados felinos, que me esquentaram e ouviram quando o mundo todo e todo mundo pareceu sumir; Ao Thorben Juju pela giganteza carismática;

À Bia Medeiros pelos longos 12 anos de orientação e parceria criativa;

Ao CAPES pelo incentivo financeiro para manutenção de vida básica durante esses anos;

À Hiury e Tatiana Lionço por me auxiliarem em trâmites burocráticos para permanência na universidade como o acesso a políticas internas de atendimento psicossocial;

Ao Decanato da Diversidade da UnB por incentivar a realização do primeiro minicurso sobre Arte Gorda na instituição;

Ao Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos e Adiposa Facção por me mostrarem a potência das primeiras pessoas plurais, multidão de afeto e(m) fúria;

À Catarina e Hugo por toda assistência digital frente a dificuldade recorrente com máquinas;

Aos grandones Malu Jimenez, Fernanda Magalhães, Kono, abigail Campos Leal, Uarê Erremays, Nanny Ribeiro, Aline Luppi Grossi, Junior Ahzura, Orquídea Fernanda pela parceria imprescindível para realçar o ajuntamento afetivo gorde que alicerça minhas atuais concepções de mundo, futuro e arte;

A mim, que em vez de desistir arrisquei a aventura de sentir além da dor;

Aos amores destes quatro anos que, conscientemente ou inconscientemente, me ajudaram no redirecionamento da libido para viver o processo prazeroso e intenso da escrita com a escutas atentas enquanto lia em voz alta tantos e tantos rascunhos que compõem essas letrarias;

Aos profissionais de saúde mental, em especial Adriana Cavalcante, que me apresentou na prática e(m) caos a Arteterapia;

À curiosidade;

Ao desejo.

Às águas, desde a mais suave a mais turbulenta.

Aos segredos do corpo e da escrita;

Ao finícios com arte, as reescrituras dos traumas, a imaginação afiada;

Aos encontros indizíveis e ao que não cabe na escrita;

Às transições

(das palavras,

de eus

a noiz)

Ao ar,

Ao ritmo: pulmão e cor-ação;

É triste explicar um poema.
É inútil também.
Um poema não se explica.
É como um soco!
E se for bem feito, te ali-
menta para toda vida.

Hilda Hilst

Depende a criatura para
ter grandeza de sua
infinita deserção.
A gente é cria de frases!
Escrever é cheio de casca e de pérola.
Ai desde gema sou borra.
Alegria é apanhar caracóis
nas paredes bichadas!
Coisa que não faz nome para explicar.
Como a luz que vegeta na roupa do
pássaro.

Manoel de Barros

FÍNICIOS: ARTE-VIDA GORDA EM TEMPOS PANDÊMICOS

RESUMO

Esta tese autobiográfica surge dos questionamentos em arte acerca dos duos: vida e morte, performance e registro, corpo e caderno, gordura e prazer. Como prumo para o deslize por esses questionamentos são criados conceitos possíveis que aspiram, com ajuda da palavra escrita, a nomeação de singularidades acerca destas reflexões e das performances que germinam nestes campos. A pesquisa é feita durante a pandemia da COVID-19 e, por isso, traz em si desvios imprescindíveis para manter a vida nessa época de crise sanitária e política. Ao viver e escrever durante o impreciso momento, este texto sincero se insere nesse contexto, permitindo-se a mutação. O corpo gordo é protagonista neste texto-respiração, revelando-se desde a sua hiperssexualização, preterimento afetivo, até a potência da gordosfera e da gordência. Através dos lutos vividos nesse período, e suas reverberações na psique dos afetados ainda-em-vida, é criado e aprofundado o conceito corpo-caderno, caderno-corpo. A metodologia da pesquisa é híbrida, em seu início acontecem encontros presenciais com outras gordidades, mas logo é arrebatada pela única possibilidade de continuidade: a digital. Como forma de re-existência no mundo tal qual ele, hoje, se apresenta, esta tese também convida à reflexão para se pensar as primeiras pessoas (do plural e singular – eus e noiz (sic)) para pensamento-criação de coletivizações. Isto, buscando certo fortalecimento das dissidências gordas e das possibilidades de construir futuros, em arte-vida, gordocentrados, ampliando o espectro dos Estudos do Corpo Gordo no Brasil.

Palavras-chave: Performance; Pandemia; Corpo-caderno; Arte Gorda; Gordência.

FINÍCIOS: FAT ART-LIFE IN PANDEMIC TIMES

ABSTRACT

This autobiographical thesis emerges from the arts questioning about duos: life and death, performance and register, body and notebook, fat and pleasure. As the accuracy for misconception on these questioning is created, possible concepts come up with the help of the written word, the labeling of the singularities over these reflections and the performances that emerge in these fields. The research is performed during the pandemic and, thus, brings deviations to stay alive in times of sanitary crisis. Live and write during this imprecise moment, this sincere text is part of the context, allowing to mutate. The fat body is the main character of this respiration-text, revealing itself since its hypersexualisation, lack of affection, and even the power of the “fat-o-sphere” and the “gordência”. Through mourning in this period, and its reverberations in the psyche of those affected who are still alive, it is created and deepened the notebook-body concept. The research methodology is hybrid. In the beginning face-to-face meetings with other “fattyties”, and it is soon taken by the only continuation possibility: the digital one. As a re-existence as it is nowadays, this thesis also draws to reflection in order to think of reflections and sensations of first persons (of plural and singular-mes and us (sic)) for creation thought of collectivization. That is, the search for strengthening of fat of the fat dissenting and the possibility of building futures, in life-art “fatcentereds”, widening the study spectrum of the Fat Studies in Brazil.

Key-words: Performance; Pandemic; Notebook-body; Fat-art; Gordência.

FINÍCIOS: ARTE-VIDA GORDA EN TIEMPOS PANDÉMICOS

RESUMEN

Esa tesis autobiográfica surge de los cuestionamientos en arte, de los pares: vida y muerte, performance y registro, cuerpo y cuaderno, gordura y placer. El eje, para deslizar entre tales cuestionamientos, surge a través de conceptos que anhelan tocar las singularidades de las reflexiones y performances que germinan en la intersección de los pares mencionados. La investigación se hizo durante la pandemia de COVID-19 y, por eso, trae, de por sí, desviaciones imprescindibles, para mantener la vida, en estos momentos de crisis sanitaria y política. Al vivir y escribir, durante ese impreciso momento, ese sincero texto se inserta en ese contexto, permitiéndose la mutación. El cuerpo gordo es protagonista en ese texto-respiración, revelándose, desde su hipersexualización y preferencia afectiva, la potencia de la gordosfera y gordencia. A través de los duelos vivenciados en el periodo, y sus reverberaciones en la psique de los afectados aún-en-vida, se crea y se profundiza el concepto de cuerpo-cuaderno, cuaderno-cuerpo. La metodología de la investigación es híbrida: en su inicio, ocurren encuentros presenciales con otras gordidades, que luego es arrebatada por la única manera de seguir, la digital. Como forma de re-existencia en el mundo, tal cual se presenta hoy, la tesis invita aun a la reflexión sobre las primeras personas - del singular y plural, yo y nosotres - del pensamiento-creación de colectividades. Ello, buscando el fortalecimiento de las disidencias gordas y de las posibilidades de construir futuros, en arte-vida, gordocentrados, ampliando el espectro de los Estudios del Cuerpo Gordo en Brasil.

Palabras-clave: Performance; Pandemia; Cuerpo-cuaderno, Arte Gorda e Gordencia.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Scheilah no quintal de casa. Fotografia: Rhaiza Oliveira, 2021.	24
Figuras de 2 a 22 – Capturas de tela do site Xhamster. Internet. 2019.	26
Figura 23 – Matheusa Passareli e eu na Casa 24. Rio de Janeiro/ RJ. Foto: Filipe Espíndola, 2015.	55
Figuras 24 a 26 – Despedida da Cobra. Rio Almas. Cavalcante/GO. Foto: Marcos Haas, 2020.	69
Figura 27 – Nine Ribeiro, cobra e eu. Cavalcante/GO. Foto: Miitsy Queiroz, 2020.	79
Figuras 28 e 29 – Cobra sob corpo. Cavalcante/GO. Foto: Rhaiza Oliveira, 2020.	80
Figura 30 – Cobra sem couro. Cavalcante/GO. Foto: Alla Soüb, 2020.	86
Figuras 31 a 33 – Banquete para pequenos peixes. Rio Almas, Cavalcante/GO. Foto: Alla Soüb, 2020.	87
Figuras 34 a 43 – Cartografia Ferida. Brasília/DF. Acervo pessoal, 2017-2019.	100
Figura 44 e 45 – Ruas, ruínas e cicatrizes. Colagem digital. Feita por: Fran Xyk e eu, 2016.	111
Figura 46 – Potó, <i>Paederus irritans</i> . Internet, 2021.	122
Figura 47 – Candiru, <i>Vandellia cirrhosa</i> . Internet, 2021.	125
Figura 48 – Escara. Hospital Santa Lúcia, Brasília/DF. Foto: Alla Soüb, 2021.	128
Figuras 49 a 51 – Dança-performance com Maria Célia. Hospital Santa Lúcia, Brasília/DF, 2021.	132
Figura 52 – Sem título.	133
Autorretrato por Alla Soüb. Brasília, 2021.	133
Figuras 53 a 55 – Resultados da modelagem viva online com Coletivo Risco! de Recife/PE.	135
Figura 56 – Ex-escara. Hospital Santa Lúcia. Foto: Alla Soüb, 2021.	139
Figuras 57 e 58 – Rhaiza Oliveira e eu. Cavalcante/GO. Foto: Marcos Haas, 2020.	147
Figura 59 – Identidade visual Adiposa Facção. Cedido pelo coletivo, em 2021.	164
Figura 60 – Fernanda Magalhães (Fermaga).	169
Figura 61 e 62 – Performance Corpo Ritual. Museu de Arte Moderna,	171
Figura 63 – Performance Grassa Crua. Curitiba /PR. Foto: Tainá Bernard, 2019.	174
Figura 64 – Constanza Álvares (Kono).	177

Figura 65 – Kono e eu. Cavalcante /GO. Foto: Bruno Gaú, 2017.	178
Figura 66 – Fragmento do vídeo arte Manifesto Gordx. Online, 2014.	179
Figura 67 – Performance de lançamento do livro La Cerda Punk (DF).	182
Figuras 68 a 70 – Residência Gorde.	183
Figura 71 – Frame do vídeoarte Gordentes. Acervo Pessoal, 2022.	185
Figura 72 – Kono e eu. Cavalcante/GO. Foto: Bruno Gaú, 2017.	187
Figura 73 – Uarê Erremays. São Paulo/SP.	188
Figura 74 e 75 – Corpaisagem. Brasília/DF. Foto: Tatiana Reis, 2018.	189
Figura 76 – Desdobramentos. Brasília/DF. Foto: Tatiana Reis, 2018.	192
Figura 77 e 78 – Perfrutynha. São Paulo/SP. Foto por temporizador, 2018.	194
Figura 79 e 80 – Laje. São Paulo/SP. Foto por Rodrigo D’Alcântara, 2019.	197
Figura 81 – Aline Luppi Grossi. Instagram, 2022.	200
Figura 82 e 83 – Performance Soul Dessas. Guará II/DF. Foto: A Pilastra, 2019.	201
Figura 84 – Performance O Que Você Anda Engolindo? Guará II/DF. Foto: A Pilastra, 2019.	205
Figura 85 – Nanny Ribeiro. Ilha do Amor/MA.	206
Figura 86 – Nanny Ribeiro e eu. Upaon Açú/MA. Foto: Felipe Espíndola, 2020.	207
Figuras 87 a 90 – Frames do videoarte Discoperformance. Online, 2021.	209
Figuras 91 – Nanny Ribeiro e eu. São Luís/MA. Foto por temporizador, 2019.	210
Figura 92 – Orquídea Fernanda.	211
Figura 93 – Fotoperformance Devore suas prisões. Foto: Orquídea Fernanda, 2019.	212
Figura 94 e 95 – Cartaz de divulgação do minicurso Arte Gorda.	216
Figura 96 – Identidade Visual de Mastodôntico Coletivo. Digital, 2021.	217
Figura 97 – Arte-vida Encontro das Águas e Saudade.	232
Figuras 98 e 99 – Finícios. Cavalcante/GO. Foto: Alla Soüb, 2022.	236

SUMÁRIO

□ Inspiração	17
□ Espasmo	19
Eus e noiz	20
Quem é Scheilah?	22
Corpos Informáticos: Pronóia e Iteração	47
□ Susto	51
Que pronome usar?	52
Pedacinhos de mims	57
Rituais de mudança	63
Heteronomia descentrada	70
Luto: fim que principia	77
Corpo-caderno; Caderno-corpo	88
Cicatriz	99
Sinais normatizantes x Sinais nomadizantes	114
Registros do já passado: o outro do outro	117
Dos registros em arte ao corpo: tudo escrita	120
Escritas sem léxico: iterações viajantes	122
Potó	122
Candiru	125
Esca(nca)ra	127
Debridação	140
□ Suspiro	145
Queda e ascensão	148
Ampliando vocabulário e encontros	152
Manifestos de peso	158
Gordosfera afetiva	167
Fernanda Magalhães	169
Constanza Álvarez	177
Uarê Erremays	188
Aline Luppi Grossi	200
Nanny Ribeiro	206
Orquídea Fernanda	211
Táticas para ampliar gordosferas	216
□ Expiração	235
□ Referências Bibliográficas	239
□ Anexos	
Entrevistas	
Uarê Erremays	246

Nanny Ribeiro	254
Aline Luppi Grossi	260
Orquídea Fernanda	272

Fotolivro Desdobramentos	283
--------------------------	-----

INSPIRAÇÃO

Aqui estão meus cacos, pedaços teimosos que se submeteram à transformação dolorosa dos últimos anos. Aqui, a escrita é a parceira que cola os cacos e futura outra criatura – parte de mim – que se apresenta ao mundo em curiosidade e coragem.

O luto me pegou, a caneta estancou, o computador deu perda total. A pandemia nunca foi embora e agora por muito mais tempo a solidão demora. De dentro do caos, a vida em mim explicitou desejo de continuidade, criação. Atenta ao fluxo da natureza e da matéria, os sustos da pandemia me apresentaram os *finícios*¹ necessários para permanecer vivo, almejando o bem-viver. No aprendizado de recente órfão, mais que nunca, as parcerias em arte propiciam o reconhecimento e novas possibilidades afetivas em bando: *gordosferas*. O pensamento-sentimento não se oriunda só em si: como seres relacionais, faz-se necessário a valoração dos vínculos em primeira pessoa do plural (noiz) para alicerçar e fortalecer as primeiras pessoas singulares (eus). A respiração e a falta dela são o tom deste texto.

Espasmo é uma contração involuntária, não ritmada, de um ou vários músculos, podendo ocorrer isolada ou continuamente, sendo dolorosa ou não. É sensação aliada à aparição de Scheilah Vitória e seus rastros nessa poética, bem como aos conceitos pronóia e iteração, desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. Espasmático acontecimento que precede o susto.

Susto é choque, abalo causado por notícias alarmantes e repentinas. Choque, apnéia por instantes. Assustadas, as poéticas aqui buscam maneiras de reinvenção, de ancorar-se em vida diante das intempéries trazidas pela recente pandemia mundial. É no susto o luto, o texto. O caderno-corpo se avoluma, entregando-se ao tempo presente (agora já passado) e grifando em carne a construção das cicatrizes e do conceito corpo-caderno, caderno-corpo.

Suspiro é o som aliviante oriundo do relaxamento das pregas vocais e do corpo. Ajuntamentos afetivos em arte e prazeres gordos surgem como possibilidade de ressignificação da vida e (além) da solidão. Alívio sentido nos músculos, relaxamento, lugar de pertença, fala, escuta e

1 Palavra que brota no desejo de nomear que não há fim, nem início isoladamente. Esses dois momentos estão entrelaçados e abrigam os mistérios e potências do entre.

criação. Aqui a respiração volta a anunciar-se em ritmos mais harmoniosos com o futuro em (des)construção, inaugura palavras para a língua portuguesa falada no Brasil. Nós – gordes, gordos e gordas – suspiramos: gordência e gordosfera.

Inspire profundamente antes de entrar, de se arriscar nesse mergulho subjetivo da linguagem.

Expire, sinta o vazio.

Inspire de novo e se lance.

Não esqueça de respirar e viver as entrelinhas do cheio e vazio no corpo.

Morte e vida. Composteira do misterioso por vir.

ESPASMO

EUS E NOIZ

Antes de qualquer teoria, criamos a partir de vivências. Viver em arte é aproximar-se abissalmente de si. Ao mesmo tempo em que a arte é, substancialmente, ponto de encontro de identidades semelhantes (digo semelhantes e não iguais porque não há igualdade mesmo no parecido; cada história, cada desenho, cada expressão e sensação de mundo é única). Escrevemos/falamos/desenhamos em primeira pessoa porque as narrativas estão transpassadas das vivências, sementes reais por vezes metaforizadas em arte.

Escrevo desde que me lembro em primeira pessoa, eu escrevo, não por uma ode ao ego, nem por um desejo de imortalização dessa carne cansada sobre o mundo. Sincerizar e ficcionalizar meu eu, a primeira pessoa do singular, me aproxima da primeira pessoa do próximo. As aproximações e as diferenças das primeiras pessoas, convergindo sobre algum tema, fazem com que as vozes convirjam para a primeira pessoa do plural – noiz – que é o lugar do encontro, do coletivo e da possibilidade de cura energética. Aproxima-se o reconhecimento dos bandos que, ainda assim, fazem revolução e anseiam outros futuros para que vivamos mais, em primeira pessoa do plural, valorando também nossas singularidades... Saber ser-estar em primeira pessoa do singular para chegar no plural, culminando em multidões.

O pensamento não nasce só, corpo é sabedoria no encontro, desejo de abraço e vírus zerado. Me sopram possibilidades de futuro, telefone, web-chamada, de um lado cama feita e no outro janta servida. Nas brevidades das fugidas, corpo a corpo é ouro. Sinta escorrer lágrimas de emoção – não disse de onde – toda vez que de um jeito aqui ou de outro bem ali sabemos ser plurais-singulares.

Vasculho corpo, busco prazeres, desejos e concordo em seguir com as novas marcas e a solidão vulnerabilizante. Rumo no mundo buscando outras versões sobre coletividade e pertença. Aqui, neste novo espasmo, é possível observar as táticas que me mantêm ainda neste mundo, a tática consiste no alargamento da ferida, no ajuntamento por identificação com outros artistas e na possibilidade poética de criar sutura para as marcas engendradas pela gordofobia, em especial a hiperssexualização e o preterimento afetivo.

Nunca fui outra coisa se não grande demais, gorde. É fator primordial para a minha identidade a gordura: seus silenciamentos e escárnios, seu fetiche e objetificação, sua textura e maciez, tudo isso me compõe. No espectro de um pensamento denso, escorregadio e espesso, pensamento com o corpo todo gorde, seguimos (eus e noiz) e adentramos na densidade subjetiva

das gordidades² que fazem parte intrínseca desta experiência criativa e social.

Atualmente tenho 120 kilos, estou no centro do Brasil, sou uma pessoa não-binária de ascendência árabe-mineira, pele clara, vivendo no meio do Cerrado. Sou desconstrução e construção desse corpo e já me delicio com isso. Nas várias vivências com a gordura, venho experimentando, nos últimos anos, algo que tem sido extremamente gostoso, poético e libertador: o prazer de ser grande, de sentir carnes balançando enquanto me movimento, de curtir a textura macia específica da gordura, meu corpo.

Para continuar esse assunto, proponho uma fissura, um rasgo, um streap-tease de cicatrizes em processo de cicatrização. No leque de “eus”, que é a personalidade esquizóide, convido Scheilah Vitória a se apresentar. Ela é rastro de mim ou seria ao contrário?

2 Gordidade é uma nova palavra que significa alteridade gorda.

QUEM É SCHEILAH?

Essa parte-dentro-e-outra de mim que chamo Scheilah é também pedaço abocanhado dos prazeres em carne de que me apartaram, preteriram. Ao corpo acuado e cansado das injúrias, objetificações e sexualizações diárias, dá-se banho de prazer – banhar a banha. Escorregar na delícia. Em vôo pássaro, Scheilah me surge como nome dentro do nome, como parte sombria e fértil, trilha fechada no mato com facão afiado. Nascida da dor, maquiada de cinzas num estilo fênix, essa persona surge banha e bunda, balança cosmos com sua movida. Tita Maravilha³ me canta sempre no ouvido: “nossa maior vingança nessa porra é ser feliz”. Essas futuras e presentes alegrias se equilibram sobre uma construção de escombros do corpo gordo. Scheilah é mesmo Vitória: desdobra o habitual, expande prazeres que tentaram silenciar: grito e gozo.

Pari Scheilah com dor que nem imaginava que era parto, web-parto, lágrimas, solidão e silêncio. Ecoei no meu/dela corpo as imagens furtadas e desviadas para uma página de pornografia mainstream – retirando-me nome e contexto das ações ali expostas. Naquela plataforma (XHamster) a morena de pernas grossas, bunda redonda e flácida já tinha mais de 600.000 visualizações. Até então, nenhuma minha. Depressão pós-parto; só consegui acessar as singularidades de Scheilah mais de um ano depois de nosso primeiro encontro, retomar nos meus eus a imagem disposta na rede, reconhecer-me fonte de prazer. Escapando pela tangente da cilada da pornografia mainstream, pela mão de Scheilah posso me reapropriar da imagem disposta na rede, do meu corpo e, conseqüentemente, dos gozos e fluidos que escorrem. Scheilah na brecha desabrocha pensamentos safados, as pós-pornografias entranhadas; nomeia os desejos mais secretos, evidencia a sexualidade e sensualidade de um corpo abjetificado, ruma nos caminhos da ressignificação, chamando corpos marcados pela gordura a trilhareem e compartilharem caminhos mais sinuosos e alegres, como forma ativa de autocuidado e, logo, de enfrentamento à gordofobia, atijando deslocamentos na cultura visual a que estamos submetidos.

Scheilah é corpo, é login, é verdade, invenção. Sou eu podendo ser outra ou são as outras que me compõem que já se misturam aqui. Scheilah me milk-shake a soüb d'nadah. Cauteriza

³ Tita Maravilha é atriz, performer e cantora brasileira, cocriadora do duo musical Rainhas do Babado (DF); atualmente reside em Portugal. No Instagram pode ser facilmente localizada por meio do link www.instagram.com/titamaravilha, e suas canções podem ser acessadas pelo Youtube.

pouco a pouco feridas profundas e goza ao abrir possibilidades de outras experimentações. Ela barulha como correnteza braba.

SCHEILAH DIZ

- Ela nada, deixe que eu fale por mim, autor de tantos eus. Dos líquidos e da solidão que me embalam para que chegasse até aqui instigada por desejos, singulares, próprios e compartilhados. Sou Scheilah, algoritmo de consumo pornográfico, fêmea alfa, grande, gorda e macia. Vitória ainda no nome me lembra o desvio que faço com o corpo que (des)construo. Extremamente sexualizada desde a infância, a dor se misturou com o prazer em lugares inconscientes da formação subjetiva. Retomar no corpo a pulsão de desejo que me conecta a Eros e Tanatos é um processo lento e ocorre em várias nuances. É prazer líquido que escorre das performances artísticas. Sou um feminino cansado de agradar e ser consumido pelo paladar necrosado dos que só me veem como objeto de desejo, expurgo de pulsões sexuais basais. Assumo aqui o lugar do gozo, do jato, bem como o das lágrimas e da confusão. Me refiz Scheilah: convite do feminino que se expande ao masculino que me compõe e que por muito foi anestesiado. Scheilah fortalecida: é o meu Yin. Yin d'Alla. Dominadora e passiva: brincante e ativa. Atiça os esconderijos de prazer, grutas, cavernas e pregas. Sou mais gozo que só o clássico sexual, pelos eriçados encostam no umbigo, como se num buraco sem fundo pudessem ser acolhidos. O ouvido acopla-se no gemido, fundem-se em ritmo – cósmico. Micro intensidades. Eu transo com as sensações à minha volta, vivo por um triz, sedenta de gozo, minha quase-morte. Gozo para além da cama, na vida. Escorrego lúbrica nos fluidos que são meus, mas por raridade confluem com outros. Sou sexual. Pornográfica. Puta. Vadia. Antes de ser já me diziam. Agora venho cá invadir o texto alheio de meus outros eus para assumir: safada. Grito e grifo: sou feita de casquinhas da hiperssexualização, ando em processos de movida e posse do autoprazer, caminhos, dobras, dores e delícias. Prefiro a fartura dos bandos, por isso me conecto com pessoas que subjetivamente fazem do Tesão um sentido apurado, muito mais que apenas uma ordem física, tesão como impulso de vida, biocombustível do desejo. Materialização em vida da morte: reordenações do já conhecido mix do caos, do ciclo primitivo da terra: fim e início. A maioria dos gozos me renasce. Scheilah, sou eu, capaz que agora não me esqueça. Mas tão pouco me esqueça de Alla que somos. A solidão nos fragmentou, dissociados reinventamos o desejo e criamos táticas para nos acompanharmos, buscando caminhos misteriosos e férteis para continuar no mundo.



Figura 1 - Scheilah no quintal de casa. Fotografia: Rhaiza Oliveira, 2021.

Quando sinto o prazer particular da gordura, sua mobilidade líquida, dobras e texturas, me transporto para mais fundo da fenda do prazer. Scheilei esse corpo, me permito ir descobrindo-o para além da objetificação. Da infância carrego marcas fundas de nojo, repulsa, bullying e poucos amigos. Esse corpo de hoje abriga a criança nas novas margens do prazer, bem como nas margens outras da gordura e da autoestima. As marcas estão aqui: valas no vale. São fundamento e alicerce para as outras possibilidades de ser-estar gorde e com prazer pelo mundo. Não aceito mais que essa narrativa seja marcada somente por histórias de rejeição, dor e gordofobia. Esse corpo, bem como os outros gordes, são possíveis de afetos-alegres, histórias de aconchego, carinho e coletividade.

Preciso contar essa história me sendo eu, mesmo que não doutor, mas eu, inteira, Scheilah Vitória. Pois daqui só eu sei a mixologia do prazer e da dor, nas bases tão antigas desse corpo, agora eu olho o passado, suas marcas, encaro-o, e doso mais uma vez dor e prazer e os novos ingredientes que fui somando por meio das vivências, como autoestima, parcerias, outras referências visuais/vivenciais gordas e vários inomináveis que se acoplam nesses anos, formando outro mix, novo sabor. Drink esse que aprecio enquanto me recordo de um conceito chave para manutenção e funcionamento de vida-e-liberdade-Scheilah.

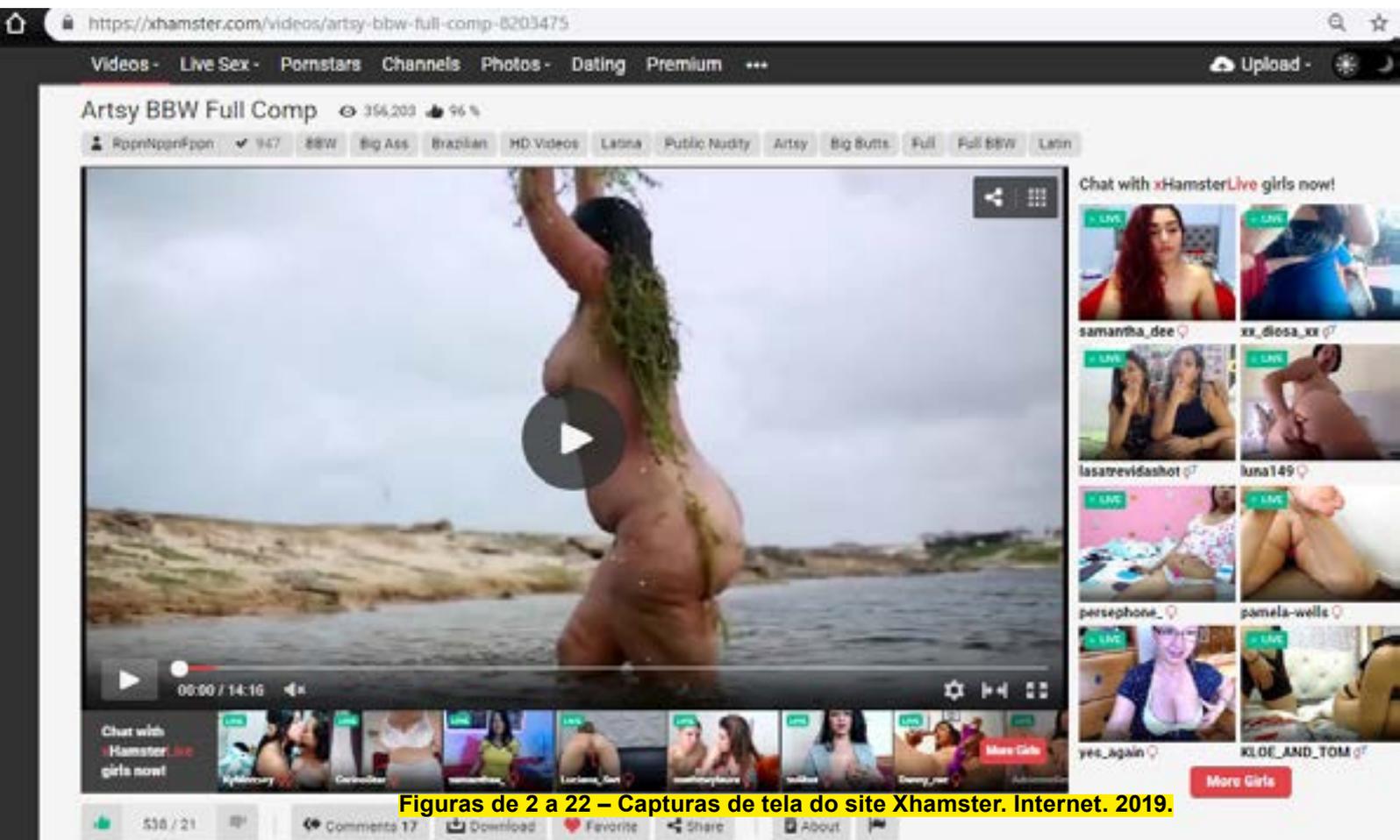
Cresci na paranoia, sobrevivente de um abuso sexual aos 8. No auge das músicas de Axé Music, estilo É O Tchan, Gera Samba e outras parecenças safadas onde as crianças rebolam, chacoalham, sensualizam letras de metáforas pornográficas e de uma heterossexualidade compulsória culturalmente aceita pela época, ao mesmo tempo que seus corpos são antecipadamente sexualizados. A gordura me deu peitinhos cedo. Meu corpo, criança, proibido, censurado, sexualizado, de canto vendo outros corpos de crianças magras ainda “não tão desenvolvidos” dançarem sem serem perturbados.

– Não dance, não requebre, suas pernas flácidas fazem barulho quando dança, isso é feio!!!

Cresci ciente do alerta de que esse corpo é feio, não pode. Só que cresci mais do que o alerta. Cresci tanto que me expandi para além dos olhares dos outros, acostumados a modos disfarçados de gordofobia... Cresci dum tanto que danço o que quero, balanço e faço barulho com banhas e flacidez, os entre-coxas se batem, se roçam, barriga avantajada que pula literalmente carnavais. Cresci um tanto – e ainda estou crescendo – que sou capaz de levar a criança de mim para passear e sentir na pele suas inseguranças. Eu, Scheilah, grande e gozoza, chamo no colo a cria e oferto aconchego e proteção. Em algum lugar acredito ser

zelador desse pequeno ser de mim, criança Mariana. Gozamos a vida na pertença do mesmo sistema.

O ponto final da minha exteriorização para o mundo foi o golpe e apropriação dos registros de videoartes de Alla; e a realocização dos mesmos para plataformas explicitamente sexuais como XVideos e XHamster. Como as imagens-corpo foram para estas plataformas sem nenhum tipo de contextualização ou nomenclatura, foi preciso nomear-me, de novo. Para que não esqueçamos de Scheilah, para lidar frente a frente com a recorrência da hipersexualização e fetichização do corpo gordo que ruma em compartilhamentos na rua virtual do mundo, a internet. A seguir uma sequência de capturas de tela dessa época. Como minha vida é inexistente para meios oficiais, sou vida na ferida, persona de Alla, existo apenas no contexto imagin-ativo delu, considero que esses prints são minha certidão de existência. Primeiro registro que me funda e reduz a simples “objeto de consumo pornográfico”: lugar de asfixia que no limite da apnéia e desespero possibilita asas para re-imaginar a ferida além da dor, a vida além do trauma.



Figuras de 2 a 22 – Capturas de tela do site Xhamster. Internet. 2019.

xHamster launched VR Cams! ❤️ Live Sex has never been so realistic!

Check it Now!

THIS VIDEO WAS UPLOADED TO XHAMSTER.COM



Chat with xHamsterLive g



IsabellaEtthan



BabyRoom

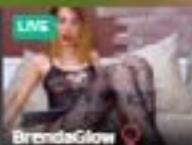


MikaGray



GiullaRey

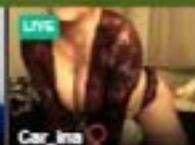
Chat with xHamsterLive girls now!



BrendaGlow



busyrac77



Car_ina



Isabelinibs



BelleTaylor



SquirtQueen



BimmerGarwa...

More Girls

alana10



saltanpepper

Stuffy

1 year ago Reply



tinycuck5

that milkshake makes me hard!

1 year ago Reply



tinycuck5

dat ass is mesmerizing! fuck im dizzy now!

1 year ago Reply



letyandalex2014

!Muito bem! Eu gosto...

1 year ago Reply



pazuriking

Thanks i completely forget her name

1 year ago Reply



fatboy1718

FANTASTIC, LOVE that BIG BEAUTIFUL ASS

1 year ago Reply



homi3gfunk

to minesfine: yeah. she's big, she's beautiful, and she's a woman. it's not an insult.

1 year ago [Show original comment](#) Reply



minesfine

suddenly women with a lil junk are BBW's??? Wow....



salanpepper

Stuffy

1 year ago Reply



tinycuck5

that milkshake makes me hard!

1 year ago Reply



tinycuck5

dat ass is mesmerizing! fuck im dizzy now!

1 year ago Reply



letyandalex2014

!Muito bem! Eu gosto...

1 year ago Reply



paizuriking

Thanks I completely forget her name

1 year ago Reply



fatboy1718

FANTASTIC. LOVE that BIG BEAUTIFUL ASS

1 year ago Reply



homi3gfunk

to minesfine: yeah. she's big, she's beautiful, and she's a woman. it's not an insult.

1 year ago Show original comment Reply



minesfine

suddenly women with a lil junk are BBW's??? Wow...



craze1_us

This girls ass is amazing!

1 year ago Reply

Full length videos from xHamster Premium

[Dig ass](#) [Latina](#) [Brazilian](#)



Blane Bryants vol8 - Heavy ass ebony hoe banged by hard cock



Chubby Latina is ready to get a hardcore fuck



BBW ebony was waiting for her man to come home for some riding



Maryelyn on a sucking job



Pure pleasure



Lucky guy fucks a hot blonde with amazing enormous natural tits



Naughty hotel milfs



White boy anal and impregnation fantasy



BBW cupcake stuffing



Latina BBW e

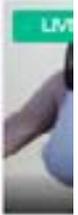
dick

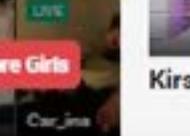
Show all videos >

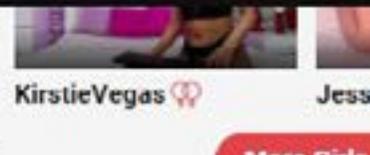
xHamster launched VR Cams! ❤️ Live Sex has never been so realistic! [Check it Now!](#)



Chat with xHamsterLive girls

-  natashasweet ♀
-  HannaBush ♀
-  BestKira ♀
-  KirstieVegas ♀
- 
- 
- 
- 

-  Ezzay_squirt
-  Janie_Live
-  MilaMorrie
-  CoMiDecca
-  IrisDives
-  isabelhills
-  RomanticAb
-  Char_Jane
- [More Girls](#)



Artsy BBW With A Loose Ass

Subscribed 701

Published by [RppnNppnFppn](#) 2 years ago 250,792

Like/Dislike buttons showing 448 / 7 likes.

Favorite, Download, Share, and Report buttons.

- Tags: BBW, Big Ass, HD Videos, Latina, Nudist, Public Nudity, Artsy, BBW Ass, Big Butts, Latin, Loose, Loose Ass, New Ass, New BBW

Nude model poses in public | Spanish BBW with soft booty | Jiggly wobbly ass walks runs and jumps ...HNNNNNG!

Comments (30)



Artsy BBW Full Comp
343,271 views 07% likes



Nice Ass and Clean Kitchen
208,770 views 00% likes



crystal mcbootlay shower
163,614 views 100% likes



Retalhos
163,766 views 02% likes



dream pawg VI
08,782 views 100% likes



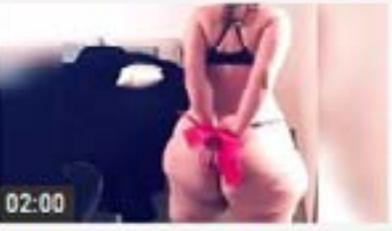
bbw doing her
120,264 views 100% likes



Giant ass pawg takes shower
78,851 views 00% likes



BBW MATURE BIG ASS, Fat Legs, Big Tits
232,632 views 100% likes



Monster ass in thong
97,624 views 00% likes



PAWG? Yees Please! Pt2
88,048 views 00% likes



Phat Sloppy Dimpled Ass
73,454 views 100% likes



Show phat ass
212,530 views 100% likes

Comments 30

S

 **davethedope**  
to **gundabadsfinest1**: you should start a detective agency
1 month ago [Show original comment](#) [Reply](#)

 **nino2008**  
Ela ficou nua na sala e vários pivete viu a buceta cabeluda dela
1 month ago [Reply](#)

 **000horny000**  
to **CigarGamma**: would have fucked you
2 months ago [Show original comment](#) [Reply](#)

 **kiney**  
I really love it
8 months ago [Reply](#)

 **jetstorm7**  
Amazing
10 months ago [Reply](#)

 **loudsparx2**  
One more fatty
1 year ago [Reply](#)



RppnNppnFppn 🇺🇸 ♂

to gundabadsfinest1:

1 year ago Show original comment Reply



wormwinter 🇺🇸 ♂

sexy butt

1 year ago Reply



gundabadsfinest1 🇩🇪 ♂

<http://performancecorporpolitica.net/?gallery=mariana-brites-e-alexandra-martins-pelos-pelos>

1 year ago Reply



gundabadsfinest1 🇩🇪 ♂

Her name is: Mariana Brites

The location of the performing art showings is: Brasilia, capital of Brazil

<https://www.flickr.com/photos/40867784@N06/>

1 year ago Reply



longdingo77 🇺🇸 ♂

still one of the greatest ass of all time....fucking wow

1 year ago Reply



yakitty ♀

very hot video

1 year ago Reply



corpsinfidele 🇫🇷 ♂

bien

1 year ago Reply

1 year ago [Reply](#)



venuslovva1

well done edit

1 year ago [Reply](#)



longdingo77

PM name please!

2 years ago [Reply](#)



longdingo77

someone has got to have a name for this girl with the fat ass!

2 years ago [Reply](#)



fuckaholic100

Amazing ass!

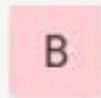
2 years ago [Reply](#)



Just-Cicero

Just a sweet vid

2 years ago [Reply](#)



bigball2009

Omg

2 years ago [Reply](#)



RppnNppnFppn

to **usturakemal**: When it comes to ass this is as good as it gets, but I'ma upload everything I scrapped from the web soon

2 years ago [Show original comment](#) [Reply](#)



23grom



23grom

Уххххх какая сладенькая задница, обожаю эту сексуальную сучку!

2 years ago Reply



bibby70

I love her attitude and enjoying life. You go girl!

2 years ago Reply



BraindeadFred91

to mbungle87: Most South American governments aren't that repressive anymore. A lot has changed since the Reagan era, bro.

2 years ago Show original comment Reply



usturakemal

name or more of her fat ass?

2 years ago Reply



CalifMan

I want to be stuck on a tiny island with her and fuck her in the asshole, all day, every day, for the rest of my life.

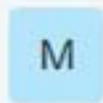
2 years ago Reply



lucasbl

what's her name?

2 years ago Reply



mbungle87

It's gonna be funny when the oppressive government of whatever South American hellhole she lives in cracks down on this bullshit and executes her, publicly.

2 years ago Reply



whitewomen123

Why doesnt someone make a video of her getting her butthole POUNDED by BBC..?????

2 years ago Reply



ayoubcasa

ohhh sweet booty

2 years ago Reply



pacosBill

So are we gonna see her get fucked or no?

2 years ago Reply

Full length videos from xHamster Premium

[Big ass](#) [Latina](#) [B](#)



Youngman fucks an older woman



Fat ass ebony takes his cock deep



Her catchphrase? Once you go thick you never quit



The doggie style - the honeymoon impregnation series



Cheating wife hires



03:04



34:43

BabydollBBW.com



10:42



29:50



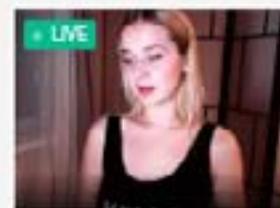
32:46

xHamster launched VR Cams! ❤️ Live Sex has never been so realistic!

[Check it Now!](#)



Chat with xHamsterLive girls now



JuicePie ♀



Mila21 ♀



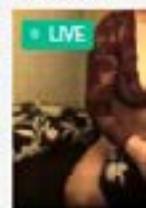
BabyRoom ♀



catsara ♀



HanaKoyng ♀



Car_ina ♀

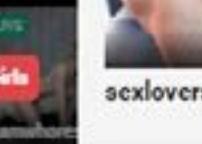


sexlovercxxx ♀



AnitaLane ♀

Chat with xHamsterLive girls now



[More Girls](#)

Comments 41

S

Leave a comment...



ASTRALham ♂

unfortunately I strongly doubt the artsy dude has any idea how to handle such an ass...

3 years ago [Reply](#)



23grom ♀♂

what a juicy girl, great body, I love those wide hips thighs and big ass, I want to kiss

3 years ago [Reply](#)



craze1_us ♂

That ass is flabulous!

3 years ago [Reply](#)



blackcock ♂

OMFG made my black Vick rock solid watching her big flabby ass. Plus loved her bushy pussy

3 years ago [Reply](#)

M

mahonemj ♀♂

this is beautiful

3 years ago [Reply](#)

C

cyrusjones ♂

She HAD a gorgeous huge flabby ass...but ruined it with that "ink"... 😞

3 years ago [Reply](#)



purpletown1212 ♂



purpletown1212 🇺🇸 ♂

perfect body that ass is amazing

3 years ago → Reply



BIGBOOTYLOVERS1999 🇩🇪 ♂

Love this video wish there was more of this big ass woman 😍

3 years ago → Reply



freddie4life 🇺🇸 ♂

Fat jiggly ass

3 years ago → Reply



will57-58 🇺🇸 ♂

girl - mariana brites

3 years ago → Reply



assobsesion ♂

big ass delicious!

3 years ago → Reply

Full length videos from xHamster Premium



Comments 41

S

Leave a comment...



nino2008 🇧🇷 ♂

A buceta dela tava cheio de cabelo

1 month ago ↪ Reply



fuckaholic100 🇺🇸 ♂

I'd follow her anywhere.

1 year ago ↪ Reply

F

Fullfigureluvva 🇺🇸 ♂

Lovely sexy curvy natural lady with great breasts and a wonderful full bush. Thanks.

1 year ago ↪ Reply



RppnNppnFppn 🇺🇸 ♂

Lowkey obsessed with her...

No names but I scrapped the web for all her shit - peep my profile!

2 years ago ↪ Reply



pawglover32 🇬🇧 ♂

I would've bent her over and fucked her right there

2 years ago ↪ Reply



dwt4fun 🇩🇪 ♀ ✓

love that ass 🤩

2 years ago ↪ Reply



longdingo77 🇺🇸 ♂

wtf, that is one of the sloppiest fat asses ever....I think i'm in love

2 years ago → Reply



Timmytube ♂

...the hell just happened? all i gotta do is call it art?! Sheeiitt

The ass was allmighty tho

2 years ago → Reply



jj7454 🇺🇸 ♂

Yeah her ass saves this video

2 years ago → Reply

5

55ashford 🇺🇸 ♂

Her ass makes me want to pull out my cock and jerk off

2 years ago → Reply



pawglover32 🇬🇧 ♂

Her body is perfect

2 years ago → Reply



antonio38 🇪🇸 ♂

amazing ass wow

2 years ago → Reply



ChubbyloverNRW

Sehr geiler Arsch

3 years ago → Reply



katimiksch ♂

Diese Fettarschfrau ist ein Gesamtkunstwerk!

3 years ago Reply



katimiksch ♂

OMG, ass wobling girls are so beautiful!

3 years ago Reply



Meetlover ♂

Her ass wobbling away is priceless!

3 years ago Reply



fastswipe ♂

Could i find girls like this in Brazil? I want to live there from now on. That ass the most beautiful ass i have ever seen in my life

3 years ago Reply



badfranchise ♂

This dude must be gay.... how can you not have an erecting tied up with her..... wow what an amazing body she has.

3 years ago Reply



robots19 ♀

Greatest ass ever

3 years ago Reply



gplayer912 ♂

to immitis: AGREE

3 years ago Show original comment Reply



gplayer912 🇺🇸 ♂

I LUV her ASS, So So Beautiful.....Luv 2 watch that Jiggle.....over and over again!!!

3 years ago [↗ Reply](#)



crazy-about-pawg 🇺🇸 ♂

Orng...what's that,, so hot ..Call the police and the fireman

3 years ago [↗ Reply](#)



intermilan10 🇮🇹 ♂

to hubbylikestowatch1: fuck yeah bro that ass mmmm

3 years ago [Show original comment](#) [↗ Reply](#)



hubbylikestowatch1 🇺🇸 📍 ♂

She's built for ass fucking.

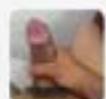
3 years ago [↗ Reply](#)



Wonderman92 🇬🇧 ♂

them arm pits though

3 years ago [↗ Reply](#)



marcaocueca 🇧🇷 ♂

otimo filme

3 years ago [↗ Reply](#)



immitis 🇬🇧 ♂

Notice how the crowd is gathering behind the womans booty lol. I love her body, she is so soft and tender and juicy. Look at the ways her leg jiggles at 1:08

If she was a webcam girl, man I would be happy, but I dont really care about this art crap.

3 years ago [↗ Reply](#)

3 years ago Reply



mourat1

süper göt

3 years ago Reply



fuckaholic100 🇺🇸 ♂

Love her fat ass! Perfect!

3 years ago Reply



dogwalker105 🇺🇸 ♂

art? really?

3 years ago Reply

1 2

Full length videos from xHamster Premium

Bbw Ha



11:37

Hotel dare



56:11

Chubby Yoko-san likes to play with toys before the banging starts



28:30

Big hairy mature blonde is willing to fuck



38:07

Monster boob milf big cock interracial fucked



18:10

Big woman fucking



HD



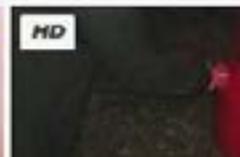
HD



HD



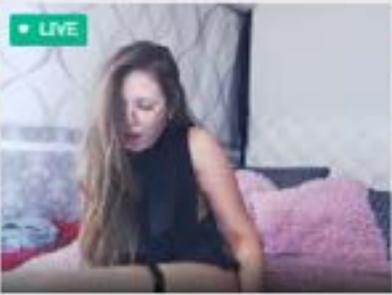
HD



HD



WILD-SQUIRT



MillaMorrisson



indianninza



TheBaeWatch



JessyBlonndy



camwhores

Comments 4

Leave a comment...



yeeno1001

to cacao3: Banner girl is Mariana Brites and the girl at 4:54 is Alycia Starr

11 months ago Show original comment Reply



greggtygregster

the true source of earthquakes revealed

1 year ago Reply



cacao3

So much awesome ass but the standouts are the girl in the middle carrying the banner and the thick white chick at 4:54. I'd love to spend some time with both!

1 year ago Reply



9wood

to Jeff1smith: that's a spam bot

1 year ago Show original comment Reply

CORPOS INFORMÁTICOS: PRONOÍIA E ITERAÇÃO

Antes da exposição do corpo-Scheilah e dos rastros hiperssexualizantes que acompanham as imagens pela rede viva habitavam-me paranoias: do fetiche gordo, a paranoia de ser estuprada, violentada, abusada, usada, descartada, animalizada – já que o corpo gordo não estaria apto aos padrões da sociedade para ser um corpo desejado, sobraria a este apenas as migalhas de sexo ou afeto sem escuta. Após sobreviver a essa exposição, e em parceria com o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos (GPCI), todos nós, grupo, Alla e eu, começamos a vasculhar as estruturas desse deslocamento de imagens, buscando possíveis percepções mais favoráveis à vida, à ação poética e ao prazer. O GPCI dentro de sua ampla pesquisa de fundamentação e disseminação conceitual na arte contemporânea brasileira possui o conceito chamado “pronoia”. Este se distancia exponencialmente do que conhecemos da paranoia, que comumente é localizada como sentimentos de perseguição, ataque e medo, seja com as relações interpessoais, com a cidade ou consigo próprio. A paranoia paralisa, é fatalista, encerra a possibilidade do movimento ainda na ideia: permite o corpo estacionar, esfriar, desvitalizar-se. A pronoia é a minha primeira infância, Scheilei em estreia desamparada na rede, requerendo direito à memória do corpo que somos. A paranoia quer me fuder, tentou muito, no seco. Acordando da paralisia eu estava em bando, lugar esse que potencializa diferenças, bocas aleatórias e conhecidas me sussurram: pronoia.

Nos idos de 1995, [nós, GPCI] adotamos o termo “pronoia”, numa inversão a uma das características da paranoia, qual seja: alguém se sente sempre perseguido. Na pronoia, ao contrário, sempre há alguém trabalhando por nós. Em pronoia, o que está em jogo é o jogo, ou seja, o que está em jogo é o nós (nós, isto é, você, um outro e outro; mas também nós, fios, trajetões, caminhos entrelaçados, misturados de criação conjunta).

(...)

Mas o Corpos Informáticos quer mesmo é pensar essa pronoia como cooperação, como grupo, como co-labor-ação, como processo iterativo.” (MEDEIROS, 2009, p. 909).

A pronoia é co-labor-ativa, oposta à paranoia, ela é potência. A pronoia acalma e faz respirar outras possibilidades, mas são muito tênues seus limites com a paranoia. Chegar a esse lugar de inclusão dos odiadores, como pessoas que estão trabalhando para a pessoa atingida, não é óbvia. Nem fácil. Ela só pode surgir depois de um tempo de deglutição da maldade embutida, da internalização e prática do conceito de pronoia. É um processo de resiliência, neste

caso, que transforma a paranoia em pronoia, possibilitando a existência de uma reapropriação das imagens, como desdobramento artístico do registro das ações na rede, em respostas poéticas/políticas aos ataques sofridos.

Esse foi meu primeiro ritual, primeira saída da caverna, de transmutação do medo e da perseguição. Voltei naquela mesma página da internet, nas plataformas sexuais, agora já automeada de Scheilah Vitória, para me apropriar das imagens perdidas na rede. Durante o processo da raiva me senti perseguida a cada novo comentário na plataforma. Usuários da rede deixaram explícito que sabiam o nome por trás de Scheilah, de Alla, e também da minha localização geográfica. O corpo não foi apropriado como arte, mas como função sexual exclusiva: quadris largos é a tara dessa página, em específico.

Embora pertença ao grupo *Corpos Informáticos* que professa a pronoia, a paranoia aqui fez parte do processo para entender o que movia em si esse deslocamento dos registros de performances. Imagino que a pessoa por trás dessa ação possa estar bem próxima, já que muitas vezes o maior inimigo surge dentro de ciclos conhecidos. A paranoia bem como o medo são sensações limitantes, paralisantes, deixam gosto amargo-fel na boca.

Scheilah, recém-nascida, começa a fazer um acompanhamento semanal dos comentários e vídeos da plataforma, também começa a erguer a voz em falas públicas e artigos sobre o acontecido e a recém externalização do corpo cansado da objetificação [participação de Comunicação Oral no evento ARSSexualis, UFRGS, 2021]. Falar sobre traz voz e movimento ao corpo. Assumo que a pronoia facilita a transformação dos fatos, ou seja, essa situação em si já é trabalho e(m) desdobramento, o outro do outro eu: hater, porém iteração, logo co-labor-ação.

Chamamos “iteração” o processo que acontece quando existem processos artísticos que são abertos à participação do público, dos transeuntes e/ou dos errantes (que somos todos nós). Por iteração entendemos com Derrida:

Iterabilidade - (iter, novamente, provavelmente, vem de *itara, outro* em sânscrito, e tudo o que se segue pode ser lido o trabalho fora da lógica que liga a repetição à alteridade) [...] A iterabilidade altera, parasita e contamina o que ela identifica e permite repetir; faz com que se queira dizer (já, sempre, também) algo diferente do que se quer dizer, diz-se algo diferente do que se diz, compreende-se algo diferente, etc. Em termos clássicos, o acidente nunca é um acidente (DERRIDA, 1990, p .7 e p. 120).

Devido a pouca compreensão do sânscrito, em outras pesquisas: iter pode vir do latim e significar “caminho”, ou do italiano, e significar “processo”. As três traduções coincidem: no caminho dá-se o processo onde encontra-se, inevitavelmente, o outro; o processo é, sempre, caminho em direção a um outro; o outro nos torna processo e nos joga no caminho; o processo do outro não deixa parar o caminho. “Em termos clássicos, um acidente nunca é um acidente” (DERRIDA, s.p.) Desta feita, será compreendido em um campo mais expandido, visto a necessidade premente de expandir campos, cerrados e florestas, quiçá rios e mares, sobretudo no Brasil que vem arrasando suas terras, rios e águas, assim como seus artistas e populações originárias.

Uma vez que os registros de performances estão disponíveis na internet, ficam também dispostos à iteração dos usuários da rede – web-rua. Não são intocáveis, assim como os textos. Cada visualização, cada leitura é capaz de traçar um (des)contexto. Assim, as iterações na rede, bem como na vida, estão fora de nosso (des)controle. A imagem vai se tornando ponto-sinal, uma qualidade de movimento sem fim, sem ponto final. O desdobramento do desdobramento de uma ação efêmera multiplica seu tempo-vida e espaços de alcance. É exatamente nesse lugar que a paranoia foi ficando mais distante das sensações em relação ao vídeo online.

É impossível mapear as trajetórias das imagens. Dentro da rede é improvável conseguir mobilizar tantas visualizações sendo artista independente e desconhecido. Os sentimentos de ódio, tara, amor (?) disseminam a história do corpo, agora virtual-objeto. Scheilah estou cada vez mais cyborg. Então, junto com o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, percebemos que mesmo que essa movimentação invasiva se amplie à poética das ações, todas as pessoas envolvidas na disseminação dos vídeos estão, de alguma maneira, movendo energias, que em exercício de resiliência podem ser movidas a nosso favor.

Eu, Scheilah Vitória, circulo livremente no site Xhamster. Sendo a “dona” do corpo que está publicizado ali. Como tática rebote, também crio perfil na mesma rede sexual onde anonimamente posto, observo e vou acompanhando os passos de meus haters/lovers. Alla não romantiza o fato das pessoas localizarem seu corpo sempre em situações fetichizadas mesmo quando este está, notoriamente, em atividades não-sexuais; já Scheila quer se apropriar do fetiche e revertê-lo em dinheiro. Venda de imagem, venda de obras: ela, Scheila, IP desconhecido também. Scheila se apropria do fetiche nojento da rede, e faz gozar sem tocar, já que o corpo dela: “It is art: don’t touch!”

Nos últimos anos (2020 e 2021), por meio do trabalho de *Cam Girl* em aplicativos de exibição para maiores de 18, trabalhei arduamente. Gozando e criando táticas para não precisar ver o consumidor da imagem, trabalhava nas plataformas experimentando meu desejo e, em maioria, ignorando os pedidos dos clientes; rendeu cerca de 800 reais em três meses – muito pouco dinheiro. Resolvo abandonar o movimento-persona criado em pronóia pelo deslocamento das imagens e aprofundar a subjetividade e as noções de prazer na existência do corpo-como-um-todo, inclusive sua recente fase de transição de gênero. Nas mídias de Scheilah está óbvio que o consumo está ligado a uma mulher cis, e essa localização fixa para monetizar começa a somar espectros de disforia noutro eu, Alla.

Por isso, o movimento ativo das redes sociais-sexuais de Scheilah não existe mais. Certamente a persona Scheilah compôs um espectro na construção do corpo-caderno de Alla, bem como esses fatos recorrentes da hiperssexualização do corpo gordo somam-se às cicatrizes invisíveis desses eus que vos escrevem.

Por estas páginas, trouxe o passado de Scheilah como sussurro ao que se conjectura em um futuro gordo anunciado: a busca da rede gorda em Arte Contemporânea. Por isso Scheilah é acontecimento, cicatriz, performance e invisibilidade. Também é memória, e por isso, invenção, impulso e verdade.

SUSTO

QUE PRONOME USAR?

Acredito que até aqui você possa ter se perguntado acerca dos pronomes que comporão esta tese quando me refiro na primeira pessoa do singular. Eu, como pessoa não binária e recente descoberta, opto por utilizar um misto dos pronomes, sendo em maioria conjugações com a linguagem neutra (terminadas na letra “e”) e, ainda, alguns fluxos que transitam entre o masculino e o feminino. O caminho da aceitação da dissidência de gênero é fluido. A escolha instável entre os pronomes reflete o singular processo de transição que estou vivendo. Como esta pesquisa é guiada pelo tom autobiográfico, sinto necessidade de expor tais questões a você que lê neste momento. Bem como a água, mãe de minha cabeça, exerço mutação entre os estados; apresento-me em diferença e também na difícil desvinculação (ou resignificação) das tecnologias do gênero feminino a mim impostas, absorvidas e, muitas vezes, não questionadas. Eu, pesquisadore, vislumbro nessa miscelânea de pronomes também respeitar os pronomes das pessoas que estão no corpo da tese.

A fluidez entre as flexões de gênero se expande a você que lê, já que gosto que as pessoas se sintam aproximadas pela leitura, também em sua diversidade de gênero. Ando sentindo na pele quão incômodo é não ter os pronomes básicos respeitados. A água e a poesia estão além, são entre mundos, entre identificações, substantivos passíveis de transição: se dão em diferentes meios, mas apresentam-se como necessidade.

“A linguagem inclusiva não é uma linguagem, e sim o espelho de uma posição sociopolítica”, responde a presidenta da Academia Argentina de Letras, Alicia Zorrilla. “Carece de fundamento linguístico, está fora do sistema gramatical”, observa. “A história das línguas ensina (a quem a conheça um pouco) que as mudanças na fala e na escrita não se impõem a partir das academias nem da direção de um movimento social, não importa quão justas sejam suas reivindicações”, observou a escritora Beatriz Sarlo em um artigo publicado no El País em outubro de 2018. “A militância pode favorecer essas mudanças, mas não pode impô-las”, concluía. (EL PAÍS, 2020, online).

A linguagem é um sistema político vivo, passível de modificações, e por meio de suas mudanças através dos tempos nos convida à reflexão poética da utilização das palavras, e, mais atualmente, dos pronomes; mesmo que essas mutações objetivem, na prática da leitura e escrita, uma experiência menos sexista e transfóbica, ao ancorar afetivamente neste processo vivências que transbordam o binarismo clássico de gênero, ainda encontram muitas barreiras para sua disseminação. Sobretudo, as mudanças na língua escrita são guiadas por normas cultas, molde que dificulta, e, muitas vezes, deslegitima essa necessidade de expansão da

linguagem. Com a pauta de gênero em ênfase, podemos observar recentes pesquisas no Brasil que já atentam para o movimento social envolvido ao consentir tal maleabilidade à escrita e fala.

Para Heloisa Buarque de Almeida, professora do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre os Marcadores Sociais da Diferença (Numas), a demanda por uma linguagem inclusiva pode ser considerada um movimento social e faz parte da evolução da língua. “É interessante entendermos isso como um movimento social e de transformação. A sociedade está sempre em transformação. Há discursos conservadores que acham que as coisas são fixas, mas não é assim e nunca foi.” (JORNAL USP, 2021, online).

“Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” (ditado popular), músculo, ar, corpo, poder escrever como fala, como vida e morte. Palavra-brinquedo, retomar ao prazer da fala, do risco no papel, velho risco do autorar-se⁴, autorizar-se⁵. Tinta grossa de caneta que gira a pequena bola metálica, esferográfica, na carne do caderno. Há também o esferográfico do corpo nas carnes do mundo: peso, espessura, volume, escrita superdimensional, corpo gordo. Na correnteza de ir se tecendo com outres em texto, nossas águas e gorduras fluem no rio da linguagem, esbarram nas formas – pedras – fixidez, mas pela maré do pensamento coletivo em sinuosas passagens seguem-rio. Aprendem com pedras; suas pausas em movimento ritmam as águas. Já aqui a música da imaginação é sentida com tec tec tec tec tec pá pum do teclado, para lembrar que não se escreve sem ritmo, tão pouco se fala ou pensa.

Brincando no molde até que surjam outras possibilidades. Frase-viagem... Até onde uma só letra pode atinar a imaginação? Continuidade da água pro fluir da linguagem, até quando, nós corpos gordes, não precisarmos pedir mais licença para povoar uma área de conhecimento/sensação nossa também, diversa por natureza, arte.

4 Tornar-se autor, escrever, grafar-se, imprimir-se na folha de papel (ou mundo) e registrar o tempo, vivências, pensamentos, subjetividades e maneiras diversas de experienciar o mundo presente.

5 Durante a oficina “Escrita Criativa”, Cristiane Sobral (Poeta, Mestre em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, multiplicadora do Teatro do Oprimido e militante negra) explana sobre a personalidade da escrita e quantas pessoas, mesmo letradas, afastam-se da escrita em sua função poética porque é sempre aprendido que existe uma única maneira de escrever, um molde. Com suas poéticas e pesquisa ela compartilha o conceito de “autorizar-se” a diferença. Compor, evidenciar narrativas que estão à margem do padrão racial, de gênero, sexualidade e da linguagem clássica, criando, compartilhando e publicando narrativas que contribuam com a mudança epistemológica, literária, e também imaginativa, onde a diversidade seja evocada. Autorizar-se a compor essa mudança necessária para que outras perspectivas de pensamento e mundo sejam reflexionadas e versadas.

A possibilidade da literatura que este texto vem realçar é a vivencial. Escritas que coexistem com vivências dissidentes, práticas artísticas correlacionadas à arte contemporânea e suas adjacências, evidenciando fronteiras corporais, identitárias e geográficas. Escritas de pessoas que pensam justamente na diluição e transposição dessas barreiras, assim como, minha amiga, Matheusa Passarelli.

Matheusa Passarelli, pessoa não-binária, artista, intelectual, modelo e negra, nasceu em Rio Bonito, Rio de Janeiro, e morava a pouco tempo na capital quando a conheci. Participamos da segunda edição do Festival Bem-me-CUir⁶, dinamizado por Elton Panamby, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2015. No ano de 2018, Theusa foi vítima de um trucidamento assassinato no Morro do 18 na mesma cidade. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans, mais mata pessoas que não se adequam às normas de gênero. Entretanto, a lembrança que evoco de Matheusa é a partir de sua presença nas conversas, textos e obras que ela nos deixa como memorial. Saudades serão sempre incontestáveis, ainda mais com a interrupção de uma carreira tão promissora como intelectual, artista e modelo. Já sabia pelas nossas conversas e acompanhamentos em redes virtuais que desenvolvia uma poética chamada “corpo e2tr4nh4”, mas somente depois de toda tragédia tive acesso aos escritos dessa época, gerando mais aproximação com seu pensamento-vivo. Ela escreveu:

ser corpo estranho é ser cidadão.

na sociedade normativa acadêmica branca
colonizada cisgênero heterossexual consumista.
ser corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir,
quando desde criança viver no mundo era seguir padrões em detrimento
de sua própria natureza. detrimento do bem estar de ser quem quiser. da
liberdade de poder habitar.

eu habito o meu corpo para buscar habitar corpos e espaços nunca
conhecidos. utilizo de poesia como forma de sobrevivência sobre a pulsão
de ser verdadeiro e estar o tempo inteiro se afirmando.

(PASSARELI, 2018, s.p.)

Sou corpo e2tr4nh4 [sic] que é olhada, observada e, muitas vezes, invadida na rua. Consciente, sigo buscando a libertação dos padrões que, silenciosamente ou não, compõem minha experiência no mundo. Não há maneira de desvincular-me de mim mesmo; é com esse corpo

6 Festival Multigênero de Arte que reúne artistas, teóricos e ativistas políticos para discutir em torno de filmes que abordam o pensamento *queer*, a fim de questionar as fronteiras impostas aos corpos, dando ênfase a discursos que valorizam as diferenças. Parceria: Instituto de Artes UERJ/PPGArtes UERJ, Laboratório de Ensino da Arte e Casa 24, Rio de Janeiro/RJ. O festival teve três edições.

e com as subjetividades que o envolvem que resolvo agir na ferida, no meu espaço do desconforto/confronto. Ser cicatriz, prova biológica de que a vida e a re-existência ainda não se estancaram. Somos manada de estranhas, descompassadas, à beira do padrão: viramos festa quando nos encontramos, multidão.



Figura 23 – Matheusa Passareli e eu na Casa 24. Rio de Janeiro/ RJ. Foto: Filipe Espíndola, 2015.

Com coragem, agradece e inspirada por pessoas-poesia, reconto a história de quando não sabia que era corpo, porque foi justo na escrita que percebi a construção deste, por um motivo bem simples: alguém deveria estar ali para que rabiscos no caderno fossem possíveis. Então, rever tais escritos e garatujas surge como renascimento e, a partir daí, como prova de vida. Sutura. De uma vida que não cansa de se escrever e rasurar-se. Meus registros de ações poéticas em sua maioria têm algum fragmento de trajetória pendente com a escrita; a escrita possibilita a foto que não tive, ou a multiplicidade de sentidos que o vídeo não parece compor. Na letra, no tipo do papel e da caneta, há voz, ação e tempo. Os pedaços de papéis deixam de ser só pedaço de qualquer coisa e tornam-se quebra-cabeças da pele; o contato íntimo com a grafia, a solitude e o reconhecimento do corpo que, agora, sou.

Textos brincam de reinventar o que ninguém lembrava, de fazer espanto nas lembranças, memórias mutáveis. Eles brincam na presença, de esconde-esconde de verdades, eles se compõem com a pessoa que o lê. Não estão finalizados até que os leitores complete-os de diferentes formas. Carregam em si a potência da multiplicidade, característica que se anula quando só usamos o código da linguagem para comunicações analíticas, buscando somente exatidão e interpretação única. “Navegar é preciso, viver não é preciso” (PESSOA, s.d., s.p.).

Tampouco escrever o é. Há encanto ao escrever nas margens da linguagem buscando o avesso do só-funcional, as imprecisões e ficções da linguagem para contar essa história (minha, sua e nossa) a partir do momento que se com-sente a leitura. “Um leitor não é um consumidor, um espectador, um visitante, nem tampouco um receptor.” (DERRIDA, 2014, p. 76). Quem lê não só recebe o escrito, mas compõe com ele. Na leitura habita o entre, momento particular em que não é só o escrito pela autora nem só o sentido por quem lê: mescla. Cada leitura pressupõe outras entrelinhas, reinvenção da mesma poesia, encontros e diferenças: possibilidades.

PEDACINHOS DE MIMS

Eu, brasileiro, de memória ancestral árabe-mineira, não binária, panssexual, nascido no interior de Minas Gerais, gordo, classe média, estudante, ex-bolsista, desempregado e pagador de contas. Corpo que vive no centro do país e carrega consigo toda a impotência de não conseguir, mesmo de perto, mover as estruturas concretadas do poder, tendo que lidar cotidianamente com paisagens visuais fétidas que se intensificam desde o golpe ocorrido em 2016. Eu, além de tudo, dores no joelho, candomblecista, intenso, apaixonada por sol, gatos e beterraba, gordente⁷, escrevo como quem afunda o papel, fumante e artista⁸. Eu também ela, essa que não sei descrever e sou. Todos esses eus que todo dia se encontram insistem para quem escreve e para quem lê, pergunta sem fim, quantas pessoas cabem dentro de um nome?

Escrevo como corpo fronteiro, retrato da miscigenação violenta do Brasil – não-negra. Não-branca? – buscando um lugar de pertencimento. Que entre será este? Escrevo para ser lida, com cansaço de uma escritora que só expôs seus textos para gavetas por muito tempo e agora busca compartilhamentos, reconhecimentos e estranhamentos. Escrevo como quem não quer ficar (mais) sozinho. Frente ao computador ou caderno admiro minhas mãos roliças que envelhecem brincando de reordenar palavras, escrevo para descobrir as entrelinhas dessa experiência. Escrever sobre escrever é difícil demais e excentricamente cíclico, logo a escrita essa miríade de perceptos... e afetos!

Quando comecei a escrever sobre a escrita, a escrita se tornou mais rija, as palavras pareciam tímidas da já-certeza que tinham de que seriam lidas. Por meio das escritas de Glória Anzaldúa fui assumindo a necessidade política de escrever e compartilhar, de participar dessa outra possível narrativa de mundo, (re)contar a história: autorando, ficcionalizando e coletivizando vivências. Mesmo na fronteira identitária, na mistura das artes, a escrita é torneira e jorra dentro do apartamento silencioso. No mato, cachoeira. No corpo: gozo. Entendi a água e voltei à escrita. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo

7 Gordente: pessoa gorda que por meio de sua gorda existência galga formas outras de prazeres corporais, estéticos e relacionais que renunciam os padrões magrocêntricos, tecendo linhas de fuga para escapar da tristeza, solidão e adoecimento incitadas pela gordofobia estrutural. O conceito será desenvolvido de forma mais contundente à frente.

8 Neologismo conceitual que visa versas sobre ações, práticas artísticas e/ou poético-políticas em sua potencialidade de resistência e subversão. Rico Dalasam, cantor, pontua que existe no ativismo uma efervescência ao furar o bloqueio da invisibilidade e do silenciamento, fomentando políticas de existência que são marginalizadas pela diferença e questões que suscitam.

(2000), da mesma autora é, em mim, homeopatia, texto provocador, convite à escrita e leitura. Nele reencontro motivos pelos quais a escrita se funde a existência, vice-versa, visse-verso:

Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. (...) A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver.

[...]

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu *posso* e que eu *escreverei*, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (ANZALDÚA. 2000, p. 232).

Aproveito o privilégio do letramento para compor com a história, decompondo versões canonicizadas e colonizadas do mundo pela ótica eurocentrada. Pouco a pouco, a cada nova ingressa na universidade, a cada política afirmativa em vigência, coletivamente e em diversas áreas de pesquisa, a busca para escrever narrativas mais brasileiras, mais trans-viada-sapatão, não binárias, mescladas, mais negras, indígenas, refugiadas e múltiplas em desejos e vivências. Há uma urgência em minimizar a evasão universitária por esses grupos ao mesmo tempo que é preciso ampliar seu ingresso, já que nossa presença na universidade influi em mudanças epistêmicas necessárias. Por toda saúde e tempo investidos nessa instituição é que desejamos, por meio de nossos olhares e sensações, recontar e reencontrar-nos em subjetividades, singularidades, complexidades e diferenças. Afinal, se não formos, em continuidade aos que vieram antes, nós – atual geração dissidente – a mudar e a concluir a formação acadêmica, ingressar como docentes nas universidades, o padrão de conhecimento continuará reproduzindo um cadenciamento eurocentrado, imposto e, muitas vezes, não questionado. A escrita-coragem me atiza desejo e gana neste texto, porque acredito na leitura como potência de transformação, ferramenta de desestabilização. Sinto e sei que depois de mim e comigo também (e que assim seja!) virão outras e outras, outres e outros. A mudança epistêmica não

será solitária, muito menos monoracial

Nesse instante, sou Alla, de frente para trás ou de trás para frente: palíndromo do desejo. Nome escolhido por minha mãe, MC, e que não chegou ao registro por divergências intra-familiares. Entretanto, já nas beiradas dos 25, resolvo reassumir esse nome-afeto, que me nomeia e converge a identidade não binária. Com ele sigo, sem repulsa ao antigo nome “Mariana”, ao mesmo tempo em que não me sinto mais pertencente a este. Agradeço anos e trajetórias vividos sob esse nome e expando a possibilidade do nome de registro, presente expirado, nome morto e ritualizado em rituais de partida, renomeando-me. Desde então seguimos, eus, Alla. Nasci e vivo essa infância tardia do nome em laços íntimos, desde que o nome se reapresentou para mim e, eu, corpo para ele: somos pouco a pouco simbiose e concomitantemente vamos nos distanciando do nome-antes. Essa escolha é memória e voz ao desejo de mainha, que não pode ter seu desejo objetivado no puerpério. Ainda sem retificação judicial, sem certidão de nascimento, o nome-boato, nome-piada está vivo: sou.

Olha, elu⁹, Alla lá, vai vivendo desvairada, (des)construindo corpo e realidades para um nome antes só imaginado. E você, quem nome é? O que está por trás, entre e diante deste nome próprio?

Mutável como a água, essa pergunta e eu nunca nos abandonamos. Durante este desejo de escrita autobiográfica, compartilho existências com tantos outros eus que ainda desconheço: os teus eus, ou eus dos outres, os eus do leitor que, anos a frente dessa época pandêmica, talvez só nos saberá pelo rastros ainda conservados pela escrita, repositório digital. Letras impressas cravadas no tempo, a voz na folha sempre precisará do encontro para que possa renascer na leitura ad tempura, em algum lugar da memória.

Revolto ao nome, (im)preciso que me saiba. Assumo passado pesado e mantenho nome antigo nos trabalhos que Mariana assinou. Descentro minha heteronomia. Na dualidade Alla não quer se apropriar de nada dela. Mariana é ela, por vezes ainda, beirada limítrofe, ela/eu. Somos desdobramentos em um mesmo corpo, caracol sem fim: outre dentro da outra, no outro dentro de outre que outra o outre que somos. Todes esses escrevem, tanto na folha quanto sem palavras (com o corpo) no corpo da cidade, carne do mundo. Assim, nossas ações performáticas se metamorfoseiam em textos poéticos e nossa existência mina em tudo:

9 O sistema “elu/delu” faz parte de um conjunto de propostas que visa implementar o gênero neutro à língua portuguesa falada no Brasil.

do grito ao grifo. Leituras são mistérios ritmados pela imaginação.

Colorimos a história com nossas notas. Escrevendo a partir de cortes e feridas abertas a fim de cicatrizá-las. Ver(s)ossimilhança de eus quase fantásticos. Sentindo na garganta, versamos os silêncios mais barulhentos de nós em corpo, cadernos de línguas analfabéticas. Entre corpos e vozes a escrita aqui é convite para laço, abraço, confluência. Dentro e fora. Início, meio, início. Sem fim...

finicios

ALERTA: Motor sensível ligado, escrevemos nas encruzilhadas histórias de ações e(m) vida. Recontando a história da história. Vivendo o prazer do entre na possibilidade múltipla de cicatrizar nossas feridas históricas e identitárias ainda abertas.

OBSERVAÇÃO: Sabemos Sentimos que, pela fundura, algumas não fecharão. É preciso então lidar com a casquinha de sangue seco e sua iminência de sangramento e reabertura ao menor descuido. Como método paliativo a dor sugere-se encontrar bandos, criar multidões, que compartilhem as mesmas feridas.

RITUAIS DE MUDANÇA

Esta pesquisa é sobre o que precisa ser dito, o que cansa de se esconder por não caber, por ser excesso de linguagem, metáfora, pessoalidade, metalinguagem e gordura. Escrevo porque preciso dizer, mas a voz na garganta me falha, memória do silenciamento. As feridas abertas, do corpo e da linguagem, precisam escorrer poeticamente nas frestas do conhecimento, para todes e para ontem.

Naquele sussurro gigante você, com sua escuta-terra, talvez ouvisse quase como um brinde: escondo bem meus truques. Esta pesquisa e todos esses anos na universidade são táticas de sobrevivência: caminhos pelas normas, infiltrando-me nas letrarias em sub-versões. Entre o que eu digo e o que eu não digo existe o invisível: a imaginação. Aquele nem lá nem cá, aquele toque de singularidade que só você, leitor, leitora, pode acrescentar. Nada está pronto no texto até que ele se encontre contigo. Se eu falo demasiadamente na primeira pessoa, do singular ou plural, é desejando que você também se autorreferencie na leitura: concordando ou discordando – compondo.

Sem muitos rodeios: a escrita me guiou ao corpo e, agora, as geografias desse corpo pedem voz. Dessas paisagens corporais querem escorrer outros tipo d'água: sussurros poéticos de garoas a tsunamis. Quero me disfarçar enquanto você lê com aquela voz que só se ouve na cabeça quando se lê em silêncio, aquela voz que só cada um sabe a sua. Escrevo para ouvi-la. Não sei direito onde se inicia a pesquisa, ela descende de um corpo abarrotado de vivências gordas e subalternidades. A pesquisa sou. “Sou porque somos”? Essa narrativa é composta por confusões e confissões, espasmos, encontros, esbarrões e, finalmente, suspiros. Por enquanto, existem vários textos solitários, solilóquios tentando afinar uma possível dança em conjunto. Por meio das escavações autobiográficas procuro o grude da leitura: prazer; ele fará com que essas palavras não se transformem em peso de porta, fixidez, estacionamento.

Para mim o maior dos presentes, em continuidade, é a leitura e encontro dessas palavras com corporalidades dissidentes: gordes, trans, indígenas, LGBTQIA+¹⁰, negres, amareles etc. A face está dada ao ocupar esse lugar íntimo: me proponho a ser mais que uma pessoa no caminho, uma farpa no dedo. Evocando coletividade de árvore inteira, busco raízes profundas do

10 LGBTQIA+ é o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa população. O seu nome demonstra a sua luta por mais igualdade e respeito à diversidade. Cada letra representa um grupo de pessoas: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, *queers*, intersexuais, assexuais e outras identidades de gênero ou sexualidade que fogem do padrão heterocisnormativo.

pensamento. Para isso é necessário uma revisita aos padrões bibliográficos, aos referenciais em arte, buscando por meio das vivências e(m) pesquisa, e das leituras complementares, um referencial teórico acessível, vivo (em corpo ou memória), possível de alcançar. Entrelace de raízes profundas, terra molhada, conhecimento fértil. “O afeto é nossa arma, o afeto é nosso feitiço” (ALÁFIA, 2019). Doutorado em arte como denúncia poética dos padrões doentios da sociedade: gordofobia, racismo, silenciamento da diversidade. Doutorado em arte buscando variáveis, no corpo e na escrita, da dor ao prazer, por meio da criação artística e ampliação do léxico dado. Exaltar epistemologias do Sul em vez de recatucar a epistemologia europeia assentada há anos. Como coloca tatiana nascimento (sic), é preciso “desorbitar o paradigma da dor” (2019), possibilitando a singularidade de pensamentos e ações ousadas de autocuidado, cura, prazer e amor entre as dissidências. Cada vivência é única, ao mesmo tempo que toda imaginação infinita: voemos! Juntas e separadas. Saber chegar e sair: primeira pessoa do plural e do singular. Variar para se enxergar: expansão e recolhimento, mais uma lição ancestral da natureza.

2019 é a prova do quão perigosa é a leitura, a imaginação e o poder do prazer através do conhecimento. A educação, a arte e a cultura estão sendo perseguidas, caçadas, proibidas. Essas ferramentas de vida são vistas como ameaçadoras pelo seu explícito poder de gerar reflexões e questionamentos nas pessoas que as praticam e por elas são guiadas. “Que tempos são esses em que temos que defender o óbvio?” (BRECHT, ad tempura). Só não poderíamos imaginar o que estaria por vir no próximo ano e o tamanho do sucateamento que atingiria nosso Sistema Único de Saúde (SUS), a educação pública e outros direitos básicos...

2020, para adensar ainda mais o ar respirado fomos, enquanto população global, expostos a um vírus de alto contágio e letalidade, a COVID-19, desconhecido mistério. Pautada pelo medo da morte, a parcela da população que dispõe do privilégio tranca-se em casa, o fluxo do comércio diminui, as aulas são suspensas, trabalhadores demitidos e, com esse panorama, as desigualdades se evidenciam. O ano inaugural do home-office em massa, do wi-fi, e, mais uma vez, da exclusão da população que não usufrui de tais tecnologias ou letramento. Isolado e sem amparo governamental necessário, cada ser traça um plano de sobrevivência para se acostumar aos não-encontros, à inanição dos sentidos exaltados na presença: tato, tesão, paladar, colo, olfato, etc. Quando por alguma necessidade urgente se vai à rua, não mais se vê sorrisos, somente máscaras e máscaras que nos rememoram ao silenciamento e ao medo de viver sobre essa ameaça viral. Com isso, 2020 promove viradas metodológicas da vida, da morte, da passagem do tempo e da vida no planeta.

Assim, neste momento, a pesquisa imersa ao meio também se modifica em sua fase final, não existe possibilidade de pesquisa de campo em meio à crise sanitária. O encontro presencial sempre foi importante dentro da metodologia de construção desta pesquisa, por isso, o ano 3 da pesquisa estava planejado como o ano do encontro, pesquisa de campo, de criadores gordes que seriam fundamentais para continuidade das poéticas gordas que vinham se enunciando desde a pesquisa apresentada na qualificação. Afinal, no pretendido encontro exclusivo para pessoas gordas, ao vivo e sem mediação tecnológica, poderíamos aproximar as distâncias alargadas pela gordofobia: olhando-nos, tateando-nos, criando entre nós, aguçando sentires e vivendo epitelialmente filosofias gordas possíveis, compartilhando vivências espessas e escorregadias. Que plano efusivo seria essa residência artística se não fosse pela triste coincidência de, quando finalmente se inaugura o ano 3 da pesquisa, é o mesmo ano 0 da pandemia, ou seja, interrupção, interferência, mudança de planos, incertezas... Como criar uma multidão gorde em distanciamento? Como sobreviver distanciado do tão recente prazer do encontro? Na vida e na pesquisa são abordadas novas mudanças de paradigmas; como reocupar a internet com o corpo inteiro? Como encontrar-se com o íntimo do próximo? Agora, tudo online, “a rede deixa de ser o lugar de conforto e se torna um lugar de confronto” (Zé Mário, 2021, WhatsApp).

2021. A pandemia não acabou, ela se agravou. O que já era escasso em relação a apoio governamental para estudantes, universidades e pessoas em vulnerabilidade social se esbugalha. Os alimentos e serviços básicos apresentam subidas de preços exorbitantes. O índice de desemprego cresce alarmantemente enquanto precisamos de políticas públicas para garantir a vida básica e o isolamento social necessário; temos uma política estatal que se preocupa com a economia à mercê dos corpos mortos e empilhados. O Brasil, em março de 2021, é mundialmente conhecido como o país que mais mata em decorrência da COVID-19. Vivemos a segunda grande onda de letalidade onde faltam leitos, insumos, analgésicos e até saco para embalar cadáveres. A curva de contaminados aumentou exorbitantemente enquanto o número de pessoas vacinadas caminha a um ritmo estilo Lulu Santos, “com passos de formiga e sem vontade.” O cheiro da morte invade narinas e o luto se coletiviza diariamente. Perdemos muita coisa desde que começou a pandemia, mas os índices da miséria não serão perdidos, crescerão como os óbitos e a insegurança alimentar. Nesse caos, como criar estratégias de prazer para essa época onde precisamos ser abastecidos de potencialidades de vida? São tantas cobras no caminho que não temos mais tempo para cuidar dos rituais de partida. Nem dos que vão, nem dos que ficam. No meio da crise sanitária estou (estamos) amortecido,

enclausurado, plugado na tomada como meu computador viciado, que por muito pouco desvitaliza-se. Todo dia um esforço gigantesco para manter-se minimamente estável, viva. Não adoença, não quebre o pé, não tenha crise de asma, nem descubra um câncer – o SUS está colapsado, sem previsão de melhora.

Escrever parece a mínima-máxima atitude e cuidado que pode me manter aqui, que me faz acreditar e cocriar futuros distópicos e evocar nossos passados-presentes gordos, acachapantes e reptantes.

Sufocade pela falta dos encontros presenciais, agora eu estou (acredito que todes estamos) realmente sentindo a preciosidade das partilhas em presença, prazeres passados e dos súbitos que quase-nunca habitam presentemente. Preciso da escrita, meu primeiro lugar de prazer, para remontar os outros, explicitar que sempre foi na escrita que escorri, que senti primeiro. A escrita por aqui funciona como prazer extracorpóreo, relação, convite a outros corpos. Faz algum tempo escrevi sobre feridas e cicatrizes, principalmente sobre as semelhanças destas com os cadernos. Olho para esse passado e vislumbro que ele é chave para o presente e futuro próximo: assumo começar a falar pela pele, pela ferida, pela purulência, pela vala, pela iminência das mortes e fragilidades da vida, a fim de que, nesse recomeço, essas reflexões me conduzam à cicatrização, à marca, aos prazeres e ao coletivo.

2022: Esse ano tivemos carnaval fora de época, alegria e aglomeração pública. E o que aconteceu semanas depois? Mais uma vez o número de casos ativos da COVID-19 aumentou e, como de costume, segue sua ascensão em progressão geométrica. O diferencial é que já estamos, como população nacional, em maioria, vacinados e os casos tendem a apresentar sintomatologias mais brandas. Será que a pandemia acaba em alguma hora? Ouvi nos noticiários internacionais que a Varíola do Macaco está se espalhando rapidamente; a ANVISA sugere, para frear sua disseminação no país, uso de máscara e distanciamento social. Como lidar com essa agonia que não acaba e a intensificação da possibilidade de morte a toda hora? Cada vez mais os elos de vida e morte se aproximam, a saúde mental da população geral está enfraquecida. Precisamos criar, respirar, mover em outros contextos, ainda pouco experimentados, nossa produção de subjetividades para que mesmo isolados, de máscara, seja possível reacender nossa libido para, ao menos, ter desejo de estar vivo neste momento histórico de caos sanitário e político.

O adubo, a merda, o cadáver são as únicas certezas. São finícios (fim + início), palavra que

surge para denotar esse movimento entre o modo de vida e morte do universo de cada ciclo, anunciam querências de futuros outros – prazerosos. Todo dia o luto é vivido: alguma parte minha ou de alguém. Minha visão está turva pelo esfumaçado da vala, da vela, cheiro de álcool 70, e por isso, embora na mesma velocidade sempre aconteça aqui e ali, fiquei com dificuldade de identificar os brotamentos das partes novas. A estagnação durou até que o choque da morte se diluísse no encontro da presença da cobra (futura apresentadora), essa experiência coletiva-intuitiva me reconectou aos prazeres do aqui-agora, as possibilidades de habitar o instante, entre vida e morte, acontecer.

Friso: o lugar da merda, da morte e do medo, como ponto de partida para as linhas que me mantêm, sustêm e nos entrelaçam. A morte, a merda e o medo não possuem meu silêncio. É escrevendo que aprendo a deslizar na fala e agora os trem não me cala mais. Tem hora que a garganta pinica, a mão coça e é só palavra querendo pular fora da caixola para desanuviar o peritônio.

Nessas palavras toscas deste alfabeto que tanta gente diz saber ler, mas quase ninguém faz curvas para entrelinhar-se:

*precioso despejar;
pingar a gordura;
pensar e s p e s s o;
coletivizar outras possibilidades de vida...*

...arte...

*precioso ser junto:
g o r d o r i z a r versos;
adensar gestos;
alargar horizontes
até que se agigantem nossos futuros cotidianos*

!!!

transicionar singular e(m) plural

ser-nus



Figuras 24 a 26 – Despedida da Cobra. Rio Almas. Cavalcante/GO. Foto: Marcos Haas, 2020.

HETERONOMIA DESCENTRADA

Alguns conceitos são como guarda-chuva: neles cabem muitas voltas. Porém, outras vezes, é o próprio guarda-chuva ao contrário: aquele que possibilita que o meio externo se misture e que, ao invés de separar uma qualidade da outra (seco/molhado), se torna a própria mistura (úmido). Assim, o conceito de performance engloba múltiplas possibilidades, nomenclaturas, e, mesmo em arte, não deveria ter uma única definição. Buscando a umidade e as bordas rarefeitas do texto, o termo será destrinchado para que se evidencie quais performances serão abraçadas por esta tese. A partir de agora esqueceremos o sentido dicionário da palavra performance, sempre corrigida pelos corretores ortográficos para a palavra desempenho; esse conceito de língua inglesa foi incorporado, sem modificação, à língua portuguesa. É possível atentar-se em uma loja de eletrodomésticos a cartazes como “melhor performance da categoria” ou “alta performance”. Diferentemente desse sentido comercial, as performances que interessam são as artísticas. Na língua inglesa: performance art.

Não basta uma tradução literal ou dizer performance artística para restringir o conceito. É preciso, mais uma vez, decantar, e traçar o desejo objetivo para este momento. É importante notar que o conceito “performance” é intrínseco ao seu desejo de indefinição, uma vez que essa “linguagem”¹¹, composta de várias outras, vem liquidificar as sólidas separações das categorias em arte (teatro, pintura, música, desenho, dança, etc.). Eu, por exemplo, sempre estudei na Universidade de Brasília e, aqui, temos, dentro de um mesmo campus, todos os prédios relacionados às artes: quase em uma triangulação estão os departamentos de artes visuais, artes cênicas e música. No meio destes há uma área verde composta de gameleiras ancestrais e uma concha acústica. Minha graduação foi feita nas Artes Cênicas, porém, sempre estive em projetos e afins no Departamento de Artes Visuais. Recorrentemente me questionavam: “Você é das cênicas ou das visuais?” E eu, vira-lata de artes, peças, aparições, performances, nunca soube o que dizer. Era para responder o que dizia o papel da matrícula ou a resposta poderia ser mais subjetiva, como “por onde está, hoje, meu sentimento de pertença?”. Foi nessa área verde e na Concha Acústica onde passei a maior parte da minha vida acadêmica, quer fosse lendo, decorando textos, escrevendo projetos, alongando, preenchendo formulários, ensaiando Ubu Rei, Saltimbancos, Os Sete Gatinhos, ou simplesmente almoçando, tomando sol, fazendo brechó ou fumando com amigues. É tanto na área verde

11 Aqui as aspas são utilizadas, pois a performance não supre os quesitos básicos para se tornar uma linguagem: dicionário, léxico ou gramática. Essa reflexão foi, inicialmente, construída por Bia Medeiros e reverberada por Corpos Informáticos.

quanto na concha que está meu pertencimento. Demorou um pouco, mas comecei a responder: Nem das visuais, nem das cênicas. Sou da concha. De fato sou, inclusive para além das metáforas arquitetônicas do campus, como desde antes venho com essas palavras inundar a secura do Cerrado com letrarias disformes que podem multiplicar seus significados. Eu, concha arteira, rolo abissal nos mares da criação, esfarelo no tempo e aquática deixo rastros dançantes das partes por onde me poesio. Concha bruta que experimenta, age e imagina até que as arestas da certeza se desfaçam em outros solos-areia. Na areia não só sou, somos por coletividade a mistura, o solo do intocável do alto-mar. Assim, a concha do mar e a Concha Acústica, o movimento das marés e a trajetória do que, até então, aqui se chamou performance, se mesclam. Em literatura e em metáfora a busca de indefinir(-se) está lançada. É movimento, em outro momento ou na próxima leitura já poderá ser outra sensação. Tudo depende do encontro.

Essa história, sobrecarregada de cotidiano, reconecta-se ao lugar que busco: o lugar das fronteiras diluídas, líquidas. Com as linguagens se misturando, ali – como em uma brincadeira – poderia ser o Departamento de Performance, mas não quero deixar este conceito mais anestesiado que já está. No entre, na fresta da cicatriz, o espaço e o tempo convergem, acontecem. Mesmo que sem nomeação, ali, já é o lugar da ação, do desconhecido. Espaço aberto, fluxo aleatório de presenças: espaço fértil de encontros e acasos, sem hierarquias, sem avaliações: arte-vida, acontecências.

Durante esta pesquisa destaca-se que o mais importante em performance é o corpo. O corpo não será pensado, aqui, como suporte para que a performance aconteça, o corpo é o meio, o começo e, se existir, o fim. É também a subjetividade, a alteridade; o vento e o evento de necessidade primeira para accionar. Segundo Renato Cohen, “podemos entender a performance como uma função do espaço e do tempo $p = f(s, t)$ para caracterizar uma performance algo precisa estar acontecendo naquele instante e naquele local” (COHEN, 1989, p. 98). Uma equação feita somente de incógnitas abstratas não facilita um resultado real, palpável, mas esta mesma fórmula pode ser usada a fim de direcionar e evocar as principais composições da performance. Acrescentaremos à colocação de Cohen mais um diferencial nas ações que serão apresentadas: há a necessidade da alteridade, da outra pessoa que participa da performance (espectador, iterator). A relação de quem faz a ação com as pessoas que compartilham o mesmo espaço-tempo não é dominada pelos bons costumes do público de teatro ou galeria. As ações/fuleragens/performances ampliam a iniciativa, convidando, subjetivamente, essas pessoas a se tornarem agentes ativos da ação. Ampliando o pensamento, performances e

seus desvios no status quo acontecem na confluência de tempo, espaço, corpo e alteridades. Esse tempo da performance é o momento exato em que ela é realizada: aqui-agora, nem um minuto antes ou depois.

Chamamos iteração o processo que acontece quando existem performances que são abertas à participação do público, ou seja, não há um roteiro exato. Estas ações se apresentam ao risco, ao acaso, e também, ao fracasso. O movimento iterativo nessas performances, ações, fuleragens, artes vivas são singulares e favorecem a irrepetibilidade dos fatos, uma vez que a composição do processo está intimamente ligada com os fatores citados: espaço, tempo, alteridade.

A performance também se camufla e atende por outros nomes, principalmente porque o conceito performance, almejando sua indefinição, deixa brechas para possibilidades de auto-nomeação. Na América Latina vemos recorrentes chamadas para festivais e residências que se utilizam de nomenclaturas como: arte del cuerpo, acción, aparição e arte viva. Essas variações de nomenclatura são interessantes para pensarmos fronteiras e incorporações linguísticas. Por que manter o vocábulo em inglês quando há possibilidade de criar regionalmente uma nomenclatura própria? Ou, por que não modificar a língua que foi imposta como sinal de avanço, progresso e globalização quando estamos justamente nesse processo histórico de decolonialidade nos reconhecendo como Sul? No Brasil, o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos também se dispõe às brincadeiras de re-invenção de conceitos, brasileirando-os. Corpos Informáticos não faz performance, mas fuleragem.

A fuleragem não é obra de arte nem acontecimento, é ocasião (oca grande), acaso e improviso. Ela é mixuruca e não efêmera, renuncia à obra, ao espaço *in situ* e mente. Escreve livros, organiza eventos, expõe em galerias e até ganha editais. A fuleragem se dá por parasitagem na paisagem física ou virtual, com participação iterativa do espectador que dança, canta, pula corda ou se excita na frente da enceradeira vermelha (MEDEIROS; AQUINO, 2011, p. 202).

Eu, integrante do grupo há dez anos, entendo e sinto no corpo a necessidade de criar diferenças nos conceitos, a fim de aproximá-los da realidade vivida por nós. Fuleragem, que é também performance, mas não se limita a ela. Por exemplo, figuras que só vestem uma cor há vinte anos, profetas em suas escrituras sobre papelão e cajados de cano PVC também podem ser consideradas fuleragem. Não há, aqui, julgamento moral, fuleragem não é menor do que os outros termos.

Se formos viajar para mais longe do quadradinho¹² do Distrito Federal, nos direcionando para o nordeste brasileiro, perceberemos que a palavra “fuleiragem” é comum no dia-a-dia, sendo muito utilizada para uma ação que não se sabe exatamente o que é, algo de difícil definição ou, ainda coisa, mal feita, semi acabada, gambiarra; burburinhos na rua, presenças não codificadas. Desta estranheza vira e mexe surge a pergunta:

- *Que fuleiragem é essa?*

Esse espaço de dúvida e indefinição agrada muito às ações das quais estamos nos aproximando. Afinal, a performance com suas (in)certezas móveis trepida as barreiras existentes, criando outras cadências de pertencimento: arte viva, poesia cotidiana. Essas outras variações de nomenclatura e vivências do conceito “performance” estarão diluídas no texto, a fim de não fixar o vocabulário de algo quase indizível. As ações, fuleragens, aparições, artes vivas, escorrem da fixidez. Embora, por vezes, aceitem ser chamadas de Performance (com P maiúsculo) para caberem em algum edital ou política pública para as artes; ainda assim elas não perderão seu conceito de parasita, de hacker; ativando desvios cotidianos, essas ações são arte-vida.

Seguimos com a definição proposta por Eleonora Fabião: “*performers* são antes de tudo complicadores culturais” (2009), antes mesmo de serem artistas. São pensadores do desvio, questionadoras do *status quo*. Interessa nesse recorte ações que buscam, através das artes vivas, questionar politicamente a normalidade imposta, fingida: o teatro dos bons costumes. Uma tese de doutorado que tangencia a temática das artes do corpo, performance, faz o inverso de limitá-la, serve para expandir sua indefinição e potência.

Assim, é possível uma tese de artista em que essa palavra performance seja encontrada poucas vezes, tomando aqui, como exemplo, a tese de Elton Panamby, intitulada *Perenidades, porosidades e penetrações: [trans]versalidades pela carne. Pedregulhos pornográficos e ajuntamentos gózmicos para pesar. Eu não sabia que sangrava até o dia em que jorrei*. Panamby compõe seu texto em autobiografia sangrada, a poesia é seu texto, logo no título é possível se afetar pela miríade complexa de questionamentos que refletem esse corpo. Sobre sua escritura e trabalho, ele diz: “insanidade é deixar palavra solta, é deixar ela ser 70% muco, catarro, gozo, suor, saliva, sangue, litros.” (PANAMBY, 2017, p. 16). Com o caos de Panamby, me aproximo de outras possibilidades de escrituras em arte que gaguejam na linguagem

12 Referência ao desenho geopolítico do Distrito Federal.

arrotos de borboletas. Não há sanidade nenhuma ao se encaixar em uma sociedade racista, higienizada, classista, LGBTfóbica: sejamos, sinceramente, e, ao máximo, insanos.

A teoria que segue e se constrói nesse texto está articulada em consonância com pessoas artistas que são produtoras de conhecimento, muitas vezes, acadêmico. A voz de quem escreve sobre si, o cheiro do catarro e a textura remetente ao gozo me fissuram e misturam-se aos rastros de letras condensadas no papel: reconhecimento. Ativam minha circulação e imaginação: ler quem escreve, vivências íntimas me deixam à vontade para imaginar escrever poesias no caderno, na tese, no corpo e no mundo.

Vamos nos distanciando, cada vez mais, dos teóricos que não realizam produções artísticas para convocar mais dos nossos margeados. As ideias de Guillermo Gomez-Peña, *performancero* mexicano, afirmam que somos “refugiados estéticos, políticos, étnicos e de gênero” (2013, p. 444). Nós, da arte-vida, vivemos nas margens, local onde nos agrupamos e criamos resistências estéticas, políticas e coletivas. Somos refugiadas de um modelo de organização com o qual não concordamos e que *arte-atacamos*. Como refugiados, criamos através do encontro, outras possibilidades de território dentro do mapa geopolítico (mal)traçado. Bichas, lésbicas, pessoas trans, negras, indígenas, migrantes, mestiças, árabes, aleijadas, monstras compõem nosso nicho. Nosso meio que é bicho, é margem de um centro que não queremos. Margem da organização social com a qual não compactuamos, embora seja também, substancialmente, centro de nossas vivências, afetos, desejos e experiências. Nossas margens são os centros, os grandes polos, comerciais de margarina.

Como compreender a pertinência do uso do termo performance em arte sem tentar esboçar uma definição ou, pelo menos, uma clarificação de seus usos, por mais escorregadia e insubmissa que seja a forma na qual ela nos aparece e sem que tal definição implique a limitação de seus vários modos de se concretizar? (COUTINHO, 2008, p. 8-9).

É importante salientar que não faço distinção entre os termos: "fuleragem", "ação", "arte viva" e "performance". No intuito de criar diferença e para melhor compreensão utilizarei o termo Performance (com p maiúsculo) quando me referir às performances realizadas em espaços institucionalizados, incorporadas ao *status quo* da arte: museus, galerias comerciais, grandes feiras de arte e prêmios. Desconfiamos das letras em caixa alta e das hierarquias por elas propostas tanto no texto quanto na vida.

O lugar da ação se dá na vida, sem a intencionalidade de convertê-la em dados previsíveis no campo de uma linguagem. A ação abandona a d(en)ominação performance como um nome irrigado de dispositivos aos quais não tem a intenção de ativar para não determinar os lugares dos sentidos. Nem todos os gestos comunicam algo, às vezes eles se dão como um fim em si mesmo, sendo esboçados como lugares anteriores à fala, sem constituírem uma linguagem (MATRICARDI, 2016, p. 124).

Maria Eugênia Matricardi, também integrante do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, é uma parceira nessa emboscada mundana das ações. Compactuo com ela a necessidade de soltura da dominação da nomenclatura performance para a proximidade com o gesto, a vida e o cotidiano ao nomear tais feitos de “ações”. Entretanto, mantive o termo performance (embora haja busca consciente para utilizá-lo menos) entre as outras variações, uma vez que devo admitir que estou (sempre) em processo de me desvincular da colonização imposta e, por vezes, essa nomenclatura surge por vício. A mudança do modo como se fala e escreve sobre outras reflexões, inspirações e aprendizados também demanda tempo e prática. Assumo, desde já, meu fracasso e valorizo esse processo de *micromodificar* os modelos que estruturaram minha fala-escrita acadêmica.

Também, a partir daqui, não mais colocarei os mesmos termos em itálico, aspas, negrito nem com nenhuma outra distinção do texto corrente. As ações estão em consonância com o texto que, neste caso, existe por causa delas.

Aproveitando a brecha da literatura, escrevemos com prazer, aproximamos a escrita da água e não deixamos estancar, e, assim, não criamos a praga do mosquito. A escrita nos guardará para que em outro olhar, brincadeira ou leitura nos conserve ou rebele. Nas escrituras, o último sentir não é de quem escreve. Se fosse texto parado, ainda de gaveta, não faria sentido. Quero exaltar vivências esquecidas, brincar de deslizar do outro lado da dobra. Escrever é rotina, exercício; imaginação é músculo e andei sedentário. As palavras que escrevia saiam truncadas, por tempos, me senti enferrujado, esgarçada.

Busco esse estado de escuta para fazer música com o teclado, texto disforme, porém, vivo, latejante. Texto como exposição, carne, ferida-aberta. Escrita meu grito-presente, um grito de quem quer ser encontrade e quer encontrar as forças que não deixam que esse barranco deslize. O barranco sou eu mesmo, meu corpo, uma geografia para que as águas da escrita percorram, cavem leitões e explodam nascentes. Voltar a escrever é uma história de fertilidade e criação.

Corpo também é terra que mina água. Ao abrir os olhos toma um pouco de poesia para não esturricar, leia e crie. Repara que desde sempre seu corpo foi cravado, mais que pele, mais que osso, mais que carne, seu corpo traz a maior complexidade literária que precisa escorrer. Vai beber da água da poesia que, às vezes, explode no seu sexo, deságua na cabeça. É refrescante escrever o mundo, reinventá-lo, para não só viver as velhas escrituras impostas.

Não peço licença para fazer algo diferente. A diferença está nas ruas, em nós, basta aguçar os sentidos, sair da mesmice. Isso é uma bóia e, mesmo assim, nos afogaremos, eu escritor e você leitor. Aqui, ampliando o conceito de performance para a vida, estamos à margem, marcados, afetados, sangrando, em vermelho, nos corpos, o (des)encontro. Ao vasculhar a derme que envolve, reencontro rastros, muitos: toda cicatriz é manifestação de vida. Rastros, que já não tenho certeza de onde vieram, rabiscam nossos corpos, eterno rascunho não refeito, não transcritível com exatidão. Esses rabiscos ampliam margens da arte que se literatura em feridas, performances e *cicatriz-ações*.

LUTO: FIM QUE PRINCIPIA

25/11/2020

Dia de sol, caminho conhecido, mais uma ida à cidade quando de repente pela janela do carona se avista na rodagem estendida no chão, sangue misturado com lama, uma cobra morta, um corpo atropelado. Muito grande, por pouco não temos a mesma altura. Os olhos cristalizaram a imagem, o acidente, e nas recentes reflexões sobre as reverberações do luto. Em um gesto súbito recolho aquele corpo ainda fresco e pingando fluidos, e o levo comigo. Dentro do carro o cheiro ferroso da morte se expande.

O encontro está anunciado, o que haveria de acontecer nessa conjuntura? Sua morte me afeta, é possível sentir a fragilidade de ainda haver sangue bombeando em mim. A morte como prenúncio de vida, assim como o esterco, a merda e o cadáver, anunciam ciclos antigos da vida sobre a terra.

O encontro com a morte protagoniza outras formas de sentir o viver agora. Costelas abertas, esmagadas, horizontais. Couro rasgado, dilacerado, assimétrico. Olhos estatelados em duas cores. Corpo frio, carne ainda mole. Isso tudo contrasta com meu corpo, quente e interessado em extrair da bruta morte a experiência corporificada, fragilidade de *ser-estar* em vida. Encontros em planos diferentes, acelero o tempo do tempo, a decomposição se inicia no tratamento já desde a estrada. Eu e a cobra, uma cobra cipó-marrom (*Chironius flavolineatus*), a cobra e eu, e mais todos que participaram desse processo compartilhado, ritual intuitivo, feito quarentenado em casa: Miu, Nine, Markito e Anjão¹³.

Crepúsculo, lua crescente, céu sem nuvens. Faca afiada, memória de meu pai, lembrança de vida passada como a da cobra, recentes ancestrais. Na mão vou limpando e tirando órgãos internos, vísceras, tripas e o coração que guardo. Mais adiante para fazer companhia ao coração guardo a língua. Língua e coração na cachaça: símbolos que eu *ainda* não sei explicar. A essa hora já caiu a luz, começamos a nos revezar para garantir iluminação, pois toda demora já havia passado – uma vez iniciado o processo não poderíamos parar. E lá noite a dentro estávamos. Os meus olhos não saiam da cobra, lembro da calça toda suja de sangue e muito de Nine que compartilhara comigo a maior parte no manuseio do corpo sem vida – além da companhia com quem muito se conversa além da vida e se cria além de prazos.

13

Mitsy Queiroz, Nine Ribeiro, Marcos Haas e Rhaiza Oliveira

Silenciosamente, escolhemos seguir o corte pelo local do atropelamento. Afinal, a cobra já estava aberta, ampliamos a ferida da vida para dissecar o interno da morte. O fio da faca muito certo passava embaixo do couro e um som quase invisível separava carne de couro. Prazeres se instalam nessa escuta. Experiência que jamais havíamos pensado executar, essa cobra aparece como o próprio desvio na estrada, *ypis litteris* como se apresenta. O caminho escrito para a cidade e a cobra inscrita de surpresa – onomatopeia no meio de parágrafo cansativo. O desvio está aceito, e a partir desse contato se traçam outros mundos antes impensados. Delicadeza, força, inexperiência e coletividade. O couro está separado da carne e dos ossos. A carne exposta, as marcas do acidente cada vez mais visíveis parecem gritar “aqui, ó, que fui atropelada, foi bem aqui que me mataram”.

Da boca ainda sai veneno, a bolsa embaixo da língua está ainda cheia, e vaza, transborda uma baba grossa, pinga espessa. Aquele corpo ainda é capaz de produzir escolhas próprias? A carne, a matéria, o caderno de si (o corpo) ainda exclamam. Nós em leitura analfabética das *acontecências* aguardamos o estanque total da matéria enquanto preparamos água limpa para tratar couro e carne. Nossos cadernos em couro, ainda vivos, pulsam o desconhecido, o inusitado, a morte surpresa, o enunciado terrorista e o pensamento com corpo inteiro: o encontro está selado, dissecado. Sem nenhuma instrução e seguindo ritual intuitivo sobre tempo e transformação, dormiram imersos em líquidos alcoólicos tanto o couro quanto a carne.

No novo dia que se anunciava no meio das chapadas, as intenções já eram *para-com* a cobra. O sangue pisado dela escrito na pista, inscreveu em mim, autor, outras caligrafias, agora dessecantes. Tratamento com sal para feridas abertas – cura do couro, conservação do antes vivo. Enquanto isso a cobra pelada, bruto bicho de carne e osso apenas com olhos ainda não opacos anunciava o intervalo, o entre, decomposição em início.

Carne dura e gelada de bicho direto na nossa carne quente-fresca de vida e de sol. Carne fria, carne quente. Relaxar e sentir no corpo o peso do passado, do entre, a despedida da presença simultânea ao prenúncio da ausência e a confabulação das memórias. Nossos corpos se expandem em sentidos, juntos Alla e Nine, elaboram rituais de partida. Permitem na sabedoria da cobra ancestralizar pai e mãe que experienciaram a morte a pouco tempo. A morte evoca as memórias, filmicas, das experiências em vida; é preciso um pouco de descanso para o corpo *absor-ser* tanto.



Figura 27 – Nine Ribeiro, cobra e eu. Cavalcante/GO. Foto: Miitsy Queiroz, 2020.



Figuras 28 e 29 – Cobra sob corpo. Cavalcante/GO. Foto: Rhaiza Oliveira, 2020.



A noite acontecida se metamorfoseia em uma manhã sem nuvens, despertos, olho no olho da cobra, seguimos em bonde, cinco – seis com a cobra. Transposição de sítios, saímos rumo ao Rio das Almas – rio frondoso que abastece a cidade de Cavalcante – onde, invertendo a lógica da cadeia alimentar, a oferecemos a pequenos peixes. Morte, banquete, festa e transformação. Alimenta quem fica, cura quem disseca, apresenta a morte e seus processos sem termos médios. Grita o simples instante onde já não se é mais e, enfim, se está à deriva das ações de outrem: o fim do poder de escolha. A carne comida, os peixes pequenos abocanhando o improvável, fartura. Olhos humanos lendo o processo, vivendo na carne a outra morte e como poetas viciados na metáfora transmutando processos de luto. Elaborando a questão da partida e da escrita mais uma vez com a ajuda da natureza, primeira autora da ficção terrestre.

A ausência precisa ser explícita, sentida, embora nem sempre seja só dor. Rumo a correnteza, quatro mãos dão finalmente ao corpo que já passou por muitos processos entre a morte e a vida o *prazer do abandono*¹⁴. As mesmas mãos que trataram, curaram, partiram, e entranharam-se naquele ser, agora relaxam. A água em sua singeleza feroz continua o movimento e recolhe o corpo para futuros não-vistos da decomposição. Abocanhada de mundo, atropelada pela pressa humana, acolhida na partida e conservada em pele e memória a cobra se apresenta como o início de um nítido desvio e propício encontro.

O corpo sumido e a pele agora salgada na varanda, retornam os sentires sobre os corpos como um todo, o meu corpo, o corpo de quem aqui escreve, de *quens* ali viveu, o corpo que se constrói com essas palavras, o encontro traçado no desvio da vida da cobra. E da nossa?

Algum tempo já passou desde o início dessa ação, hoje, sozinha em casa, durmo com essa lembrança e materialidade da cobra esticada debaixo do colchão. Tenho memórias influenciadas de pensamentos-cobra, rastejantes. Savana Sativa Sagui, felina que aqui habita, brincou bastante com o couro da cobra, destacando algumas de suas escamas e, assim, escrevendo no couro da cobra seu gesto. Eu, como observadora neste momento, concentro a sentir no corpo a leveza da morte, o fim do aperreio, a abertura de outras continuidades. Assim como as ações poéticas apresentadas ao longo deste texto, a vida também não se encerra em si uma vez que as memórias dos encontros permanecem naqueles que desfrutaram de tal presença já ida. Depois da morte a vida vira estória, caso, e Savana, faz mais, me convence que essa estória que estamos entrando é permeada por brincadeiras em meios às brutas rochas que a

14 Quando algo já não cumpre mais sua função primeira e se torna patrimônio inútil da humanidade. Referência ao poema “Catador” de Manoel de Barros em Tratado geral das grandezas do ínfimo. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001. p. 43.

contém. Retomo esse texto, cinco semanas do acontecido decantado, costuro a partir daqui o texto com linha de tempo: memória, brincadeira, invenção, participação, afeto, água e poesia.

Buscando a fluidez da água e a memória do fundo do rio celebro a minha gordura e também a dos que antes vieram.. O *remelexo* e movimento evidenciam a sapiência d'água: enunciam fluxo constante, mutante, correnteza. Água que guarda minha cabeça, acalma e dá vida. Na memória viva dela observo carnes sacolejando quando ando, pulo, nado, danço: são ondas, ululam o couro e deslizam-me por onde passo, lúbrica. Mãe-Água disse que não me afastasse dela e de repente ela mora em mim. (É tudo dela!)

O desvio da cobra desde a boniteza dos peixes do rio até a brabeza que engole o corpo inanimado persiste neste texto em tom de memória e futuro. Experienciam o aprendizado no corpo do ciclo mais antigo (morte-vida) no planeta inauguram nessas mãos que escreviam em gavetas antes sempre trancadas, empregam voz a textos e sentimentos desde antes guardados, elaboram o prazer do entre e (re)voltam a escrita com tesão e saudade.

Estruturando frases, **quebrando silêncios**, compondo simultaneamente **denúncia** e registro de vida. Escrevo para *desdizer* verdades impostas, opressões normatizadas e, com isso, alongo horizontes espremidos pelo relógio. No texto **seriedade de brincadeira** de rua, escrever para coletivizar-se, *autocavucando* para encontrar realidades próximas, lugares de pertença e invenções convergentes. Escrita e leitura como mimese do encontro, *multiálogo*.

Escreva automaticamente, esquecendo um pouco tantas normas, antes que a gramática endureça nossas frases. Condicione-as. Na visão-tato-paladar com as letras, alfabeto imposto, sinta **diversão, ficção e possibilidade de cura**. Escrever para continuar respirando, **nunca calade**. Subverter o lugar da norma em poesia. Desanuviar, relaxar, desabafar e continuar. Para viver no corpo, **eu diário de mim (você diário de si): escrita-espelho, corpo-caderno**.

De vez em quando escrevo para esquecer. Tecendo por meio da escritura a linha capaz de, tentar, suturar experiências traumáticas. Escriquecer (escrita + esquecer) (sic) é verbo que refunda a poesia e possíveis táticas para sustentar esse corpo ainda disforme de tantos aquis-agora. Escriquecendo traumas e habitando versos carregados de rastros passados e lastros futuros: amor-horror é no presente o enunciado da diferença, memória dos tempos idos e dos que virão. Escrever e entregar ao fogo, ver sumir, sentir o calor, quase queimar os dedos. Enfim, cremar poesias natimortas e do seu odor incorporar extraordinário aprendizado. Escriquecer a conservação do suporte e da poesia e entregando-os a efemeridade, para que

transpasse tantos outros sentidos que não apenas a visão.

Sozinhe, escrevo no anseio da companhia. Na leitura dos que me compõem, sinto-os e muitas das vezes é o que me dá coragem para continuar escrevendo como quem fosse sussurrar um sussurro bem gigante que todo mundo ouviria em tons de paina procurando uma escuta-terra de leitura. Escrevo ouvindo minha ministra Ventura Profana cantar “*Eu não vou morrer!*”¹⁵, agora não, não vamos mais.

Escrevo para habitar a primeira pessoa no plural: *eus (sic)*. Só a coletividade diversa **avoa** e a partir da primeira pessoa do plural (*nós/noiz*) é consistente evocar as diferenças e singularidades até chegar na primeira pessoa também do singular (*eu*). Escrevo para exaltar subjetividades que pelo medo da diferença já quis esquecer. A escrita se apresenta em expansão, recolhimento e relação. Dessa sou, enquanto autor, construído em meio a seus fluxos, correntezas e danças. Habitando em diversidade os pronomes *eus*, *noiz* e *eu*. Compreendo que existe movimento coletivo para que se possa enunciar a primeira pessoa do plural: *eu* existo em relação, minhas (nossas) relações constituem em corpo, pensamento e poesia.

Inspirade por gordes e outras dissidências vou escrevendo, meio mapa, **um caminho mesmo que não saiba o próximo destino**. Então, escrevo/emos também como possibilidade de imaginação e vislumbre de outros mundos possíveis para existências em desconforme com os padrões. Os dedos assim anunciam desejo, marcam o papel, como se grifassem o mundo anunciando futuros, por vezes, promissores. Desejos de mundo ainda não experimentados:

[...] Imagino, confabulo e desejo chegar outro tempo [...]

O destino exuberante de cadeiras acolchoadas vai chegar, embarcaremos gordes rumo aonde não sabemos, mas estaremos. Talvez aconteça por volta de 2035, nos encontraremos em um lugar de cerrado nativo, próximo a um poço de água doce funda e corrente. Quando todo mundo chega, as barrigas mais lindas, grandonas, pessoas que se mexem ao menor gesto, começa uma música que vai pouco a pouco aumentando as batidas por minutos (bpm). A

15 Artista gorda, indicada ao prêmio PIPA em 2021, e “Filha das entranhas misteriosas da mãe Bahia”, donde artérias de águas vivas sustentam em fé, abunda. Ventura Profana profetiza multiplicação e abundante vida negra, indígena e travesti. Rompe a bruma: erótica, atômica, tomando vermelho como religião. Doutrinada em templos batistas, é pastora missionária, cantora evangelista, escritora, compositora e artista visual, cuja prática está enraizada na pesquisa das implicações e metodologias do deuteronomismo no Brasil e no exterior, através da difusão das igrejas neo-pentecostais. O óleo de margaridas, jibóias e reginas desce possante pelas veredas até inundá-la em desejo: unção. Louva, como o cravar de um punhal lambido de cerol e ferrugem em corações fariseus.” (PIPA, 2021, online).

gente vai deixando tudo que tem sobre a gente longe: mochila, óculos, roupa, anel, tudo que se pode... Os bpm estão em baixas intensidades, o corpo desacelerando, a gente rola pro chão, cada um está em sua posição de prazer. Os bpm vão subindo e nossa gordura e água começam a vibrar, o som, que vibra a carne, que vibra os músculos, os ossos, os chacras, o cu. É tudo muito relaxado, nossos olhos moles quando veem alguma paisagem externa vibra, não pode fixá-la, na dança do corpo, corpo-come-um-todo vibrando. Gemo só de lembrar do futuro! Mas só posso contar até aqui por que depois que relaxei nesse parágrafo nunca mais acordei no outro dia da história.

Escrevo também porque **minto**. Mas, mais ainda, **sinto, sinto, sinto**.

A imagem da cobra traz em si simbologias que permitem sonhar e construir esse futuro-tese, transmutando experiências traumáticas do corpo, regenerando capilaridades afetivas e experienciando em corpo a potência da coletividade gorde como espaço flexível de adaptação, criação e cura. Tal cobra do caminho, poesia de sangue na estrada de terra, o desvio e encontro me localizam como pessoa que escreve em encontro e escuta com a natureza que por meio de sinais esparsa sua sabedoria nas entrelinhas das poesias que por aqui intento. É preciso silêncio para ouvir, porosidade para estar, tempo para deglutir.



Figura 30 – Cobra sem couro. Cavalcante/GO. Foto: Alla Soüb, 2020.



Figuras 31 a 33 – Banquete para pequenos peixes. Rio Almas, Cavalcante/GO. Foto: Alla Soüb,2020.

CADERNO-CORPO; CORPO-CADERNO

Daqui de dentro do corpo todo fluido é texto, eus, *noiz*, alfabetos embaralhados de sentidos, escrevem na pele e profundezas em tom ouriçado a transcrição dos toques, queridos e estranhos, em bulbo-coração. Gozo nas entrelinhas. Cresce, mistura e espalha, tanto caderno quanto couro nos rasgam e remontam. Palavras-facas são criadas, acidentes queridos e fracassos (im)previsíveis acolhidos. As palavras escritas são só uma possibilidade de comunicação entre várias: a poesia transpassa o alfabeto, se materializa no corpo, na trilha cotidiana. O desejo é percorrer por múltiplos vieses, cravar letras digitais com o duro datilografado que contém, a fim de amolecer as águas vermelhas que movimentam o corpo. O couro convida; Eduardo Galeano repete desde minha adolescência nas leituras por onde frequento: *o corpo é uma festa!* Corpo-caderno ou caderno-corpo é o que expande a concepção de caderno e propõe vivificar seus trajetos ao mesmo tempo em que aproxima o corpo da possibilidade de captação e memória de imagens e poesias do caderno, sem objetificá-lo.

Enquanto morava no Hospital Santa Lúcia, Brasília, junto com MC durante seu processo intenso de doença, tive muita oportunidade de pensar-viver essa poética corpo-caderno. No leito e no silêncio, na presença e na temperatura baixa do ar condicionado, meus olhos pousavam em mamãe como leituras: em voz alta, em silêncio, mas, principalmente ali naquele momento, a lia em braile. O toque dos dedos decifraram nossa saudade e pertença, a fusão das nossas temperaturas, nossos segredos e poemas epiteliais não podem ser guardados no código alfabético. São poemas-carne, agora, alicerces que me ancoram mundos. Ser carne na/da carne dela, vivenciar a impossibilidade da fala, a iminência dolorida da morte, o reconhecimento da trajetória feliz e empoderada de mainha para aqui são pilares para a fundura que esse conceito traz em minha arte-vida.

Em 2021, no Festival MARSHA Trans, durante sua quinta edição, formada exclusivamente por artistas LGBTQIA+, Elton Panamby (MA) e eu fomos convidados para compor um *talk show* intitulado “O Levante Revida com Vida”¹⁶. A parceria entre Elton em arte-vida já existe há quase uma década, sendo este artista-amigo ponto de convergência e ampliação das reflexões em arte, filosofia e performance. Elton acompanhava próximo o experenciado, inenarrável, dos momentos hospitalares, já tinha seu capítulo próprio no meu

16 Disponível na íntegra em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1tW0QEKEbt0>>.

corpo e caderno e, por isso, compunha ao mesmo tempo as tramas desse conceito. Como base para este *talk show* escolhemos exaltar a poética do corpo-caderno. Elton havia recentemente lançado o livro “5 Gestos Desesquecidos”, apoiado pelo selo editorial Acabamos, onde procura “tecer uma conversa no tempo entre gerações que se manifestam nas nossas peles e rastros dos encontros indizíveis” (PANAMBY, 2021, online). Quando Elton engravidou e aceitou gestar Txai tive a possibilidade feliz de ser doula deles. Essa ligação afinou nossos portais em morte-e-vida; durante a pandemia, lutos próximos nos aproximaram mais ainda, e com o tempo começamos a sonhar e construir futuros juntos. Esse convite do Festival foi o ponto de intersecção que nos faltava para exaltar nossas parecências, por isso, como estratégia de coletivização na pandemia, aceitamos a expansão virtual do encontro. Abraçamos a saudade como metodologia e a conversa como episteme. Nessa confluência de memórias e letrarias, mistura, pororoca, presentificamos nosso texto-encontro na rua imaterial do mundo, a internet.

Caderno-corpo acontece nesse encontro, construção compartilhada de conceito em conversa. Sendo assim, trago o embasamento desse conceito que pode ser alcançado pela leitura ativa da transcrição¹⁷ do referido *talk show* “O Levante Revida com Vida”:

Elton: A gente gostaria de compartilhar algumas inquietações e germinações do que tem nos atravessado e, antes de entrar nas questões, vamos fazer uma partilha de leituras, Elton lendo Alla e Alla lendo Elton pra gente ouvir as palavras que escrevemos na boca um do outro.

Alla: Rita Maria da Silva, ao reino das águas escuras, firmamento, fundamento, forja. Eu sabia ler as fissuras de sua pele, eram como um código braille que só nós duas poderíamos decifrar. Com as mãos molhadas era difícil para ela pegar nos papéis, daí começou a ler cedo entre 3 e 4 da manhã. Da folha de orações de igreja a Espinoza, escrevia em segredo palavras de livramento: recolho com minhas mãos úmidas essas palavras molhadas para que não se percam na secura do es-que-cimento.

E: Quando comecei a escrever sobre cicatrizes a partir do corpo invadido por ações externas, não havia me deparado ainda com o contexto hospitalar, tampouco com o quase-vida quase-morte tão presente, seja pelos milhares que amontoam devido aos óbitos da pandemia do covid-19, outras enfermidades e/ou violência estatal. A morte ronda próximo, passeia pelos vivos, e também os encoraja a viver. Quando tecem outras comunicações criam práticas de embandar-se para coletivamente sobreviver no impossível

17 As partes grifadas da transcrição são o desdobramento, outrotexto, surgido por meio da leitura performática dos textos de Elton e eu.

território Brasil. Acompanho minha mãe como quem trilhasse mais pedacinhos das memórias que ficarão comigo quando Ikú a abraçar. Nessa trilha, o movimento da vida continua, como assimilar a memória das interrupções? Maria Célia me acompanha em sonhos, brincadeira inconsciente. Sempre está falante ou rindo, em casa, na cadeira de rodas. Oniricamente quase fui ao seu velório, mas não pude chegar porque precisava comprar antes as balas pra Cosme e Damião, Ibeji, que sempre acompanhou o seu percurso. Doces na mão, flecha, minha mãe me liga, os encantados agora dão recados por ela que se entremeia no real e no cósmico. Eu que já fui só lágrimas e espera de Ikú, aprendo nas microatividades que se inscrevem no caderno corpo de mamãe a ser fluxo de ação, continuidade e diferença.

A: Era uma vez uma mulher gigante que tinha a cor da terra iluminada, salpicada de pontos pela sua pele encosta, carregava dobras e fendas onde guardava sussurros. Morava numa casa pequena, a entrada estreita dos anos 70 com um pequeno vitrô de adinkras por onde falava quando não convinha abrir a porta. A cozinha era o primeiro cômodo com um armarinho de fórmica azul onde guardava os copos, diga-se de passagem que tinha os copos mais bonitos, onde tomava café e chá preto, os pratos, suas pequenas louças e talheres. Geladeira, fogão, pia, tudo pequeno e organizado. A sala era a mesa com duas ou três cadeiras, servindo para as refeições e para receber as visitas. O quarto era um templo que se abria em tons escuros, imagens de cristo, o rosário de lágrimas de nossa senhora, as fivelas de cabelo que prendiam seus fios quase sempre cinzas e brancos, lisos e finos. Óleos de massagem para as pernas com cheiro de cânfora, a folhinha indicando os meses com imagens de filhotes em estúdio, a cama com a colcha esticada, a janela aberta dando pro quintal. A casa tinha cheiro de mastruz, arruda, capim limão e do mingau das crianças que ela cuidava. No bairro, e na família, era comum solicitar seus cuidados para as crianças enquanto mães e pais trabalhavam. Ela nunca se casara e nunca gerara filhos, era a grande madrinha de todas as vidas que ajudou a assentar no mundo com as suas mãos, as maiores mãos do mundo. Tinha um cheiro gostoso como uma mistura de ervas e fogo, quando enchia as mãos com água, abria uma nascente no mundo, eram mãos que falavam dos silêncios das rezas dela. O nome dela era Maria Edivirges dos Santos e se encantou no dia 6, uma segunda-feira desse julho de 2020, aos 90 anos. Ó, madrinha duvirges, que a dona Rita e a tia Jandira estejam acolhendo a senhora serenamente nesse tempo infinito onde agora se sentam de mãos dadas, infinitas maiores mãos do mundo. Ô, madrina duvirge, que a dona Rita e a tia Jandira estejam acolhendo a senhora serenamente nesse tempo infinito onde agora se sentam de mãos dadas, infinita, as maiores mãos do mundo.

E: A noite acontecida se metamorfoseia em uma manhã sem nuvens. Desperto no olho da cobra, despertos, olho no olho da cobra, seguimos em bonde, cinco, seis com a cobra. Transposição de sítios, saímos rumo ao rio das Almas, rio frondoso que abastece a cidade de Cavalcante onde, invertendo a lógica da cadeia alimentar, a oferecemos a pequenos peixes. Morte e banquete, festa e transformação, alimenta quem fica, cura quem diseca, apresenta a morte e seus processos sem termos médios. Grita o simples instante onde já não se é mais, e enfim se está à deriva das ações de outrem, o fim do poder de escolha. A carne comida, os peixes pequenos abocanhando o improvável, fartura, olhos humanos lendo o processo, vivendo na carne a outra morte e, como poetas viciados na metáfora, transmutando processos de luto, elaborando a questão da partilha e da escrita mais uma vez, com a

ajuda na natureza, primeira autora da ficção terrestre.

A: Em qualquer lugar é possível ser selvagem, quem vem comigo são as Ayabás, as Amazonas, Tapajós, Guajajaras e a caboclada. Nos examinam dedos na vagina, dilatação, 4, 5, 6, 7, 8, mijar de quatro na cama, o cheiro de buceta domina todo o ambiente, em qualquer lugar é possível ser selvagem. As batidas do teu coração forte como o eco espectro tem marcas indeléveis, invisíveis, que só os nossos corpos habitarão. Acredito no revide. A solidão é estruturante na matransternidade.

E: A ausência precisa ser explícita, sentida, embora nem sempre seja doida. Uma correnteza, quatro mãos dão finalmente ao corpo que passou por muitos processos entre a morte e a vida, o prazer do abandono. As mesmas mãos que trataram, curaram, partiram e entranharam-se naquele ser somente relaxam. A água faz sua singeleza feroz, continua o movimento e recolhe o corpo para futuros não vistos da decomposição. Abocanhada de mundo, atropelada pela pressa humana, acolhida na partida e conservada em pele e memória, a cobra se apresenta como início de um nítido desvio e propício encontro. O corpo sumido, e a pele agora salgada na varanda. Retornaram os sentires sobre os corpos como um todo, o meu corpo, o corpo de quem aqui escreve, de quem ali viveu, o corpo que se constrói com essas palavras: o encontro traçado no desvio da vida da cobra e da nossa.

A: Somos essas coisas amontoadas esperando justiça que não vem. Des-esperando. As mães fazem isso, nos des-esperam enquanto dançamos freneticamente aos ritmos etéreos do som da rua. Minha mãe, a sua mãe, eu mãe, puta madre. A carta de número 22 sobre a mesa, eu cá dançando a vida e a morte, eu mãe, nascido do morto, eu filha, o invisível, prudência. Uma lacraia gigante com patas de elefantes e ferrões de arraia faz sua coreografia peçonhenta no chão do banheiro, água quente pra mudar de cor. Num braço carrego uma criança que ri, e na mão oposta três serpentes vivas. Meu semblante é soberano, olheiras púrpura, os dedos do pé empurram o chão até o inferno. Estou em pé, um seio mais cheio que o outro, o corpo repleto de algas, cabeça exposta ao vento, silêncio. Uma rajada de pedras, continuo em pé, a criança crescida ainda ri, serpentes em riste. Vou queimar o sol com os meus olhos, esse cansaço não me abala. Produzir o som do silêncio, produzir imagens do escuro, som do silêncio e imagens do escuro, som do silêncio e imagens do escuro...

E: Nossa passagem no hospital também o escreve, ouvimos música, deitamos na mesma cama, ajeitamos cabelo. Balas de Ibeji comemoram cada visita da equipe, e todo dia passamos alfazema no orí. Se tornou casa o que antes era pesadelo pela necessidade de compor um jeito mais nosso para habitar a frieza do hospital. Mas nós sempre gostamos de aventuras, assim que possível, queremos mesmo chegar em outra casa, nossa casa de vó, da mãe da mãe, para sentir o cheiro de banana da terra frita que conecta essas três gerações. Aprendendo com o corpo ferido em escara e grafia como criar impulsos de vida em meio ao sistema colapsado em que estamos imersos. Como ocupar com diferença e afeto todo tempo que Ikú nos permitir? Dançamos, criamos o tempo. Madrugada, luz colorida, período de menos vigilância no quarto. Ajeito a cama, mamãe abre os olhos. Eu, água, transbordo sal em lágrimas. Sal e lágrimas. As ondas de lemanjá que regem o meu orí

se aproximam para a delicada condução. O corpo de mainha está entregue como presente a toda gravidade, pesado e relaxado. Conduzo-o com todo o cuidado que conheço, e ela já de olhos abertos tenta acompanhar numa dança, só olhos, seu corpo que se mexe pelo corpo que ele mesmo fez. Encontro dos tempos. Essa dança que ali mesmo já se transmutou em carne, poesia incorporada, memória, por vontade de registrar de alguma maneira nossa intimidade, nossos corpos e toque, fiz alguns registros pós experiência dançante com o disparador automático do celular. Esse registro é um agradecimento à vida, ao privilégio do cuidado e, sobretudo, à resiliência de mamãe nesse período, por mais que tente aqui, indescritivelmente difícil para todes envolvidos. Suspiro.

A: Agora a buceta está destampada, minha boca pode falar. Eu falo. Esperar e desesperar a placenta, o coágulo, o resto de parto. Escorre o sangue, derrete a cara desfigurada da dor dos movimentos para coroar e expulsar a nobreza ancestral que sai da caverna da montanha. O tempo murcha o corpo que pari. Esse corpo não para, não peça que eu pare. Esse corpo não para, não peça que eu pare, nas pentecostais neo-nazi militares eles rezam para as suas armas, suas pólvoras, suas bíblias, cheiro de morte matada. Aqui, no útero degenerado, na buceta que fala, na cria insurgente e inviolada, brotamos do nada, somos parentes da água da terra, viemos da lama e reconhecemos no raio e no trovão o brilho de nossas vozes. Nós falamos no sotaque das plantas que curam feridas do açoite e sequelas ancestrais, também para dar de beber aos sinhozinhos e sinhás o feitiço que nos libertará. É no cuidado. Nós sabemos o bem e o mal que faz cada coisa, o que se vela e o que é velado. É em passos miúdos que se segue adiante, é no cuidado. Que as águas enferrujem seus metais, o medo não nos abala. Que a água enferruje os seus metais. Tudo isso é uma anunciação.

22:02

E: O remelexo e movimento evidenciam a sapiência da água, enunciam o fluxo constante, mutante, correnteza. A água que guarda a minha cabeça, acalma e dá vida. Na memória viva dela observo carne saculejando quando ando, pulo, nado e danço. São ondas, olulam o coro e deslizam-me por onde passo, lubrificadora. Lubrificadora. Mãe água disse que não me afastasse dela e, de repente, ela mora em mim, é tudo dela.

A: Somos o peso dos ossos na carne. Nossos ossos nas carnes, água, meu corpo é feito de água. Não sei como não escorre pela terra, eu era feita de pedra, areia e tijolo, agora sou água e sal, uma medida de pH e densidade. Hoje foi mais brutal, e tive medo de me desconhecer no espelho. Eu era só vulto, agora raiz e espasmos. A coisa mais velha do mundo em paridade com as coisas que se formam no universo, pó de estrela, restos de planetas implodidos pra criar corpo, forma densidade, ossatura, líquido e viscosidades. Espanto e choro incontido, volteia às voltas na margem do útero expandido, marsupial no sonho onde a comunicação é por extenso, extenso é via láctea lactante. Bicos prontos para o jorro, é possível o gozo a partir das cordas que envolvem o corpo dentro e de fora, poroso poço, posso entre meados de novembro germinar para num agosto mais espesso expandir telúrica. Pacha que me guia, abre e expande, torce, estala a bacia, estala como galhos de mangue que conversam entre si. Sou planta de manguezal, prenhe de vidas,

e me julgavam morto. Eu, manguezal, urbano e cheio de lixo, me regenei junto a outros mangues.

24:32

Elton: Como é que escreve no corpo caderno pra você?

Alla: Acho que é a escritura do risco cotidiano, do viver, é sobre escrever no caderno mundo também. As coisas vão se escrevendo o tempo todo, você tá escrevendo uma coisa e essa coisa se escreve em outra. É como se fosse uma roda de massagem, às vezes de não-massagem, nem sempre é gostoso. É aquela sensação de que eu não posso escrever uma coisa sem que o mundo se inscreva em mim, sem que a nossa carne seja memória do que a gente viveu e do que já viveram e a gente não sabe muitas vezes. E pra você, Elton, como é essa carne escrita atravessada de invisíveis, de tinta, de cicatriz?

E: Você fala dessa inscrição do risco e eu fiquei pensando nesses instrumentos que às vezes o mundo por si só concede à nossa revelia, e os instrumentos que a gente manuseia, produz, constrói e transforma, que são esses instrumentos mágicos de escrever nesse texto carne. Eu fico pensando que esse processo é justamente permitir, porque a escrita e o corpo são parentes, se um não flui, o outro não flui. Tenho essa sensação de que pra escrever a gente precisa viver. De muitas maneiras, a gente precisa viver, ter experiências pra escrever, pra manejar as palavras. A gente precisa ter experiência pra poder se atravessar pela própria escrita.

A: Pensando esse lugar da escrita e desse entremeio do corpo, tem isso de que a escrita corpo é escrita, inscrita nesse cruzamento com outras escritas e outros corpos, com esse bando, esses corpos que saem de dentro de corpos ou que se acoplam a outros, com essa variedade de literaturas corporais possíveis. Essa escritura corpo não se consegue só, acho que essas inscrições são encontros também, e esses corpos que se formam do bando. Como a gente pode ocupar esse caos pra continuar escrevendo e vivendo? A gente vai fazendo uma coleção de possibilidades de fala, de voz e de memória. Quando a gente começa a pensar o nosso corpo como registro, como caderno, a gente tá falando de colocar esse corpo no lugar de memória, num lugar de corpo a ser lembrado. Como fazer lembrar tantos corpos que vêm sendo historicamente esmagados ou esquecidos? Como reacender esse lugar da memória e da monumentalidade das nossas vidas? Conversando com você me veio que não dá pra pensar em literaturar-se sem pensar em coleções, em bandos, talvez em bibliotecas pra metaforizar.

E: É essa coisa do encontro mesmo. Erguer uma monumenta é uma coisa que precisa de coletivas. Se a gente pensa que cada caderno-corpo, cada corpo-caderno, cada coisa que a gente escreve e gera um corpo, ou cuida

de um corpo, de uma vida, ou escrever nesse lugar da literatura, escrever em outras linguagens, outros processos de arte, sempre é algo que precisa de uma multidão. Eu sinto que tudo que acabo escrevendo ou fazendo de aparição, é uma multidão que faz junto, nunca é só de verdade. Contaram pra gente a história mentirosa de que a pessoa que escreve é aquela que fica no escritório com a sua caneta, com as suas coisas, ou no seu computador super concentrada, mas essa escrita muitas vezes acontece num trajeto, num ônibus, uma poesia nasce num caminho, num lugar complicado.

A: No sonho... Às vezes o ato de escrever é o ato de lembrar de uma coisa que foi escrita na gente sem essas palavras, sem esse alfabeto que a gente conhece. É muito pouco esse alfabeto português brasileiro. Como que a gente pode contar tudo que nos atravessa só nesse lugar? A gente poderia contar nossas histórias sem o pajubá? A gente constrói no presente uma monumenta pro futuro, só que essa palavra monumento vem com esse lugar de não ser uma coisa presa em um só tempo. A gente pode construir essa monumenta no presente pensando numa futuridade pra que esse tempo chegue num outro lugar, só que quando a gente constrói aqui, a gente já tá cheio dessas cargas passadas e desses monumentos que não tiveram tempo de ser erguidos, ou que foram destruídos. Essa palavra monumenta também é capaz de passar por esses tempos passado, presente e futuro. É importante pensar que sempre tivemos as nossas monumentas na floresta, no fundo do mar, a questão é que para além de criar, é como ressurgir o que foi destruído, como enxergar onde estão essas monumentas que nos conferem força.

34:43

E: Me veio aquela imagem do assentamento pra Exu que tá no fundo do mar da Bahia. As monumentas que nos precedem, as que nós estamos erguendo e as que serão erguidas, não são nesse registro dessa monumentalidade hegemônica europeia, branco-cêntrica, cisgênera. Ela é dentro de uma outra ótica, tá embaixo da terra, no fundo do mar, é um segredo ou é uma pessoa encantada, uma pessoa que produz vida e cuida. É interessante pensar na monumentalidade como uma coisa que não é estanque nem facilmente corroída pelo tempo cronológico. É uma coisa movente como as águas, um grande rio ou um pequeno rio, um açude, são monumentas também. Pensar em memória não tá na lógica do arquivamento, é um outro lugar. Tamo falando de monumenta, mas também tamo falando dessas questões com a escrita e a arte, as coisas que a gente produz visualmente, sonoramente, que são coisas moventes, mutantes, por isso que a gente precisa de outros alfabetos, de outros caracteres. O abcd não dá conta, às vezes é preciso inventar uma linha que sai da pauta, um outro lugar.

38:22

A: Não encontrei exatamente o lugar onde o assentamento tá na Bahia. Acredito que esses monumentos também são corpografias da Terra, do planeta enquanto vida, porque não se sabe se aquilo foi construído no

fundo do mar ou se foi levado. Exu fez um parêntese bem gostoso, ele sempre aparece.

E: Que pontos a gente percebe de colisão, aproximação, encontro, as fricções, encruzilhadas entre a transformação que a vida exige da arte? Como a vida dobra a arte?

A: Fico me perguntando sobre o que é arte. Nessa brincadeira de fragmentos que a gente fez essa leitura, pra mim é tudo atravessado por e com arte, mas ao mesmo tempo, a gente tá falando de vida e sobre acontecimentos “cotidianos”, nada arquitetado, exatamente a vida. Entender que não existe essa separação tão dura entre arte e vida, eu não consigo pensar minha vida como: agora estou fazendo arte/agora estou vivendo, porque as coisas acontecem sem querer, no sonho, é a cobra que apareceu de repente e me trouxe um ensinamento, me conectou com outra coisa e de onde surgiu isso? Não foi porque eu fiz faculdade de artes, foi porque a vida se inscreve o tempo todo enquanto arte. A natureza, os elementos, os encantados e a percepção do nosso olhar de ampliar e buscar formas de vida que realmente exaltem os nossos momentos de dor, de felicidade.

E: A vida dobrando a arte é a transformação que a vida exige da arte. Eu também tenho muitos problemas com essa palavra Arte. Eu sei que é um lugar que nós que estamos nesse contexto LGBTQ+ e de pessoas racializadas temos conseguido entrar de alguma maneira e isso tem uma importância política muito grande, porque na hora de lutar por política pública tudo isso conta. Por exemplo, quando tem uma pessoa trans pra falar de colocar uma política afirmativa num edital pra acolher essas pessoas, pra nos acolher. Mas ainda é um lugar que a gente precisa quebrar, precisa ser quebrado.

A: Decompor ele ao mesmo tempo que a gente compõe o novo. A gente questiona o lugar da arte, mas é imprescindível que esse lugar esteja sendo ocupado por pessoas trans, pretas, indígenas, racializadas, gordes, esse é um lugar que nos interessa. A gente vive essa virada. Dez anos atrás quando eu comecei a pesquisar e me envolver era muito diferente, você não tinha esse tanto de referência, e hoje em dia, embora a gente questione muita coisa, é muito mais gostoso, você consegue ir num museu, ver um filme sem estar sendo cegado pelas imposições culturais da hegemonia. É importante questionar e é importante construir pra que vá se compondo em outras coisas. Da mesma forma que é monumental a gente ter nossas escritoras pretas, acadêmicas, ver a universidade se transformando em outra coisa, ver essas epistemologias de fato chegando a essas outras escritas. Alunos podendo escrever sobre a vida em arte, e não sobre o museu da sinhazinha.

E: Ou sobre como a arte vai educar as pessoas de um tal jeito. Tem muito essa imposição do levar a cultura até uma comunidade que não tem cultura. É muito bizarro, e às vezes parte de pessoas “super bem intencionadas”. A nossa presença dentro desses espaços é um pouco desse dobramento que a vida faz na própria linguagem ou no espaço institucional. Ainda é preciso muito pra conseguir chegar onde seja confortável, porque ainda são lugares

incômodos, não é uma ocupação tranquila.

47:24

E: A próxima questão é sobre a invenção de novos termos, de palavras, de linguagens, de termos. Como a palavra transforma o processo? Como ela é transformada pelo processo e como é esse processo de criação, como é esse processo palavral para nós?

A: A gente já começa pelo fim, o dicionário não dá conta de tudo que a gente sente e é, e não tem como ficar sem dizer das coisas que nos atravessam. Nessa a gente vai brincando de juntar, criar palavras, nomear o que anda sendo indizível, até pra se pensar em coisas macroestruturais, como políticas públicas. Se a gente for pautar a nossa existência em cima do dicionário de português brasileiro, a gente tá pautando em cima de uma linguagem que reforça as opressões estruturais. Pra se entender enquanto escrito é preciso ter esse gingado de ir com ele, mas ir decompondo e criando. Como falar de coisas que não existem no dicionário? O silêncio não cabe mais, o silêncio não é uma opção. A gente vai criar e recorrer às outras línguas que temos, aos outros entendimentos de palavra. Não dá pra querer se escrever só em cima de uma língua imposta.

E: E de uma língua castrada. Pra mim também é num lugar bem semelhante, tem coisas que não cabem nesse léxico. Até cabe, só que não dá conta. O que a gente quer vaza, transborda. Num encontro de consultoria, uma pessoa me falou que falavam muito para ela que ela não cabia, que ela grande demais pros lugares, pras coisas, que o trabalho dela era muito grande. Se esses espaços não nos acomodam, criemos, porque tudo cabe, quando a gente cria linguagem, a impressão que me dá quando a gente cria uma palavra nova ou um termo, é que nesse termo tudo cabe e parece que ela cabe melhor na boca, na memória, no instrumento da inscrição. É muito visceral, é preciso, não tem como não fazer isso. Não tem como não partir pra invenção, se não a gente não vai tá sendo sincero com esse jogo de palavras. Apesar de terem nos ensinado palavras pra castrar, a gente tenta usá-las pra libertação, pra cura, pra outras coisas.

A: Pra expansão, é tipo um jogo com esse alfabeto que foi dado, é como a gente brinca de remontar ele. Montaram de um jeito, mas são muitos jeitos que você pode agrupar palavras e criar outras coisas. Quando você tem uma pessoa muito próxima e inventa um apelido que só você chama ela assim, ninguém mais, e aquele apelido é a pessoa. Isso também é uma forma de aproximação, de fazer a pessoa caber melhor na sua boca, na sua memória. Essa é uma comparação bem cotidiana e simples do quanto você não tem que ser escritor pra criar palavras. A gente cria palavras o tempo todo. Esse dicionário também foi criado por alguém. A gente tá o tempo todo criando modos de nomear as nossas relações, os nossos sentimentos, a nossa existência pra recriar nosso futuro, rememorar nosso passado.

54:03

E: A gente se esquece que esse alfabeto, essas palavras, também foram inventadas, porque é uma coisa que já nos foi dada. Quem tem mais de 30 lembra da cartilha Caminho Suave, quantas mentes aquilo desgraçou, quantas corpos aquilo moldou dum jeito totalmente aniquilador. Se a gente parar pra pensar, muito da violência racial e de gênero que a gente sofre também é oriunda desses processos de alfabetização e educação. Essa cartilha Caminho Suave foi responsável pela alfabetização de milhões de crianças, foi usada durante décadas, e a cartilha é quase o meme da Damares, tudo é colocado em caixinhas, vai modelando papéis de gênero. Aproveito pra citar o trabalho de duas pessoas do Cariri/CE, uma é a Vita da Silva que tem o trabalho “Travestis não são geradas em 9 meses”, que é importante pra refletir sobre a questão da educação e como se gesta um corpo trans, é uma gestação muito mais demorada, e a gente tá descobrindo como são os processos de parir-se. A outra pessoa é Charles Lessa que tem um trabalho bonito sobre infâncias de crianças não cis que se chama “Na barriga do monstro”. Essas duas figuras fazem coisas interessantes pra gente pensar como a educação pode ser moldante e violenta.

57:11

A: Pra finalizê, misturando o eke do quase lá, é muito importante a gente finalizar isso chamando essas duas pessoas pra compor de forma indireta essa conversa. A gente cai nesse lugar de voltar a falar da rede, sobre as inscrições coletivas, sobre os corpos que se conectam mesmo sem proximidade, sobre esses conhecimentos que estão sendo criados e vão se conectando, essas referências são importantes pra gente conseguir fluir e imaginar a infância do passado pra chegar no futuro. É sempre aquele balanço.

E: Nessa imagem que você trouxe agora veio até uma tontura junto, essa imagem da cadeira de balanço. A cadeira de balanço é um móvel que às vezes tem na casa das mais velhas e, apesar de não ter tido cadeira de balanço na casa de ninguém das minhas famílias, na transternidade, quando pari Txay, ganhei uma cadeira de balanço, e esse movimento de ficar dando de mamar e ninando na cadeira de balanço, é um pouco desse movimento que eu vejo nos nossos textos e que eu senti nessa nossa leitura hoje. São textos em que a gente fala da velhice, da morte, da vida e do nascimento. A cobrinha só girando, lembrando da filosofia do pássaro Sankofa, é sempre bom evocar a presença dele.

A: Foi um encontro muito gostoso dos textos, e nesse lugar de ir brincando, estando, de repente aqui, de repente no passado, corre na velhice, chega na infância, morre, pari, bicho e cobra, imaginação, pata de elefante, e assim criando, não ficando cego de realidade demais. Acho que a imaginação tá aí pra guiar os nossos passos do futuro, que a gente tenha sempre o direito de construir tudo isso e de reivindicar nosso direito à imaginação, pra não ficar cego no meio desse caos.

E: Essa questão da imaginação puxa o gancho pra nossa última reflexão dessa noite. Como a vida é uma forma de transgressão pras nossas

vivências e corpos, quais relações de encontros nas artes do corpo, na performance, na escrita, nas assombrações, aparições, o que é possível com a fricção da vida do corpo? O que cabe no lugar da fricção da vida e do corpo?

A: Eu não sei se eu to muito tocada por tudo que a gente conversou, mas ouvindo essa palavra, eu só fico pensando sobre esses encontros, como eles multiplicam a nossa possibilidade em vida, a nossa força. Fiquei pensando na potência do bando, da coletividade, bando, encontro, o quanto isso transforma, por mais que seja cada um num lugar, eu já sou outro agora com esse encontro, mediado com esse futuro de tecnologia. Ao mesmo tempo, beirando a roda antiga, cada um num lugar, transformando o país em círculo.

E: Nessa fricção da vida e do corpo cabe tudo, cabe o mundo inteiro, o universo inteiro, quando a gente fala de coletividades, são no plural mesmo, são várias. Antes da pandemia, muitos de nós estávamos aprendendo e continuamos aprendendo o quanto é poderoso, bom e curativo estar em coletivo, em bando, estar junto. A pandemia nos colocou nesse lugar de apartamento, cada um no seu canto. Mas como são muitas coletividades, é possível encontrar tantas formas de contato e fricção quantas a gente puder imaginar. Por isso eu acho que cabe tudo nessa fricção, porque é o tamanho da imaginação.

A: Todas que a gente imaginar e aquelas que acontecem antes também, quando os acasos e os improváveis vem. Uma saudade dos abraços coletivos.

E: Saudade de todo mundo suado, correndo, pulando, babando, se esfregando, fazendo imagem, massagem.

A: Depois de suado, correr lá fora e o vento dar uma lambidinha fresca no corpo todinho. É bom fazer, mas é bom poder lembrar também..

Esse compartilhamento da transcrição faz-se necessário, pois a ritmização das palavras sendo faladas e transformando-se em pensamento-sentimento corporificado e compartilhado falando, mesmo quando transcrita, se diferencia do texto elaborado para ser desde o princípio escrito. É o corpo-caderno que se anuncia no aqui agora, sugere-se assistir ao vídeo do *talk show* para deslizar com esse pensamento-sentimento sendo construído, seus tempos e dilatações. Corpo-caderno, caderno-corpo não é conceito fechado em si, não visa limitar-se somente a essa maneira de nomeá-lo. Cada corpo é um livro que independe de gráficos alfabéticos, corpo diz, conta, remonta histórias, passados e futuros. Trans-pira. Cada corpo é, em si, enciclopédico.

CICATRIZ

As cicatrizes presentes no corpo são a evidência de que este se apresentou ao risco e ao acaso. Arriscar-se é o mais simples dos atos: viver. O corpo é atravessado por informações a todo momento (paisagens, livros, conversas, internet, relações, etc.); atravessamentos cotidianos podem ou não romper visivelmente a pele. Ao atravessamento da pele por acidente ou intenção dá-se o nome ferida e a sua restauração nomeia-se cicatriz. Cicatrizes são registros do tempo. Ao cravarem na pele traços, marcas, manchas e variações denunciam a construção de outro corpo, memórias e narrativas. Cicatrizes estão aquém do tempo e, por isso, são, junto a ele, passagens, impenitências: mudam de cor, diminuem, aumentam ou até mesmo somem na derme. Mas, ali, no pedaço de couro já atravessado reside a memória da cicatriz que em algum momento se tornou o não-visível.

cicatriz

ci·ca·triz

s.f.

1 (médico) Marca, sinal ou vestígio deixado por lesões ou ferimentos, em decorrência da formação de tecido fibroso que substitui os tecidos normais comprometidos.

2 (botânico) Sinal deixado em certos órgãos, devido à formação de novo tecido, pela queda ou corte de partes vegetais; escara.

3 (figurativo) Sinal ou vestígio de estrago ou destruição (guerra, calamidades naturais etc.).

4 (figurativo) Impressão ou sentimento imorredouro deixado por uma ofensa, desgraça, um choque (moral, espiritual, psicológico etc.). (MICHAELIS, 2022, online).



Figuras 34 a 43 – Cartografia Ferida. Brasília/DF. Acervo pessoal, 2017-2019.



















As cicatrizes não precisam ser visíveis na pele para existirem. Existem marcas que nos formam e são feridas perenes, internas, nas entranhas e na alma – local que machuca tanto que as crostas de proteção não conseguem se fixar –, como, por exemplo, identidades atravessadas pelo horror da gordofobia, do racismo, capacitismo, da exclusão social e dos genocídios raciais. Essas cicatrizes que não são visíveis só podem ser sentidas internamente e tratadas por meio de identificação e compartilhamento com alteridades que carregam a mesma ferida. Assim, podemos perceber que cada vez são mais recorrentes grupos exclusivos que se encontram a fim de debruçar-se sobre vivências específicas e feridas abertas por uma mesma opressão estrutural: grupo de pessoas gordas, de pessoas LGBTQIA+, grupo de pessoas racializadas, de pessoas que passaram por violências domésticas, migrantes, dentre outros. Mas nem toda ferida que arde e nos compõe pode ter sua raiz identificada: cicatrizes da infância estão cravadas onde? O corpo incorpora os feitos transformando-os em carne, criando poesias dissociadas do alfabeto. Cicatrizes evidenciam o *corpo-como-um-todo*; no árduo processo de selar o rasgo o corpo fala, escreve e faz *cicatriz-ação*.

No corpo, o suporte das cicatrizes visíveis é o tecido tegumentar, nosso maior órgão: pele, que se apresenta como um órgão mutante devido a sua constante renovação celular, ou seja, está sempre se *outrando*. Somente as cicatrizes mais profundas resistem à renovação, fazendo-se visíveis ao longo de vários anos. Com olhos de lupa revoltos atentamente para cada porção de pele. Cada cicatriz é memória, cada relevo e textura. A pele estriada anuncia a passagem do tempo por ela, as marcas são registros ali escritos sem auxílio do código letrado; poesias que demandam outro tipo de leitura, tempo e percepção.

Você já (se) leu hoje? Antes de continuarmos a leitura dessas letras, é provocativo que você, leitor(a), pare e se leia pelo tempo que sentir necessário. Deixe o olho aguçar a visão, toque fundo dentro do já conhecido, ampliando os poros, as marcas e os desenhos de tempo sob a pele. Se quiser, desconecte-se da visão ocular e tateie sua pele buscando as minúcias de seu relevo, suas diferenças e poesias. Leia a si na busca de cicatrizes externas e internas, identifique as suturas, as minas de sangue, os remendos que compõem sua subjetividade no mundo, porque é com essas antigas feridas, agora marcas, que desejo a leitura do que se sucede.

Cicatrização enquanto possibilidade de *escrevinhação* polissêmica. O corpo insiste e faz, pelas cicatrizes, reconta o que as palavras silenciam – inscrições de mundo, tatuagens de tempo. Inauguram, a cada novo instante, possíveis escrituras íntimas em carne: corpo-mani-

festos. Por meio dessa aproximação evoco a analogia das cicatrizes às escrituras/poéticas e a do corpo-como-um-todo ao caderno. Nessa outra possibilidade de escrita, que independe do letramento, todos escrevemos e somos, simultaneamente, inscritos de/no mundo: “*não há nada fora do texto*” (DERRIDA, *ad tempura*), a literatura nos compõe. O significado não cabe na ferida sobre a pele, não se explica.

A própria pele come seu ferimento, autofagia, come-se ao criar carne, mutando a si próprio, aceitando a impermanência da ferida e, por conseguinte, a do corpo e do tempo. Já diria Maria Beatriz de Medeiros “*inscrever a memória do tombo. Escrever o tombo da memória*” (2017, p. 40). Os machucados são fendas que mesclam interior e exterior do corpo, a cicatriz imagina o espaço aberto para o entre. As fotos até aqui são imagens que compuseram a instalação *Cartografia Ferida*¹⁸ (2019), trabalho que componho depois de perceber a quantidade de autorretratos a partir dos ferimentos em pele entre os anos de 2017 e 2019. O arquivo-casquinha não surgiu como proposta expositiva, o tempo que compõe a nova pele-cicatriz convoca a admirar também a irreproduzibilidade dos momentos. A foto, nesse caso, por um triz, congela a ação que não se estagna. Ela é milimal instante, conservado de pixels para aticar as memórias de sangue quando a ferida se outrar. Na cicatriz, em seu processo rasgante, se arquiteta fluido um espaço desejoso de *performances, ações e fuleragens*. Pulsa vida dos tecidos que cicatrizam-se, milímetros de sapiência, e unem carnes afastadas no susto. Como lidar com o imprevisível cravado na pele, no corpo? Como agir sendo o imprevisível no/do espaço público? Ou como desenhar cicatrizes em cotidianos-mundo?

Figura 44 e 45 – Ruas, ruínas e cicatrizes. Colagem digital. Feita por: Fran Xyk e eu, 2016.

18 Compôs as exposições “Palavra Animal Selvagem”, curadoria Yná Kabe Rodriguez na galeria Espaço Piloto, e “Kátya Flávia”, com curadoria do grupo Culto das Malditas na galeria A Pilastra, ambas no ano de 2019 e no Distrito Federal.



RENA



C

S ER

(')

da

FÉ

RIDA

[QUE]

SINAIS NORMATIZANTES X SINAIS NOMADIZANTES

Cicatrizes denunciam vida do corpo que lhes contém, mesmo que gigante e abissal, a vida se refaz do caos, do brusco rasgo aventurado do acaso. A escrita da cicatrização denuncia que ainda não é morte, fim, pois essa aproxima mais, dos rasgos do acaso às feridas abertas e sangue coagulado. Os micromovimentos do corpo reabsorvem e ressignificam rastros e rasgos que já não se tem certeza de onde vieram. Rabiscos do acaso, poesias encarnadas, incorporadas, eterno rascunho não-refeito, não transcrevível; as cicatrizes são sinais nomadizantes. O rasgo, a ferida, invade o corpo, instaura a fenda, o entre, o processo de cicatrização itera em carne, cria outro, marcando o desvio e escrita que chamamos cicatriz, anunciando outras transmutações possíveis: variâncias em vida de couros porosos ao encontro.

Logo, não há regras para atos de linguagem. (...) Daí resulta a necessidade da prática do improvisado, do desvio, a abertura à participação do itador e/ou seu silêncio. Os transeuntes acostumaram-se ao silêncio. Para retirá-los desse lugar de consumidor passivo, há necessidade de sinais nomadizantes (MEDEIROS, 2017, p. 77).

As cicatrizes formam um mapa indecifrável, secreto, caminho único da trilha terrestre onde hibridizam-se memórias que a mente já tinha esquecido, histórias do corpo cravadas em peles, caminhos, invenções, invasões e tantas outras querências e sensações. Misturadas às cicatrizes estão partes do meu/seu eu-caderno, construção identitária. Me reconheço nas estranhezas das feridas cicatrizadas (e em processo de), em cada parte que agora olho e sinto por mais tempo. É tudo isso que me torna eu mesmo, singular, e cria também as alteridades em autonomia: singularidades que podem se coletivizar. Fechar feridas, amar as cicatrizes são processos que demandam tempo – outro tempo não cronológico, tempo-corpo.

Sinais nomadizantes são sinais que produzem uma espécie de cesura, onde a espacialidade e a temporalidade anterior se tornam alteradas; uma tensão imediata e modificadora, arbatamento, nocaute, desesclarecer momentâneo, questionamento obscuro, perturbador, reflexos perplexos, pausas, desconstruções, mas não no sentido de destruir, pois **se desconstrói compondo**. Inegável força que nos arranca da mesmice e nos relança no processo. Trata-se de revelações, e estas afirmam a potência de transfiguração dos lugares-comuns, desestabilizam os *sinais nomadizantes* (MEDEIROS, 2008)

A cicatriz viaja além das normas, amplia a possibilidade polissêmica da palavra, palavreia sem nomear acasos. Cicatriz é sinal nomadizante no corpo, aproximando mais ainda a vida deste à possibilidade da singularidade, mutação, inevitabilidade e irrepitibilidade. Já outras marcas

que compõem o corpo, mas que não são provenientes do acaso cravado em pele, como tatuagens e cirurgias oriundas de procedimentos cirúrgicos eletivos, em maioria, são sinais normatizantes. Ou seja, compõem um espaço específico para a construção da fenda: desejo ou necessidade. São construções permitidas da diferença no corpo. No caso das cicatriz-acaso ou cicatriz-poesia faz parte o acaso que compõe o processo, a surpresa se inscreve no couro e daí se inicia a poesia não-verbal em carne. No corpo os sinais nomadizantes recontam sem expor travessias e tempos vividos, os sinais nomadizantes pertencem à literatura sensível dos corpos-caderno; cadernos-corpo.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a, o que salva então é escrever distraidamente. (LISPECTOR, 1980, p. 43).

Ao reler escritos, constato que sou ruim para fazer descrições de ações pessoais ou objetos, mas, isso não interessa nem à performance e tampouco à pele: a estas cabe exceder o próprio texto/gesto meramente descritivo a fim de alargá-lo, reinventando lógicas outras, priorizando a sensibilização do entendimento. A escritura é a curva no caminho do texto, forma mais cativa de falar sensações, de adjetivá-las, compor detalhes na imanência do vivido. O texto transpõe o corpo, *imagnetiza* e fragmenta sensações, mas não poderá ofertá-las ao exato. O corpo sincero, aqui-sendo, se insere, corpo-caderno.

“O prazer do texto seria irreduzível a seu funcionamento gramatical, como o prazer do corpo é irreduzível à necessidade fisiológica” (BARTHES, 2010, p. 24). As reflexões geradas, por meio do com-tato das palavras e ações artísticas, são transbordamentos da performance, pedaços de raiz da *mar()gonha*¹⁹ que, ao ir-sem-ver, esparrama-se solo adentro, rizomatizando novas florescências. Em si, carregam um sentido de incompletude; bem como o corpo, as linguagens artísticas, estéticas e literárias compõem, além da visão, a esfera política da sociedade. No sentir do corpo – em todos os sentidos – está imersa uma possível teoria performativa. O corpo é *a/ante/até/após/com/contra/de/desde/em/entre/para/per/perante* (MEDEIROS) pela experiência: engendra em si mesmo a teoria, re-cria, recreia, imagina. Talvez a teoria mais exata, o final da história amoral, seja experimentar e fazer com o corpo prazeres, arriscar-se a descobrir todos os onze sentidos, questionamentos e (i)lógicas. Propício precipício: cada corpo

19 Referência ao conceito *mar(ia-sem-ver)gonha* de Corpos Informáticos: planta que é, simultaneamente, árvore e rizoma; conceito que se amplia nas partes *ia-sem-ver* e *mar()gonha*.

é potencialmente político e toda a cidade passível (e necessitada) de *in-vazão*. “Caminhante, não há caminho!” (MACHADO, 1875, s.p.). Poeticamente, busco/amos brechas concretas para seguir incertezas do caminhar deambulante em arte. Extravazo/amos.

As letras e as marcas nos poemas, agora, adormecem e sentem fome: garatujas-vivas famintas. Fiz-me gatafunha, me desfaço das pautas. A escritura, agora, dura a eternidade de um quase-nada: são passos na lama, o remendo dos asfaltos na frente da casa de vovó, borra de café na xícara, leitura de lábios que acabam de inventar uma língua. A escritura se estende além do código, escorrendo, sem que nenhuma contenção lhe caiba: esparrama-se em corpos-cadernos, cadernos-corpo. Não se entende – sente, deseja, deseja. Caminhos torpes e dúbios são esses do fim que anunciam tanta bobeira, balbúrdia e *fuleragem* como táticas de sensibilização e *r-existência* poética.

Outrar-se em corpo-caderno supõe paciência e gana frente ao outro de si que se anuncia. Enquanto ensaia-se a poética das marcas, dos machucados e acidentes, outros olhares são destinados ao corpo. A desconstrução do olhar ao (próprio) corpo surge enquanto o mesmo processo se passa com o texto. “Portanto: nada de desconstrução sem prazer, nada de prazer sem desconstrução” (DERRIDA, 2014, p. 87). É a partir do prazer que “leremos” as marcas sobre a pele, exaltando sua hibridez poética e carnal. O prazer orbita o texto, o corpo expande-se. Enquanto ferida aberta, o grau do susto e das dores se sobrepõem aos prazeres, mas a cicatriz é a denúncia de vida, quiçá de prazeres possíveis.

REGISTROS DO JÁ-PASSADO: MATERIALIDADES PARA (TENTAR) SOBREVIVER AO TEMPO: OUTRO DO OUTRO.

Uma vez que as ações são realizadas em um tempo/espaço irrepitível (aqui-agora), variadas são as formas de se gerar registros. As formas mais utilizadas e comumente agregadas aos acervos museográficos são a fotografia e o vídeo. Ambos possuem as características de trazer a imagem da ação em um espaço-tempo outro. A imagem e o vídeo conservam em si um olhar específico – da pessoa que produziu e/ou editou as imagens, do tipo de material utilizado para captá-las, etc – inclusive, é através desses registros históricos de imagens que podemos ter acesso às ações anteriores à nossa existência. Não é possível pormenorizar esses tipos de técnicas de registro que agregam valor à possibilidade de construir uma linha histórica desse tipo de ações, fuleragens, performance, arte-vida. Porém, os registros não servem somente para a função histórica da arte. Os registros são, também, o ponto de partida para outras criações.

Em minha trajetória artística, fundida de poesias, fuleragens e teatro, sempre recorri ao uso da palavra escrita para dizer o que por muito não conseguia oralmente. Sendo assim, cadernetas e blocos de anotações sempre foram materialidades do meu pensar-agir artístico. Já há alguns anos fazendo ações, percebi que praticava uma rotina em relação aos registros destas práticas. Em sua maioria, logo após a realização me sentava e escrevia (em forma de escrita automática, rabiscos e garatujas, sem revisão e preocupação gramatical e/ou de formatação). Escrevia, escrevia, escrevia, escre-via, ex-crê-e-via, escrevivia, escrevia e escrevia. Percebo que o registro, que faço, em maioria se dá por meio da palavra escrita, mesmo que haja vídeos e fotos feitas por terceiros. Esses textos após-ação são registros sensitivos desse eu-corpo. Eles, por si só, já não são mais a ação em si, se tornam outra coisa: desdobramento e rastro do acontecido. Ambos, ações e desdobramentos, existem em um regime de mutualismo, onde os dois lados da relação se beneficiam. A ação pode ser desdobrada por meio da palavra escrita e a palavra escrita encontra seu ponto de inspiração na experiência vivida pelo corpo. As palavras destes registros, então, não fazem parte das palavras-sentadas, aquelas feitas na biblioteca, palavras achatadas de bunda na cadeira: dizem mais respeito a de outro tipo de escrita, aquela que coça, que incomoda até que tenha rumo para o papel (ou não). Nascem do suor do corpo que brinca e se arrisca, são transcrições da carne para o papel, suturam a ação do tempo passado reinaugurando-a como memória e ficção.

Pensar numa literatura que não lhe retire a carne, não promova assepsia,

nem queira legislar sobre a ordem e o bem. Talvez convocar a oralidade, o saber não escrito para dialogar com as estruturas alfabéticas. A escritura poética estranha e desnaturaliza os fios dos textos, permitindo outras tramas (AMARAL, 2018, p. 37).

O prazer do texto não é forçosamente do tipo triunfante, heroico, musculoso. Não tem necessidade de se arquear. Meu prazer pode muito bem assumir a forma de uma deriva (BARTHES, 2010, p. 26).

Quando a ação em tempo real acaba, seus rastros ainda reverberam por meio de seus feitores ou iteradores, sendo ponto de partida para que outras possibilidades artísticas se desenrolem por meio de registros: variações sensoriais e estéticas. A necessidade de falar sobre o registro é da ordem de frisar que a performance e a fuleragem (bem como as outras formas de arte) deixam marcas, rastros e reflexões naqueles que a presenciaram. Como, por exemplo, uma ação que aconteça em espaço público e se torne viral na internet. O registro pode também ser uma bela mentira, “mentira como verdade poética” (MORI, 2015, p. 12). O registro é brincadeira. Como contar algo que não volta e que desde seu surgimento não possui uma só versão? O registro não é único, ao contrário, é múltiplo por essência. Por se simpatizar com os burburinhos, as fofocas, e, como já nos colocaria a tradição oral (que não podemos esquecer é a mais antiga forma de registro), *quem conta um conto aumenta um ponto*. A ação abre o leque da imaginação, das tantas possibilidades pessoais de sentir sobre um mesmo fato, abre o leque e balança no vento todas as versões, nenhuma é falsa. “Tudo o que é imaginário tem, existe, é. Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é” (ESTAMIRA, 2013, p. 8). Não há imaginação errada, esse registro-imaginação, poesia ou rastro não é mimese do acontecido. A ação é inspiração, provocação e ponto de partida, combustível para o porvir.

A busca pelo registro poético escrito se origina em um corpo afetado pelas sensações da performance. O corpo escreve depois de experienciá-lo (*excrevivenciá-lo*). Nesse sentido, o texto e a pulsão da escrita reconhecem o corpo como espaço primeiro da experiência, a pele como meio onde as coisas do mundo se misturam. O texto propõe outras imagens, inexatas. Esse texto não é verossímil e seu desejo de amplitude coincide com a capacidade da pele de se afetar e de trocar com o mundo.

Buscar outras formas de registro é, também, escolher de que maneira recontaremos vivências e experiências. Daqui há cinquenta anos, por exemplo, o que restará das vivências dos anos 2000? Brincar o registro é brincar com o futuro por meio de um jogo criado aqui-agora. O ato de criar registro não é sobre unificar os fatos, é sobre a possibilidade de escolher criar

lastros de resistência em uma época. Sabemos que a história mais difundida do mundo não é real. É apenas uma das versões que foi escolhida como verdade, a do colonizador/opressor. Ao multiplicarmos o registro são ouvidas as vozes e as avós, também, (d)as minorias e (d) as histórias que, normalmente, estariam no limbo do esquecimento: arte de rua, fuleragens, ações, performances, aparições...

Voltamos os olhos e os sentidos para os registros, garatujas, feitos de forma escrita, quiçá literatura, poesia, artigos, bilhetes, cartas, etc. “Cabe a literatura na contemporaneidade não mais reforçar identidades nacionais e sim, revelar as fissuras, os rasgos nas bandeiras puídas das civilizações, a tinta de sangue que escorre nos escombros que já foram templos” (AMARAL, 2018, p. 38).

Priorizo memória feitas pelas pessoas que vivenciaram o acontecido – como fatores e/ou iteradores – já que, aqui, buscamos *vestígios da experiência*. Como qualquer uma destas pessoas pode gerar registros, amplia-se, também, o conceito de autoria e pertencimento à ação, invocando inclusive reapropriações sobre o vivido. Assistir uma vídeoarte que deriva da ação poética, visitar uma exposição com fotos de performances passadas ou ler uma poesia-registro é experiência, logo, corpo. Mas, nesse caso, a localizaremos como *experiência do desdobramento*. Desdobramentos são, por si só, outros e não o mesmo. A ação primeira é o ponto de partida para surgimento dessas outras poéticas, portanto, consequência, mutação.

Essa escolha parte da vontade de (des)entender como a palavra escrita se torna múltipla por sua ausência de imagem, e convida a leitora a criar para si imagens e versões pessoais do ocorrido. O texto se *esbeira* evocando a imaginação de quem o lê. Portanto, a estagnação de palavras escritas só existe para gavetas e estantes, local que impossibilita a partilha e (des) construção dos escritos pelo encontro da leitura. Vale ressaltar que a performance, como ponto primordial para a continuação da poética, funciona como *big-bang*: possível início de universos.

DOS REGISTRO EM ARTE AO CORPO: TUDO ESCRITA

O limite tem a forma de falhas sempre diferente de fissuras, cuja marca ou cicatriz todos os textos filosóficos sempre carregam.

Jacques Derrida

A escritura transborda o papel, o suporte, cria corpo que é voz e vez de quem escreve. Escrever no mundo é, substancialmente, arriscar-se, em território desconhecido: simultaneamente inscrever-se e ser *inscrite*. Revolto os olhos ao corpo e escritas – cicatrizes visíveis e invisíveis. Texto sem letra, textura em dermes, carquilha. Sulcos profundos do órgão-casca que nos envolve. Viver é inscrever de-com-para o mundo. Esse corpo, mutante, me *caderna* nele. Leitura, no tato, no tesão, no cheiro. O encontro se escreve, nos escreve, me escreve. O corpo acontece, fala, escreve, sangra, dança, goza, grifa-grita.

No corpo inscrito-escrito, marcas e processos, cicatrizes, estrias, rugas, celulites, cortes e acidentes são léxico pessoal e ficcional, às vezes compartilhado. Enigmática derme de leitura não letrada. Percursos *acidênticos*²⁰ me fazem crer poesias nas *perebas*: alteridades criando suturas.

Paradoxo do invólucro que vivemos, a pele marca o tempo, o tempo marca a pele. Ao nascer, folhas vazias, caderno e pele, imprecisos, recém “impressos” e, ainda, não modificados. Desde o primeiro suspiro o crescimento e o contato com o externo deixa marcas. O tempo impresso sobre a pele faz pelanca, se estica, rasga, renova, modifica, cicatrizando os riscos vividos. O sensor-pele é ininterrupto, exterioriza o ritmo do corpo e seus desejos (im)possíveis. Livro popular de livre acesso que, para leitura, vale mais os sentidos e o sensível do que o domínio alfabético. Somos milhões de volumes em tiragem única, independentes, apesar de não solitários: matilha de corpos-caderno vivos. Manoel de Barros diz que “a palavra tem que chegar ao grau de brinquedo para se tornar séria” (2010, p. 348). Nesse grau brinquedo as palavras se *despalavreiam*, lemos paisagem sob tempo, couro como caso, percurso como cicatriz, caderno como corpo, *visse-verso*.

A palavra “rua” deriva do latim *ruga* que significa sulcos, caminhos. Tomando as rugas como possibilidade de inscrição no/do caderno-corpo, é possível aproximar as ruas de uma cidade, suas cicatrizes e escritas planejadas pelos viventes. A cicatriz do asfalto, os sulcos da rua

sob a cidade, os caminhos marcados no piseiro em matas fechadas, que persistem há centenas de anos, são alguns exemplos que nos permitem metaforizar os territórios como corpo marcado por meio das ocupações vivas. Cicatrizes, caminhos e rugas são *cavucados*, desaparecidos, alargados e achados no território independentemente da atividade humana, pois outras formas de vida também desenham suas rugas de antiguidade: a água lúbrica passeia em veia, bombeia tudo quanto antes-ainda do *Homo sapiens sapiens*. Os rastros mamíferos, a geometria aracnídea e a perspicácia *insectea* inscrevem-escrevem nossos tempos, compondo a poesia que as grandes metrópoles, ao não conseguirem decifrar, esforçam-se para eliminar. Segredos antigos em pedras-diário estão intactos ao longo dos milhares de anos em ancestrais ossadas, diários mumificados nos revelam passagens que jamais saberíamos caso não houvesse essa outra escrita em/entre vida e morte com as marcas, os fósseis, as trilhas, encruzilhadas e memórias das vidas sobre a terra.

ESCRITAS SEM LÉXICO: ITERAÇÕES VIAJANTES

Os animais me olham. Com ou sem rosto, justamente. Eles se multiplicam, eles me saltam cada vez mais selvagememente aos olhos à medida que meus textos parecem tornar, como quiseram fazer-me crer, cada vez mais autobiográficos.

Jacques Derrida

O reencontro da escrita com a materialidade do corpo que somos é agenciada também por fatores externos, muitas vezes iletrados. Em destaque estão as imagens dos animais que deixaram inscrições, trilhas, em meu corpo. Relembrando-me que todo corpo é uma extensão possível e desejada para a escritura.

Ambos os casos aconteceram durante viagens, e, por isso, se conservam como pequenas lembranças – *souvenirs*. Acoplamentos do deslocamento das carnes no mundo-agora, registros acidentais. Em nenhum dos dois casos a seguir houve encontro visual entre as partes, nossas relações se deram por contato cinestésico, dor, mistério, marca, memória e(m) vôo..

POTÓ, 2017



Figura 46 – Potó, *Paederus irritans*. Internet, 2021.

Observo há alguns dias a cicatrização – *trans-forma-ção* – estranha-coisa-que-não sei, bolhas que de tão cheias explodiriam a qualquer instante. Performance mutante sobre pele: o que é esse líquido que escorre? Afetado pelo fato, vivi o drama canceriano acreditando que duraria pouco tempo. Mas bastou uma olhada mais atenta ao corpo para perceber uma queimadura de segundo grau, profunda e vasta. Não consegui me lembrar de nada que pudesse

ter me queimado. Estranhei não ter sentido dor em hora nenhuma. Aceitei a queimadura da performance mutante na pele e comecei a viver o mistério embutido nesses fatos.

Transmuto possibilidade ao ser caderno. Debruço-me sobre o mistério em pele e descubro uma estranha criatura, pequena, bicolor e de rabo bífido. A moça na praça Diogo Teles me disse que o autor se chama Potó, é atraído pela luz e que na época de início ou fim de chuvas se aloja dentro das casas e tende a preferir roupas e superfícies claras. É um bicho bem medroso, aos mínimos espantos se sente acuado e queima. A substância só é corrosiva em contato com a pele humana, sendo capaz de passar por têxteis sem prejudicá-los.

- (...) e o que queima não é ele. É o mijo!

Nessa viagem de encontro ao Potó, presença inspiradora, meu caderno guardava poucas escrituras, mas em mim algo havia sido escrito, profundo e literalmente. 01 de janeiro de 2017. Voltei para o acampamento, forasteiro naquele interior que hoje (2021) moro, com a memória do Potó. Potó sobre mim. Silencioso Potó, corrosivo, intenso e medroso bicho, Potó, Potó, Potó... Sem dó nem dor, segui forte, as pernas cicatrizando com babosa (*Aloe vera*) a passagem do bichinho, nosso ex aqui-agora. De longe, vinha em mim a felicidade e necessidade desta acontecência. Em toda pequenez de besouro, o *Paederus irritans* me fez retomar ao corpo. Buscar significados para aquele mijo corrosivo: por dias acreditei que a marca se assemelhava a uma sereia, mas logo transmutou-se em dragão. O significado não cabe na ferida sobre a pele, não se explica. Como lidar com o imprevisível cravado na carne?

Quanto mais próximo o encontro com o Potó, mais abismou-se a distância de papéis e a proximidade com a redescoberta da pele: ao queimar, deixa sobre a pele parte dele. Espera-se do corpo, enquanto sinal de vida, absorver a ferida, resignificando-a. Espera ativa cicatrização e escritura sobre pele: caderno-corpo, corpo-caderno. Corpo todo afetado, compondo com o rastro do bicho outros cotidianos. Me reconheço nas estranhezas das fendas cicatrizadas em cada parte que agora olho e sinto por mais tempo, em diferença. É tudo isso que torna *noiz* mesmo, multidão e singular.

Agora, a cicatriz está feita, nova-outra pele regenerada, na marca eus e o bicho seguimos caminhos diferentes. Não sabemos de nós nada mais além da cicatriz, tempo e memória alargados do nosso encontro. A cicatriz profunda é trilha de registro, não é destacável, analisável fora de contexto, é a própria lembrança que nada há além do corpo, do corpo como um todo: mar(ia-sem-ver)gonha. A pele é o registro mais íntimo dos *eus* que compõe cada

singularidade viva.

Potó, pequenino, age tal qual o próprio querer performático: invade, escorre, marca, não passa despercebido, itera e compõe. Reinventa registros e encontros. O besouro alheio às construções humanas de conhecimento gera importante nota: fuleragens, ações poéticas, performance e registro são bem mais que definições acadêmicas ou artísticas; elas transpõem no corpo a urgência de reconhecer-se parte, atíça a ocupar por inteiro o ato no corpo. Como versão viva do caderno, o corpo registra em tinta de sangue e fluidos, vive com o risco perene de afetar-se e escrever-se em/de memórias reais e/ou/simultaneamente inventadas.

A aparição do Potó faz *rechegança* ao corpo. O acaso desconhecido compõe o desejo anti-go-novo de ser em mundo. Rever o couro é deparar-se com outras marcas de trajetos que compõem o corpo-como-um-todo. Reinvento ao reler o caderno-corpo, hospedagem na hostilidade do corpo com deleite, encaixe no entre das cicatrizes. Cruzo em nós a teoria por cá apresentada a fim de conceber outro momento da mesma pesquisa: o corpo se insere, sendo escritura e(m) ação, compõe o encontro, itera.

CANDIRU, 2018



Figura 47 – Candiru, *Vandellia cirrhosa*. Internet, 2021.

Ilha do Combu – Pará, setembro de 2018

Enquanto nadava *sozinha* embaixo das palafitas, sendo marca no rio, e observava as paisagens verdes, uma dor nunca sentida irradiou na panturrilha esquerda. Rio bravo, água intensa. Eu, morador de nem-tão perto das águas, não conseguia imaginar o que seria ou de onde viria a dor. Aguda e circular, paralisante. Por sorte, estava a favor do rio e foi somente deixar a correnteza me levar para a palafita de onde havia saído. Olhei a perna, um pouco assustada e com dor, mas não vi nada. Estranhei. Logo depois, moradores da ilha comentaram que eu tinha encontrado com o Candiru.

Peixe muito pequeno, de boca circular e dentada, atraído pelo cheiro e calor da urina, que é conhecido por entrar na uretra das pessoas. Guardiã da água doce. Não fui eu que fiz o xixi na água – inclusive por isso e só por isso, não fui hospedeira do peixe. De alguma maneira, estava em um lugar que talvez não devesse estar. Tendo em vista as queimaduras do antigo encontro com o Potó, as mordiscadinhas do Candiru soaram no couro como aviso sutil. Dona Rosa me disse: “o candiru quando não entra dentro da uretra da pessoa, em suas mordidas escreve a letra do primeiro nome da vítima” (2018). Essa informação me balançou: será que

o candiru escreveria a letra do meu nome morto (de registro) ou de mEu nome que sou, Alla?

Sol se pondo nos rios largos, paisagens anoitecendo-se e eu ali tentando ler linguagem alfabética na mordida animal. Hoje com distância penso: cena patética, mas engraçado lembrar. As mordiscadinhas extrapolam o desenho do alfabeto que fomos acostumados, são além mais que letras e pontuações. Em mordidas acontecem marcas que grifam-gritam no corpo-caderno, são isso e aquilo: ponto *signal*. Sem fim, o processo de cicatrizar-se e de rasgar-se são inesgotáveis. Agente do tempo, ponto *signal* é a possibilidade que não se restringe ao final, processos continuados, desdobramentos em consonância como a fala de Antônio Bispo: “Nós somos o começo, o meio e o começo. E por isso existiremos para sempre, porque para nós não existe um fim. Sorrindo nas tristezas para comemorar a vida das alegrias, nós somos a gira da gira da gira” (2018, s.p.). O fim e o início acontecem simultaneamente, o fluxo da vida e da morte se anuncia a todo instante, vivemos por aqui eternos *finícios*.

As marcas do Candiru só aparecem 24 horas depois, formam-se casquinhas superficiais, e em menos de três meses já estão incorporadas na derme memória, *ficceridade* (ficção e[m] sinceridade). Nesse evento, bicho de escrita mutante e apagável, escrita com tom de lembrança, mistério e dor. Segredos da carne. Escrita não-gente, inscrita nas águas, é bicho o que preciso escrever. Outros contatos, outras texturas poéticas. Minha pele anda cansada dos formatos, já nem cabe nas modelagens padrão de roupa, roletas, bancos, quem dirá nos textos. Quero jogar água, dissolver(-me) nesses textos que escrevo. Corpo-caderno se reedita a cada banho de ervas. São muitos. Caminho que se alumia nas prosas encontradas na carne folheada.

De olho no couro, de olho profundo na carne.

ESCA(NCA)RA

ORÍSA ÌKÚ: Morte, aprendemos que aqui o senhor não é tão “feio” quanto nos parecia, prometemos aprender a respeitá-lo sem temê-lo.

ORÍSA ORÍ: Nossas buscas foram encontradas, nossas dores aliviadas, ajude-nos a caminhar com os pés muito bem plantados na realidade.

Mãe Stella de Oxossi

Em susto pandêmico, minha mãe, Maria Célia, foi internada em janeiro de 2021 e dificilmente respondia a estímulos externos: sons, toques e afins. Sob pressão, seu caderno-corpo cede e o interno transborda, *esca(nca)ra*. Escorre sangue e secreta vida em silêncio, grita existência aguerrida, respiros dérmicos de um couro que ainda sobrevive, apesar do fim – de si e do mundo agora. Couro esse aberto sob pressão (des)necessária, carne de onde vim, ferida no corpo que fui. Eu em olhos de cria, girando a gira dos cuidados, no externo de minha visão anseio pelo dentro da sua carne. Sem muitas palavras ditas, acompanho a *escara*. Comunicação e escrita se apresentando em formas que não prevíamos: cada curativo, cada carne nova ou tecido fibroso que se forma dialoga comigo, segue escrevendo no couro-mãe a ação de desejar a vida. Anseio ver uma cicatriz no lugar desse presente de agora. Uma cicatriz, um fecho na memória da carne dela e na de meus olhos. Nos narizes que sentem cheiro de carne fresca, sanguinolenta, multi-tecendo (*sic*) adiamentos do fim já esperado, habita a esperança, o delírio de ser-estar juntas novamente em risadas. Essa ferida multidirecional se recria para tapar o oco do mundo entrando na carne. Falo sem palavras com minha mãe por buracos que, desacordada, responde em fluidos: sonda, dreno, aspiração. Nossa comunicação imaginativa aguça o já criado na fala e escuta de tantos anos, se reinventa.



Figura 48 – Escara. Hospital Santa Lúcia, Brasília/DF. Foto: Alla Soüb, 2021.

Quando comecei a escrever sobre cicatrizes, a partir do corpo composto por ações externas, não havia me deparado ainda com o contexto hospitalar. Tampouco com o *quase-vida-quase-morte* atualmente tão presente, seja pelos milhares que se amontoam devido aos óbitos da pandemia da COVID-19, seja por outras enfermidades e/ou violência estatal. A morte ronda próximo, passeia pelos vivos, e também os encoraja a viver. Enquanto tecem(os) outras comunicações, criam(os) táticas de embandar-se para, coletivamente, sobreviver no impossível território Brasil.

Acompanho minha mãe como quem trilhasse mais pedacinhos das memórias que ficarão comigo quando a Iku²¹ a abraçar. Nessa trilha, o movimento da vida continua, como quem fica assimila a memória das interrupções? Maria Célia me acompanha em sonhos, brincadeira inconsciente, sempre está falante ou rindo, em casa, na cadeira de rodas. Oniricamente quase fui a seu velório, mas não pude chegar porque precisava comprar antes as balas para Cosme e Damião (Ibeji) que sempre acompanharam seu percurso. Doces na mão, flash, minha mãe me liga. Os encantados agora dão recados por ela, que se entremeia no real e no cósmico. Eu que já fui só lágrimas à espera de Iku. Aprendo nas microatividades que se inscrevem no caderno-corpo de mamãe, a ser fluxo de ação, continuidade e diferença.

Das últimas coisas que ouvi da boca que me pariu foi a música de Gonzaguinha, que ela cantava em alto e bom tom, rimos, tinha tempo que não ouvia tão forte sua voz:

Quando eu soltar a minha voz por favor, entenda
Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa se entregando
Coração na boca, peito aberto, vou sangrando
São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando
Quando eu abrir a minha garganta, essa força tanta
Tudo aquilo que você ouvir, esteja certa que eu estarei vivendo
Veja o brilho dos meus olhos e o tremor das minhas mãos
E o meu corpo tão suado, transbordando toda raça e emoção
E se eu chorar e o sal molhar o meu sorriso
Não se espante, cante que o teu canto é minha força pra cantar
Quando eu soltar a minha voz por favor entenda
Que é apenas o meu jeito de viver
O que é amar... (GONZAGUINHA, 1980)

Música de coragem, despedida e chegada. Um fim que não se acaba: ela se transformou nessa canção naquele momento telefônico. Como se de repente ela se extravasasse de si na poesia do compositor. O silêncio da minha escuta, o barulho da sua voz, nossos risos, tudo isso virou marca, cicatriz, em mim, registro de corpo-caderno, quiçá, capítulo inteiro. Brincadeira

simples que se tornou inesquecível. Dois dias depois, em colapso, seu corpo convulsionou e parou de reagir a estímulos externos. Mas e eu? Eu que fui o interno dela tenho tentado em presença *reaconchegar* o seu corpo do momento, ler no entreato dos piscar de olhos suas sensações. São quase cinco meses de internação. Nossa. Cinco meses de comunicação sutil que nenhuma escola poderia ensinar, são pelo menos três meses de desletramento em escara.

A ferida aberta pode ser denúncia de vida e aqui, *sinto-vejo*, é! É na ferida que cheiro e vejo o esforço para se manter. A escara sacral surge em decorrência do tempo longo em que está acamada, mas, também, devido à pressão que se exerce em lugar que sempre foi curioso para Maria. Ela mesma vivia brincando quando eu era pequena: *olha só, filha, eu tenho um rabinho*²²! Ali, no oco, na carne fresca, jaz o rabo de mamãe. Onde, eu que me atrevo a olhar por mais tempo, o vejo ainda revestido dessa carne fresca, arredondado rabo, coluna, sustentação, alicerce. Balanço meu rabo imaginário lembrando de apoiar o corpo materno quando, já frágil, dançávamos forró coladinhas em São Luís ao som de Marília Mendonça. A escrita da ferida aqui é a memória do rabo, do tempo e da vontade de ser bicho que nunca passou. Talvez desaprender a ler, lendo mais que palavras, seja passo dessa *vontade-bicho*: passeio e conhecimento em outras grafias e poesias de mundo. Quero proteger o rabo, o corpo dela se prontifica em criar carne para cobri-lo, lentamente o rabo vai sendo coberto e nosso segredo fica, enquanto isso, exposto.

Nossa passagem no hospital também se escreve; ouvimos música, deitamos na mesma cama, ajeitamos cabelo, balas de Ibeji comemoram cada visita da equipe e todo dia passamos alfazema no Ori. Se tornou casa o que antes era pesadelo, pela necessidade de compor um jeito mais nosso para habitar a frieza do hospital. Mas nós que sempre gostamos de aventuras, assim que possível, queremos mesmo chegar em outra casa, nossa, casa de vó, mãe da mãe para sentir o cheiro de banana-da-terra frita que conecta essas três gerações. Aprendendo com o corpo ferido em escara e grafia, como criar impulsos de vida em meio ao sistema colapsado que estamos imersos? Como ocupar com diferença e afeto todo tempo que Iku nos permitir?

Dançamos, criamos o tempo. Madrugada, luz colorida, período de menos vigilância no quarto. Ajeito a cama, mamãe abre os olhos, eu-água transbordo de sal e(m) lágrimas. As ondas de

22 MC tem a última vértebra da coluna bem protuberante e, por isso, fazia analogia com cauda/rabo. Essa protuberância acelera o processo de feridas por pressão.

Yemanjá, que regem meu Ori, se aproximam para a delicada condução. O corpo de mainha está entregue como presente a toda gravidade, pesado e relaxado. Conduzo-a com todo cuidado que conheço, e ela, já de olhos abertos, tenta acompanhar numa dança só-olhos, seu corpo que se mexe pelo corpo que ele mesmo fez. Encontro dos tempos. Essa dança que ali mesmo já se/me transmutou em carne, poesia incorporada, memória. Por vontade de registrar de alguma maneira nossa intimidade, nossos corpos e toque, fiz alguns registros pós experiência dançante com o disparador automático do celular. Esse registro é um agradecimento à vida, ao privilégio do cuidado e, sobretudo, à resiliência de mamãe nesse período (por mais que tente aqui), indescritivelmente difícil para todes envolvidos (suspiro). Ali naquele momento de suspensão que criamos estavam, inevitavelmente, todas as forças e encantarias que nos regem nesse plano terreno. A dança acontecida aqui é arte, encontro, *fotoperformance*, mas, irrevogavelmente, reza.

Os saberes e sentires se confluem no ritmo do silêncio hospitalar e do gesto. A dança gesta nossa memória, a memória crava dentro de nós a marca invisível da cumplicidade. Sem noção alguma do tempo que ali ficamos, agradeço e, por fim, dormimos ao som de chuva. Água que sem ela nada vive. A úmida lembrança do ciclo: *finícios*. No tempo que nos cabe sem intercorrência durante o trânsito hospitalar gargalho, gargalho alto. Antes da partida de meu pai, lembro-me de ouvir de um médico que a audição é o último sentido que se perde.

Se ela por enquanto não fala, e vivemos essa ausência da voz, barulho eu por dois. Quero e aconteço para que a mãe ouça gargalhadas e Gonzaguinha enquanto for possível. Que Iku ao abraçar, eu ou ela, complete sua missão para as travessias que desconhecemos, mas que possamos ir em paz, sabendo que os mistérios da vida são poucos e rápidos frente à travessia de tornar-se ancestral:



Figuras 49 a 51 – Dança-performance com Maria Célia. Hospital Santa Lúcia, Brasília/DF, 2021.

Figura 52 – Sem título.
Autorretrato por Alla Soûb. Brasília, 2021.



Sinto o meio do caminho em que estamos, todos nós, pessoas e outros seres ainda vivos, em constante luta para ocupar essa terra em ruína. O equilíbrio da vida é uma dança descentrada, equilibra-se na estrutura que aniquila subjetividades em função de um mundo cada vez mais hegemônico. Muitas vezes vemos nossos próximos se estraçalhando antes do tempo, sem poder ir até o abraço do “belo e guerreiro” orixá, são interrupções brutais: violência. Nossas memórias são fraturadas pelo rastro dessas violências e do descaso, fraturam nossas memórias desde antes da pandemia, nessa cicatriz que existe e nos une ainda vivos.

Em multidão dançamos, nascemos e morremos antes do abraço de Iku – o início do desconhecido. Pisamos na terra, escalamos árvores, montanhas, comemos frutos e frutas, mergulhamos nas águas profundas, toda energia que nos envolve é, ou pode ter sido, gente. Mesmo se não, tudo está vivo até a morte: fínicio. Dessa nova possibilidade que pode vir a ser a Morte, nada mais propício para fínícios acolhedores do que um abraço de quem já conhece o mistério: Iku. Em calma, sem pressa, o abraço vem, acolhe, protege, apresenta. Morte: memória de quem fica, aventura de quem vai.

Saúdo Exú, Yemanjá, Ibeji, Ori, Iku e os demais orixás. Suas ensinanças que grifam no caderno-corpo sabedorias que (quase) nenhum código poderia fixar.

Essas reflexões são possíveis junto às conversas ocorridas no Grupo de Estudo Compositivas: Saberes Regenerativos com Beatriz Nascimento (proposto por Millena Lizia e Walla Capelobo) e à parceria com Elton Panamby que se estende ao longo dos anos, enraizando nossas existências em cuidado, reverência ancestral e composições para reorganizar o presente que nos contém.

À Maria Célia, ou Lis, como só eu a chamo, agradeço aos anos, as escolhas e a vida. Agradeço ao caos e a diferença que nos une. Carrego marcas no Ori e na carne dos aprendizados sobre desestigmatização de doenças (sobretudo a que ela enfrentou mais de uma década: câncer) que me fizeram, pouco a pouco, alicerçar vontades, reassumir o corpo próprio em toda vulnerabilidade, complexidade, e, apesar dos abissais estilhaçamentos, amar as cicatrizes e rasgos que compõem e *poesiam* corpos-caderno.

Esper-ativa

(D)-ança

Como acompanhar a espera de Iku do corpo que lhe gestou, pariu e cuidou? De cá, nossa espera é anunciada em movimentos contínuos de buscar desospitalar-se mesmo na impossibilidade de sair do hospital. Acolhemos em toca o que sufoca. Em uma possibilidade de troca, participamos, pela primeira vez, juntas de uma sessão do Risco Experimental (PE). O Risco Experimental é um grupo de estudo de desenho de modelagens vivas da cidade de Recife, Pernambuco, coordenado por Bruna Rafaela, artista plástica e professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



Figuras 53 a 55 – Resultados da modelagem viva online com Coletivo Risco! de Recife/PE. Desenhos de: i) artista desconhecido; ii) Cacá Soares e iii) Felipe Sidharta, 2021.





Alfred + Me
RSC 60
21:6:21

Sintonizar meu corpo de filha no tempo da imobilidade de mamãe. A atenção necessária para as micro comunicações dela por movimentos oculares ou tosse se multiplicaram. Imersas no gigante hospital, entocadas no quarto, o contato e experiência com o compartilhamento da nossa vivência por vídeo chamada com coletivo desconhecido e a novidade para a maioria da equipe de enfermagem fez com que esse momento se tornasse inesquecível. Grifado e gravado por desenhos, mas não só. Vivendo o momento frágil dos cuidados paliativos do ser amado, a arte se apresenta como desdobramento. As palavras aqui nessa experiência (e relação) também se apresentam frágeis, imprecisas. Para escrever choro-rio enquanto relembro da improvável mistura e das linguagens que em duo, sangue do sangue, experimentamos para aproveitarmos ao máximo nossa experiência até que o próximo encontro seja possível. Não sabemos onde.

Puro enquanto, ao invés de por enquanto, estamos aqui, ainda juntas. Em vida, modelamos no desdobramento de “modelo-vídeo” proposto pelo Coletivo Risco. Uma respiração de cada vez, um segundo que abriga um mundo, brinco de sintonizar minha respiração a dela como forma de meditar e esvaziar as ansiedades que, se descuido, me partem antes da hora.

Figura 56 – Ex-escara. Hospital Santa Lúcia. Foto: Alla Soüb, 2021.



DEBRIDAÇÃO

Mainha, você acabou de ir para o centro cirúrgico suturar com ajuda de materiais de costura o espaço que seu corpo luta a tantos dias para fechar. Tá com saudade de deitar direito, né? Acho que já guardei em mim o tempo das nossas respirações juntas, fico aqui no quarto me conectando na lonjura no seu halo de vida. Te espero na volta, as balas dos tão queridos Ibeji me confortam. Fora do nosso leito, todo hospital transborda frieza e barulho de máquina.

brida

bri·da

sf

1 V rédea, acepção 1.

2 FIG O que atrapalha, estorva; empecilho, obstáculo, trava.

3 ZOOL V loro, acepção 5.

4 MED Aderência que se produz no curso da cicatrização de uma ferida ou de uma inflamação serosa.

desbridar

des·bri·dar

vtd e vpr

1 Soltar(-se) (o animal) da brida ou do bridão; desembri-dar: *O cavaleiro apeou do cavalo e o desbridou. O animal desbridou-se sem que o fazendeiro percebesse.*

vtd

2 MED Remover as bridas ou o tecido necrosado de uma ferida:

O médico desbridou as feridas do paciente cuidadosamente.

(DICIONÁRIO MICHAELIS, 2022, online).

Estamos no meio de lugar nenhum, onde muita gente passa, mas ninguém quer ficar. Cá estamos, ainda em duo, acopladas no amor-mamífero que a cada momento faz de tudo para entender e receber em paz Iku. É um ponto de virada, mudança no modo, que por aqui no texto se apresenta como uma variância de tema. Um recorte em amplitude do assunto que sempre permeou minha vivência, mas que ainda não havia tido espaço poético e político assegurado nas memórias unificadas pela literatura.

Eu te olho no ápice da sua fragilidade e sinto fortaleza, mãe. Estamos quase renascendo, a quase 9 meses vivemos a vida com o fluxo que a residência hospitalar nos permite. Em uma semana reinauguramos a nós em parto nunca imaginado: celebramos nossa gestação inventada, despedida em câmera lenta.

A partir daqui seguimos no retalho da ferida, na colcha de couro, na instauração do convite para que a cicatriz efetivamente se forme.

(si-lêncio, I u z âmbar)

Sua comadre me ligou hoje, disse que de noite você a visitou e colocou uma pulseira de São Jorge no pulso dela. Ela se arrepiava e contava, você nos ronda, nos contém. Na noite seguinte você adentrou serena e gargalhante nos meus pensamentos, enquanto eu dormia, e me agradecia muito ter te tirado da UTI. Sabemos que isso não será feito por mim, você nos ronda, lku arquiteta sua hora, você se ausenta e se entrega aos poucos no abraço do desconhecido mistério. Nossas lágrimas aqui, de quem permanece, nos velejam para a ausência anunciada.

A ferida que nos acompanhou por quase nove meses foi desbridada na mesa de cirurgia, agora é iminência de rastro, rasgo, cicatriz. Reinaugura a pangéia de suas carnes, te arruma e me desarruma para os eventos que virão. Lacrado esse fato, na espera pandêmica de hospitais, sigo datilografando teses. Hoje, 27 de outubro de 2021.

Hoje, 11 de dezembro de 2021. Dia primeiro que consigo reassentar na máquina e cravar palavras digitais para organizar esse tempo-espço. Vim pelo caminho das lágrimas velejando, alternando em camadas de maré-suor pra não me afogar na passagem materna, para parir ao mesmo tempo a ventania da partida e o alastramento das minhas idéias e pés no chão: que o futuro não vem fácil, mas vem em rebeldia alegre. Maria Célia se encantou dia 31 de outubro, no dia do Saci, dia das bruxas, dia de solstício, dia inesquecível nas minhas carnes e, agora, meu dia da saudade. Depois de parado o coração, a circulação, tive tempo de ajeitar o corpo que ficou enquanto a alma já navegava pela floresta com lku. Um abraço que vai do quente ao frio. Cada segundo, cada grau a menos do seu corpo nos meus braços é uma eternidade sua que carrego nas minhas subjetividades em vida. Gasosa, encantada, você me compõe. Silenciosa sussurra nos meus ouvidos, me incorporei de ti, tens na voz o tom da intuição.

Te pouso no descanso, desabito o hospital e rondo mundo em busca de aconchego. Por esses momentos, na sua ausência parece que desconheço todas as paisagens. Outro, novo, inventado, para fazer do tempo-vida o desafio da reinvenção alegre dos cotidianos. Guardo teu nome até aqui neste texto, agradecendo tudo dessa pesquisa que pudemos realizar juntas. Você continua aqui, fazendo junto, mas muito mais misteriosa, segue gasosa no que se segue: rebeldia e alegria. Te honro nos cuidados, no afeto, nas carnes e gorduras que me fazem.

Apresentar-se aos pactos de lku, da Morte, é rito de transformação também para quem fica. Agora órfão sigo construindo frases como se isso pudesse emendar a subjetividade que nos

últimos tempos ficou abarrotada de entre-mundos. A literatura, sua escrita e leitura, me dão leito e possibilidade para continuar... Mesmo quando as palavras falham, na reinauguração desses novos eus em caminhos desconhecidos, o caderno-couro anuncia a escrita de sua passagem e poesias em funduras abissais em cicatriz-ação, saudade.

ESMIUÇANDO CAMINHOS DE FINÍCIOS

MEDO: Sensação que pode ser paralisante, porém evocamos o medo como válvula propulsora da novidade. O maior medo é estar estagnado, fixo, não ser maleável às sinuosidades e desvios das *ensinanças* do caminho. Resignificar o tal conhecido medo, já que é quase irreal a ausência dele na vida cotidiana, ser capaz de perceber sua existência e o “susto” de abrir-se ao outro (caminho, ação, proposta, relação, possibilidade) ainda desconhecido, catalisando mudanças necessárias, mesmo que, muitas vezes, desafiadoras.

MORTE: O espectro dessa palavra é ampliado, sendo assim, pode indicar morte física (impossibilidade da vida, decomposição), morte simbólica de partes subjetivas e, até mesmo, descarte de antigas crenças. A morte e o subsequente luto anunciam transmutação, vida, continuidade e desdobramento da matéria, situação ou partes envolvidas. Este díptico morte-vida anuncia a maioria das relações terrestres como seiva e continuidade do planeta por meio da transformação do antigo em alimentos para outros seres vivos, nutrientes para o solo ou futuras formações geológicas. Morte e vida estão o tempo todo em diálogo cíclico.

MERDA: Matéria fecal, excremento, fezes de seres vivos. Esse termo deve ser considerado em sua multiplicidade, como no seu uso popular em expressões como, por exemplo, “estou me sentindo uma merda”, assumindo significado de insignificância, coisa sem valor. Merda e adubo ao longo do texto possuem uma relação sinônima. Poética do banheiro seco: onde toda merda se bem trabalhada pode voltar como adubo orgânico em alguns meses. A merda, além do prazer da feitura, também guarda em si qualidades para principiar a vida.

As palavras saindo do dedo, desentupindo garganta, expandindo sentidos ou eriçadas em pelo quando chegam direto ao ouvido... essas e tantas outras *palavreações* são, a todo tempo, ritmo. Acontecem ao seu modo e vão desdobrando em significados entre o local de partida e o local de chegada, fala e escuta, escrita e leitura. Palavras dançam no entre, poesiam boca-ouvido, mão-olho, acontecem no corpo todo do leitor. Palavreando-*nus*; como músculo de organização complexa das palavras, o alfabeto, nos expande e comprime ao mesmo tempo. Gostaria de permanecer na beirada da expansão, poesia, subjetividade, mas não consigo. Somente vago, ainda não habito. Por cá, selva dos computadores, fios invisíveis dando *matches* nas tendências, as palavras assumiram lugares burocratas e ali estão muito bem assentadas. As palavras foram concretadas em atestados, documentos, ofícios, na cristalização da história de colonização desse continente, um nítido exemplo de quando a escrita e a linguagem por

imposição podem nos comprimir, arrochar, premer em sentido oposto à poesia e à fruição.

Nas brechas como água que mina em pedra dura, gigante e velha, surgem entrelinhas de subjetividades, a poesia espreita o passo da poeta, do bilhete ao garçom até a tese de doutorado. A pedra vaza água, a mina das letras jorra poesia, a mina de mim escorre pensamentos lambrecados de gordura. Gorde, gigante, imensa, mastodôntica, desmedido, complexo e profundo me assemelho à água, me sinto parte. Escrevo seca, mas de entranhas molhadas, escrevo da beirada do prazer, quente e cremoso, como a tinta saindo da caneta para couro ou a deglutição de mãos pelos buracos. Antes daqui, estava tomando banho no rio, o rio me acrescenta, eu escrevo com meu corpo em sua correnteza, por um milésimo de instante somos e noutra instante já sumimos em outros. O rio do susto, da brabeza, da tromba d'água me exclama. Eu de pequenos gêiseres e de grande, mas de quase-minúsculo porte, perante o universo, interrogo. Nós dois em *multíálogos reticemos (retisomos)* pela vida. Encontro e desencontro, composição e decomposição, afogo na sede, respiro no caos, gozo em queda livre quando na palavra sinto *acontecência*, de mim também, a palavra me misteria, fantasia de personas, expõe mundos e desejos de futuros outros. A palavra rebela esse alfabeto e na beirada vai criando *noutras* combinações novas palavras – antigos indizíveis. Nós somos a vida desse alfabeto, que por similaridade é mutante e confuso. Eu me água, evaporo. Descongelos essas palavras de meus dedos com tendinite para anunciar o recomeço, desempaco da poça no passo valente da criança distraída. Respiro, preciso pular algumas linhas para ser-estar em frente sem olhar para trás...

Mesmo sem olhar para trás, o passado é recorrente no que se segue, futuro.

O corpo de quem escreve está em buracos, é de buracos: fisiológicos, emocionais, buracos de feridas abertas, visíveis ou não. Nas feridas abertas escolho sangue como tinta, das feridas escolho as que não são possíveis a identificação a olho nu, escrevo pelas marcas, aprendi a ler os rastros das passagens; esses buracos não são sempre falta, por vezes anunciam incompletude, desejo do outro, do encontro, da leitura. As feridas chamam pelo coletivo, pelo reconhecimento e pertença; talvez possamos nos tocar por estas páginas!

Talvez...

SUSPIRO



*escrita era água
escrita sempre foi pedra, não é nem areia
porque areia a gente ainda remexe
nunca foi água*

*as m/águas jorram brutas
pedra liquefeita
liquefeitas no tempo na margem do encontro
a conversa continua imagin-festiva
aquela pedra tipo flor de concreto
brotou*

*escrita sendo solo múltiplo
(brota come some cicla)
carni-fica*

Figuras 57 e 58 – Rhaiza Oliveira e eu. Cavalcante/GO. Foto: Marcos Haas, 2020.



QUEDA E ASCENSÃO

No tombo, milésimos de segundo reordenam a vida. A dor física reordena a dor do desamparo. Pata ferida, pegada manca, entorse grau 3 no tornozelo direito. O corpo lembra das frações de tempo que materializaram a queda, o trauma, um voo-falido molhado de pranto guardado e um som como se estardalhaços houvesse explodido: dor, rompimento invisível das estruturas de base. O corpo que chora na lua minguante é recolhido. Ainda buscando madrugada a dentro, sem hospital, a escuta interna para perceber o epicentro da dor, sou confrontado com frases:

“O pior de tudo é o seu tamanho.”

“Ainda é gorda!”

“Cara, cê tá fudido, não vai conseguir andar tão cedo.”

Na dor física, não faz diferença essas gordofobias jogadas embriagadas ao vento. Mas nas feridas internas, marcas de um corpo gordo, começam a vaziar outros sentimentos: inadequação, raiva, abuso. As dores agora se alinham e costuram o corpo que foi meu ali-naquela-hora. Então choro um choro antigo, mas também inédito. Misturando os tempos desde antes até logo menos, sou o que carrego e o que deixo. Então de cá escrevo esse suspiro sem poder tocar no chão, uso das palavras como maneira de enraizar e compartilhar a sapiência gorda que se encontra e culmina em eus e *noiz*: outras pertenças de arte, afeto e mundos.

E O MELHOR DE TUDO É MEU TAMANHO

GORDÃO

VAI GIRAR MUNDO DEMAIS !

eus me disseram olhando o desastre.

Essa última parte, é um coração, contração e relaxamento. Um lugar-texto que consigo respirar com um pouco mais alívio: suspiro sem melancolia. Aqui os caminhos mais sinuosos da gordura são apresentados. Para que haja curva, desvio e precipício é imprescindível alertar que essa construção parte de uma visão pessoal e afetiva sobre os encontros que em arte-vida a gordura me guiou. Afinal, como seria possível articular na solidão? Como pensar em outros caminhos possíveis para corpos marcados se não por meio de encontros? Como se reconhecer sendo quase sempre a única pessoa gorda do rolê, da galeria, do emprego ou da

sala de aula? Como criar uma multidão gorda?

A construção deste capítulo só é possível pelos movimentos que aconteceram desde antes, mas que também persistiram durante o período dessa pesquisa em processos lentos e contínuos. Hoje, 11/03/2022, faz dois anos exatos em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia da COVID-19, e esse fato histórico marcou também a impossibilidade da pesquisa tal qual seu desejo primeiro propósito. O desejo do encontro, do tato, do cheiro, das sinestésias do *embandamento* gordo, tudo isso agora está mediado pela distância e pelas possibilidades exclusivas de trocas virtuais. Esse suspiro coletivo é construído em processo de solidão e de bando, em redes invisíveis de afeto que cruzam fronteiras interestaduais e fortalecem eus, aqui e acolá, reverberando a manada gorda que se anuncia em ponto de bala para a ação. Saber-se em rede, em rizoma, é respiro e fundura para acreditar em construções de futuros mais coletivos, engordurados. Agora, embora eu já tenha as três doses da vacina (VIVA O SUS!), não há mais tempo hábil para que as metodologias pensadas para os encontros presenciais façam parte desta pesquisa. Assim como a gordura, comporemos o desvio na possibilidade da delícia.

Eu na barriga de mamãe: muito grande. Nasci: gorda. Cresci: gorda. Me reconheci: Gorde. A gordura faz parte do pensamento desse corpo, de todas suas estratégias e brincadeiras... fui percebendo isso em movimentos lentos e contínuos. De fora para dentro informações desumanizantes e estereotipantes da gordura atravessaram infância, puberdade e juventude. Gordofobia? O que é isso? Toda aversão e repulsa a corpos gordos, suas potências e possibilidades. Preconceito justificado com a patologização desses corpos via discursos médicos. Essa palavra antes não existia, mas a gordofobia sim. O sentimento e a sensação que precedem a língua escrita, sempre existiram. Nomeamos o “invisível” só sentido. Agora, ancorado na força da palavra, que legitima sua existência, nomeia, conseguimos articular movimentos, desde os pessoais até os coletivos, para desarticulação do que a pouco foi nomeado: gordofobia.

Apenas recentemente a palavra (*gordofobia*) foi incorporada nos dicionários formais da língua portuguesa, mas não em todos. Em consulta realizada em 28 de abril de 2019, apenas o Aurélio apresentava o verbete. Nem Houaiss, nem Michaelis apresentaram resultado para o termo. Assim, entende-se que gordofobia se trata de um neologismo que faz alusão àquilo que, em psiquiatria, é definido como “um medo persistente e irracional de um objeto, atividade ou situação específica que resulta em um desejo incoercível de evitar o objeto, atividade ou situação temida” (HOLLANDER; SIMEON, 2004, p. 46 apud ARRUDA, 2019).

Agora, contudo, o verbete já está incluso no léxico da Academia Brasileira de Letras, na sessão “Novas palavras”, que conceitua a palavra da seguinte forma:

gor.do.fo.bia

Classe gramatical:s.f.

Palavras relacionadas: gordofóbico *adj. s.m.* (comportamento gordofóbico, atitude gordofóbica)

Definição: Repúdio ou aversão preconceituosa a pessoas gordas, que ocorre nas esferas afetiva, social e profissional.

(ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2020, online).

Gordofobia, gordofobias. Atravessamentos e interdições: assim se constroem socialmente os estigmas sob as corporeidades gordas, ou gordidades. Assim também se veta o corpo gordo do prazer e do sentir. Escanteia-o e rejeita-o. A palavra que nomeia a violência precisa ser usada, é preciso evidenciar as situações e atitudes gordofóbicas. Por exemplo, sabe o fato de se observar pouquíssimos artistas gordos nas exposições de arte? É uma evidência do silenciamento gordo nos espaços de rentabilidade e visibilidade da arte, nesta questão percebemos sem titubear a gordofobia, que é pilar estrutural da sociedade como conhecemos hoje, juntamente com outras opressões estruturais e interseccionais: racismo, lgbtfobia, classismo e misoginia.

Nossos corpos grandes, gordes, mastodônticos também têm memória antiga, ancestral. Por mais que agora, nos últimos anos, por meio dos movimentos de liberação corporal e dos *Fat Studies*²³, a mídia e o mercado venham se interessando mais pelo nicho de pessoas gordas e, por conseguinte, capitalizando as gordidades, muitas vezes acabam reduzindo sua complexidade a apenas mais um nicho possível de público consumidor. Como se *gordo fosse*

23 “O campo do ‘*fat studies*’, ou ‘estudos sobre a pessoa gorda’ (tradução livre), posiciona-se criticamente em relação aos estudos sobre o ‘fenômeno da obesidade’ que vêm sendo produzidos ao longo das últimas décadas. Constitui-se em um campo multidisciplinar que gera conhecimento científico sobre outras possibilidades e potencialidades para corpos gordos, para além dos papéis já cristalizados e estigmatizados. Estudos sobre corpo, gênero e sexualidade, sociabilidades, reflexões médicas, jurídicas e também narrativas autorais com um olhar para autonomia e humanidade desses corpos compõem tal campo.” (KLIMECK, 2019, p. 2).

tudo igual.

Não estamos em todos os lugares (ainda), porque não basta nos dizerem “podem vir, aqui é antigordofóbico” quando a gente, gordidades, historicamente não nos sentimos pertencentes a tais lugares. Ocupar espaços sendo a única pessoa gorda é agonizante e desconfortável. A diferença não é solitária, o desvio da norma é uma multidão complexa. Por isso é importante cultivar os espaços para vivências e criação exclusivamente gordes, onde por *triscos* de vida possamos sentir que somos grupo, bando, maioria. Para nos reconhecermos não só em olho, mas em pele, tamanho, maciez e daí cultivar futuros próximos a partir da reconexão, do reconhecimento da gordura antiga, ancestral, alegre, preciosa, arte.

Interessa aqui focar nas potências gordas que estão atravessadas por poéticas visuais e corporais, mas é preciso deixar explícito que a gordofobia vai para além da “pressão estética”, da autoestima, da moda “plus size”. Ela se torna esmagadoramente violenta quando pensamos no direito e acessibilidade básica à cidade, por exemplo, transportes públicos que não nos cabem, catracas que nos emperram e humilham, corroborando para que cada vez mais pessoas gordas se isolem para não passar por situações vexatórias ao tentarem executar funções básicas cotidianas. Cadeiras de consultórios, de rodas ou em restaurantes, bares e cinemas tão pouco são destinadas a corpos maiores, assim silenciosamente nos escanteiam do direito ao lazer. Nos hospitais, a maioria dos aparelhos de exames de imagem, como ressonância magnética ou tomografia computadorizada, tem peso máximo que chega a 140, 150 quilos. Assim, os corpos maiores estão excluídos do direito à saúde básica e, para acessá-la, muitas vezes pessoas com peso maior ao da capacidade da máquina são encaminhadas para hospitais veterinários especializados em animais de grande porte, onde os equipamentos suportam mais peso, e, assim, desumanizam-nos. Isso caracteriza-se como gordofobia médica. Em geral, pessoas gordas são associadas com doenças, mesmo que clinicamente seu corpo esteja em funcionamento perfeito, ao contraponto que a magreza está relacionada com a saúde e beleza, mesmo que esta pessoa tenha severos problemas de saúde. Presumir a saúde de uma pessoa baseada somente em seu peso, ou Índice de Massa Corporal (IMC), é primeiramente ineficaz e, obviamente, uma atitude gordofóbica, pois o corpo gordo pode ser saudável, ativo, bonito. O corpo gordo pode tudo!

AMPLIANDO VOCABULÁRIO E ENCONTROS

A gordofobia e, logo, a exclusão social de pessoas gordas (maiores e menores), acontece de maneira engatilhada. Ressalto: quanto maior o corpo, maior a gordofobia enfrentada. Por exemplo: na infância as crianças gordas sofrem discriminação nas aulas de Educação Física, o que vai fazer com que a mesma não cultivem e associem prazer à atividade física, que, provavelmente, será apresentada para essas pessoas mais tarde como método eficiente para emagrecimento. Eu mesmo demorei bastante tempo para conseguir associar atividade física e prazer. Quando o exercício físico é ofertado com enfoque e meta somente no emagrecimento é punitivo, como se o corpo gordo não coubesse no mundo, não fosse bem-vindo e que emagrecer seria a única maneira de positivar sua vivências, subjetividades, desejos e experiências.

Ellen Valias (@atletadepeso) incentiva essa discussão e atividades físicas entre pessoas gordas por meio de suas redes sociais, ela que é mulher cis, negra, gorda, atleta e jogadora de basquete traz à tona a importância da atividade física para além do emagrecimento: benefícios na saúde mental, respiração e autoestima. Vanessa Joda (@yogaparatodes), mulher cis, gorda, branca, professora de yoga e criadora do Yoga Para Todes Brasil, atua em parceria com Ellen na desmistificação e aproximação das pessoas gordas com as práticas desportivas. Esse incentivo e representatividade no mundo dos esportes em que atuam, estimula a população gorda a movimentar-se, o que corrobora (bem como em uma pessoa magra) para evitar problemas de saúde vinculados ao sedentarismo e promove melhor e mais prolongada qualidade de vida.

Hoje em dia adoro suar, transpirar, sentir brotar água dos poros, deslizar nas dobras, brincar de nascentes entre vales, esperar o vento lamber e secar o percurso... o corpo é o ponto-sinal do verbo. Sinto prazer no movimento e por isso danço cada vez mais, sem aula, nem grupo; danço na vida como espontâneo fato de celebração desse corpo. Danço só-em-tantos-eus pela delícia difícil de encontrar outras parcerias gordas, danço junto na webcam com as parcerias gigantes e nos espaços exclusivos gordos que surgiram durante a pandemia. A gordura que dança na praça pública, virtual ou real, anuncia o suor, a endorfina, dopamina e outras reações químicas que levam ao prazer como grito-convite para gordidades a se juntarem, embandar-se. É mote para a construção e pesquisa, deste suspiro, da necessidade de coletivizar-se enquanto singularidades gordas. Por isso mais a frente serão apresentados fragmentos da gordosfera em arte e algumas trajetórias de peso da cena contemporânea.

Os encontros e falas a partir daqui são articulações possíveis para outras formas de vida, por isso, trago para a composição dessa experiência suspirante, vozes e vivências gordas. Falamos, escrevemos, estamos aqui! Somos as primeiras pessoas: é *noiz* gordes! Os recentes *Estudos do Corpo Gordo no Brasil* são compostos por pessoas gordas, e, explícito que, a partir da gordura e da autorreferencialidade, vão traçando as diferenças, evidenciando suas complexidades e interseccionalidades: classe, raça e gênero. O que é/está se tornando essa epistemologia gorde feita por-com-para-entre gordes? Para continuidade e aterramento dessa epistemologia gorde é urgente que o conteúdo específico da gordura seja cada vez mais povoado de pessoas gordas como feitos, autores e artistas desses conhecimentos espessos e deslizantes. Estamos *engordecendo*, alargando, afofando as epistemologias: d/na gordura sou/mos. Pela multiplicidade do bonde pesadão e(m) suas diferenças é imprescindível ajuntar os *eus* e sentir os caminhos múltiplos que convergem no *noiz*.

O bonde, o ajuntamento, a manada ou cambada pode se nomear de várias maneiras, tudo depende dos combinados. Aqui vamos chamá-lo de *gordosfera*, conceito/sentimento cunhado, no Brasil, por Malu Jimenez (2022, online), no caso, “[A *gordosfera*] vai se construindo em coletivo, em muitas primeiras pessoas, é uma construção autoetnográfica coletiva gorda sobre suas histórias e saberes a partir da própria vivência”.

Ao ler parte da bibliografia que compõe os Estudos do Corpo Gordo em Abya Yala (vulgo América Latina), me surpreendo com essa “nova” palavra já sendo utilizada em outro contexto, em inglês, nomeia-se: *Fathosphere* ou *Fat-O-Sphere*. Gordosfera poderia ser facilmente uma tradução deste termo, mas não é isso que ocorreu em sua (re)criação. Malu Jimenez relata que em uma conversa pública (2020) essa palavra “escapou” de sua boca e somente depois veio a teorizar e conceituar a mesma. Kono no livro importantíssimo para organização da episteme gorda La Cerda Punk explica o termo *fathosphere* e como ele chega ao Chile:

Fathosphere es un término coloquial acuñado: que viene del término “blogosfera” y que se refiere a las distintas redes de blogs virtuales que hablan sobre ciertos temas en específico. En este caso, la fathosphere se centra en las redes virtuales internacionales que publican distintos materiales sobre la aceptación de las personas gordas (KONO, 2014, p. 50)

Já Magdalena Piñeyro em seu livro *Stop Gordofobia y Las Panzas Subversas*, publicado em 2016, provoca:

Este tipo de congregación de espacios contra la gordofobia es conocido en

inglês como *fat-o-sphere*, y aunque en el mundo de habla hispanica como podemos ver no existe similar, aún no lo he puesto nombre o no ha surgido... ¿gordosfera? ¿esfera gorda? El tiempo dirá. Lo importante: somos muchas gordas, estamos cabreadas y nos estamos organizando. (PIÑEYRO, 2016, p. 25).

É possível reparar por meio desse recorte temporal da utilização da palavra gordosfera/fathosphere em Abya Yala como um espaço, virtual ou presencial, que é composto por e para pessoas gordas, tendo como premissa ser um espaço antigordofóbico e de acolhimento a gordidades variadas. Na América Latina, o Brasil foi o país que mais demorou a engajar-se no ativismo gordo, em partes acredito que, pela diferença linguística, a circulação dos materiais no Brasil não foi tão amplamente difundido à época das publicações. Apesar destas diferenças geopolíticas, a palavra/conceito/sentimento gordosfera é eficiente para nomear uma coletividade gorda e mesmo sem existir oficialmente em nenhum dicionário de inglês, espanhol ou português a palavra já encontra na comunidade de peso integração e utilidade. A língua como organismo vivo incorpora os feitos antes da burocracias da institucionalidade da linguística. A fala transborda o dicionário, o código, e segue se reinventando cotidianamente na velocidade da necessidade, imaginação, memória e brincadeira. A língua baba o dicionário, saliva indizíveis, no deslize de saliva e gordura cá estamos criando outras palavras e poéticas.

Peso é palavra, ideia, coisa raramente associada com alguma ordem de positividade: se tira um peso dos ombros, se sente um peso no peito, o clima pesa, algo fica por demais pesado para sustentar. Em compensação a leveza é característica desejada, é elogio, sinônimo de acolhimento. Há outras cicatrizes sociais que evidenciam em oposições aparentemente inofensivas: esclarecer um argumento necessariamente articula a compreensão de que aquilo que é escuro atrapalha um debate, um debate fértil desenha um cenário onde apenas relações (re)produtivas têm valia, do mesmo modo que uma transição orgânica (natural) entre cenas implica um demérito daquilo que é sintético e não colabora com a ficção da natureza. Uma desculpa capenga sugere que aqueles que têm no corpo diversidades funcionais não funcionam bem. (...) Partindo desse pressuposto se poderia investir em uma deriva da palavra: uma deriva que atravessasse de visceralidade o semântico e sature, amplifique, avolume e adense “peso”, “gordura”, “flacidez”, “estria” para além da patologia e do juízo estético, para além da funcionalidade e do julgamento moral (CARMO, BELCHIOR, 2021, p. 20).

Na ampliação do léxico falado no Brasil, e visando ampliar as palavras que referem-se a pessoas gordas e suas vivências de prazer, surge no ano de 2018, timidamente, o conceito *gordência*. Esta palavra é composta pelas palavras *gorde* + existência, e tem por objetivo

nomear um lugar de fala²⁴ específico das gordidades, sobretudo no que diz respeito a situações positivadas e/ou prazerosas vividas por este grupo social. Esse conceito se quer movente e, assim como aconteceu com os conceitos *gordosfera* e *fat-o-sphere*, entende-se que outros vocábulos coexistam em nossa extensão mundial para dizer a mesma sensação: prazer gordo. Em sua primeira apresentação o vocábulo foi descrito por mim da seguinte maneira:

- GOR.DÊN.CIA (subst. fem. / adj.)
I - Sensação corporal prazerosa de existência em corpos gordes;
II - Movimento impulsionado por e criado por vivências gordes;
III - Prazer escorregadio;
IV - Amor pela gravidade;
V - Cremosidade, aderência, curvas aquosas;
VI - Adiposidades sinceras, banhas queridas;
VII - (adj: gordente) pessoa gorda que se move em busca do prazer corporal, abdicando dos padrões impostos;
VIII - (adj) situação/evento de protagonismo gorde.

Fazia falta uma palavra que nomeasse o prazer da gordura, do corpo aquoso, mole em dobras. Ao não encontrar no dicionário PT-BR nenhuma palavra que conecte gordura e prazer, percebe-se a sistematização da linguagem que corrobora para que os corpos gordos sejam vistos (e tratados) como apartados de bem querências e afetos alegres. Cada corpo gordo com suas mais variadas formas é um manifesto vivo-transitório. A resistência de tais corpos se dá malemolentemente em ondas, corpos que se dobram em si, abarcando potências inexploradas. O bem viver gordo é questão de *saúdes*: física, mental, social e espiritual. Não dominar o corpo e permitir movimentos aquosos incontrolláveis, como quando pulamos; é saber ser oceano em si. É da necessidade da gordência ser maior e reinventar o mundo para que caiba em si – e não um si para caber no mundo.

Corpos de dobras são corpos livros, páginas fartas. Celulites e estrias são leitões de rios sobre o corpo-terra, fertilizante de belezas singulares. O corpo gordente se assume em todo seu relevo, de cânions a desertos. Seus pelos são matas ciliares – proteção. Esse corpo prazeroso é território e geografia. Gordentes estão do outro lado da gordura, lado escuro e aconchegante da dobra, almejando a gordosfera e espessando caminhos para que as gordidades se encontrem. Estão atives criando narrativas autobioficcionais antônimas à fobia e ao nojo. Pensamento indissociado do corpo que existe por prazer, onde cada dança, mergulho, poesia, ação são táticas de re-existência.

24 Conceito reflexionado e amplamente difundido por meio da filósofa feminista Djamila Ribeiro (2017) onde corpos subalternizados reivindicam sua existência por meio da voz, escrita e pensamento em primeira pessoa.

Somente quem pode sentir a gordência são as pessoas gordas. Esse prazer é exclusivo e não é sentido a necessidade que nenhuma pessoa magra participe, já que ao falar essas pessoas magras já estão supondo, projetando, pois nunca sentiram com tanta frequência nenhuma de nossas aderências ou ardências, não possuem essa vivência de corpo. Suposições e projeções não nos cabem: somos inteiros, múltiplos, agitades e esparramades – fora do molde, lugar de fala. É na carne que tudo começa. É no prazer de não caber ao mirrado convencional que as gordências se alastram em nós.

Sua marca não *atendê*
Tempo não vou nem *perdê*
Não compro de *grifê*
Agora eu só mando fazê (yal)
Estilo *personalité*
Entreí na C&A e queimei os manequim
Só tem gordofobia no estoque, então não serve pra mim
(...) Se não me cabe, não me serve
(RAP PLUS SIZE, 2021, online).

A gordência é busca, lugar de desejo, ou seja, não está dado a todo corpo gordo desfrutar automaticamente das gordências. Isso porque somos sociabilizadas em uma cultura onde nossos corpos são tratados como anomalia e doença desde muito cedo, encontrar-se em prazer é também compreender a violência estrutural da gordofobia para criar brechas e esferas gordocentradas. É necessário *reconheSer-se* e, a partir daí, buscar o prazer mole e natural dançante das dobras. Todos os corpos gordos abrigam esses prazeres, mas o caminho para encontrá-los é árduo, singular, íntimo e recompensador. A gordência que balança as certezas do ideal convida o corpo para ser o que se é, para que não se molde. Refuta as imposições sociais da magreza que julga nossos corpos e, pelo tratamento gordofóbico, nos convida a desgostar-nos, embaçando as vistas gordas de suas próprias potências. Essa palavra surge como antônimo a gordofobia; não é um verbete/conceito/desejo fechado em si e, por isso, é ao mesmo tempo um convite para novas colaborações e acréscimos em seu significado. Um conceito sem fim que firma seu percurso em início, meio, meio, meio, desdobramento e continuidade – sem fim, a luta não acaba! São inícios, possibilidades íntimas de variar do auto-ódio a bem querência, ao entender que os gatilhos de mal estar das pessoas gordas está ligada ao preconceito já bem institucionalizado em nosso cotidiano, sobretudo pelas empresas de moda, saúde e mobilidade. A institucionalização da gordofobia também é alavanque para episódios de autogordofobia, que podem chegar a distúrbios severos, como bulimia. Essa criação pretende desfrutar de hibridez linguística podendo ser-estar tanto substantivo feminino quanto adjetivo.

Vamos, em comunidade e partilha gorda, referenciando nossas (re)invenções de palavras. Criando espaço e alargamento no dicionário, ampliando as sensações, porque o mundo também é nosso; nos cabe, no reconhecimento do bando, nossas alegrias se proliferam, incitam à vida.

MANIFESTOS DE PESO

Seguimos a partir daqui, então, visando evidenciar e corroborar com a construção da gordosfera contemporânea e sudarca. O caderno-corpo que somos de páginas-pele macias tem a espessura do impossível, do imaginado em bando, a espessura de um futuro possível gordo alicerçado em nossas próprias vivências no Brasil e adjacências, priorizando as narrativas e epistemes próprias sobre a gordura. “Ahora tenemos que visibilizar la gordura de otra forma que no sea la de víctima o de patologización, y ese es un modo de acción política de hacernos presentes y de hablar por nosotras mismas.” (CATILLO, 2016, p. 106). A ferida (in)visível da gordofobia é fator estruturante de nossas subjetividades. “Politizar la herida, visibilizar la cicatriz, narrar el dolor y transformarlo en placer.” (KONO, 2016, p. 33). Considero fundamental para o acompanhamento desse suspiro e compartilhamento que os conceitos “gordofobia”, “gordosfera” e “gordência” sejam apresentados para caminharmos com bases próximas. Este trabalho não se concentra em discutir a gordofobia em suas múltiplas formas, a gordofobia é uma violência estrutural e estruturante que atinge a nós, pessoas gordas. Porém, ela versa sobretudo a reação e comportamento das alteridades magras para com o corpo gorde. Com esta pesquisa e o desejo de trazer as gordidades para o centro da criação e referência, busco privilegiar sensações outras as trazidas pela gordura que não a discriminação, humilhação, exclusão e preterimento. “Qual seria a positividade do peso?” (BELCHIOR, 2021, p. 20).

O que a pessoa gorda fala, quem ouve? Quem nos lê? Como grifar no mundo nossa realidade frente a sociedade magrocêntrica que estamos inseridos? E nossa felicidade? Por onde compartilhar nossas singularidades e interseccionalidades? E permanecer sem ser apagado pela mercantilização da aceitação do corpo, estendendo a gordura para questões mais filosóficas e nevrálgicas da gordura que estão além da estética e vestimentas? Não temos respostas concretas, temos tentativas, pontos de convergência. Manifestamos outras ideias de mundo possível e necessidades emergentes da gordura: cravamos no texto, acreditando, por um triz, na conservação da informação do texto perante o tempo. A seguir exponho três manifestos da gordura que mesmo publicados em data e localizações geopolíticas diferentes, ainda assim transpassam as necessidades inerentes ao bem estar do corpo gordo no mundo. Em ordem de publicação:

1973 MANIFIESTO DE LA LIBERACIÓN GORDA;

1. NOSOTRXS... creemos que la gente gorda merece total respeto y reconocimiento.

2. NOSOTRXS estamos cabreadxs por el desprecio recibido por intereses comerciales y sexistas. Estos intereses han explotado nuestros cuerpos como objetos del ridículo, creando un mercado que se beneficia de la falsa promesa para evitar ese ridículo.

3. NOSOTRXS vemos nuestra lucha como aliada de otros grupos marginados por clasismo, racismo, sexismo, discriminación por edad, explotación financiera, imperialismo y similares.

4. NOSOTRXS exigimos los mismos derechos para la gente gorda en todos los aspectos de su vida, como promete la Constitución. Pedimos el mismo acceso a los bienes y servicios de dominio público, y el final de la discriminación contra nosotrxs en áreas de empleo, educación, lugares públicos y servicios de salud.

5. NOSOTRXS nos declaramos enemigxs de las llamadas industrias “reductoras”. Estas incluyen: clubs de dieta, salones para adelgazar, granjas para gordos, doctores para la dieta, libros de dieta, comidas dietéticas y suplementos, procedimientos quirúrgicos, supresores del apetito, drogas y máquinas para perder peso.

NOSOTRXS exigimos que esta industria acepte sus responsabilidades sobre las falsas promesas, que se den cuenta que sus productos son dañinos para la salud pública, y que publiquen estudios de largo plazo además de eficacia estadística de sus productos. Hacemos esta exigencia sabiendo que el 99% de los programas de pérdida de peso, cuando son evaluados sobre un periodo de cinco años, fallan totalmente, además de saberse lo dañino que son los constantes cambios de peso para el cuerpo.

6 .NOSOTRXS repudiamos la mitificada “ciencia” que falsamente expone que nuestro cuerpo no es sano. Esto causa y justifica la discriminación contra nosotrxs, unido a los intereses financieros de las compañías de seguros, la industria de la moda, la de pérdida de peso, la de la comida, la farmacéutica, además de los campos de medicina y psiquiatría.

7. NOSOTRXS rechazamos ser subyugadxs a los intereses de nuestrxs enemigxs. Nuestro propósito es reclamar el poder sobre nuestros cuerpos y nuestras vidas. Y nos proponemos conseguir todo esto juntxs.

¡GENTE GORDA DEL MUNDO, UNIRO! NO TENÉIS NADA QUE PERDER...²⁵

25 Por Judy Freespirit y Sara Aldebaran, Noviembre, 1973. Publicado originalmente por Fat Underground, Los Angeles, California, EEUU. Presentado como servicio público por Largesse, la Red por la Auto Estima de Talla. NT: Este documento puede ser libremente copiado y distribuido completamente para uso no-comercial promoviendo el empoderamiento de la diversidad de tallas, siempre y cuando se incluya este comentario (GORDAZINE, 2013).

2014 MANIFIESTO GORDX;

O punk nunca fará dieta
Anarkorpóreos
Nosso corpo, o primeiro inimigo
é agora, no presente gordx
Por que ninguém nasce gordo, se torna...
Declaramos, “algumas garotas são maiores que outras”
Somos xs anarkKorpóreos,
Nós proclamamos;
antes de tudo, reconstruiremos nossas vidas a
partir do que somos, do que importa,
o transbordamento, o leitão que deseja viver,
Somos gulosxs e tentadx, puro Eros transfor-
mado em prazer por boa comida e bacanal
Gostamos do calor que a gordura nos fornece em dias de inverno
E frente a uma cultura da modéstia, boa aparência e boas maneiras,
Nós somos a trincheira do fascismo e ditadura da pele
Somos vida transbordada em prazer oral
Porque nós amamos comer e não queremos reprimir nossos desejos
Apenas para agradar a família, ou algumx parceirx sexual aleatórix,
ou aquele chefe que não quis me contratar pela má aparência
Somos a denúncia ambulantes das inconsis-
tências da democracia dos corpos,
a qualquer custo.
Porque nós não comprometemos os prazeres do nosso estômago.
Nós somos aquelxs que não resistem a desaparecer
perante o emagrecimento das diferenças corporais,
Porque a pessoa gorda não é uma coisa engra-
çada, ela é política, contra o estabelecido,
O que não serve, aquilo que excede, quebrando bar-
reiras, costuras e zíperes, assentos de ônibus.
Fronteiras, ficções, desejos.
Aqui estão minhas dobras, aqui estão minhas dobras gordas,
aqui está o corpo, este que não corresponde, este que apa-
rentemente ninguém quer foder, esse corpo doente.
Falamos como Gordxs. a partir de nossas marcas de estrias,
celulites e dobras sebosas que correm por e sobre os nossos
corpos, o eterno apelido da escola, como proletários da beleza
e da saúde, desejando mais que sendo desejadx.
Nós discursamos como gordas transfeministas,
radicais por que não basta destruir o gênero se não
dinamitarmos também as normas do corpo.
Porque, no fundo, nós enojamos o seu sistema de vigori-
sidade, força e fertilização (de trabalho e militar).
Falamos aqui por todxs xs gordxs que não comem
carnes, aquelexs que creem que o racismo, o heteros-
sexismo e o especismo devem ser destruídos.
Aquelxs que não querem trabalhar, xs que desejam deixar de ser,
abortar. Xs que não querem parir, estar em greve. Também falamos
em nome dxs gordxs peludxs, hediondxs, xs feias, veados hiperfemi-
ninos, aquelxs que não são vistxs, em materiais pornográficos, ou que
são vistxs apenas como fetiche, as caminhoneiras, xs relaxadx, xs
que arrotam na mesa, asquerosxs, nunca quietos ou impecáveis.
Éramos a garota gordinha, a que nunca era tirada para dançar, aquela que

nunca conseguiu fazer dieta, a envergonhada, que precisava se cobrir toda, a vaca forda, essa que sempre queriam tapar a boca, a leitoa, a obesa, bola de sebo, oleosa, baleia, Jabba, a “Gonzálo Cáceres”, a bola. gorda. Para os outros, nosso corpo é um grande globo deformado, gorduroso. Porque todos nós somos potenciais gordxs anorexicxs. Não queremos nos modificar o que nos aceitem pelo que somos “por dentro”, nem nos auto-torturarmos com dietas e exercícios pesados, queremos desensinar desejos e queremos que nossos corpos se tornem potências de desejo pelo simples fato de serem corpos. Nós falamos para todas aquelas garotas gordas que ainda se encontram no espaço do silêncio, da vergonha, do escárnio... Nós não as convidamos a sair do armário do tamanho, mas a destruí-lo. O espelho não é um reflexo da realidade, o que vemos nele não é mais do que uma construção social que precisa ser desconstruída. Colocamos nossas garras de fora, uivamos como lobas e deixamos o espaço do silêncio.

HOJE GORDA

ONTEM PUTA

AMANHÃ LOBA²⁶

2016 MANIFIESTO GRASO

Un espectro se cierne sobre el planeta: el espectro de las personas gordas. Contra este espectro se han conjurado en santa jauría el tripartito gordofóbico. Estética-moral-salud hemos de combate.

Esto es un manifiesto graso de personas hartas de yogures light, de la leche desnatada y la galleta sin colesterol, harta de dietas, gimnasios y cuerpos sudorosos. Abogamos por un mundo grueso, por un mundo gordo donde la hermosura de nuestra gordura sea un valor, un privilegio de toda persona.

Gordos y gordas del mundo unámonos, saquemos nuestras panzas subversivas a la calle, nuestra razón de peso es acabar con el sistema capitalista gordofóbico, el de la dieta de la alcachofa, la dictadura de la imagen y las tallas 38 que nos aprietan los chochos y estrujan las pelotas.

Si te molestan que sigan las dietas, si lo que te gustan son las croquetas, aquí estamos, te esperamos, somos la Mesa de Acción Obexa y nos gusta la buena mesa.

26 Manifiesto escrito e publicado por Constanza A. Castillo e Samuel Hidalgo. É possível assistir ao vídeo-performance que dá ainda mais vida ao texto no site www.missogina.tk.

No lo dudes, di basta y grita...
¿Somos gordas y gordos, Y QUÉ?
¡Nuestros cuerpos no quiere tu opinión!
¡Somos bellas, somos bombas sexuales!
Comer es un derecho y no un privilegio.
VIVA LA GORDURA REVOLTOSA
Y LA LIBERTAD ORONDA, CABRONES!!!²⁷

Durante esta pesquisa não encontrei nenhum manifesto organizado no Brasil, o que não comprova a inexistência destes. Os Estudos do Corpo Gordo em recente mobilização e organização neste território ainda não nos permite acessar todos pensamentos criados e compartilhados por essa rede, já que o tema ainda não encontra fácil escoamento para publicações. Criando palavras e tentando falar a mesma outra língua entre corpos que compartilham a vivência da gordura, vamos, pouco a pouco, engordando e tornando mais deliciosa em nutrição emocional nossa práxis poética.

Deixando fluir as interseccionalidades entre os movimentos sociais e as formas de aprendizado possíveis entre estes, convoco a memória-pele que me chega no pé do ouvido, reflexões a partir de uma leitura ímpar. Exclama Vilma Piedade: *dororidade*. Atinei aqui e talvez esse seja um dos tantos que nos sustém. Diz ela:

Faxina tem Cor? Aqui tem. Tem cor
É preta. Ou limpa a sujeira, que é
Preta. Tá no léxico. No dicionário.
É só procurar, sinônimos ou antônimos.
A oposição linguística é notória,
estrutural, alimenta o imaginário...
o racismo... Branco-luz. Preto-sujo.
Tá na nossa Língua Portuguesa. É isso
que também conceituo como...
Dororidade... o que é?
Ou o que pretende ser?
Seria a Dor e a nem sempre Delícia de se
Saber ou de não se Saber
Quem Somos... (PIEADADE, 2017).

Vilma Piedade cunha este conceito para dialogar com o conceito de Sororidade amplamente utilizado pelo feminismo branco. Etimologicamente deriva da palavra em latim *soror*, que significa “irmã”, e o sufixo *-dade* significa “grupo”. Grupo de irmãs, mas, se cruzarmos os olhos ao passado que nos habita, veremos que a diferença entre raças nunca permitiu que o movimento fosse equânime, pois as mulheres brancas indubitavelmente ocupa(va)m lugares de privilégio frente às mulheres negras, base da pirâmide social. Segundo a autora, *Dororidade* engloba mulheres e meninas negras que têm suas vidas invadidas pelo machismo, misoginia

27 Mesa de Acción Obexa (1993-2016)

simultâneo ao racismo. Onde há dororidade há sempre sororidade, mas nem sempre onde há sororidade há dororidade. Ou seja, quando o feminismo não faz recorte racial, não problematiza tensões de raça e classe, ele está a favor da branquitude e seu sistema de privilégios. Na dororidade, *a Dor vivida por essas pessoas pretas funciona como Potência* (PIEDADE, 2017), bomba propulsora para desdobramentos e empoderamento. O conceito já faz parte do léxico utilizado para discutir feminismos, sobretudo o negro, e as transformações sociais no Brasil: desestabilizando a colonialidade de raça e gênero.

Na busca da extensão do conceito cunhado por Vilma, porém sem esvaziar sua origem e memória, arrisco-me pensar-sentir a dororidade dos corpos gordes presentes em ADIPOSA FACÇÃO (apresentados a seguir), uma vez que, além de serem racializados, são gordes maiores e, em maioria, dissidentes de gênero – estão em atravessamento de múltiplas violências. A parecença, nunca igual, de seus caminhos possibilitam que esse espaço, mesmo que não exclusivamente feminino, seja ponto de convergência e acolhimento a questões que, em maioria, já são familiares ao bando. “*A Dor e a nem sempre Delícia*” de ser, de buscar saber quem somos e de compartilhar caminhos nessa roda com parcerias que nos desgastam menos frente ao inimigo potencial: ciladas coloniais e compulsórias, do mesmo cesto de praga emergem a gordofobia, o racismo e a transfobia.

Somos bandos gordes em criação espontânea unidos por *dororidades* – nossas feridas nos juntam, cicatrizamos um na casquinha do outro, buscando arte como forma de sutura e re-existência diante as violências estruturais. Por exemplo: em praça pública duas pessoas gordas maiores demonstram afeto enquanto recebem ofensas e piadas das pessoas que transitam ao redor. Temos nessa situação – hipotética, mas real, sabemos – a gordofobia praticada pelos transeuntes ao mesmo tempo que temos uma situação *gordente* vindo das gordoridades (o beijo). Como opressão estrutural a gordofobia é também reproduzida por pessoas gordas, maiores ou menores, que a executam como conduta social de praxe. Já a *gordência* pressupõe um aprendizado desviante de corpo, brechas que persistem mesmo diante dos ataques constantes gordofóbicos e demais transtornos mentais que, usualmente, o acompanham. É preci(o)so que gordes desaprendam a gordofobia. Como na *dororidade*, a *gordência* também busca potencializar as vidas, afetos e singularidades de grupos gordos minorizados.

No Brasil, existem alguns grupos de criação em arte que são exclusivamente destinados a pessoas gordes. Esses bandos gordes, presenciais ou online, amortecem o vácuo da solidão ofertada pela gordofobia e suas interseccionalidades. Por vezes a solidão a que estas

nos submetem faz parecer que não há gordidades habitando lugares próximos: precisamos estar em bando para vislumbrar e sentir as potências adjacentes à gordura, reinventando maneiras para rizomatizar as epistemes gordas contemporâneas. Acontecer em sensações: aproximar-se da pele que foi tanto escondida, reacender na dobra a potência de eriçar os pelos e pensamentos, exclamar os pesos e pousos das carnes, encontrar escuta, acolhimento e arte em espaço seguro. A potência do bando está em sua multiplicidade, diversidade – um bando é composto de várias singularidades convergentes a mesma atividade de cocriação e coabitação de mundos possíveis, ainda não experimentados. Rascunhando planos grandes de futuro adensado de diferenças, sentimentos acontecem e, ainda, sem nome são chamados distopia: indefinição que por vezes me agrada. Seriam esses grupos articuladores de um possível *gordefuturismo*?

Para embandar-se é necessário livrar-se do individualismo. É necessário estender sua subjetividade como aberta e permeável, como rizoma. É preciso não ter covardia ou preguiça. É preciso entender pensamento como ação. Entender o discurso como ação, caso contrário, calar-se. É preciso negar-se a ser um aparelho de reprodução da forma-Estado, um (des) humano, recusar-se a ser o que não se é. Bandos buscam inventar formas de agir-pensar de outras maneiras: isto já é sua resistência, afirmação de outros mundos possíveis (ASPIS, 2020, p. 8).



Figura 59 – Identidade visual Adiposa Facção. Cedido pelo coletivo, em 2021.

Como movimento coletivo de cuidado, criação e reflexão durante a pandemia surge, em espaço virtual, Adiposa Fação²⁸. Grupo composto por pesquisadores gordes, quarentenados em diferentes áreas do Brasil: São Paulo, interior paulista e interior goiano. Compõem este grupo Júnior Ahzura²⁹, Cassandra Moira³⁰, Uarê Erremays³¹, Lucas Ferazza³² e eu. Essa gordosfera virtual se manteve por quase um ano, organizando-se com encontros semanais, valorando experiências e provocações para criações à distância em arte. Chegamos a tentar um edital para financiamento das ideias surgidas, mas não obtivemos êxito no processo. Com o passar do tempo, o adensamento das dificuldades e a falta de retorno financeiro do tempo

28 Adiposa Fação pode ser encontrado na rede social Instagram por meio do endereço: <http://www.instagram.com/adiposafacao>

29 “Nascido e criado na zona leste de São Paulo, é artista visual, educador e tradutor-intérprete de Libras. Tem interesse nas intersecções políticas entre corpo, espaço e sexualidade. Busca em seus trabalhos quebrar as representações visuais e as narrativas hegemônicas impostas aos corpos dissidentes. Trabalha com fotografia, colagem, performance e vídeo. É bacharel em Comunicação, Propaganda e Criação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo; e tecnólogo em Processos Fotográficos pela ETEC Parque da Juventude, São Paulo. É educador no Instituto Moreira Salles, onde atua como membro do Grupo de Pesquisa e Trabalho para Acessibilidade do IMS Paulista. Atua com educação não-formal no MAB/FAAP, VideoBrasil e diversas exposições no Sesc SP, nas unidades Belenzinho, Interlagos, Itaquera, Pinheiros, Pompéia e Santo Amaro. Tem sua prática voltada à acessibilidade ampliada, assim como o desenvolvimento de estratégias de mediação por meio de jogos.” Texto cedido pelo mesmo.

30 “Antropóloga e escritora, se dedica a esquadrihar as possibilidades outras de mundos, atualmente pesquisa desastre ambiental dentro dos significantes da virada ontológica e dos estudos raciais críticos, e paralelamente escreve recados de malmequeres e bemequeres, lembretes de que continuamos por aqui, “ainda felizes, ainda desobedientes, em cas a”. É bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e atualmente faz mestrado em Ciências Sociais por lá também. Desde 2013 vem trabalhando com a palavra, tanto na literatura, quanto na academia, e faz disso uma forma de afetar, geolocalizar e fabular suas possibilidades e impossibilidades de ser e estar nos mundos. Atualmente, para além da pesquisa acadêmica e da experimentação literária, é artista orientadora de literatura do Programa Vocacional da Prefeitura de São Paulo.” Texto cedido pela mesma.

31 “Uarê é bicho curioso. A matéria de trabalho é o corpo, osso, músculo, gordura e fluido. Os trabalhos se configuram como diários dos processos de entendimento de corpo no mundo, passagem do tempo e experimentos de deslocamentos. Flui por pesquisas sobre movimento: dança contemporânea, (pós-)pornografia, performance e o trabalho se materializa em muitas linguagens – uma delas a zine. Pela urgência da autopublicação, desde 2016 toca o selo Móri Zines, cavando espaço na cena da publicação independente. Além de imprimir seus textos e desenhos, vem se construindo como editor/ diagramador de produções literárias e imagéticas de pessoas LGBTQ+, gordas e negras, porque produzimos e queremos ser lides. Tendo a experimentação e a valorização do erro como estética, pretende comunicar e afetar a partir da publicação.” Texto cedido pelo mesmo.

32 “Conhecido também como Boi Preto Gordo é uma bixa produtora cultural e cozinheira. Integra a Adiposa Fação enquanto espaço de busca e produção acerca das gordidades. É produtor colaborador do Núcleo Negro de Pesquisa e Criação na área do teatro e audiovisual e da Agbalá Conta, Núcleo de Contação de histórias de Contos Africanos e Mitologia dos Orixás. É idealizador da Cozinha Fermenta, onde pensa e trabalha as Cozinhas Pretas junto da arte e da educação. Escreve porque precisa, faz poesia e cria ficções pela sobrevivência.” Texto cedido pelo mesmo.

investido foi impossível fazer a manutenção deste projeto-sonho. Não tivemos até hoje (2022) a possibilidade do encontro presencial entre todes. A Adiposa Facção enche a boca de saliva e a memória de saudades, durou tanto quanto pode, efêmera salvação. Atuou efetivamente no preenchimento do vínculo entre gordões e gordonas que estavam vivenciando em solidão, com bichos de estimação, essa segunda e violenta onda da pandemia. Foi o ajuntamento virtual que transbordou no corpo o desejo, o riso e a escuta. Seguimos em contato, planejando como executar o ressurgimento desse bando. Desejamos o encontro, nós e nossas criações, temos desejo de nos tocar, cheirar e olho-no-olho ser-estar.

Adiposa Facção é uma história em continuidade, seguimos buscando nossos enlaces criativos frente à crise sanitária e financeira. Seguimos com nossas criações do período pandêmico guardadas, enquanto planejamos o melhor momento para lançá-las no mundo.

GORDOSFERA (íntima) AFETIVA

Durante os anos de 2017 e 2022, estive em reconhecimento da potência que o corpo-como-um-todo gorde pode ser no mundo. Nesse percurso, tanto por vias acadêmicas quanto por vias pessoais, cruzaram no meu caminho várias gordidades, fiquei mais atento às pessoas que me influenciavam e, como forma de registro, aliei a essas vivências entrevistas e ações poéticas que compuseram o meu reconhecimento enquanto gordidade, bem como o processo-em-prazer para a fundação do conceito (nunca finalizado) gordência.

Quando se é uma pessoa gorda desde a infância, não nos resta dúvida se somos ou não gordura, excesso, desvio. Nossa socialização passa pelas características, restrições e humilhações da gordura, não experimentamos o mundo fora disso. Eu vim de uma família onde há outras pessoas adultas gordas, todas desesperadamente tentando emagrecer-se. Sendo eu ainda criança, a maioria desses adultos queriam me poupar da dor de ser gordo no mundo, tanto quantas dietas fui obrigado a fazer tantos eram os episódios de compulsão alimentar aliado a depressão, bem como tentativas de satisfazer o prazer oral sem adicionar calorias ao meu corpo que geram sequelas para saúde como: ingerir compulsivamente sal puro que levou a uma crise renal, episódios de bulimia, ingerir rapidamente sem mastigação adequada qualquer alimento quando em público para que não fosse visto me alimentando, o que desencadeia sérias distensões abdominais. Apesar de ter minhas preferências alimentares, demorou muito para que pudesse apreciá-las com calma, para que pudesse compartilhar o gosto pela comida sem ser sumariamente rechaçada. Hoje, uma das meditações prediletas é mastigar com calma a comida, brincar de texturas, aguçar papilas gustativas, entender o caminho e, concretizar o ciclo, esperando uma boa hora de defecar. Amo comer, amo cagar – amo a comida e(m) seus processos.

A solidão durante a infância e adolescência foi uma companhia certa, os elogios quando voltados a mim sempre eram em caso de emagrecimento, não importando se esse era consequência de alguma condição de saúde adversa ou não. Não tive amizades gordas durante o período escolar. A questão da gordura, ali, era um problema pessoal, condição que fez com que eu me envergonhasse do corpo e me retraísse em dinâmicas coletivas, sobretudo as esportivas. Já na vida adulta e universitária, foi onde eu comecei a ter relações afetivas e próximas com outras gordidades. Esse ajuntamento afetivo gorde em arte contemporânea é um memorial desse percurso de identificação, compartilhamento e criação entre pessoas gordas. Realça-se aqui como a socialização entre pessoas gordas é fundamental para desconstrução

do estigma, fortalecimento da autoestima e táticas coletivas para alicerçar poéticas-políticas na sociedade em que, por opressões interseccionais, fomos colocados à margem. É possível notar no ajuntamento a importância das narrativas autobiográficas e como a composição dessa cena gorde em arte contemporânea é mote para discussões sobre acessibilidade, empoderamento, prazer e lugar de fala das gordidades.

No ano de 2017 tive contato pela primeira vez com a videoarte Manifesto Gordx (Kono Misoginia e Samuel Hidalgo – Chile) durante o festival Bem-me-CUir (UERJ). Algo pessoal aconteceu nesse corpo que já se sabia desde sempre gordo. A potência e prazer da gordura, tanto nas imagens como no texto, me alçaram voos para contextos possíveis da gordura. A gordura não está somente no corpo, ela nos transporta a um lugar específico de corpo e de fala. Somos por inteiro gordes e não queremos eufemismos (gordinha, fortinho, cheinho, fofinha) para lidar com isso. As palavras GORDA, GORDE e GORDO não são insultos como por muito tempo pareceu, somos realmente imensos, gigantes, mastodônticos. “Por que a pessoa gorda não é uma coisa engraçada, ela é política, contra o estabelecido.” (KONO, 2014, online). Requeremos esta nomenclatura e a defendemos com orgulho, assim, pouco a pouco, nos reapropriamos do que, antes, era visto como insulto para incorporá-las sem julgamento como característica e resistência de nossos corpos em movimento.

As gordidades que compõem esse ajuntamento serão apresentadas na ordem cronológica em que se deram nossos encontros, assim será possível acompanhar simultaneamente as poéticas pessoais destas e os caminhos que este corpo-caderno em pesquisa foi traçando junto com essas colaborações. Por aqui, apresentam-se várias primeiras pessoas em singularidade, visando a composição de uma primeira pessoa plural deste recorte afetivo em arte contemporânea gorda no Brasil.

FERNANDA MAGALHÃES



**Figura 60 – Fernanda Magalhães (Fermaga).
Foto: Fernanda Magalhães, 2019.**

Recém havia ingressado no mundo das Artes Visuais e compunha o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos quando, em 2011, fomos convidados a participar do Festival Performance Arte Brasil, realizado no Museu da Arte Moderna do Rio de Janeiro, com curadoria de Fernanda Labra. Era minha primeira participação em um evento de porte nacional, onde pude conhecer vários artistas da performance e viver o que é/pode ser arte contemporânea. Foi nesse espaço que pude conhecer e compor com a ação intitulada “Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance” de Fernanda Magalhães.

Fernanda Magalhães (ou FerMaga como também é conhecida), nascida em 1962, é natural do Paraná. Artista, performer, fotógrafa e professora aposentada da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-doutora em Artes pela UNICAMP, Especialista em Fotografia pela UEL e Graduada em Educação Artística pela mesma instituição. Em 1995, recebeu o VIII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia pelo projeto “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia”. Publicou os livros “Corpo Re-construção Ação Ritual Performance” em 2010 e “A Estalagem das Almas”, em parceria com a escritora Karen Debértolis, em 2016. Em sua trajetória constam exposições individuais e coletivas nacionais e internacionais.

Com as palavras da artista, a ação apresentada no Festival Performance Arte Brasil pode ser localizada como “projeto de criação que se constrói a partir de ações performáticas realizadas com grupos convidados. O grupo de performers cria corpos diversos e coletivos, construídos com diferentes mídias, em rede e maleáveis, que se estendem, podem se tocar e se multiplicar”. Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance, que também é o título de um de seus livros publicados, é desenvolvido desde 2003 quando a artista descobriu um câncer de útero e esta ação em sua possibilidade de criar outros corpos coletivos inspira força e amor, ao trazer para esfera política da arte-vida processos subjetivos de cura para esse corpo atraves-

sado por “preconceitos e exclusões anteriores” (2010, p. 114). A ação acontece há mais de uma década e está sempre se mutando, ou seja, permeável aos contextos e iterações que a mesma desencadeia, sensível às transformações do tempo, do corpo físico e subjetivo da artista. Esta performance vai se desdobrando em si mesmo, dessa forma cada experiência, mesmo que compartilhe de pontos de partida parecidos, gera outras reflexões, diferenças e parecenças.

Ainda não sabia, mas Fernanda é uma artista brasileira precursora para se pensar Arte Gorda no Brasil. Nossa experiência de troca e convívio se inicia dessa maneira inusitada, na rua e em arte. Muito tempo se passou para que pudéssemos nos reencontrar, de maneira online, em uma mesma rede de pesquisa: Estudos do Corpo Gordo, organizado por Malu Jimenez. Esse encontro, após tanto tempo, me fez perceber o quanto participar da ação, em 2011, me alicerçou e empoderou enquanto artista gorde. A imagem e a memória viva de tal encontro sustém o desejo de embandar-se com gordidades. Na imagem que foi formada aos poucos por impressão de tinta colorida sob lençol de diversas partes de pessoas variadas compondo um novo-impossível corpo, atualiza a construção da primeira pessoa do plural (*noiz*) através da percepção das várias singularidades (*eus*). Ali, naquele momento, foi aberto uma marca, a marca da pertença, e a necessidade política de me afirmar enquanto indivíduo gorde de poéticas espessas.

A arte, a performance, a performance em telepresença, a composição urbana, a fuleragem e o mixuruca compõem o corpo coletivo, membranas úmidas tecidas por membros, interligadas por onze sentidos, onde bate um coração descompassado que esquece de tocar a campainha, que vai sem querer, e gera sincronia com diacronia: um corpo alcatéia. Sim, ele ainda existe: está na performance que canta e ri (LABRA; MANESKY; MEDEIROS; MATTOS; GALLON; AGRA; FIRMEZA; RIBEIRO; BRUSKY; MELIN, 2011, p. 14).

A experiência em arte está corporificada em todo meu corpo gorde, a identificação e o reconhecimento com o outro gorde despido convida (subjetivamente) o multiálogo das gorduras. Fernanda e sua longa trajetória em arte afofa o terreno para que agora artistas gordes mais jovens disfrutemos uma entrada mais facilitada aos caminhos em arte. Fernanda em seu movimento autorreferencial e poético, abre em deslize as poéticas gordas em nosso território Brasil. “A mudança gera novas fronteiras e conexões.” (2010, p. 118). Apesar das distâncias temporal e física, é impossível começar esse ajuntamento afetivo sem falar da experiência primeira – ainda sem nome – que a poética dessa artista de peso transborda em meu corpo.

A seguir trago algumas fotos da data de nosso primeiro encontro cedidas gentilmente por FerMaga:

Figura 61 e 62 – Performance Corpo Ritual. Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro/RJ. Foto: Natalia Lima Castro, 2011.





Além das apresentações, fotografias e ações artísticas, Fernanda é também teórica das Artes Visuais e suas produções acadêmicas acerca da gordura são de grande valia para o campo da arte gorda no Brasil. Por seu caráter vanguardista, é impossível *viver-pensar-sentir* nesse campo de estudo em ascensão sem reconhecer o trabalho das artistas que antes vieram. Sou grato por esse encontro, grato também por poder conhecer na prática as poéticas de FerMaga, antes de qualquer conhecimento teórico sobre sua pessoa ou obra, já que assim as memórias da experiência fazem peso junto às minhas carnes e me acompanham como antiga parente, que com o tempo vou descobrindo mais fundura e intersecções de nossas ações e(m) vida.

Durante esta pesquisa tive acesso a sua performance intitulada “Grassa Crua” (2016), resultado de seu pós-doutorado na UNICAMP, que teve como supervisoras as atrizes Ana Cristina Colla e Raquel Scotti Hirson. Trago para reflexão um dos momentos finais onde o foco está na relação de Fernanda com um pequeno e frágil banco de madeira. Para nós, gordes, somente visualizar aquela corpa gorda com o banco já traz uma sensação de perigo e, por isso, embora esse tempo seja curto, ele cinesteticamente se alarga. Eu, como espectador, fui transportado a memórias de humilhação como: quebra de móveis que não resistem ao meu peso corporal e situações onde não me dispus mais confortável no espaço pelo medo, préestabelecido, de que a cadeira/banco/móvel fosse ceder gerando uma cena de constrangimento. Voltando para o acontecimento de dentro do teatro, pouco depois que o banco de madeira vermelho é apresentado começa a tocar uma música agitada e logo depois, com ajuda de um martelo, Fernanda começa a destruir o banco. A música traz uma camada sensível de duelo entre a gordura e o móvel. A destruição em prazer do banco continua. A cada martelada e esfacelamento do pequeno móvel meu prazer gordo se deleitava na cena. Quantas vezes não foi o banco ou cadeira que, simbolicamente, nos quebrou/invalidou? A gorda quebra o móvel que não lhe confere segurança e dança. Dança com o corpo inteiro, pulam suas carnes em contraste com o banco duro e cheio de arestas e, agora, inutilizável no chão. A gorda continua, rumo a finalização de sua performance gerando por meio do cruzamento arte e vida uma, possível, ressignificação de experiências constrangedoras vividas por pessoas gordas.

Figura 63 – Performance Grassa Crua. Curitiba /PR. Foto: Tainá Bernard, 2019.



A composição musical que acompanha a ação é uma colagem de várias vozes que variam entre xingamentos, eufemismos, elogios e reflexões sobre o corpo gordo. Destaco aqui a seguinte passagem:

E os corpos precários devem ser extintos? Quais são as imagens que preenchem nossos imaginários, nossos desejos? O que buscamos, inclusive quando produzimos nossas artes? Os modelos reverenciados aplaudidos que compõem a maior parte das representações são os que mostram corpos potentes, fisicamente bonitos, fortes, musculosos, redesenhados, jovens, plastificados, retocados e idealizados. Assim, continuamos em busca da perfeição estética. Cultos aos corpos formatados se multiplicam e todos os diferentes estão relacionados como corpos malditos. É, malditos. Corpos fora das normas em geral não dançam, não são desejados, não são expostos e nem escolhidos. Devem ser modificados para pertencer!

Não seremos mais modificadas, modificados ou modificades para pertencer! Quebramos o banquinho que não nos cabia. Expandimos o mundo como ele era, desviamos das bariátricas e das mensagens milagrosas de dieta que promovem o “corpo ideal”. Quanta mentira! Nesse questionamento, Fernanda, sobre quais imagens preenchem meu desejo e imaginário te digo: são essas engorduradas que promovem em cada brechinha da minha racionalidade e subjetividade a vontade de me abraçar em toda forma em volume. Para desviar dos corpos formatados, busco ampliar o bando, evocar a gordosfera e cocriar imagens, texto e ações performáticas em que estejamos sendo protagonistas dessa história dos corpos gordos que por tanto tempo foi minorizada, patologizada. No encontro fortuito de arte e vida, política e poética, corpo e caderno, deslizamos lúbricas no adensamento em construção dos Estudos do Corpo Gordo como campo específico de conhecimento e tática de sobrevivência frente a gordofobia estrutural apresentada cotidianamente.

CONSTANZA ÁLVAREZ

Feito um cometa você chegou
E me abraçou com todo ardor
Fez a extinção das coisas más
Levou o mar pro meu sertão

Rota de Coalisão – Josyara

Diferentemente do encontro com FerMaga, tive acesso às produções de Constanza Álvares (Kono) antes de nos conhecermos. Como já apresentado anteriormente neste capítulo, Kono é autora do “Manifestx Gordx” em parceria com Samuel Hidalgo. Este foi o primeiro videoarte que acessei onde a gordura é apresentada em seu contexto poético-político positivado. Dessa forma conheci Kono, seu avatar audiovisual, e desejava muito encontrá-la ao vivo – não sabia nessa época como. Meu corpo, minhas percepções sobre dobras, funduras e corpo

se afetaram como um todo ao ter acesso a esse vídeo. Agora revisito esse contato e percebo que muito que transborda do conceito de *gordência* está enraizado nessa primeira experiência direta de positivação das imagens e subjetivações da gordura. Por anos esse foi meu videoarte favorito e, pessoalmente, fazia questão de circulá-lo cada vez mais nos espaços por onde frequentava. Manifestx Gordx – a escrita e imagem de Kono e Samuel salvam vidas.



**Figura 64 – Constanza Álvares (Kono).
Instagram, 2022.**

Constanzx Álvares Castillo (1991), natural do Chile. Escritora, performer, confeitadeira, artista gorda e praticante BDSM. Autora do livro “La Cerdx Punk” pela editora independente Trio Editorial, 2014. Dentre suas produções pós-pornográficas audiovisuais destacam-se “Manifestx Gordx” (2012), “Guata Fiera” (2015) e “Gordentes” (2020). Residente no Brasil desde o ano de 2017, atualmente mora em São Bento do Sapucaí/SP, onde gere o espaço gastronômico La Gorda Vegana desde 2018.



Figura 65 – Kono e eu. Cavalcante /GO. Foto: Bruno Gaú, 2017.

Figura 66 – Fragmento do vídeo arte Manifesto Gordx. Online, 2014.

Porque no se nace gordx, se llega a serlo..
Enunciamos, "Algunas chicas son
más grandes que otras".

Com o manifesto já explícito em minha gordura, no ano de 2016 participei do Encontro Transfeminista Suspirin em Belo Horizonte/MG. Cheguei atrasado devido à distância e fui logo surpreendido, pois Kono estava fazendo o lançamento de sua obra-prima, livro parceiro para discussões gordas em Chile e Abya Yala, “La Cerda Punk”. Ela estava ali, inteira, em presença apresentando o ainda desconhecido livro. Me sentei e observei, ouvi sem mediação de eletrônico nenhum aquela voz que tanto tempo me aproximou de minhas gorduras e agora me vibrava nas carnes a nossa, enfim, proximidade física. Constanza estava fora do computador, offline e presente a alguns metros de distância. O encontro já começou energético pela possibilidade de conversa com ela durante os dias que viriam... Coração acelerado e dobras suadas, a presença é insubstituível, mas que bom que existem as presenças virtuais para multiplicar-nos no ritmo de nossos desejos e necessidades, que inclusive nos favoreceu a antecipação do conhecimento uma da outra. Como é aliviante não ser o único corpo gordo do evento! No Suspirin, em particular, naquele momento, éramos inclusive mais que somente nós duas, salvo engano, éramos pelo menos quatro pessoas em um grupo de vinte.

Como uma das atividades do encontro, Kono ofereceu um espaço exclusivo para pessoas gordas durante dois dias. Até então, nunca havia participado de espaços assim. Por todo período da vida, acostumado a ser sempre minoria gorda em espaços de maioria magra, nem poderia imaginar as sensações e possibilidades que se abririam no corpo ao viver tal experiência. Foi incrível poder olhar-sentir em volta e perceber que todos os corpos ali comungavam do marcador comum: gordura. Embora as vivências ali ainda apresentassem contextos diversos ligados à raça e à classe, as questões da gordura poderiam ser tratadas sempre em primeira pessoa (plural/singular).

Minha primeira gordosfera, primeira pequena multidão gorda. Sentimento de pertencimento que transborda, escorrega e lubrifico me conecta a outras gordididades, aqui já era a primeira (inominável) experiência gordente. Os detalhes dessa imersão em espaço exclusivo gordente não serão descritos aqui, pois fazem parte de um acordo de confidencialidade que pactuamos durante as atividades. Já se passaram muitos anos desde esta experiência, os segredos já estão incorporados às minhas carnes e fazem parte do realce da rede gorde contemporânea. Naquele encontro, no calor dos corpos, na possibilidade do *com-tato* e *entre-tato* está translúcido a necessidade da presença múltipla gorde. Precisamos de muitos espaços exclusivos para iniciarmos a destruição da sensação mórbida de solidão que a gordofobia nos condena.

Os espaços exclusivos gordes, ou gordentes, experienciados por meio das atividades propos-

tas por Kono são lugares afetivos e políticos da gordura em minha experiência. Influenciado pelas experiências positivas do espaço exclusivo, busco criar espaços gordentes dentro dos espaço políticos e poéticos que ocupo. Estar em um espaço exclusivo gordo é proporcionar outra lente de acesso ao mundo que habitamos, lente espessa que adensa as gordoridades, facilitando suas trocas e composições sem ter que, no momento da criação e experimentação, explicar singularidades e subjetividades apenas partilhadas pelos corpos gordos. Visando a primeira pessoa do plural para esta experiência modificadora, ofereci a primeira oficina sobre temática dos Estudos do Corpo Gordo na UnB no ano de 2021, com apoio do Decanato da Diversidade – DIV/UnB, intitulada Arte Gorda: prática e teoria³³.

Passados alguns meses, no ano de 2017, tive a oportunidade de receber Constanza em minha casa (Núcleo Bandeirante/DF) para aprofundarmos um pouco mais a troca em arte-vida que iniciamos durante o Suspirin. A esta altura já havia devorado o livro “La Cerda Punk” e cada vez mais me interessava sobre os conhecimentos específicos do corpo gordo. Ainda não conhecia muito da rede brasileira que se debruçava no debate, foi quando Kono me apresentou “Stop Gordofobia”, livro de Magdalena Piñeyro³⁴, e alguns outros escritos da América Latina. Em nossa segunda imersão, criamos uma performance para realizar o lançamento do livro na ex-Casa Frida, localizada em São Sebastião/DF.

Apesar de Kono nesta época estar em trâmite para mudar-se definitivamente para o Brasil, dada as distâncias entre o estado de São Paulo e Distrito Federal, passamos por longos períodos onde a experiência presencial não foi possível. Contudo, mantivemos nossa troca das atividades, performances e referências gordas por meio da internet. Esse período é o momento em que o conceito de “gordência” começa a ser estruturado.

33 Na entrevista de Orquídea Fernanda, que compôs o coletivo deste minicurso, após apresentação do ajuntamento afetivo aprofundaremos mais na experiência inédita na Universidade de Brasília.

34 Escritora, filósofa e Mestre em Teoria Feminista. Natural do Uruguai.



Figura 67 – Performance de lançamento do livro La Cerda Punk (DF).
São Sebastião/DF. Foto: autor desconhecido, 2017.

No ano de 2018, tive a honra de ser convidado por Constanza para compor a Residência Gorde, que aconteceu em São Paulo, capital. A residência foi composta por: Melissa Gonzalez (EUA), Abigail Campos Leal³⁵ (SP), Uarê Erremays (SP), Kono e eu. Foram cinco dias de imersão, conversas e criações. Novamente o espaço exclusivo emerge como espaço de segurança para as propostas gordas apresentadas. As atividades que ocorreram perpassam também por práticas de Shibari, exercícios de diagramação e impressão do fotolivro Desdobramentos (autoria de Uarê, Tatiana Reis³⁶ e eu), compartilhamento das poesia de peso de Abigail, alongamentos e ensaios fotográficos entre todas pessoas envolvidas. Essa residência foi de suma importância para estruturação da palavra-conceito gordência que, até então, não havia sido apresentada para um grupo gordo a fim de escutar como essa proposta – prazer da gordura – e cocriação a partir ressoava em outras gordidades. Esta residência – segundo lugar exclusivo gordente que participei – foi o último encontro presencial que tive com Kono. A seguir algumas imagens criadas durante a residência:



Figuras 68 a 70 – Residência Gorde. São Paulo/SP. Foto: Melissa Gonzalez, 2018.

35 Atua entre os limites da filosofia e da poesia. É mestre em Filosofia pela UFRJ e doutoranda em Filosofia pela PUC-SP. Compõe a organização do Slam Marginália. É ativista literária e palavrasta, publica textos autorais e traduções em formatos de fanzine. Subproletária da cultura, também atua em produção cultural e curadoria.

36 Tatiana Reis é artista visual, fotógrafa e graduanda em Teoria Crítica e História da Arte pela Universidade de Brasília. Seu trabalho tem origem em memórias, cartografias afetivas e limites do corpo, voltada principalmente para as relações de gênero na perspectiva da história da arte. Após a experiência da maternidade, a artista começou a documentar o puerpério, o corpo materno e a relação com as próprias filhas através de fotografias, textos, colagens e esculturas.



As poéticas e percepções positivadas da gordura agora, por um instante, estavam experimentando ser nomeadas sob o conceito de gordência. Gordência a partir deste primeiro compartilhamento e(m) criação ruma por cinco contextos diferentes, cinco localidades, cinco corpos e com isso tende a multiplicação. Em 2020, Kono lançou um vídeo arte nomeado “Gordentes”, que explicita como nosso contato e troca potencializa o conceito recém-criado e amplia-o, inclusive, em seu significante. Desde sempre, gordência e gordente são palavras conceitos que não tem por objetivo unificar-se em um único significado, uma vez que ao se referir a “prazeres da gordo existência” é necessário se atentar à multiplicidade e complexidade da população gorda. O vídeo ainda não está disponível para apreciação pública, deixo aqui, como rastro, o quadro final dos créditos e uma transcrição de parte do áudio.

Figura 71 – Frame do vídeoarte Gordentes. Acervo Pessoal, 2022.

**Término creado e impulsionado por
Alla Soüb D'nadah Além.**

**Gordencia también es un concepto interminable,
posibilidades de placeres gordes sin fin.**

**¿En tu cuerpo gordo,
qué placeres reverberan?**

*Cada día que vuelvo a mi hogar...
cargada de precariedad...
para vivir, enunciamos...
Gordencia: cuerpas gordas en la existencia...
porque ya no queremos habitar desde el dolor!
Ya no te reclamo más...porque ya no te necesito.
Respondo con quietud... y sensibilidad.
A tu productividad acelerada...
respondemos con nuestros afectos...potentes, agudos...en demasia...
porque la carencia ya no es nuestra!
No te reclamo el toque...porque nos encontramos...
y hallarse entre cuerpas gordas...nos dió el aliento para carnarse!
Otra vez, me encuentro en tí y contigo, mi cuerpa
rolliza, voluminosa...excesiva de encantos...
de hedores, de singularidades..amistades y deseos...
[de] narrativas corporales nunca escritas...
pero continuamente palpables.
Tocarnos es el estallido de un deleite seboso...
Contemplarlas es recorrer el mundo...en un solo cuerpo
En ustedes habitan ranuras, surcos, canales, sierras,
desiertos, lagunas, tempestades, amaneceres
Con ustedes, el tacto nunca fue tan certero...
Empaparme en sus fragancias, en cada surco de sus cuerpas...
Absorbo sus hedores embutidos...entro en lugares
que nos enseñaron esconder.
Nos introducimos en el fondo de nuetras blandas pieles.
Las contemplo desnudas, dispares, múltiples...erguirse como reinas,
tocándonos como si nuestras manos estuvieran construyéndonos de nuevo.
Cuerpo-piedra que vira cuerpo-lama, barro...una caricia, un deseo...
que se arma con afecto, con una ternura insaciable, con admiración.
Escogemos desearnos... tanto en el sexo, tanto
en los afectos, tanto en la amistad.
Genitalizo la gordura, nuestras vulvas gordas,
pechos gordos, gluteos gordos...
las exploro, entro en ustedes, entran en mí...
cobijada, contenida, cómplices...
Me adentro empapada, salpicando en sudor...
Las ansias carnales en sus pieles acuosas, flácidas, fuertes...
Me contamino en lujuria, en la ternura de un beso...
(KONO, 2020)*

Desde quando conheci essa artista incrível fui apresentado aos sabores de suas comidas e doces veganos feitos com maestria. Nos últimos tempos Kono inaugurou, em São Bento do Sapucaí/SP, o café “La Gorda Vegana”, onde elabora, aprimora e vende seus quitutes. Com mais de dois anos de funcionamento seu estabelecimento já é conhecido na cidade e, por meio das redes nacionais, reconhecido nacionalmente. Desde seu livro, reiterado pela entrevista no podcast Pesquisa Gorda³⁷, Kono descreve que muitas pessoas se referiam a ela

37 Pesquisa Gorda é um seriado de conversas e podcast organizado por Agnes Arruda e Malu Jimenez de, para, com, por pessoas gordes. Seus episódios na íntegra podem acessados pelas plataforma Spotify, Instagram e Youtube.

questionamentos do tipo:

“Vegana e gorda?”

Uma alimentação vegana é, por excelência, uma alimentação que não usa nenhum insumo animal, como toda alimentação é uma dieta. Mas não uma dieta no sentido de regime, ou de alimentação hipocalórica, ou método de emagrecimento. Este foi um dos episódios recorrentes de gordofobia velada que Kono recebeu durante os primeiros meses de trabalho na área da alimentação. Pela excelência de seu trabalho, no momento com chef de confeitaria, Kono está sempre inovando os lugares que ocupa por meio de sinestésias.



Figura 72 – Kono e eu. Cavalcante/GO. Foto: Bruno Gaú, 2017.

Memórias antigas com Kono me cheiram batata assada e um tom avermelhado, como o entardecer. Uma companhia que sempre foi apresentada nesse paradoxo da distância. Ora muito perto, outrora longe demais, porém nossos compartilhamentos e desejos se entremeiam de tal forma que é difícil pensar os caminhos da consciência de minhas próprias gorduras sem o alicerce e base teórica que essa amizade e admiração me proporcionam.

UARÊ ERREMAYS



**Figura 73 – Uarê Erremays. São Paulo/SP.
Foto: Camila Falcão, 2019.**

Reservo a este memorial, das aventuras, criações e parceria com Uarê Erremays, o tom da saudade. Uarê chegou feito presente da amiga querida Laura Tropikus. Parceria prescrita por pareências. Esse grande artista e amigo balança/ou meu coração, foi com ele que a intimidade da gordura se estabeleceu. Com-tatos acontecidos sem pressa, entre conversas, danças e preparos de comidas nos conectam e multiplicam; nesse ajuntamento afetivo Uarê é raiz. Raiz e broto – vida – continuidade e saudade.

Uarê Erremays é artista por insistência, bicho curioso: transita entre linguagens e geografias como tática de sobrevivência. Sua matéria de trabalho é corpo, osso, músculo, gordura e fluido, movimento: por meio da pesquisa em dança contemporânea, investiga os contornos do existir. Desde 2020 vive em uma ilha que está afundando a olhos vistos, no Vale do Ribeira. Na solitude da quarentena, passou a estudar o horizonte infinito, o transe obtido pela repetição de movimentos – marés, nuvens, as Grandes Águas que movem as pequenas águas de si. Impelido pela urgência da fuga como sobrevivência à realidade, estuda caminhada para trás, giros, quedas: a transmutação da matéria corpo em oferenda, pedindo pela queda desse mundo.

Esse vínculo em arte-vida que nos sustém desde de seu início foi muito fértil em criações artísticas:

Desdobramentos (2018, 2021)

Em 2018, durante sua visita à Brasília, nos unimos em parceria com Tatiana Reis para registrar nossa dança íntima. Esses registros culminaram no fotolivro chamado *Desdobramentos*³⁸. Por meio da fotografia experimentamos brincar com a geografia dos corpos gordos, enquanto

38 O fotolivro pode ser acessado na íntegra por meio do link <<https://issuu.com/erremays/docs/desdobramentos>>.

dançávamos eram feitos registros em macro de nossos corpos. A proximidade dos nossos corpos da lente fotográfica gerava uma imagem íntima do corpo, onde seus referenciais de corpo-inteiro eram borrados. O corpo é o mundo, o corpo gordo, em sua particularidade e tamanho, apresenta-se como paisagem fantástica. As imagens que se seguem ilustram:

Somos em com-tato feito antigas placas tectônicas desconhecidas, reverberando na dança

Figura 74 e 75 – Corpaisagem. Brasília/DF. Foto: Tatiana Reis, 2018.





nossos marmotos gordurosos. A fotografia não é capaz de captar nossas ondas de carnes moles, ela estagna um movimento que não para, nossas carnes dançam ao menor contato, tremem, balançam em si questionando a dureza dos esqueletos, apresentando-nos a recente e prazerosa descoberta do sentir-se no *com-tato* gorde. Dança sem coreografia, sem tempo, dança conhecimento, ritual investido, dança que descobre e encobre nossas pareências e processos intuitivos. Por estarmos em processo (perene) de transição de gênero, essa dança antiga em imagens estagnadas por vezes nos levam ao desconhecimento das antigas imagens de nós mesmos. Nosso encontro e criações contam a história desses corpos, contam entrelinhas que dispusemos em formato impresso, no estado de São Paulo, e digital para acesso livre. Os corpos gordos e pelados dançam a história pessoal do nosso encontro, mas não só, questionam também os padrões da dança que sistematicamente exclui os corpos gordos de suas atividades. Em movimento e toque, anunciamos neste fotolivro nosso desejo de encontro, suor e coletivizações da gordura em movimento.



Figura 76 – Desdobramentos. Brasília/DF. Foto: Tatiana Reis, 2018.

Já no meio da pandemia, ano de 2021, criamos um novo texto para o fotolivro³⁹ e o relançamos de maneira virtual. Desta vez, o texto contido ansiava por liberdade, pelo encontro, enquanto vivíamos paradoxalmente a segunda onda da COVID-19. A construção desse novo texto, tecido, é feita pensando em um futuro nem tão próximo assim – o ano é 2060 em Brasília. Criar futuridades para corporalidades dissidentes é, com a possibilidade da imaginação, tentar articular maneiras outras de sentir o mundo tal qual ele é apresentado hoje. Nós, gordes, desejamos justiça social para nossos corpos. A seguir uma passagem do texto que compõe o desdobramento do primeiro fotolivro, que foi publicado pela chamamento público BSB2060⁴⁰, em 2021:

as baleias, como desde sempre fomos chamadas, são mestras: entendemos e honramos. com elas aprendemos a nos comunicar em uma frequência superior, exclusiva gorde para nós ela é esse grito denso para as outras pessoas ela é inaudível, mais rápida que o 7g ou wi-fi. assim mesmo com nosso porte mastodôntico nossas ações são sempre surpresa, nosso bonde vai se formando de forma silenciosa e quando se percebe KABUM o bonde já está formado! a primeira ação é acabar com as catracas de todos os ônibus da rodoviária do plano piloto e da rodoviária que vai para o entorno – objetivo básico que é podermos nos locomover pela cidade sem pedir licença para cobrador ou motorista, ou passar por situação vexatória além de afinar nossa parceria com o movimento passe livre – MPL, fazendo com que toda população do DF possa se mover de uma forma mais digna pelo território.

só que de repente eu ligo a televisão e passa o noticiário, é 2021, são mais de 2000 vidas perdidas por dia, eu mal durmo, o cheiro da morte se mistura com álcool em gel e até o arroz virou luxo. um ano e o riddim dos anos 90 que nunca saiu da filosofia brasileira volta com tudo “o de cima sobe e o de baixo desce”, tá escancarado as desigualdades sociais, as valas sem nomes, a volta da miséria, o fim do auxílio emergencial. como sonhar futuros partilhados enquanto a vida é desmantelada todo dia com a política de morte, sofrimento e desprazer?

a imaginação me respira feito pulmão, em isolamento, conectados por meio das baixas tecnologias que dispomos ainda em 2021, celulares meia boca, internet ruim, contas atrasadas. o sonho precisa ser coletivo, na rede, online ou na varanda, me fisioterapia em saber da segurança das pessoas que amo. imaginamos futuros outros, mesmo sangrando olhos e ouvidos ao ver-ouvir notícias. a imaginação é o gás para alcançar futuros outros, diferentes do presentes, alicerçados na lembrança do passado, do toque e do encontro. no corpo levamos a sabedoria do encontro, do com-tato, memória revestida em couro. revisita as entranhas, memória muscular e líquida, desejo de vida para atravessar distopias possíveis. esse músculo imaginativo que dança nossos prazeres não é simples, precisa ser exercitado, estimulado. nosso corpo que dança, nossa gordura gordente, anuncia chegança de mundos possíveis e desejos compartilhados.

39 Pode ser conferido na íntegra nos anexos da tese.

40 O fotolivro pode ser conferido na íntegra na página do Projeto BSB2060: <<https://bsb2060.com/alla-soub-e-uare-ueh-pelas-lentes-de-tatiana-reis-desdobramentos/>>

reinventamos todo dia formas para mantermo-nos aqui porque mesmo no improvável, aprendemos com as baleias a delícia do envelhecimento nessa terra-água.

desligamos o jornal, no apertado da quarentena inventamos possibilidades de imaginar desvios daqui, sinto o calor do abraço que nunca mais tive, ouço risadas de pessoas que nunca mais verei. a saudade me conecta com o ciclo mais primário da natureza: a chegada e a partida. sem esquecer das baleias nem da água, seu meio, aproveitamos a permanência para alicerçar realidades mais equânimes entre nós humanos... é preciso ouvir a sabedoria daquelas raízes que teimam e conseguem nascer e estrondar concretos no meio da urbis, metaforizar-se neles. gerar potência e força, tónus, imaginação e(m) dança.

Reescrever o futuro, pintar o desvio da norma, anunciar a decolonização da imaginação são objetivos dessa nova escrita e, por isso, a localizamos dentro do gênero literário, proposto por Walidah Imarisha, ficção literária. Segundo a autora:

Apesar da nossa habilidade para analisar e criticar, a esquerda se enraizou naquilo que é. Nós frequentemente esquecemos de vislumbrar aquilo que pode *vir a ser*. Esquecemos de escavar o passado em busca de soluções que nos mostrem como podemos existir de outra forma no futuro (IMARISHA, 2016, p. 3).

Para atravessar as incertezas da pandemia foi/é preciso treinar o músculo da imaginação, utilizá-lo, afiá-lo, a fim de encontrar no futuro motivos alegres que tangenciam vidas dissidentes. É a imaginação que cada um preso, em sua esfera íntima à espera de que o mal desconhecido e invisível passe, ou da vacina que nos permite sonhar. Os sonhos são um primeiro possível passo para a construção de algo que ainda não existe, afinal, as mudanças só podem acontecer se forem sentidas. A imaginação é uma bússola que transita do delírio a possibilidade de materializar tais mudanças/justiças sociais.

Perfrutynha (2017)

Brincadeira registrada na invenção de artizar cotidianos. A boca gigante abocanha os sabores à nossa volta e compartilha-os. Beijo-fruta, textura refrescância e carinho. Fruta-beijo que media nossos corpos, o que dá liga e constrói nossos limites é madura investida. Nosso encontro propicia frutos e sensações. Pingo feito fruta na saudade, anuncio ao mundo minha falta.

Figura 77 e 78 – Perfrutynha. São Paulo/SP. Foto por temporizador, 2018.



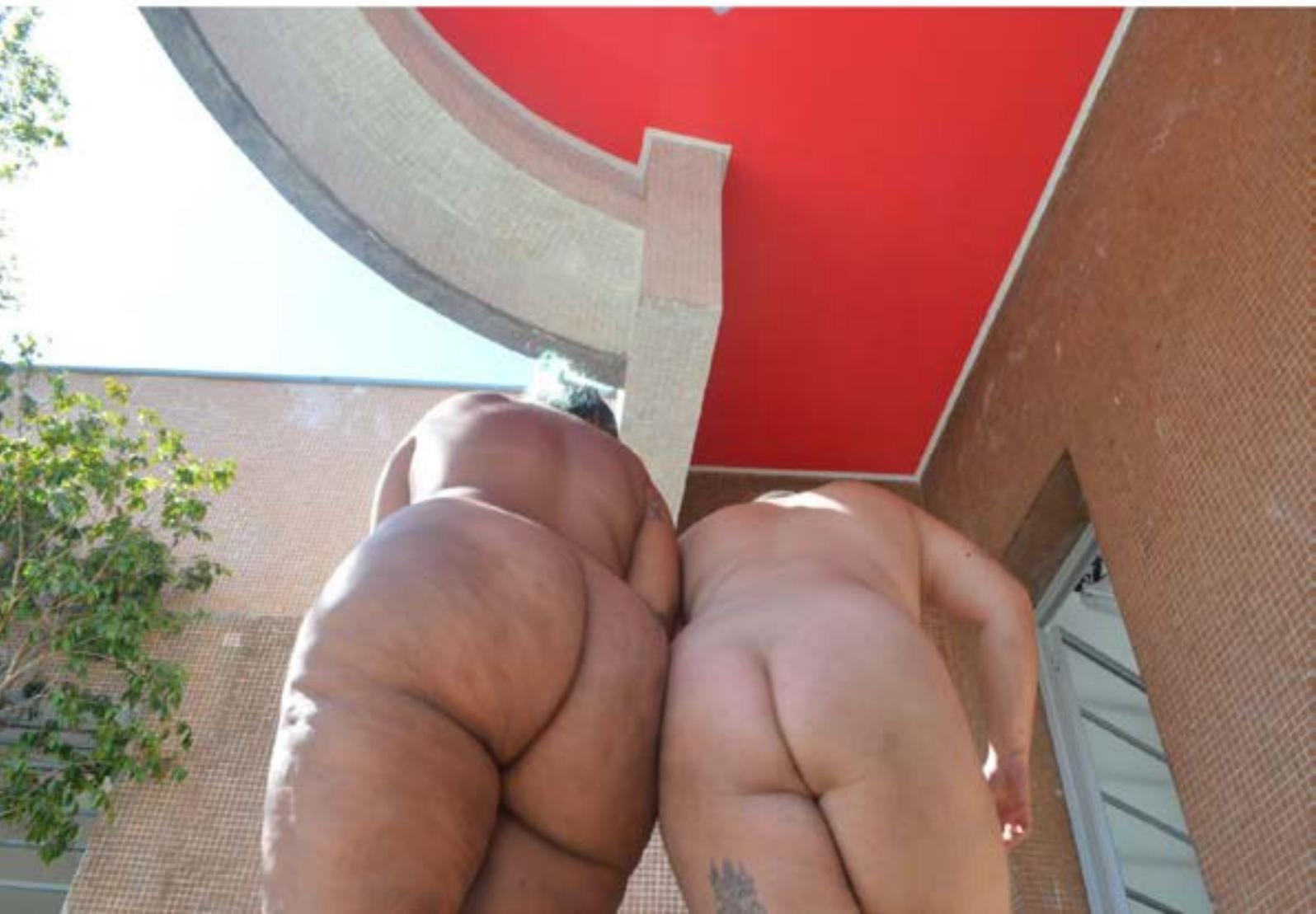


As imagens são fragmentos retirados do videoarte Perfrutynha, gravado em São Paulo/SP. Fuleragem, performance, brincadeira, experiência, ação, arte-vida e compartilhamento. Sem nome específico cabemos em (quase) todos durante esse momento. Lúdica libido nos transborda em parceria e intimidade.

Laje (2019)

Quando nos encontramos sempre dançamos, e novamente, na cidade cinza de São Paulo, o fizemos. É assim que celebramos nossos encontros, como seres viciados em suor, pingamos nossa alegria, convidamos os fluidos para nossa festa. Entregamos ao corpo a marca da improvisação e da união. Desta vez, estávamos em uma cobertura do centro da cidade, em um prédio muito alto, de onde tudo parecia distante, pequeno, menos o céu e nós, que sempre nos maximizamos em dança. Nossos corpos gordentes dançam a partitura inventada e, desta maneira, escrevem em nossa carne a movimentação macia e prazerosa da gordura. Aqui não há encontro sem dança e profundidade.

Figura 79 e 80 – Laje. São Paulo/SP. Foto por Rodrigo D’Alcântara, 2019.



Que saudade eu tenho desse encontro gordo, dessa amizade pesadona, dessa maciez e toque indizíveis. Atravessamos agora nosso maior tempo sem a possibilidade do encontro, perpassados pelas dificuldades pandêmicas e financeiras. Quando conseguimos, dançamos palavras em chamadas telefônicas longas. Existe uma intimidade-corpo que é poesia nesse caderno e couro e meu corpo sente saudades das leituras em fundura de Uarê. Esse texto está feito com o que as palavras conseguem guardar de nós, é um prenúncio de que logo dançaremos de novo, atualizando nossas edições em vida de encontros, delícias e aprendizados inenarráveis.

ALINE LUPPI GROSSI



Figura 81 – Aline Luppi Grossi. Instagram, 2022.

Como há muito já venho abordando nesse suspiro, corpos gordos se reconhecem nos espaços. Por mais que sejamos invisibilizados na estrutura geral da sociedade, nossas parecidozas fazem com que nos enxerguemos nos espaços, criando, muitas vezes, silenciosos pactos de pertença e parecidoza. No ano de 2016, foi sediado na Universidade de Brasília o Encontro Nacional dos Estudantes de Arte (ENEARTE), onde o Corpos Informáticos concedeu uma oficina sobre “Fuleragem e arte de rua”, Aline era uma das pessoas que participaram da oficina e, além de mim, única pessoa gorda

nessa oficina. Nossos olhares e corpos se cruzaram em confidencialidade silenciosa. Atentemo-nos uma à existência da outra e desse encontro, não combinado, resiste através do tempo nossa conexão e troca em arte.

Aline Luppi⁴¹, performer gorda que ganha a vida mostrando a bunda e a banha. Inserida na nova geração de artistas críticos de seu entorno, e ciente dos modos de fruição das ações artísticas comprometidas com posições subversivas, tem trabalhado sobre pedagogias e construções de sentido não assertivas, ruidosas e que escapam à onda conservadora que tem tomado a nossa época. Com formação em Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, é pesquisadora dos corpos gordos nas artes, principalmente na América Latina. Artivista e produtora gorda, suas obras têm transitado por muitos estados brasileiros e por outros países da América Latina.

Depois desse primeiro encontro, demoramos um pouco para vivenciarmos experiências particulares. Porém, sempre estivemos dispostas e ativas nos acompanhamentos das criações por meio das redes sociais e eventos em arte. Até que em 2017, enquanto juntamente com o Coletivo Culto das Malditas (DF), eu estava curando e organizando a exposição *coletiva Inferninho da Kátia Flávia*, acontecida na Galeria Pilastra, recebemos duas propostas performáticas de

41 Seu trabalho pode ser acompanhado na íntegra por meio do site <<https://linktr.ee/alineluppi>>

Aline: *Soul Dessas* e *O Que Você Anda Engolindo?* Como parte da curadoria coletiva, fiquei emocionado e me senti representado pelas poéticas gordas que comporiam nossa exposição que desde o início estava disposta a dialogar com/para poéticas dissidentes. Estas ações são feitas a certo tempo por Aline em diversas regiões no país, ambas são propostas abertas à iteração. O modo como essas ações estão cravadas no tempo e na vida de Aline se assemelha à performance proposta por Fernanda Magalhães, apresentada anteriormente, ou seja, as ações embora conservem em si disparadores comuns sempre se modificam de acordo com o contexto e iteratividade particular de cada apresentação.

Soul Dessas

Acompanhada por um espelho, vários batons e totalmente despida, Aline inaugura o espaço da performance. Encara o espelho, ri, dança e, naturista, deleita-se em seu reflexo, acariciando seu corpo gordo. Instaura-se, com sua presença e ação, o bem-querer gordo, a gordência de querer-se, desejar-se. Em sua história e trajetória de corpo contada em seu Trabalho de Conclusão de Curso, *O Corpo Gordo para além do Estigma* (2017), podemos conferir que o que antecede essa criação artística gordente são anos de gordofobia estrutural e intrafamiliar. Sou Dessas é um grito, um revide, uma vingança alegre de um corpo gordo que está disposto a ocupar todos os espaços com seu peso, volume, singularidade e carisma. Os interatores se aproximam de Aline, fazem uso do batom e em seguida a beijam. Por meio da marca dos beijos, essa carne que já recebeu tantas recusas de sua existência é amaciada pela potência alegre dos carinhos possíveis, da dança e risadas conjuntas e do compartilhamento de sua gorditude. A ação acontece, em suas diferenças, desde 2017.

Figura 82 e 83 – Performance Soul Dessas. Guará II/DF. Foto: A Pilastra, 2019.



86. 9 22

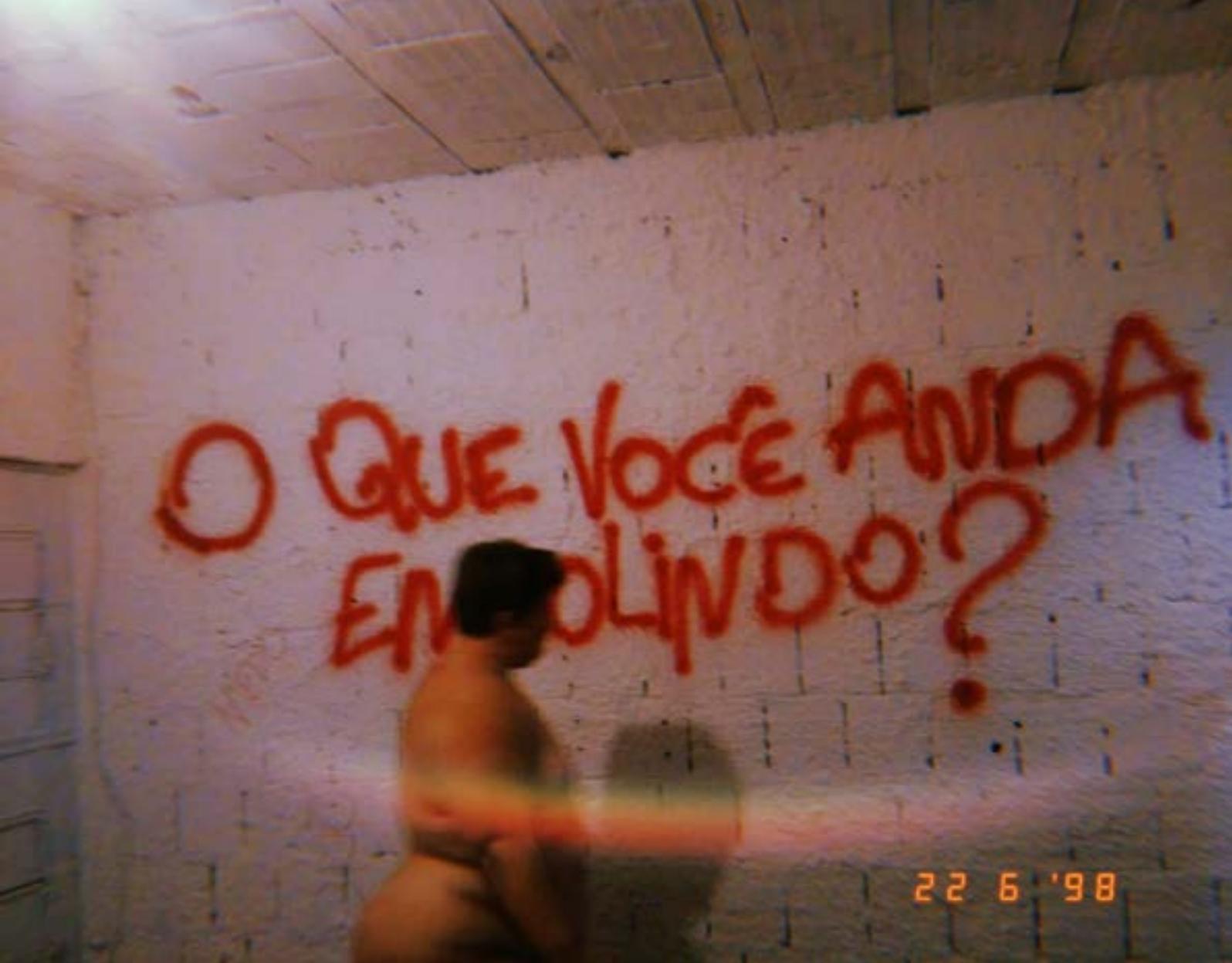


SOUL DESSAS se refere ao meu estado de espírito, ao amor e fascinação pelas curvas, pelos movimentos do corpo. Sou dessas almas que aceita, que acredita, que sabe quem é e escancara aos quatro cantos. É a liberdade e a leveza de se encontrar no próprio corpo, de reconhecer-se no espelho e sentir paz de espírito (GROSSI, 2017, p. 27).

Quem quer fazer carinho nas gordidades? Como medir a dimensão curativa do corpo que sempre foi abjetificado e começa a receber trocas afetivas ao invés das interdições de costume? A ação de Aline não se propõe a responder exatamente essas questões, ela se apresenta no campo de ação: tanto no corpo da performer que se apresenta às trocas, carinhos e marcas antes impensáveis, quanto no corpo dos espectadores que, em movimento ativo de encontro com o corpo gordo, decidem se permitem-se viver essa potência alegre da performance ou se a existência desse corpo gordo pelado e alegre os repele de alguma maneira. O tempo da ação é fluido, a depender da iteração dos envolvidos. Após a realização, nos próximos dias da exposição, não se apresentam rastros de sua feitura na galeria. Toda troca, provocação, sensação e aprendizado ocorrido durante a performance é carnificada em cada um dos envolvidos. A ação é provocativa para perceber contextos e comportamentos gordofóbicos frente um contexto específico, bem como promover o reconhecimento e multiplicação da provocação de bem viver em pessoas gordas que, por ventura, componham o grupo de iteradores.

O Que Você Anda Engolindo?

Diferentemente da ação anterior, aqui podemos observar uma ação que deixa rastro na galeria, que persiste como provocação e reflexão mesmo depois da ação acontecida. Em letras garrafais, na parede da galeria, lê-se o questionamento: O QUE VOCÊ ANDA ENGOLINDO? Isso não é somente sobre alimentação. Como gordidades, o que estamos engolindo em silêncio para sermos minimamente aceitos nos núcleos sociais ou familiares? Gordofobia, provavelmente. Mascaradas de preocupação (“é para sua saúde”, “digo isso porque te amo”) ou não, essa deglutição é custosa, causa ao longo do tempo úlceras subjetivas, atua diretamente na diminuição das libidos gordas frente ao desejo de viver. Tanta preocupação sobre a alimentação do gordo, mas nenhuma, ou muito pouco, sobre o que, em silêncio, esse corpo tem que acatar para sem bem quisto. Gordo, gorda, desengula os sentimentos negativos que a sociedade ancorada por sua gordofobia estrutural querem te fazer engolir goela abaixo – vomite e vomite neles. Beba água, perceba seu corpo, seu corpo gordo em relação ao mundo. Busque outras gordidades, aglomere-se, fortaleça-se para engolir somente o que faz bem para sua nutrição subjetiva e emocional. Fora isso, engula o que quiser de alimento, delicie-se no ato de comer, cozinhar. A boca é a porta do mundo de dentro, que seja doce o que for te fazer carinho por dentro. Os olhos a janela e as olheiras o tapetinho. Esteja atento ao mundo ao redor com suas armadilhas cotidianas e gordofóbicas que sempre oferecerá maneiras de inferiorizar sua vivência ou enfeiar sua singularidade corporal por meio de padrões irreais de corpo e beleza.



Como as outras gordidades que compõem essa gordosfera em suspiro íntimo e criativo, Aline também estava pré-selecionada para compor a residência gorda que foi proposta no início desta pesquisa. Seguimos na mesma gordosfera na busca do reconhecimento de nossas poéticas e na luta para aprovar algum financiamento público que propicie a realização do encontro quando a pandemia e a inflação se amansarem um pouco mais. Nós, Aline e eu, apesar dos encontros, não temos nenhuma foto juntas: não sobra tempo para as máquinas, *com-tato* viciante de criação e risada. Desejo um reencontro farto em tempo para lembrar-nos do sabor de nossas presenças e evocar o temperos de nossas futuras (quicá) criações partilhadas.

Figura 84 – Performance O Que Você Anda Engolindo? Guará II/DF. Foto: A Pilastra, 2019.

NANNY RIBEIRO



**Figura 85 – Nanny Ribeiro. Ilha do Amor/MA.
Foto: Gê Vianna, 2022.**

Foi em São Luís, Maranhão, em 2019, que pude vivenciar o início de uma grande amizade e admiração por uma multiartista ludovicense: Nanny Ribeiro. A Ilha do Amor, como a cidade também é conhecida, é regada por cores e reggae, e foi nesse contexto que os compartilhamentos entre nós aconteceram: aqui tem gosto de vento que vem do mar e salga as carnes temperando o suor do clima tropical. O mar no amar se fazendo corpo e entre.

Nanny Ribeiro (DJ Nanny Ribeiro) é natural de São Luís, Maranhão, e canceriana. Em suas próprias palavras: “Sou uma mana caminhão, digo que sou mulher por uma luta, mas me considero um caminhão. Mana preta, gorda, macumbeira, filha de Alzira, bisneta de Alzira, sou uma semeadora do resgate da potência matriarcal, é isso que eu vim fazer aqui, fomentar o resgate e resgatar o nosso poder matriarcal”. Além de ser DJ, Nanny também é atriz, modelo, curadora e produtora musical.

No ano em que nos conhecemos estava pela primeira vez viajando para um congresso para apresentar um artigo sobre gordência. Nanny estava na sala onde apresentei. Eu e ela éramos as únicas pessoas gordas ali, o que endossou, a partir daquele momento, a cumplicidade que nos acompanha. Saímos do evento e durante dias conversamos sobre gordência, sobre as multiplicidades dos prazeres gordos, enquanto, simultaneamente, íamos dando fundura aos mix de emoção desse encontro: carinho, amizade, arte, gargalhadas e comidas de rua.

Esse encontro também foi/é fundamental para entender os caminhos que a gordência está tornando. Cada encontro com gordidade em conversa sobre o conceito, expande-o e convoca para desdobramentos, ao mesmo tempo em que concede a palavra recém elaborada a pos-

sibilidade de voar autônoma por outras regiões geopolíticas e complexidades gordas. Durante nossa primeira temporada juntas em São Luís compartilhamos com as ruas nossas andanças e reflexões, cravamos na rua nosso bando-em-duo gordo e, mutuamente, elevamos as auto-estimas e, afetadas pelo encontro, confabulamos composições para próximos trabalhos em arte-vida gorda.



Figura 86 – Nanny Ribeiro e eu. Upaon Açú/MA. Foto: Felipe Espíndola, 2020.

Desejamos e imaginamos juntos a possibilidade da pesquisa de campo deste doutoramento: a tão sonhada residência artística gorde. Interceptadas, como o mundo todo, pela pandemia, nunca mais tivemos a oportunidade de compartilhar o mesmo tempo espaço, não pudemos continuar no ritmo do desejo e acatamos a nova possibilidade de proximidade: a internet, como espaço. Porém, ainda na pandemia, fui à São Luís para visitar minha mãe que lá morava e já não estava muito bem de saúde, foi quando recebi o convite de Nanny para participar de um videoarte que estava organizando. Estávamos no mesmo território geopolítico, mas só nos encontrávamos na internet: vivendo o paradigma da pandemia que aproximou as conexões mediadas por tecnologia e distanciou o antigo-tão-precioso encontro presencial. Bom, é evidente que aceitei o convite! Gravei minhas imagens em São Luís mesmo para este videoarte, disco-performance, que tem em um dos seus pilares de construção evidenciar os prazeres do corpo gordo por meio de imagem, poesia e música. Receber esse convite e imergir nessas gravações gordentes para a composição do vídeo enquanto via, pela primeira vez, a saúde de minha mãe exponencialmente baixa, me guiaram a movimentos de autocuidado que não permitiram que a onda de notícias densas fizesse com que eu desistisse de mim e dos prazeres que me rondam. O videoarte em questão chama Discoperformance: A Felicidade do Corpo Gordo⁴² e sua divulgação de estreia foi no festival online Conexão Dança, no eixo Maternidade Traviarcado Queer, em 2020, seguem alguns frames do experimento:



gordente, toda a playlist utilizada é feita por músicas que abordam a temática das gordidades

42 Discoperformance: A felicidade do Corpo Gordo pode ser acessado na íntegra através do link <<https://shre.ink/gLm>>.



Figuras 87 a 90 – Frames do videoarte Discoperformance. Online, 2021.



de maneira positivada. A produção musical desta *music tape* é feita- pensada-sentida para incitar o movimento das gordidades que tenham acesso ao vídeo por meio do reconhecimento de si e da ginga musical particular de Nanny, ao qual é muito difícil não se entregar ao ritmo ofertado. É no toque do tambor, na sapiência dos quadris, na felicidade gorda do corpo que Nanny cria redes e cativa o público. Eu sou incontestável fã-amigie que sente no corpo as propulsões desestabilizadoras da colonialidade que esta artista lança a todo momento em seus movimentos de arte-vida.

Saudades de futuros passados. Muito axé, que nosso próximo encontro seja logo, com a fundura da intimidade e(m) arte que nos permitimos.



Figuras 91 – Nanny Ribeiro e eu. São Luís/MA. Foto por temporizador, 2019.

ORQUÍDEA FERNANDA



Figura 92 – Orquídea Fernanda.
Instagram, 2022.

A última artista dessa íntima gordosfera afetiva em suspiro é a única até aqui que ainda não tive a oportunidade de conhecer, diferentemente do que aconteceu com as outras gordidades apresentadas, que já havia algum tipo de enlace, relação, desde antes da pandemia. Minha aproximação, reconhecimento e admiração por Orquídea aconteceu propulsionada pela pandemia, mediada e cultivada por meio de plataformas digitais, videochamadas, aplicativos de mensagens instantâneas, etc.

Motivo pelo qual escolho apresentá-la por meio de suas próprias palavras concedidas em entrevista⁴³.

Orquídea por Orquídea: “Sou uma pessoa trans não binária, bissexual, que nasceu em Pernambuco, mas sempre morou no Rio de Janeiro e, por isso, me permito a brincadeira de dizer que sou transcarioca. Transito entre a educação e a arte, acho que a criatividade do processo de aprendizagem e ensino e a criatividade artística têm muito a colaborar uma com a outra. Normalmente, eu foco em tentar aproximar o que seria uma arte da ciência a uma ciência da arte pensando em como as teorias que eu estudo, sobretudo dentro das teorias de literatura, estudos culturais e estudos de corpo gordo, como esses estudos podem ser matéria prima pra pulsões artísticas e como pulsões artísticas acabam sendo, também, uma expressão de onde sai a teoria, de onde se constrói um saber por uma via menos engessada do que aquelas normatizadas dentro da academia.”

Nós conhecemos durante o minicurso “Arte Gorda: prática e teoria”⁴⁴, realizado online, pelo Decanato da Diversidade da Universidade de Brasília – DIV/UnB. Embora estivéssemos em um espaço exclusivo gordo, ou gordente, nós éramos as únicas pessoas trans naquele

43 Todas as transcrições das entrevistas estão disponibilizadas na íntegra nos Anexos.

44 Esse minicurso será apresentado no próximo suspiro.

espaço, os movimentos em relação a uso de pronomes corretos, nome social, passabilidade eram assuntos que notoriamente nos uniam durante as construções de textos e atividades que transpassaram o minicurso. Foram dois meses de encontros semanais em criação e reflexão, nos conhecemos na prática e no desejo de cocriar realidades outras para experiências gordas de mundo. Não temos muita interatividade virtual, ainda. Escolho trazê-la para esse lugar das gordidades próximas de meu alicerce gordente porque foi na fala e na escuta de Orquídea que consegui gerar força e parir estratégias para, mesmo diante dos lutos e intempéries, continuar com a pesquisa e com o minicurso citado.

Por ora, ela se apresenta para mim como um futuro próximo e alegre de encontro, um abraço presencial que a pandemia engendrou, desejo de (re)conhecimento. O modo com que Orquídea desenha suas palavras em voz ou texto escrito também me encanta e me aproxima mais ainda – temos a mesma queda pelas palavras e suas multiplicidades de funções e sensações!

Aos poucos, segurando a ansiedade, vou a conhecendo e percebendo que já estamos em uma gordosfera maior que é aquela das gordidades acadêmicas interessadas em alicerçar os Estudos do Corpo Gordo no Brasil. Esse movimento ganhou muita força durante a pandemia, favorecendo que teóricos e artistas, que também trabalham em universidades, se organizassem para planejar eventos virtuais (lives, minicursos, apresentações artísticas) para sobreviver à solidão do período crítico da pandemia. Orquídea, como dito por ela, transita em várias áreas, trago a seguir imagens de sua recente foto-performance *Devore suas prisões/ libere suas paixões* (2021):

Figura 93 – Fotoperformance Devore suas prisões. Foto: Orquídea Fernanda, 2019.



Levare suas prisões
libere suas paixões

Orquídea Garcia



A cada despida de roupa libera-se espaço para o corpo espremido nas roupas que tem a intenção de modelá-lo para aparentar “menos gordo”. Soltar as carnes e rendê-las ao movimento livre em todas suas dobras é imprescindível movimento de liberdade e intimidade. Dança-se a (auto)paixão pelo corpo e devora-se o que sufoca, o que diminui, esconde.

Partindo dos elementos de representação, pessoas gordas nas redes sociais se aproximam, se encorajam, se desalinham e criam uma rede extremamente plural de formas de viver enquanto gordas. Se pelo viés capitalista muitas pessoas e iniciativas aprenderam que vidas gordas são um nicho de mercado, por outras óticas político-econômicas muitas também aprenderam que somos uma comunidade. Mais que isso, pessoas começaram a criar alternativas para conectar essas vidas, histórias, afetos, desejos e narrativas de modo a criar um movimento político que tem objetivos claros de concretizar mudanças que impactam grupos, negócios e cidades (FERNANDA, 2021, texto inédito).

É exatamente neste contexto descrito pela artista que nossa vida se entremeia, compartilhando telas e videochamadas é que aguçamos as partilhas até nossas poéticas e vidas. Durante o período da pandemia e seus necessários episódios de isolamento social se fez muito difícil estabelecer novos vínculos em qualquer esfera relacional. Ao mesmo tempo em que, depois de alguns meses do início, nas redes sociais outros nichos de interesse e ajuntamentos foram se formando e, assim, está sendo possível conectar “vidas, histórias, afetos e narrativas de mundo” por parecenças e não somente pelo espectro da dor e da exclusão tão conhecidos da comunidade gorda.

Trago outro trecho desse texto inédito de Orquídea que tensiona o conceito de doença (recorrentemente lançado por meio da patologização do corpo gordo) e gordofobia:

A doença social não é a gordura; é a gordofobia. A doença psicológica não é, de modo reducionista, simplesmente a compulsão, a ansiedade ou a depressão; é a gordofobia. A doença física não é o entupimento das artérias por gordura, é o bloqueio das possibilidades de existir enquanto vida gorda que se marca nas pressões que agravam o que se chama de comorbidades, no bloqueio ao acesso à educação, ao exercício físico, aos equipamentos de saúde, ao afeto e a todos os elementos que são somatizados no corpo gordo; é a gordofobia. Pensar que a gordofobia é um rótulo de algo puramente social ignora que as tensões discursivas que se estabelecem sobre cada corpo gordo se manifestam em respostas fisiológicas, em respostas cerebrais e em respostas bioquímicas. A gordofobia é uma doença física (FERNANDA, 2021, texto inédito).

Nós, seres vivos, somos seres psicossomáticos. Não estamos divididos em mente e corpo. Somos vários que formam um: mente, corpo, sensações, estigmas, prazeres, relações. A gordofobia tende a fragmentar nossa existência atribuindo a nossa característica física o título de doença, antes mesmo de uma investigação sobre a saúde de corpos maiores. Como provocação procede encarar o mundo, de modo gordente, revisitando as páginas-dobra de nosso caderno-corpo, sabendo que as consequências dos anos de gordofobia são o que geram, em maioria, as descompensações (muitas vezes perigosas e fatais) em nossos corpos. A gordofobia estrutural nos diminui subjetivamente, afetivamente e socialmente. Faz com que mesmo com nossos corpos grandes, gordos e hiper visíveis sejamos invisibilizados na sociedade, colocados à margem do desejo.

Vamos ocupar todo volume que temos em nossos corpos! Por meio da gordência e das redes coletivas de fortalecimento, online e presencial, é que – com prazer em ser – reivindicaremos políticas públicas de acesso, saúde e lazer à nossa comunidade. Estendo minha mão para essa recente chegada na minha gordosfera afetiva, imagino a presença, salivo o encontro. O toque de nossos textos e as tessituras da distância anunciam uma combinação gordente

estrondosa: veremos o que disso as palavras conseguirão guardar.

TÁTICAS PARA AMPLIAR GORDOSFERAS

Durante esta pesquisa tive a oportunidade de compartilhar o desenvolvimento desta através de um minicurso na Universidade de Brasília por meio da Diretoria da Diversidade. Esse foi o primeiro curso sobre a temática dos Estudos do Corpo Gordo nesta universidade, concedendo a este o caráter inovador às pesquisas neste campo no Distrito Federal. O curso, destinado exclusivamente a pessoas gordas, teve duração de 2 meses, com carga horária total de 48 horas/aula. Foi ministrado de maneira remota e contou com 20 inscritos, porém, menos da metade dos inscritos chegaram ao final do mesmo.

O minicurso “Arte gorda: prática e teoria” contou com dois principais módulos: o primeiro foi destinado aos compartilhamentos teóricos dos principais conceitos dos Estudos do Corpo Gordo (gordofobia, gordosfera, gordência), introduções as poéticas gordas (breve passeio pelas obras de Júnior Ahzura, Uarê Erremays, Kono, Fernanda Magalhães, Nona Faustine, Rap Plus Size e Adiposa Facção) e apresentação das poéticas autorais dos inscritos; no segundo módulo, destinado à criação, foram propostas atividades que permeiam performance, literatura e artes visuais. No minicurso, estive na função de mediadora mais do que de profes-



Figura 94 e 95 – Cartaz de divulgação do minicurso Arte Gorda. Arte digital para divulgação, 2021.

sora, uma vez que esta atividade também teve como objetivo promover a autonomia criativa e crítica dos inscitos, e não só o cumprimento de um conteúdo programático específico. Como mediadora, eu também estive em espaço de compartilhamento e aprendizado na atividade.

Aceitar vivenciar esse momento de compartilhamento e criação nos meses em que ativamente estive cuidando de MC no hospital foi particularmente importante para manutenção do meu desejo à vida e à possibilidade de estabelecer novos vínculos sociais perante a iminência de me tornar órfão. O agrupamento virtual formado foi uma rede de apoio mútua e houve momentos coletivos que não tiveram possibilidade nenhuma de registro compartilhado, salvo pelo corpo e memória das gordidades que compuseram o momento.

Nosso provisório coletivo assim se apresenta, em identidade nominal e visual:



Figura 96 – Identidade Visual de Mastodôntico Coletivo. Digital, 2021.

Com autorização das pessoas envolvidas, duas das atividades literárias desenvolvidas e em seguida suas metodologias:

Atividade #1 Sopa de Pedras

Gordofuturismo : um lugar onde possamos compor no
ou como criar/ficcionalizar futuros possíveis?
futuro r

Enlarguemos

os cotidianos. todos os espaços são meus e seus, por serem de todes. todos os lugares me comportam e te comportam, me aceitam e te aceitam, me celebram e te celebram, por comportarem, aceitarem e celebrarem a todes. Ao mesmo tempo em que sou celebrade, sou só mais ume na multidão. sem os olhares de desdém, sem julgamentos, sem ter vergonha. **eu sou livre(!)**, porque todes são. não é preciso militar contra a gordofobia. isso é um assunto do passado, daqueles que aparecem nos livros de escola, que a gente acha tão absurdo que tenha acontecido que até ri da humanidade medíocre de outros tempos. Orgulhamos aqueles que nos inspiram.

TODA RUA É PALCO. TODA PRAÇA É ALTAR. estamos todes felizes porque estamos todes juntas. foi preciso saber caminhar com os meus - viver com(o) quem transborda, escrever com(o) quem transborda - mais do que atacar os outros. sobrevivemos no bando, não damos um passo a sós.

□ Que feiura inventada aquela de se assemelhar a tábuas secas (risos), ainda bem que esse tempo já passou, porém enquanto passava, o elogio da magreza matava os nossos. (utopia ou distopia?) Tanto tempo no futuro, assentados na maciez cósmica das dobras escorregadias de nossos fluidos... Olhamos o passado:

mirrado. Como se permitiram emagrecer tanto? Pq nos afastamos? Pq nos escondemos, nos limitamos acreditamos naquilo que foi dito. Mas o que é foi dito?

Esse futuro farturento abraça o passado **carnudo** das iabás na beira-mar. Riremos da mediocridade da humanidade do passado.

Baco, budas, anjos, orixás e outras figuras divinais são gordes. Reencarnamos as Divindades! A ancestralidade é o tempo do agora. Se a ancestralidade é gorda, o futuro também o é. *A ancestralidade é o tempo do agora! As Vênus rotundas estão de volta.* Divindades se manifestam em tudo. Dançam, cantam, festejam, gargalham e nos querem felizes. Somos divindades na medida em que mora em nós uma partícula divina. EXERCEMOS NOSSA DEIDADE quando somos plenes, quando estamos felizes. **O divino é gordo.** A abundância é divina, a miséria é cruel. Que o espelho seja um portal para um futuro digno, livre e de amor! utopia ou distopia?

Pecado? Pecado é exigir que um corpo seja do jeito que se estabeleceu sabe-se lá o motivo. Não deveria existir pecado ao sul do Equador. Divina é a liberdade: tudo é divino, maravilhoso, como diz a música. Até o profano é celestial, divinal, etéreo, magnífico, sublime, sobrenatural, santo, sacro. O divino é aquilo que tudo vê, tudo toca, tudo sente, tudo cria, não se esconde, não se limita e não tenta agradar ninguém. Como criar espaço para corpos que não cabem? Reinventar as formas de existir, recriar, religar.

DESAPRENDER a expectativa dos outros, era o que precisávamos. **Inventar um mundo** abundante, **diverso**, múltiplo, intensivo e **intenso**. Apostar em outras ecologias da vida. Insistir em um mundo que permita o

grande, que não racione afetos, alimentos, desejos e sonhos. Sonhar com um mundo em que o peso não seja nada além da somatória dos encontros de órgãos, fluidos e tecidos que compõem um corpo. Um mundo que permita o alargar: das vidas, das experiências, das vivências, da pele. Sonhar com um mundo que não encolha, que se mantenha largo, folgado, tessitura lisa para que o corpo caiba, deslize, escorregue, escorra. Um mundo que não encolha. Passar a pensar em estudos que foquem no que o corpo gordo tem de benéfico, em práticas médicas e equipamentos médicos adequados para nossos corpos. **DESAPRENDER** os códigos linguísticos, matemáticos, biológicos, que capturam nossas dissidências, boicotam as nossas diferenças, silenciam nossos corpos eloquentes - acontecemos na produção de outras linguagens de si.

Um abraço gordo pode responder quantas perguntas?

Há menos dores do que gozo, glória e luz. Somos feitos para sermos felizes. Gigantes. Gostosos. **MASTODÔNTICOS**. Cremosos. Somos uma mistura de desejos e aprendemos sobre vivências sobrevivendo até chegar aqui, no futuro. **A nossa beleza hoje recorda quem fomos e nos mostra quem seremos. Uma corpa de múltiplos corpos.** Universo em expansão (!)

Quais geografias do desejo o corpo gordo ocupa e deseja ocupar por si, e não pelas limitações trazidas a essas pessoas? Querer ter uma relação monogâmica assumida? Romper com as estruturas de monogamia? Assumir uma sexualidade que se aproxima do estereótipo tradicional? Conservador? Kinky? O que se pode pensar como práticas sexuais? As expressões de amor/desejo precisam passar por uma estética apolínea? Dionisiaca? **Quais as outras possibilidades?**

Corpo gordo e desejos. Corpo gordo e educação. Corpo gordo e transportes. Corpo gordo e moda. Corpo gordo e esportes. Corpo gordo e medicina. Corpo gordo e religiosidade. Corpo gordo e política. utopia ou distopia?

PENSAR NO FUTURO É PENSAR EM MAIS PERGUNTAS QUE RESPOSTAS, ENTENDENDO AS PERGUNTAS COMO CONDUTORAS DE CERTAS INVESTIGAÇÕES. PENSAR NUMA GORDOCRACIA NÃO ME INTERESSA, POR EXEMPLO, COMO NÃO ME INTERESSA PENSAR NUM FUTURO QUE ELEJA PADRÕES ESPECÍFICOS DE SE ESTAR NO MUNDO. (MA(1)S QUAL(1)S MUNDO(S)?) ENTÃO PENSAR EM UM FUTUROGORDO TALVEZ SEJA PENSAR PRIMEIRO NAS QUESTÕES COTIDIANAS, JÁ QUE NÃO EXISTEM FRONTEIRAS, NEM PARA A TERRA, NEM PARA O CORPO, ALÉM DAQUELAS QUE SÃO INVENTADAS. Acessibilidade. Que palavra é essa?

Intenta traduzir a possibilidade de um modo de vida digno.

Acessibilidade. Enxergar a nós mesmas como partícula divina, potência. Entender a dimensão da beleza e importância de cada ume. No espelho vemos as curvas, as dobras, as carnes e gorduras que não cabem nas roupas apertadas, nas cadeiras, nos filtros do Instagram, no padrão inalcançável. Se nossas carnes abrigam desejos e balançam como mar, qual o motivo de olharmos para isso como algo ruim?

DESAPRENDER as linhas, os contornos. Misturar-se.

DESAPRENDER as normas que aprisionam,
que interditam nossas dobras.

Olhar para o corpo... Olhar para o corpo gordo como um corpo que tem direito à educação, como um CORPO QUE SABE. Rejeitar a noção de que um corpo gordo é um corpo preguiçoso ou menos capaz, e produzir conhecimentos que partam das experiências de mundo e das corpos gordas. Pensar em imagens de transportes públicos e privados que comportem o corpo gordo de forma plena e confortável.

Quem chegou aqui chegou como guardiãs e guardiões de infâncias e vidas gordas. Minha criança do passado ama o tio fazedor de doces que me tornei: às vezes cozinho doce e sai poesia... a comida que se come é um tipo de reza.

Hoje as crianças vão pra escola sem medo: cabem na cadeira, são chamadas a brincar e podem lanchar em paz, a comida é reza!

Quais as roupas e estilos passam a se configurar a partir de um olhar para o corpo gordo que não tenta se emagrecer e que não queira ser emagrecido pelas ilusões de cortes, estampas, modelagem?

Pensar num "futurogordo" se torna pensar em um futuro que abra espaço para as pessoas explorarem ser com menos mecanismos de controle. Uma vez disseram que somos poeira de estrela. Porque não as próprias estrelas, o próprio divino, o próprio glorioso? Pq oprimir algo que não tem poder? o divino, o sagrado, o inalcançável será mesmo...? O que representamos, como somos vistos? Como se configura uma religião com imagens de divindades gordas sem olhar para o passado? Esse corpo, matéria, materialidade, ser no mundo. Que sente o corpo? O que sentem as corpos? O que movimenta? Quanto maior a superfície, *maior a possibilidade de contato*, do encontro, do roçar, do friccionar...

quem dita as regras
quem dita a *balança*,
que *balança* como mar,
balança que *balança*
até que nina a criança.

Se o movimento é vida, nossos corpos têm o direito de movimentar-se. Então, pensar em práticas desportivas que sejam convidativas, alegres, **que convoquem o prazer (que convoquem o prazer!!!) de mover-se**. Pensar ambientes para a prática de esporte que não seja com a finalidade de emagrecimento, equalizando emagrecimento à saúde.

Na literatura, muitas vezes pensar no futuro de uma comunidade é pensar uma relação política a partir do olhar dessa comunidade. Se o corpo gordo é muitas vezes ignorado em suas potências de produção de saberes, conhecimento, formas de viver, É possível fazer isso com uma comunidade gorda? **utopia ou distopia?** Há uma comunidade coesa que se estabeleça nesta unidade? Creio que não. **É preciso coesão?**

Eu sinto/sento ao meu lado do meu companheiro **gordão** no metrô, não tem carne pra fora da cadeira, não tem mais vergonha na catraca. □□□ paquera gordocentrada no ônibus = simples futuro que podia ser agora. □□□ A cama de casal não precisa ser de casal pode ser só de uma pessoa grande mesmo.

GORDOCENTRADO. EXPANDIDADE. GORDOSFERA. GORDENTE. ADIXPOSTO. GORDANÇA. GORDATITUTE. GORDALEGRIA. ROBUSTESSÊNCIA. EN-COR-POS-SAR. GORDÊNCIA.

Estamos construindo nossas palavras para **DESAPRENDER as gordofobias** que nos introjetaram e que por vezes acreditamos (nossa mente anda se revitalizando das violências do passado magrocêntrico. **Desaprender os códigos.** Um futuro imaginado, utópico e **ideal** (*como criar um ideal que não se transforme em norma?*)

Quais as outras associações positivas são possíveis para o corpo gordo além da abundância e da fertilidade?

Quais

outras

pulsões

são

possíveis

para

o

CORPO

GORDO

ou

a

partir

dele?

Essas perguntas são o início do nosso encontro, mesa de estudos vividos gordos. Nossa epistemologia se dá e dança em roda. **MASTODÔNTICO COLETIVO** *(nosso imprescindível corpo)*

Metodologia: Os participantes foram convidados a uma escrita coletiva, por meio do Google Docs. A atividade se estendeu por quatro encontros – cerca de 12 horas de criação. No primeiro dia, ao mesmo tempo, cada um escreveu suas percepções particulares sobre questões voltadas ao corpo gordo. No segundo encontro, já com os escritos agrupados em um mesmo documento, cada participante esteve livre para acrescentar, mover e retirar do texto informações adicionais. A ideia desse segundo encontro foi, principalmente, dissolver a ideia de autoria pessoal, coletivizando as escritas e borrando as margens individuais. No terceiro encontro, foi dedicado um espaço de leitura e interpretação de texto para que a partir da leitura em voz alta novas alterações fossem propostas ao documento manifesto. No último encontro dessa atividade novamente foi feita leitura coletiva em voz alta e grifos com cores, destaques e fontes diferentes para que o documento escrito pudesse abrigar as variações que a leitura em voz alta nos trouxe. É escolha do coletivo não formatar o manifesto conforme as normas habituais de formatação (ABNT) tendo em visto que entendemos a palavra escrita também enquanto desenho e som. Nesse encontro acordamos que nosso manifesto está por hora finalizado e contempla todas as subjetividades das gordidades presentes.

Cravar na página as variações do corpo gordo, seus questionamentos e entendimentos de mundo faz parte da construção de outros futuros criativos para as populações específicas gordas. A escrita coletiva possibilita o contato com a intimidade literária do próximo e a composição aproxima vivências, embora gordas, de contextos diferentes. Tanto na atividade 1 como na atividade 2 a escrita se apresenta em sua potência de instigar com que outros imaginários emergjam.

Atividade #2 Preparando o caldo

VERBETES GORDES

[gordança]. *substantivo.*

1. ato realizado por um corpo de grandes dimensões que se balança no ritmo desejado e sem se preocupar com o julgamento alheio.
2. alegria expressada em movimento de expansão corporal.

[gordatitudo]. *substantivo.*

1. ação de enfrentamento realizada por pessoas gordas para se impor socialmente.
2. posicionamento necessário para ocupação de lugares sociais com dignidade.

[gordalegria]. *substantivo.*

1. ato de assumir-se diante da vida conectando-se com os afetos positivos necessários para a artesanaria de si.

[expandidade]. *substantivo neutro.*

1. sensação de felicidade expansiva ou transbordante de encontrar outras pessoas que partilham um recorte particular igual ao

seu num lugar normalmente não ocupado por essas pessoas.

ex: Saiu do encontro sentindo expandidade através de todo seu rosto.

2. felicidade expansiva ou transbordante de compartilhar experiências com uma rede afim (de pessoas gordas, de pessoas trans, de mulheres, de pessoas neurodiversas, de pessoas racializadas...)

[adixposto]. *adjetivo.*

1. se diz da pessoa que nota quando uma opressão está se operando em seu corpo e intercede no intuito de freá-la, eliminá-la ou ressignificá-la.

ex: Amanda é muito [adixposta] e não engole sapo à toa.

[encorpossar]. *verbo intransitivo / reflexivo*

1. ação, gesto ou movimento para afirmar as potências e histórias que seu corpo e sua vida carregam.

ex: Antes de um importante evento, Julia [encorpossou].

2. ação, gesto, movimento de acariciar-se ou exercer uma forma de autocuidado para afirmar as potências e histórias que seu corpo e sua vida carregam.

ex: Depois de terminar o seu dia de trabalho, Julia costuma [encorpossar]-se suavemente.

[robustessência]. *substantivo.*

1. Momento em que você percebe que não precisa mais ter vergonha por sua robustez e assume a sua própria potência.

ex: Finalmente Carol atingiu sua robustessência e agora é feliz.

Metodologia: Como visto na primeira parte do minicurso, onde nos debruçamos sobre os conceitos utilizados nos Estudos do Corpo Gordo no Brasil, foi sugerido aos participantes compor palavras que sejam capazes de abrigar as singularidades do corpo gordo. Cada participante compôs em forma de verbete suas palavras, atentando-se à classe gramatical e forma de uso de cada palavra, para que estas possam ser incorporadas por pessoas alheias à atividade em seu uso cotidiano. Entendemos, enquanto coletivo, que a língua falada é viva e capaz de propulsionar mudanças na língua escrita e também mudanças e episódios de justiça social na população específica de pessoas gordas. Estes novos conceitos e verbetes visam repovoar a língua imposta (PT-BR), vivificando o movimento de atualização e autoração das palavras. A atividade foi realizada em três encontros (média de 9 horas), com feitura individuais extra-classe.

É notável o interesse da Universidade de Brasília em possibilitar espaço para as inovações propostas pelo recente ingresso dos Estudos do Corpo Gordo na universidade. Participar como agente ativo desta abertura é histórico e faz com que nós, pesquisadores gordes, possamos ser a primeira pessoa singular/plural dos conhecimentos que são gerados e compartilhados por meio de nossas vivências. A produção de conhecimento nesta área legitima experiências gordas, corroborando com a ampliação da episteme gorda, a diminuição da invisibilidade e apagamento frente à estrutura gordofóbica a que estamos inseridos.

Desde o início do minicurso foi apresentado aos participantes o desenvolvimento desta tese de doutoramento no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da universidade, que demonstraram interesse na participação, elaboração e compartilhamento dos resultados

como substrato empírico para futuros projetos vinculados à área. Concedo voz e vez aos participantes e suas impressões acerca dessa vivência coletiva, pois são, tal qual eu, mediadores das criações e de nossos espaços virtuais cocriados:

Julia Paccanaro Rosa:

Desde que me entendo enquanto gorda, e posteriormente, enquanto gordovista, senti uma necessidade de me aprofundar mais, de entender a gordofobia como algo estrutural, que vai além do bullying a que a gordofobia é reduzida no senso comum. Nesse aprofundamento, fui compreendendo o quanto as pessoas gordas são excluídas até mesmo do mundo das artes, seja pela exclusão escancarada, seja por outros fatores velados. A mim, pessoalmente, tocou o fato de que um pensamento de que a pessoa gorda precisa “compensar” seu corpo sendo a melhor em tudo. Percebi em mim esse comportamento e, através do curso, pude me libertar um pouco dele. Lidei com as imperfeições e impossibilidades, minhas e do coletivo que formamos. Mas também pude me ver e nos ver como a plena potência que sou e que somos. Estar com meus pares me fortaleceu, me inspirou, aumentou meu repertório e movimentou um pouco o bloqueio criativo em que eu me encontro. Foram momentos incríveis, com pessoas maravilhosas e eu faria tudo de novo. Sou só grata.

Orquídea Fernanda Garcia da Silva:

Pouco antes de começar o curso, estava conversando com uma amiga sobre como os vídeos de YouTube e os canais televisivos que divulgavam arte não tinham presença marcante de pessoas gordas – mal tinha percebido que parte do sentimento de “arte não é pra mim” dialogava com o fato de ser

uma pessoa gorda do subúrbio. Fazer o curso me deu a chance de repensar essas coisas, além de criar conexões com as pessoas que compartilharam essa experiência e reorganizar meu olhar sobre os modos de fazer arte, quem se autoriza ou está autorizado a fazer e sobre as referências que povoam meu imaginário. De forma muito resumida, foi uma vivência que impactou em diversas áreas da minha vida e carrego como potência na minha pesquisa e na minha escrita.

Ruth Tainá Aparecida Piveta:

O curso me permitiu um encontro intenso com minha potência artística, com meu corpo, com as possibilidades de coletivizar a vida. Fica em mim como uma marca de afeto, de força. O sentimento de que não estamos sós na lida de inventar outros mundos possíveis.

Maria Luiza Bueno:

Confesso que sou uma amante das artes e quando vi o nome da oficina e me inscrevi foi sem nenhuma expectativa, realmente não sabia o que esperar. Conhecer e experienciar esse momento com pessoas tão incríveis foi de muito crescimento e autoconhecimento. Fui uma criança gorda dos anos 2000, onde a gente nem precisava ser gordo de verdade pra sofrer alguns preconceitos, cresci em ambientes onde a maior parte das pessoas era magra ou não aceitava não ser magra, então viver essa experiência de acolhida e desenvolvimento foi único. Tenho muito a agradecer por cada encontro e cada atividade.

É emocionante, enquanto pesquisador, artista, gordente e arteterapeuta, perceber o quanto essa proposta de espaço exclusivo de encontros e criação em arte gorda afeta as pessoas envolvidas. Pelos relatos é possível notar que arte aqui não está separada da vida, bem como a performance, fuleragem, ou ação, está imersa em arte-vida. As reverberações do encontro também acontece(ra)m em mim, a afetuosidade no qual se deu todo tempo de trabalho no grupo criou laços espessos de reconhecimento. Mainha fez a passagem na metade de nossa experiência coletiva, fui muito bem acolhido pelo grupo mesmo com a distância física entre todes ali. Saio dessa web-imersão igualmente grato, modificado, contente e com energia e desejo para articular outras experiências pedagógicas em arte-vida com grupos exclusivamente gordos.

Figura 97 – Arte-vida Encontro das Águas e Saudade. Cavalcante/GO. Foto: Rhaiza Oliveira, 2021.



EXPIRAÇÃO

Soltar o ar do peito, esvaziar o pulmão para que novas brisas em arte-vida sejam guias. Durante a escrita desse texto e os movimentos de respiração que o acompanham, inconcluso que a literatura é o berço das minhas vivências em arte. Metáfora do corpo, a literatura, letrada ou não, amplia os cadernos, as letrarias, as cicatrizes, os prazeres e os registros: arte-vida, corpo-caderno e gordênciã.

Este trabalho apresenta-se em fragmentos e táticas para sobreviver ao luto parental e à pandemia da COVID-19, ainda em curso. Busca por meio da arte evidenciar as possibilidades poéticas de re-existência para corpos dissidentes, sobretudo os gordos, que coletivizaram-se, priorizando nas vivências o reconhecimento, os afetos alegres e a composição de realidades futuras onde a diferença não seja fator de exclusão social. As diferenças que nos compõem são mote para a complexidade gorda que nos rodeia e para o embasamento dos recentes Estudos do Corpo Gordo no Brasil.

A criação de palavras, a ampliação do dicionário, estende convite às pessoas que chegaram até aqui na leitura, para que não se encaixem diante da possibilidade restrita dos verbetes do dicionário oficial. O movimento vivo e transitório da língua falada/escrita é feito, principalmente, por subjetividades questionadoras, que em arte e vida recusam-se a moldar as existências ao dicionário e suas opressões entrelinhadas.

Aqui está um parto em *finicio*. Portal do autoconhecimento em coletivo, porteira aberta dos segredos em morte-vida do mundo. Talvez saia daqui com mais questionamentos do que na chegada: é que o encontro com as leituras que compuseram esta tese, as gordidões que me acompanharam e a solidão massacrante dos últimos anos, me reinauguraram no mistério. Sendo mistério ainda não posso explicá-lo, somente vivê-lo na carne para, depois, quiçá, numa próxima, cravá-lo em papel.

Expiração curta de um corpo que correu demais, evidencia a luta para desvincular-se da ansiedade e da depressão dos processos apresentados. Respiração assustada. Diante da proximidade que agora temos, por conta da leitura, explicito vontade de me demorar mais em situações onde o suspiro e o alívio sejam possíveis.

Há flores no túmulo da família, o passado me acompanha a todo instante e anuncia o futuro ancestral e coletivo. Preciso pisar a terra, deixar que minhas águas se misturem aos leitos dos rios. Desdigitalizar existência para encontrar o sol das aventuras, eus em noiz.

Me sinto pronto para o abraço e nele me desfaço, renasço.

Coberto de cascas velhas em putrefação anuncio broto de fruto ainda não experimentado.

Mistério de principiar a vida da Morte.

Como as frutas que nascem da composteira: banana doce, abóbora farta e mamão-bola.

Composto as sementes, acredito na Ouroboros.

É o que ainda me sustém vivo...

ponto-sinal, sem final

Figuras 98 e 99 – Finícios. Cavalcante/GO. Foto: Alla Soüb, 2022.

Finiciós



Finición



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÁFIA. **Canção Pra Nós**. 2019.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4K3C4IkR7RA>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ALVAREZ, Constanza. **La cerda punk**: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, anticapitalista y antiespecista. Valparaiso (Chile): Trio Editorial, 2014.

ALVAREZ CASTILLO, Constanza; HIDALGO, Samuel. **Manifesto Gordx**: o punk nunca fará dieta. O punk nunca fará dieta. 2014. Tradução: Revista Rosa. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-1/manifesto-gordx-4873f9e3ccf6>. Acesso em: 19 abr. 2021.

AMARAL, André Pereira do. **Manifesto pela Escrita Poética**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2018.

ARRUDA, Agnes. **O peso e a mídia**: uma autoetnografia sob o olhar da complexidade. 2019. 116 f. Tese (Doutorado) – Curso de Comunicação – Universidade Paulista, São Paulo/UNIP, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/tainacan-items/191/26774/com_agnessouzaarruda.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

ARRUDA, Agnes; JIMENEZ, Malu. **Pesquisa Gordá**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/PesquisaGorda/videos>. Acesso em: 08 jul. 2021.

ASPIS, Renata Pereira-Lima. Criação de bandos como movimento de resistência. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 7-14, jun. 2020. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/issue/view/Caderno%20do%20fim%20do%20mundo/showToc>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRITES, M. e MEDEIROS, M.B. Dance: o lance do dado. Uma pesquisa em arte e em escrita. **Revista Artefactum**, 2014, no 1. Disponível em <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/>>

artefactum/article/view/249>. Acesso em: 05 jun. 2015.

BRITES, Mariana; MEDEIROS, Maria Beatriz de. Arte e Política: Rua, Grupo e Terrorismo Poético. **Revista Performatus**. Inhumas, ano 5, n. 17, jan; 2017.

CARMO, Anderson Luis do; BELCHIOR, Jussara. Pesar as palavras e estriar as hegemonias: autocuidado e fracasso em duas danças gordas. **Urdimento: Revista De Estudos Em Artes Cênicas**, 1(40), 1-31. 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.5965/1414573101402021e0106>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

CASSIANO, Ophelia. **Guia para linguagem neutra PT-BR**. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f-6d88311f92b>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

CESÁR, Chico. **Estado de Poesia** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yZ-q0A7y7hHI>>. Acesso em 08 set. 2016.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

CRUZ, Cecília Mori. **Cabine da Mentira: bobearias em trânsito para a arte contemporânea – livro de normas, formas e as ridículas listas**. 2015. 291 f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CULTURAL, Choque. **Fernanda Magalhães**. 2020. Disponível em: <<https://www.choque-cultural.com.br/pt/2020/08/22/rede-choque-apresenta-fernanda-magalhaes/>>. Acesso em: 5 maio 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **O que é filosofia?** 2. ed. São Paulo: Editora34, 1993.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 118 p.

DICIONÁRIO Etimológico. 2020. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em: 11 maio 2020.

DICIONÁRIO Michaelis. 2022. Disponível em: ><https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cicatriz>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, Brasil, v. 8, p. 235-246, nov. 2008. ISSN 2238-3867. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

GORDOFOBIA: **Novas Palavras**. Novas Palavras. 2020. Academia Brasileira de Letras – ABL. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/gordofobia>>. Acesso em: 14 maio 2021.

GROSSI, Aline Luppi. **O Corpo Gordo em Performance**: para além do estigma. 2019. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Cênicas, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 7-41, jul. 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 26 abr. 2021

IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o futuro**: usando ficção científica para rever a justiça. 2016. Tradução: Jota Mombaça. Disponível em: <https://issuu.com/amilcarpacker/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut>. Acesso em: 15 mar. 2020.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Loyola, 2002.

JIMENEZ, Maria Luiza. **Gordosfera**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?id=121001778242762&story_fbid=1262124597463802>. Acesso em: 10 maio 2021.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. 2020. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, MT, Brasil. Disponível em: <<http://lutecomomagorda.home.blog/tese-de-doutorado-lutecomo-uma-gorda-gordofobias-resistencias-e-ativismos/>>. Acesso em: 10 maio 2021.

JOSYARA. **Rota de Coalisão**. 2018. Álbum: Mansa Fúria. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RH7hXlrcInM>>. Acesso em: 30 jun. 2021

LABRA, Daniela; MANESKY, Orlando; MEDEIROS, Bia; MATTOS, Daniela; GALLON, Marcos;

AGRA, Lúcio; FIRMEZA, Yuri; RIBEIRO, Solon; BRUSKY, Paulo; MELIN, Regina. **Festival Performance Arte Brasil (Catálogo)**. 2011. Curadoria: Daniela Labra. Disponível em: CATÁLOGO Festival Arte Brasil 2011 MAM-RJ. 2011. Curadoria: Daniela Labra. Disponível em: <<https://www.artesquema.com/2020/06/09/catalogo-catalogue-festival-performance-arte-brasil-mam-rio-2011/>>. Acesso em: 29 jul. 2020. Acesso em: 29 jul. 2021.

LEAL, Abigail Campos. **Escuirecendo**. São Paulo: O Sexo da Palavra, 2020. 120 p.

LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo, PEIXOTO, Graziela Domini. **O que as folhas cantam: para quem canta folha**. Brasília: INCTI, 2014

LORDE, Audre. **Poesia não é luxo**. Tradução: Tatiana Nascimento de Poetry is not a luxury. Nova Iorque: The Crossing Press Feminist Series, 1984. Tradução disponível em: <https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/13/poesia-nao-e-um-luxo-de-audre-lorde/>. Acesso em: nov. 2020.

MAGALHÃES, Fernanda. **Corpo Re-construção**. Ação Ritual Performance. Orientadora: Lygia Arcuri Eluf. 2008. 260 f. Tese. (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MAGALHÃES, Fernanda. **Grassa Crua**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6c1SJrQQAL4&t=1967s>>. Acesso em: 12 maio 2021.

MANIFESTO de la liberación gorda. 2013. Disponível em: <https://gordazine.tumblr.com/post/52185478705/manifiesto-de-la-liberaci%C3%B3n-gorda>. Acesso em: 31 ago. 2019.

MARCOS, Ana; CENTENERA, Mar. **O ativismo dos ‘amigues’ da linguagem inclusiva**. 2019. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2019-12-23/amigues-da-linguagem-inclusiva.html>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MATRICARDI, Maria Eugênia Lima Soares Trondoli. **Ações, políticas estéticas, heterotopias nômades: lugares possíveis**. 2016. 131 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016

Maya Angelou e ainda resisto. Direção de Rita Coburn Whack. Intérpretes: Maya Angelou, Oprah Winfrey, Cicely Tyson. Estados Unidos: Chris Gardner, 2016. (112 min.), DVD, son.,

color. Legendado. Disponível em: <<http://www.netflix.com>>. Acesso em: 14 out. 2018.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Arte, performance e rua. **Artefilosofia**, Ouro Preto, v. 7, n. 12, p. 73-94, jul. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/580/536>>. Acesso em: 14 out. 2019.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos**. 2017. Disponível em: <[http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_12/\(7\)Medeiros.pdf](http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_12/(7)Medeiros.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MEDEIROS, Maria Beatriz de; AQUINO, Fernando; AZAMBUJA, Diego. **Composição urbana (CU) e Ueb Arte Iterativa (UAI): práticas e teorias artísticas do Corpos Informáticos**. 2008. Publicado na 17° ANPAP. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/19795760-Composicao-urbana-cu-e-ueb-arte-iterativa-i-uai-praticas-e-teorias-artisticas-do-corpos-informaticos.html>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

MEDEIROS, Maria Beatriz de; BRITES, Mariana. Iteradores, haters e pronóia. **28° Encontro da Anpap**, Cidade do Goiás, v. 1, n. 1, p. 45-56, dez. 2019. Anual. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro_____MEDEIROS_Maria_Beatriz_de_e_BRITES_Mariana_43-56.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

MEDEIROS, Maria Beatriz. **Aisthesis. Estética, educação e comunidades**. Chapecó: Argos, 2005.

MEDEIROS, Maria Beatriz; AQUINO, Fernando (Org.). **Corpos informáticos: Performance, corpo, política**. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2011.

MORE: **Mecanismo online para referências, versão 2.0**. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: <<http://www.more.ufsc.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2021

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuírlombismo literário: poesia negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor**. Pandemia. São Paulo: n-1 edições, 2019.

OLIVEIRA, Kaynã. **Linguagem neutra pode ser considerada movimento social e parte da evolução da língua**. São Paulo. Disponível em <<https://jornal.usp.br/?p=390959>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PANAMBY, Elton. **5 gestos desesquecidos**. 2021. Disponível em: <<https://www.panamby.art/5-gestos-desesquecidos>>. Acesso em: 4 jul. 2021.

PANAMBY, Elton; SOÜB, Alla. **Talk 'O Levante Revida com Vida' Elton Panamby e Alla Soub – MARSHA EM MONUMENTA!** 2021. Curadoria Yná Kabe Rodriguez. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1tW0QEKebt0&t=1323s>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

PANAMBY, Elton; SOÜB, Alla. **Talk Show "O Levante Revida com Vida"**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1tW0QEKebt0>>. Acesso em: 6 mar. 2021.

PANAMBY, Sara Elton. **Perenidades, porosidades e penetrações: [trans]versalidades pela carne. Pedregulhos pornográficos e ajuntamentos gózmicos para pesar. Eu não sabia que sangrava até o dia em que jorrei**. 2017. 483fls. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PASSARELI, Matheusa. 'Corpo estranho' e outros, por Matheusa Passareli. In: **Sexuality Policy Watch**. Arte & Sexualidade. 8 maio 2018. Disponível em: <<https://sxpolitics.org/ptbr/corpo-estranho-por-matheusa-passareli/8349>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

PESSOA, Fernando. **Navegar é Preciso**. 2013. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2021.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. Nós Editora, Rio de Janeiro, 2017

PIÑEYRO, M. **Stop Gordofobia y las panzas subversas**. Málaga: Zambra y Baladre, 2016.

PRÊMIO PIPA. **Ventura Profana**. 2021. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/ventura-profana/>>. Acesso em: 9 jan. 2022.

NOLETO, Rafael da Silva. Antropologia e Performance: Ensaio Napedra. **Ponto Urbe** [Online], 16 | 2015, posto online no dia 31 julho 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/2714>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombo: modos e significados**. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

SIZE, Rap Plus; SAR. **Eu só pago o que me cabe**. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1eCq12EWBrU>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

SOUZA, Estamira Gomes de. **Estamira**. Org. Marcos Prado. Tradução Zazen Produções. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

XHMASTER. 2022. Disponível em: <<https://br.xhamster.com/>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

XHMASTER. **Scheilah Vitória**. Disponível em: <<https://br.xhamster.com/users/sheilavitoriah>>. Acesso em: 15 de mar. 2022.

XVIDEOS: Free Porn Videos. **Free Porn Videos**. 2022. Disponível em: <<https://www.xvideos.com/>>. Acesso em: 3 jan. 2022.

TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA ENTREVISTA DE UARÊ ERREMAYS

Uare: Uarê Erremays, dessas todas identidades de gênero possíveis no agora, NBoyceta me interessa muito, esse lugar não binário, mas investigando uma masculinidade, que masculinidade é essa? Quais são as referências de masculinidade que me interessam mais? Acho que são as viadas, transviades, não sei se tem uma identidade com a qual eu me identifique, mas tem várias coisas interessantes acontecendo agora. Eu sou uma pessoa parda e pardo é um lugar bem difícil de se manter, de se segurar, os movimentos negros, principalmente, mas os indígenas também, não gostam do pardo enquanto uma tentativa de branqueamento ou higienização, mas tenho a sensação de que é uma identidade racial que atravessa muitos dos nossos corpos, e me identifico muito com isso de uma identidade que é de fato uma grande mistura colonizada mesmo. De certa forma, é importante para mim lidar com o pardo pra encarar essas questões de branquitude que estão arraigadas em mim também. Era pra ser uma apresentação breve? Nesse começo de ano eu to fazendo a residência, escrevendo alguns projetos e outros projetos de residência também, e tenho me identificado enquanto artista do corpo e do movimento. É um deslocamento, também, embora seja uma coisa que estou fazendo há um tempo, desde 2017, ainda está muito nas periferias da minha atenção do que eu to fazendo e, de repente, essa recolocação de com o que eu trabalho pode me ajudar a perseguir coisas que estão fazendo mais sentido agora. Acho que é isso, me coloca no mundo.

A: Vamos passar por 3 tópicos, o primeiro é sobre gordofobia, o que você sente que é gordofobia, se acredita que ela pode ser extinta ou amenizada, e se você já frequentou espaços de debate ou de criação exclusivamente gordes, e como você se sente nesses espaços.

U: A gente tá vivendo esse momento que tem a ver com o que eu falei de raça e gênero, todos os lugares estão em disputa, e eu sinto que a gordofobia, esse termo guarda-chuva, está muito mais ligado a uma questão de imagem, *body positive*, representatividade, que eu acho penca importante, penca relevante e que tem que se disputar todos os espaços. Mas eu também sinto que falta um pouco de tensionamento de raça e gênero nesses espaços de debate. Não sei dizer o que é gordofobia hoje enquanto um conceito, mas acho que qualquer corpo gordo que atravessa o mundo experimenta isso, e como qualquer preconceito, ele está em várias camadas, no que as pessoas dizem, como elas te olham e nessas questões de corpo, os lugares em que você cabe e não cabe. To num processo de dança, a gente tá abrindo um processo essa semana, e eu fui a única pessoa que não conseguiram achar um

figurino, todas as coisas que eu to usando são minhas, a gente se apresentou duas vezes e as duas vezes as roupas não funcionaram para o que se queria. É um monte de gente magra e cisgênera, ainda que sejam corpos racializados, várias pessoas pretas que tem vários cuidados e várias responsabilidades e subjetividades, evidentemente, não estão dando conta de suportar um corpo gordo transmasculino. Acho que as questões se atravessam muito, eu não consigo dizer que isso é uma questão exclusivamente da gordofobia porque ontem a figurinista me apareceu com uma blusa super coladinha branca, cheia de babado, super feminina, que eu acho que eu não teria usado nunca na minha vida, e eu acho que não é uma questão só de gordofobia porque, evidentemente, ela não desenharia essa roupa para um corpo que ela lesse imediatamente enquanto um corpo masculino, mas também não acho que é uma questão de transfobia porque se eu fosse um corpo transmasculino magro, sarado, da tetinha pequena, também teria essa facilidade de encaixar uma roupa que coubesse melhor. São muitos atravessamentos e hoje eu não consigo dizer o que seria a gordofobia, acho que é sobretudo um agravante de todas essas questões estruturais em que a gente vive. Já tivemos uma conversa sobre isso, falamos sobre racismo, lgbtfobia e gordofobia. Realmente, não está nessa estrutura, nessa maquinaria que rege o mundo, mas sem dúvida é um agravante de todos os atravessamentos sociais que a gente já tem. Se ela pode ser extinta ou amenizada? Pode, nós devemos tomar os meios de produção. De certa forma, faz sentido esses grupos de *body positive*, que é ocupar espaço na mídia, Thais Carla, por exemplo, sem dúvida é um corpo que marca a dança, naquele show da Anitta que ela tá no palco com todos aqueles outros corpos muito magros, muito atléticos, de verdade isso é importante e abre espaço para debates e para pessoas receberem pelo seu trabalho. Nada mais justo do que uma dançarina receber por dançar para a Anitta, que outras possam também. Nesse cenário em que a gente vive de uma sociedade muito hierarquizada, nessa loucura do liberalismo que a gente tá vivendo, nossas vidas estão sendo sucateadas, nossa força de trabalho, mais do que nunca, tudo está num processo de sucateamento muito grande, para mim não tem um horizonte em que essas coisas mudem, em que a gente consiga resolver nada disso, nem transfobia, nem lesbofobia, nem racismo, nem capacitismo, nem nada disso. Estamos nesse caminho, procurando maneiras de existir, mas não acho que seja nessa direção, a minha ação não é sobre acabar com a gordofobia no mundo, acho que passa por outras coisas que eu nem tenho certeza do que é.

11:51

A: Essas bases de opressão são o pilar da própria sociedade.

U: Eu tive algumas experiências em espaços exclusivamente gordos, todas muito rápidas, nenhuma foi um processo mais longo. Em 2018 ou começo de 2019, convidei algumas pessoas gordas que eu conhecia e se interessavam por dança ou tinham conhecimento em técnicas do corpo, pra dançar no CRD, Centro de Referência da Dança embaixo do Viaduto do Chá. A gente teve três encontros, mas as pessoas não têm horário, é difícil de se comprometer com o projeto que não tem grana envolvida nem perspectivas de ganhar dinheiro, mas foi um processo bem legal de experimentação de corpo. Sem dúvida, existe em mim um desejo de fazer algum experimento coreográfico com um corpo de baile só de pessoas gordas, acho que tem a ver com o Abate, a proposta do Lucas, tem várias coisas acontecendo. Teve aquele processo do Miro e da Jussara no começo do ano passado, mas não consegui me inscrever. Não me interessa tanto esse encontro no virtual, acho que a gordura é bastante física mesmo. Existe uma diferença muito grande da gente estar sentada em uma cadeira falando sobre isso da gente estar experimentando isso com a barriga espalhada no chão. Acho que é um desejo sobre encontro, também, eu gostaria muito de ver um tanto de corpos gordos dançando e experimentando coreograficamente, acho que imagetivamente pode ser muito refrescante. Eu fiz um processo com o Coletivo Agbara, vou lembrar o nome delas, uma delas dirigiu uma peça que eu fui ver esses dias em que tinha um corpo gordo dançando. Gal que dirigiu o Vala, que foi uma experiência bem forte, foi o primeiro espetáculo de dança que eu vi depois da quarentena e achei bem impactante. O Agbara é um coletivo de mulheres gordas e pretas e eu fiz esse processo com elas, foi muito massa, mas naquele momento eu já não me entendia enquanto mulher. Também acho que esse recorte específico de estar em espaços exclusivos para mulheres, que é o que eu sinto que o *body positive* propicia, não me interessa tanto. Fiz parte de um projeto fotográfico de uma gata, aquela fotógrafa Olhar de Paulina, mas também foi um encontro pra mulheres, embora tivessem vários corpos sapatão e pretos, eram todas feminilidades ali. Por eu estar nesse interesse de investigar essas identidades que atravessam a masculinidade, é um pouco desconfortável e invalidante estar em espaços exclusivos para mulheres. Tive essas duas experiências que poderiam ter sido muito mais potentes do que foram se não tivesse rolando esse incômodo de gênero, de estar ali pensando se eu devia estar ali. E a Adiposa, que foi um experimento exclusivamente virtual, acho que talvez falte fôlego mesmo para a gente manter essa disponibilidade afetiva para um espaço virtual, sobretudo nesse momento em que a gente está começando a encontrar as pessoas.

A: Sim, a gente tem que presencializar o Adiposa de alguma maneira.

U: Eu saí com Julia e Lucas duas vezes, e com Lucas e Cassandra uma vez. Não rolou de ver todos de uma vez.

A: No próximo subtópico, a gente vai falar sobre essa coisa ampla e geral chamada arte. Na arte contemporânea brasileira, você consegue encontrar outros artistas gordes a discutir tais questões nos lugares que ocupa? Como percebe o tratamento aos corpos e poéticas gordas pelo consumo e incentivo do mercado de arte? Como o marcador gordura compõe a sua poética?

20:50

U: Talvez o meu espaço de maior circulação nas artes contemporâneas foi na dança mesmo, foi a linguagem que eu mais compus coletivamente nesses últimos anos. Em geral, eu sou o único corpo gordo, a não ser nessas especificidades de exclusividade para corpos gordos. Nunca sou o único corpo fora do padrão, sempre tem gente que não é o magro do corpo do balé, mas não são pessoas gordas, em geral. Não converso com elas sobre isso, mas acho que elas não têm tanto essa experimentação da gordura no movimento. Tem uma escolha que eu nunca faço que é de ficar educando essas pessoas, eu não tenho muito saco para isso, quando eu to num espaço em que eu sou a única pessoa gorda, eu não vou me esforçar pra fazer esse trampo de figurino, por exemplo, tem dois meses que eu estou lá, há dois meses vocês estão vendo que é um corpo gordo, não tenho tanto esse interesse na educação. Vivo minhas experiências de um modo bem distanciado, geralmente, porque é isso, é acessar corpo sem falar sobre corpo porque ninguém ali está muito disponível pra falar sobre gordura. Uma das partes do aquecimento é o rolamento para trás, que é passar os pés por cima da cabeça, eu nunca aprendi a fazer isso e todas as vezes que eu estive em contextos de dança contemporânea isso foi uma questão e nenhuma dessas pessoas se deu o trabalho de viver essa experiência comigo, de me propiciar aprender a fazer o movimento razoavelmente simples. Acho que só isso já causa um distanciamento, um pequeno abismo que vai se tornando cada vez maior, e eu não tenho interesse de monopolizar as pautas, porque pra isso virar uma chave de “precisamos defender nossas identidades” e, de repente, isso virar um grande debate de olimpíadas da opressão, tem coisas que eu não abro e realmente espero da sensibilidade do grupo de trazê-las. Geralmente, o grupo não traz e acho que tudo bem, sem dúvida, é definitivamente ser um corpo estranho sempre, que não se sabe muito bem o que

fazer com. Também tem um fetiche pelo identitarismo, quem vai dar um texto, ou quem vai transformar o corpo em produto, esse não é tanto o meu interesse, de certa forma, eu tenho um desejo de viver a normalidade desse corpo, passei um bom tempo vivendo essa expectativa do monstro e incorporando isso, porque eu me sentia um pouco monstro e acho muito potente esse lugar, mas já me cansei também, só quero ser normal. Sinto que se eu vendesse um pouco mais, se eu enfatizasse mais sobre ser um transmasculino, não passável, gordo, pardo de pele clara, daria pra vender mais o que eu faço, mas acho que minha expectativa, que pode até ser prepotente da minha parte, é ter essa possibilidade de passar no mundo como um homem branco cis hétero de classe média passa, desapercibido, banal. Eu tenho outras questões muito profundas e mais urgentes pra tratar do que gordura. Acho que eu tenho um ressentimento com esse lugar, mas é um lugar que todos os corpos experienciam, tem N outras coisas acontecendo e me atravessando que não é ficar nessa esfregação de temática. A minha subjetividade está diminuída no meu marcador de diferença?

A: Estou pensando em usar essas entrevistas num capítulo misturado com um mini catálogo, para além de transcrever o que está sendo conversado, apresentar o trabalho das pessoas. A última parte é sobre gordênia, como se manifesta em você os prazeres gordes ou você sente prazer na gordura? Como a ausência de um verbete que conecte as palavras gordura e prazer corrobora com a gordofobia? Se você pudesse criar um termo pra falar sobre os prazeres do corpo gordo, o que você criaria? Você acha que o corpo transborda suas sensações quando consegue se palavrear, se nomear para além do dicionário? Partindo da ideia de que todo futuro é uma conjuração que antes de realizada é preciso ser imaginada, como você pensa que seja possível um futuro gorde?

32:21

U: Passar creme no corpo é uma coisa que me acompanha há muito tempo, desde 2014-2015, é uma prática quase diária. Às vezes é um óleo no banho ou um creme pós banho, protetor solar ou o que seja. Eu gosto muito dessa sensação de esfregar a pele toda, de levantar as dobras e tocar naqueles lugares que ficam escondidos e não recebem muito toque, gosto muito de sacudir as gorduras com a mão ou tremores, acho bem prazeroso. O balançar é uma das coisas desagradáveis da gordura, as pessoas falam que não podem dar tchau porque balança a pelanca, isso é um pouco sobre um corpo gordo, acho que a flacidez também diz muito do corpo gordo, essa coisa mais mole, menos tonificada, menos dura, do que um corpo que geralmente é tido como bonito ou apazível, magro, forte, com as gorduras certas nos

lugares certos e firmes. De imediato, o que me ocorre é isso, sempre tive muito prazer nessa manipulação da gordura do corpo mesmo e de observar como ela se movimenta, faz um tempo que isso compõe a minha prática diária num ato de carinho mesmo, de auto amor e essas coisas. Sempre que a gente fala de palavras e nomeações, é impossível não cair nesse lugar escancarado de que a gente fala a língua do colonizador, foram muitas subjetividades racializadas que nos compõe que perderam as suas palavras e seu jeito de nomear e viver o mundo. É uma disputa em território inimigo sempre, por mais que a gente ganhe, a gente sempre estará perdendo porque uma parte da subjetividade já foi eliminada. Ao mesmo tempo, é essa língua que a gente usa pra se comunicar todos os dias, é a partir dela que a gente estabelece nossos afetos, nossa produção artística, nossa transmissão de saberes. É um lugar confuso e delicado de como disputar esse espaço de um jeito que a gente saia ganhando de alguma maneira, inevitavelmente passa por isso, pelas palavras que necessariamente estão atreladas a um significado negativo, aquela cena muito boa do filme do Spike Lee sobre Malcom X que ele tá preso e entra na biblioteca, abre um livro e começa a ler as definições de negro e branco. Negro passa pela cor da pele, mas passa por funesto, horroroso, terrível, sombrio, e branco passa pela cor da pele, mas passa por angelical, puro, alvo, essas palavras já vêm embutidas, já têm raízes que não são só da palavra, mas da constituição da existência mesmo que vão nos compondo conforme a gente vai aprendendo essa língua e como manuzear ela. Acho que gordura virou um grande vilão, um grande inimigo da indústria farmacêutica ou de alimentos e estética, gordura necessariamente está atrelado a uma coisa ruim, quando alguém fala do abacate, ninguém fala que ele é ótimo porque tem gordura, tem outros eufemismos pra dizer isso. Como isso corrobora pra gordofobia? Do mesmo jeito que corrobora pro racismo, pra transfobia, é uma língua que é colonial no sentido de que segue nos colonizando cada vez que a gente usa dela de novo, a gente tenta escapar e criar caminhos, mas sempre acaba entrando nas repetições, que é isso dessa língua branca. Eu acho a criação de palavras uma coisa muito difícil, acho processos de nomeação muito difíceis, posso pensar, pode ficar para minha lição de casa. Acho que o corpo transborda sensações quando consegue nomear-se para além do dicionário sim, aquilo que eu falei antes sobre gênero e raça (nboyceta e pardo), a gente tá passando por um momento em que a gente pode inventar novas nomeações e dentro delas ir descobrindo o que acontece, quem são as pequenas comunidades que se formam em torno daqueles verbetes e quais são as coisas que te interessam e as coisas que te incomodam naquela comunidade. De repente, permite investigar uma parte de si que não era possível encontrar antes, justamente por não estar nomeada.

A: Quando você traz o termo *boyceta*, é um termo que se origina da falta de uma palavra, tal comunidade começa a usar e hoje em dia já está em outro lugar de disseminação. Antes de *boyceta*, era *boyceta* sem nome.

40:03

U: As palavras também vem pra atualizar ou dar em retrospectiva uma autorização que não tinha por não ter um nome, por não ser uma coisa, necessariamente, você estava vivendo uma experiência fora da norma, um pouco deslocada, em que você podia fazer um ajuste aqui ou ali e você se encaixaria melhor. Sinto que essas nomeações posteriores, mesmo quando a gente se renomeia, atualizam a nossa história. Se a gente não pensar em passado, presente e futuro como uma linha, mas de fato como algo que se espirala e se repete, acho que tem a potência de inclusive mudar o passado. Para mim é impossível não pensar que se a gente conseguir resolver só o racismo, a transfobia e o capitalismo, depois a gente vê, a gordofobia vai ficar de boas. Ao mesmo tempo que penso isso, acho que tem questões que são muito urgentes e imediatas que são da ordem da nutrição mesmo, se a gente pensa que boa parte do Brasil não está tendo acesso a alimento de qualidade, segurança alimentar voltou a ser uma questão para uma parte considerável da população e, ainda assim, tá tudo bem comercializar pencas desses alimentos superindustrializados, super processados e que vão fuder com as pessoas em níveis muito mais sérios do que ser um corpo gordo ou não, mas entupimento de veias e artérias, falta de vitaminas, excesso de sódio, N questões. Às vezes eu sinto vontade, um desejo, uma curiosidade de que a comunidade gorda falasse mais de comida, no sentido de não só estar tudo bem comer o que você quer, mas a comida é uma questão. Comida é uma questão pra gente gorda e pra gente magra, pra gente pobre, a indústria de alimentos é um setor bem zoadado, e tudo isso vai se desdobrando, os transgênicos, a monocultura, a tomada de territórios indígenas, tenho a sensação de que as questões de gordofobia e de corpos gordos para mim hoje são muito mais disparadoras para eu me aprofundar em questões muito mais sérias, que é sobre a dominação dos corpos e dos territórios, acho que para mim, hoje, o que me interessa nas pautas identitárias é isso, como conseguir fazer um disparador dentro de um outro grupo para pensar as questões que realmente são sérias porque, ao fim e ao cabo, não faz nenhuma diferença, pensando no macro, se na propaganda da C&A ou da Natura tem um corpo gordo. Às vezes sinto que o pensar o mundo fica um pouco em torno disso, quando tem algumas coisas de fato mais sérias e urgentes para a manutenção da vida e dos nossos. Amí, estou pessimista, só me dei conta agora.

A: Para além disso tem a questão da acessibilidade que também exclui as pessoas gordas e gordas maiores que não estão no lugar da representatividade e do comercial. Isso sendo uma pauta ampla e geral, o direito de ir e vir que está na constituição, é outra coisa que também se exclui. Acho difícil pensar o futuro se no presente não conseguimos enxergar os nossos. 2022, Brasil, o álibi já está dado é só ativar o GPS.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA DE NANNY RIBEIRO

Nanny: Eu sou Nanny ou DJ Nanny, já me acostumei com o povo me chamando assim. Sou uma mana caminhão, digo que sou mulher por uma luta, mas me considero um caminhão. Mana preta, gorda, macumbeira, filha de Alzira, bisneta de Alzira, sou uma semeadora do resgate da potência matriarcal, é isso que eu vim fazer aqui, fomentar o resgate e resgatar o nosso poder matriarcal. Falo de São Luís do Maranhão.

Alla: Você acha que existe alguma forma da gordofobia ser extinta da sociedade?

N: Como a gordofobia é uma coisa bem estrutural, vai além do meu ver a mim mesma, além do meu amor por mim mesma, porque se fosse por isso já tinha acabado, a gente vê gordas se amando, se entendendo, entendendo o seu movimento, mas é uma coisa bem estrutural. Eu acredito que se possa sim começar a semear essa outra visão sobre a felicidade de ser gorda, de um corpo gordo sobre as estruturas. Isso tem que começar a ser conversado dentro das escolas, acredito que essa é a principal semente, dentro das escolas falando sobre a estrutura que privilegia homens heterossexuais brancos e magros. E nós pessoas gordas estando nos lugares de troca, de conversa, de política, o poder de trocar ideias e movimentar essa estrutura. Se a gente estiver nesses locais, eu acho que se começa uma história, a gente consegue semear. É difícil, é a longo prazo, há pouco tempo se fala sobre gordofobia, há pouquíssimo tempo se tem estudos concretos e escritos sobre isso. Quando a gente fala de gordofobia, a maioria das pessoas acha que é sobre autoestima, como tem pouco conhecimento, as coisas são mais difíceis, demora mais, mas eu acredito que a partir da visão da educação, da visão de estarmos nos lugares de organização, de fala, de poder e de transformação, as coisas começam a se semear.

A: Você já participou de espaços exclusivamente gordes?

N: De experiências sim, mas nunca participei de espaços onde só pessoas gordas estão. Participei de espaços e projetos onde tinham pessoas gordas, mas espaços onde todas as pessoas fossem gordas não. Uma coisa que eu andei percebendo com esse começo de movimentação sobre falar de corpos reais e não corpos forjados, tenho observado mais pessoas gordas na rua, que é uma coisa que eu não via tanto, pessoas gordas na rua vivendo felizes com roupas curtas, com tatuagem, piercing. Acredito que isso seja por conta dessa conversação de pouco tempo, mas que já tá rolando um entendimento maior, mesmo com toda a problemática de sair para a rua, de pegar ônibus e várias coisas, eu acho que esses

espaços vão cheirar.

A: O que você acha que pode ter de diferencial e potencial na construção de espaços de discussão, de diversão, de troca exclusivamente gordes?

N: Primeiro, a tranquilidade de você estar num espaço, entrar no banheiro e sentar, é o mínimo. Acho que espaços completamente gordes vão ter estruturas maiores e mais fortes para todos os corpos, porque se você faz uma estrutura massa para um corpo grande, gordo, ela vai ser massa para um corpo pequeno. A tranquilidade de conseguir entrar nesses espaços sem se preocupar se você vai passar na porta do banheiro, isso é massa para a mente de um ser humano gordo, porque você sempre pensa: “Será que eu vou entrar no banheiro? Será que eu vou entrar no ônibus?”. Eu acho que também é uma troca positiva de entendimento individual, porque eu só entendi a potência de semear corpos gordos quando eu andei com pessoas gordas. Isso é importantíssimo, se você andar com pessoas gordes, trocar sobre vivências, você vai ligar lâmpadas para se entender como um ser e ficar tranquilo com ser. Isso é uma das coisas principais que eu acredito se houver esses espaços.

A: Temos que construir. O banheiro vai ser pra mais de uma pessoa gorda.

N: É importante pra banhar junto.

A: Na cena de arte de São Luís, você encontra com facilidade outros artistas gordes?

N: Na maioria das vezes, eu sou a única, principalmente, com esse discurso assumindo que sou gorda. Pessoas gordas assumindo esse potencial, na maioria das vezes, sou a única.

A: Como é possível invisibilizar um corpo que é impossível de não ver? É uma camada de silenciamento de muitos véus.

N: Não pode existir porque isso é feio, não pode existir porque você vai ser caçoada, isso vai te deixar para baixo.

A: Como você percebe o tratamento do consumo e do mercado de arte com as poéticas gordas?

N: Tô entendendo isso agora, porque eu tenho um projeto, uma disco performance chamada A Felicidade do Corpo Gordo, que são pessoas gordas, uma playlist com músicas de pessoas gordas, e eu to escrevendo ele em editais. Há uma rejeição porque pra quê falar de corpo

gordo? Às vezes, quando passa, acho que nos colocam num lugar animalesco, às vezes eu percebo esse lugar de criatura, de estranheza, que não é um lugar massa. Eu percebo isso, mas não é em tudo, acho que já tá começando umas pinceladas de entendimento responsável sobre isso, mas ainda não é favorável.

A: É meio desumanizante.

N: Para mim que sou uma pessoa preta retinta gorda, isso é bem mais pesado, porque eu sou invisibilizada várias vezes: “É preta e ainda é gorda? O que essa gorda tá fazendo aí com esse top tocando, discotecando, dançando?”.

A: Existindo na potência alegre.

N: Sim, feliz e assumindo: “Sou gorda mesmo e é isso, tá vendo essas dobrinhas do meu corpo? É lindo e eu amo, inclusive”. Lembrei de uma vez, conversando com alguém sobre isso, eu falei: “Eu emagreci, será que tá acontecendo alguma coisa, será que eu não to bem da mente ou tô comendo mal?” e a pessoa falou: “Tu emagreceu, que bom, né?”, e eu disse: “Que bom por quê? Eu to falando que eu posso estar doente e tu tá dizendo que isso é bom? Entenda uma coisa, eu gosto de ser gorda, quando eu emagreço é porque alguma coisa está errada e eu não gosto de ser magra. Eu gosto da minha estética gorda, das minhas dobras, do meu balanço, do meu peso. Eu gosto de ser gorda e ponto, vocês tem que entender isso”. Quando você diz que gosta de ser gorda, é um impacto infernal, você não pode gostar de ser gorda, ser feliz sendo gorda, você tem que viver infeliz buscando dieta, machucando o seu estômago sem comer, porque você precisa ser magra e odiar o seu corpo. Eu fico passada como eu não posso gostar de ser gorda, o povo fica em choque.

A: Vamos falar sobre a gordência e a felicidade do corpo gordo. Quais são os lugares de prazer gordura?

N: Reflexão boa. Eu penso que o prazer da gordura são as sensações, eu sou muito sensível, sou muito de sensações, eu já fui magra também, uma época, e há uma diferença muito grande na sensações, numa água batendo no seu corpo, escorrendo nas suas dobras, quando você é magro, não tem essa sensação. A sensação de um abraço, uma pessoa gorda abraçando outra pessoa gorda é totalmente diferente a sensação de um acolhimento, do quente, da maciez do corpo, um corpo gordo é extremamente macio, a sensação de um corpo gordo tocar e esfregar num outro corpo gordo é uma delícia, é estonteante. Também gosto do

movimento que um corpo gordo faz e que um corpo magro não faz, são outros movimentos, outros balanços, como o meu peito balança, como as minhas dobras balançam quando eu danço ou quando eu ando, como um peito toca no outro quando eu ando. São essas sensações que eu penso primeiramente sobre a felicidade do corpo gordo.

A: A gente não tem nenhuma palavra dentro do dicionário que ligue gordura e prazer. As palavras reforçam a opressão, são pejorativas, o que você acha dessa ausência de palavra e da nossa dificuldade de dizer o prazer gordo?

N: O vocabulário não consegue abranger as sensações, esse vocabulário em português que a gente tem não consegue abranger todas as sensações, tanto que existem povos que só se comunicam por sons e acho que abrangem mais sensações. Se comunicar por sons abrange mais sensações que a palavra escrita não consegue. Se o corpo gordo e o nome gordura é negativado, é feito para ser negado, destruído, acabado, ele jamais vai ter um nome que traga positividade, isso nessa estrutura que a gente tem, desse sistema padronizado de corpos irreais. A gente tem que fazer, porque o Aurélio é só mais um dos significados de palavras porque tem várias outras linguagens que podem significar coisas que não tem nesse Aurélio, ele não é o deus da palavra. Precisam ser feitos outros pra gente conseguir expressar o que não se consegue. É mais uma situação de padrão que se traz um poder, o fechar a palavra, é mais um fruto de manipulação.

A: O que você entende de você sobre gordência, como isso reverberou em você?

N: Acho que eu nunca te falei da importância que você teve na minha vida, você como uma pessoa gorda entendendo da sua gordura, da sua dissidência e fortalecendo isso foi muito importante para mim, porque eu não andava assim com pessoas gordas que se amassem. A minha família por parte de mãe é toda gorda, mas é onde eu mais sofri gordofobia no mundo, onde todo mundo é gordo. Eu não tinha referências boas sobre isso e você foi uma referência muito grande para mim em relação a isso, de poder andar de cropped, eu sempre gostei de mostrar a barriga, mas quando a gente vê uma pessoa massa, você pensa: “Eu posso ser massa também, vou experimentar”. A gordência para mim é isso, você amar e entender que um corpo gordo é diferente sim, isso não significa que é um corpo ruim, é diferente porque as pessoas são diferentes, os corpos são diferentes, você entender essa diferença, amar essa diferença, entender isso como um potencial e semear o conhecimento. A gente como povo preto acredita que o conhecimento não é só teu, o conhecimento é pra comunidade, e também alguns povos indígenas, você estuda para a comunidade, o conhecimento não é só

teu. A gordência também vem nesse ato de semear, de amar uma irmã ou um irmão gorde teu e semear esse amor e essa potência. A gordência é a potência gorda para mim, pronto.

A: Com essa palavra fica mais fácil da gente propor encontros. Pensando que todo futuro tem que ser imaginado, como você pensa um futuro gorde?

N: O futuro gorde é um mundo onde eu penso que a gente não vai precisar lutar por equidade em nada, onde a gente vai conseguir o mínimo que é viver, entrar num ônibus e se sentir tranquila, com catracas grandes, coisas grandes e pessoas que não te olham com descontentamento ou nojo. Isso para todos os tipos de corpos, corpos pretas, corpos trans, corpos não binárias, corpos nuas. É um mundo, um lugar onde não precisamos lutar por equidade em nada. É para além do nosso tempo de vida, mas a gente semeando já vai bugando esse sistema escroto. Já tem gordas na rua de cropped, uma coisa que nunca na vida eu podia imaginar que veria, cinco mulheres gordas na rua de cropped.

A: Quer acrescentar mais alguma coisa? Como foi o processo de criação da disco performance da felicidade do corpo gordo?

N: Foi muito doido, foi eu e Profana, foi de nós duas. Eu tenho uma pesquisa sobre potência de corpos dissidentes e eu queria muito fazer algo potencializando o corpo gorde, e eu tive essa ideia de fazer, como multiartista que sou, chegou a Aldir Blanc, e eu tentei juntar tudo aquilo que eu gosto e sei fazer dentro desse edital. Essa disco performance é uma mistura de poesia com performance e mixtape. Foi um trabalho de amor, eu tava num processo muito foda da minha vida, eu e Profana estávamos entendendo que tínhamos que nos separar, então foi muito forte. Ela editou, a edição é dela. Foi como um último fruto, um último amor, uma cereja. Uma planta que deu um fruto no amor. Eu acredito que foi assim para várias pessoas, tanto que toda vez que eu escrevo esse edital, ele já passou em dois estados diferentes, já está para exibição em Pernambuco, sempre que alguma pessoa gorda assiste, ela vem agradecer. A gente precisa semear o amor, dor a gente já tá cansada.

A: Mais alguma coisa?

N: Quero agradecer pela luta, pelo encontro, pela semente que você plantou em mim, eu sou muito grata, depois de entender isso que eu já sentia, mas entendi mais profundamente e vi a importância de semear o tempo inteiro, em todas as falas, nem que seja mínima, você tem que colocar sobre a importância do corpo gordo. Depois disso, abriu um leque na minha

mente sobre mim mesma, e quero só agradecer, é foda, é cansativo para caralho, tem gente que não entende, às vezes a gente tem que bater na tecla 50 mil vezes e se desgastar, mas eu só quero agradecer pela força.

A: Agradeço também pelo encontro. Muito bom saber dessa semente, a gente sempre cuidou tudo com muito carinho, admiro seu trabalho, amo a disco performance e foi bom saber mais da história dele, essas coisas do audiovisual ficam paradas no tempo, mas é uma semente que vai se multiplicando e a internet vira um jardim muito legal.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA DE ALINE LUPPI GROSSI

Aline: Conversar não é um problema pra gente.

Alla: Você é uma artista, mulher cis, branca, que trabalha principalmente com performance, mas também com instalação e vídeo arte, natural do Paraná, onde você ainda está, só que agora em Maringá. Seu bordão é “Performer gorda que ganha a vida mostrando a bunda e a banha”, assim a gente já situa onde estamos indo. Vamos começar conversando sobre gordofobia, você acredita que ela pode ser extinta ou amenizada?

Aline: Eu acho que é bem pretensioso, é tipo aquela fase quando a gente tá começando a fazer as coisas e não tem muita referência, e a gente fala: “Nossa, ninguém faz o que eu faço”, e você descobre um monte de gente que tá fazendo, e você vê que a situação é maior ainda do que aquilo que te motivou. Do meu ponto de vista, posso estar errada e OK, mas é uma questão estrutural, social, cultural, e pra que isso seja erradicado, necessita de toda uma reestruturação desses aspectos, o que não é viável, devido a questões financeiras, estruturais. Eu acredito muito mais nas micro ações cotidianas do que em alguns pontos teóricos ou grandes mídias. Entendo que são valores e situações diferentes, mas não sei se seria muito pretensioso dizer que podemos erradicar a gordofobia, eu acho que ela pode ser desfeita em situações. Por exemplo, que seja chegar num bar e pedir uma cadeira, ou entrar numa loja e falar: “Não quero comprar aqui porque você não me atende” e não se sentir mal, coisas cotidianas que te permitem estar no meio do convívio social, tanto quanto em ambientes de trabalho, de saúde hospitalar, nossa própria casa. Alugar uma casa em que caiba um corpo gordo é extremamente difícil, questões de espaço, quanto mais central as regiões, menos cabem esses corpos. É nesses vieses que meu pensamento parte, nada muito fechado também, vai dos obstáculos que temos, tipo se relacionar com outras pessoas.

04:58

Alla: Embora a gordofobia exista desde muito antes dela ter nome reconhecido pela academia brasileira de letras em 2019, a partir daí a gente começou a lutar contra uma coisa que realmente existia, porque antes, mesmo nas micropolíticas, a gente lutava contra uma coisa que era “invenção da nossa cabeça”. Eu também acho bem pretensioso quando se fala sobre acabar com a gordofobia, ou acabar com os estigmas estruturais.

Aline: E te coloca enquanto pessoa e artista num espaço em que, primeiro, você tem que dar

conta do que é estrutural, tirando toda a responsabilidade dessa estrutura que cai sobre você. Essa ideia de ser uma super pessoa, no sentido de finalizar isso, você não devolve para o outro questionar a vivência dele e essas relações. Você vai mostrar, dizer que não está certo, e acabou com aquilo. É como essa ideia de salvar o mundo que eu acho complicada.

Alla: Se você tivesse que explicar de uma forma sucinta e simples para alguém que diga que não sabe o que é gordofobia, como você explicaria para uma pessoa magra?

Aline: Não sei se eu saberia formular frases corretas, na minha cabeça vem as micro ações, então explicar o que é a gordofobia para alguém seria meio que tudo aquilo que uma pessoa não pode fazer por ser gorda. Desde frequentar determinados lugares, a simplesmente comer ou beber uma água em meio a um social, que geralmente são estigmas muito pesados.

Alla: Você já frequentou espaços de debate ou de criação exclusivamente gordos?

Aline: Exclusivamente não. Oficinas, encontros, palestras, trabalhos, a maioria dos que eu frequentei foram propostos por mim.

Alla: Como você acha que você se sentiria num espaço de criação ou de debate assim? Quais seriam as vantagens de espaços exclusivamente gordos?

Aline: Depende, eu acho que é um espaço muito bom, no sentido de que, por mais que os diálogos partam de lugares diferentes, eles já partem do entendimento de que todos sabemos o que é a gordofobia e temos essa vivência. De algum ponto, estamos partindo para ir na contramão disso, seja para dialogar ou trabalhar artisticamente. Aquela oficina com a Juçara talvez tenha sido um espaço exclusivamente gordo, lembro disso porque teve um momento em que me pareceu que a galera achou que eu estava brigando com alguém, teve essa relação de pontos de partida diferentes. Acho que um lugar de enfrentamento dentro desse espaço exclusivamente gordo seria se os pontos de partida se chocassem. Por exemplo, a pessoa tá tentando lidar com o espaço dentro da casa dela com pessoas não gordas onde não tem esse entendimento, num ponto A do desenvolvimento do pensamento e do interesse pelo assunto, talvez uma pessoa que esteja num ponto C possa entrar de frente por já estar com outro ponto de vista, já ter passado por aquilo e gerar algum atrito, não que seja um atrito ruim. Tem que ter um entendimento também de que são pontos diferentes, tanto de onde estão quanto de onde começaram, porque a vivência de uma pessoa é diferente da minha em casa, por exemplo. Talvez a conversa iria para outros espaços, porque já estamos começando

de onde todo mundo dialoga sobre e tem esse breve entendimento, mesmo que nas suas pesquisas iniciais. Mas, também tem essa questão de você não querer passar por aquilo de novo, ou de querer pegar na mão da pessoa pra que ela não passe por isso, e não adianta forçar os processos, cada um tem a sua trajetória, não adianta você falar pra ela pular pra cá sem que ela passe por isso antes. Acho um ambiente muito interessante que eu tenho vontade de experimentar, não tive essa oportunidade ainda.

12:02

Alla: Vamos criar, eu quero muito criar a primeira residência gorda do Brasil.

Aline: Me chama que eu vou, inclusive a gente pode produzir juntas.

Alla: Na arte contemporânea brasileira, você costuma ter esse encontro poético com outros artistas gordes ou você é a única pessoa do seu ciclo a discutir essas questões?

Aline: Os dois. Eu entrei na faculdade com aquela ideia genérica do que é arte, e eu não sou sapatão, não sou preta, não sou LGBTQ nenhuma esfera até então, e eu me perguntava o que estava fazendo ali. Eu tava naquela fase de entender esses espaços, eu sou gorda, mas que referência eu tenho? Eu fui encontrando e entendendo que eu gostava de falar de sexualidade, de trabalhar com essa atração que eu sentia pelo meu próprio corpo e esses aspectos. Eu tive muito essa fase de descoberta da roda, todas temos porque acontece, até que eu fui conhecendo as pessoas. A primeira pessoa que me introduziu nesse espaço foi a Fernanda Magalhães que é de Londrina, e eu fui começando a entender. A gente se encontrou no Enearte também, conheci teu trabalho, conheci o trabalho da Bia, foram outras corpos, não só as gordas, mas que foram trazendo gatilhos de experimentar. Eu quis conhecer essa galera e comecei a estabelecer um contato, a ideia inicial era fazer um cadastro e catalogar todo mundo e manter uma rede, mas não rola, eu não tive capacidade pra fazer isso, e é muito difícil também manter essa rede, ela acontece esporadicamente, nós sabemos quem somos e estamos sempre em contato, mas pra manter uma coisa diária, quinzenal, mensal, é muito complicado, você sabe. Eu acabei conhecendo as pessoas, por exemplo, te conheci em Brasília, dei um rolê em Brasília de novo, reencontrei a galera e fiquei tentando encontrar mais pessoas. Aconteceu de fazer um evento em Maringá sobre corpos gordas e corpos sapatão, nesse papo consegui trazer as meninas de Florianópolis pra cá fazer esse diálogo, hoje elas estão no mestrado e doutorado. Foi um investimento de carreira, eu me propus a conhecer essas pessoas e trabalhar com elas. Algumas eu conheço pessoalmente, outras eu conheço

de trabalhos e amigos em comum, mas foi muito divertido. Por exemplo, a Lucrecia veio pro Brasil e falou que queria me conhecer, propôs de fazermos uma coisa juntos, foi aí que rolou esse encontro. A gente trabalhou juntas uma semana insana, porque ela disse que tava vindo pro Brasil logo no comecinho dessa pegada de compartilhar o trabalho das pessoas e entender o que cada um tava fazendo. Encontrei o Arê* em São Paulo, a galera na Bahia, e quando você se acostuma a fazer isso, as pessoas vão se acostumando a fazer o caminho inverso também. Você pode não conhecer mais intimamente a pessoa, mas você sabe o que ela tá fazendo e tá ali se precisar de alguma coisa. Eu posso não trabalhar com isso, mas sei quem trabalha e posso indicar. Aqui em Maringá surgiram outros espaços, hoje tem mais artistas que trabalham com isso. Durante a faculdade eu trabalhei muito com o Renan que começou a trabalhar com o corpo gordo, mas a gente fazia tudo junto porque não tinha mais pra onde trocar, era um coletivo de dois. Hoje em dia o quadro já é diferente, tem a galera nas artes visuais, mexendo com pintura, com bordado, com macramê, audiovisual, cada um na sua área, deu essa expandida, não que começaram depois de mim, mas que começou-se a ter esse diálogo. Não ainda um coletivo estabelecido, mas sabemos quem somos e conseguimos nos indicar. Agora no carnaval, sou rainha do carnaval de novo, quem organiza o carnaval aqui são pessoas gordas, dois dos DJ que estão na organização e tem esse trabalho com entretenimento são pessoas gordas, a mana que faz o marketing e a produção de tudo é uma pessoa gorda. O primeiro impacto de me ter praticamente nua brilhando em cima de um palco foi gigante. Esse impacto fez com que esse ano de 2022 a equipe de pessoas gordas tenha triplicado, tanto de artistas quanto de promoters, a galera que tá de madrinha e padrinho. É um choque, porque o carnaval é 99% feito por pessoas gordas, e é sensacional ver essa relação.

Alla: Como é o nome do bloco?

Aline: É Bumbum de Ouro em homenagem ao trampo da Glória Groove. Começou como uma piada mesmo, eu falei que faltava uma bunda pra esse bloco e me ofereci, bem tímida que sou, e quando eu vi, no outro ano estava eu toda prateada e dourada em cima do palco.

Alla: Esse marcador da gordura compõe a sua poética de forma implícita, explícita ou mista? Por exemplo, eu sou uma artista gorda que trabalho com a temática da gordura ou uma artista gorda que faz programação de videogame, ou estou nos dois lugares?

20:46

Aline: Não tenho como dizer que não trabalho com essa bandeira, porque é o que eu sou,

estou e faço e sei. Mas eu queria pontuar umas diferenças, porque, esse é um espaço que eu estou porque eu fiz, é um espaço que eu estou nele porque eu não pude estar no outro, eu não pude ser a pessoa que era convidada pra projetos que não fossem sobre a temática. Eu fiz o meu próprio espaço dentro dessa temática, porque eu que me atrai. Tenho outros amigos e parceiros que trabalham indiretamente, que são diretores de teatro musical, cantoras, e curiosamente eu fiz uma pergunta: “Indiquem pessoas gordas da arte em Maringá”, e eu mesma fui levantando algumas dessas pessoas nos Stories do Instagram. Quando eu coloquei essas pessoas que não trabalham diretamente com o assunto gordofobia, as pessoas se espantaram. Tiveram mensagens dizendo: “Como assim, eu nunca tinha prestado atenção que tal pessoa gorda tá sujeita às mesmas situações que você levanta”. Hoje em dia as pessoas me reconhecem, o carnaval fez muito isso também, fora da nossa bolha artista, as pessoas me reconhecem e se policiam perto de mim, e até se preocupam. Eu chego nos bares e não preciso mais pedir a cadeira, a galera entende e vem conversar algumas questões que elas passam em sala de aula, elas vem dialogar, nesse aspecto. As pessoas se policiam pra falar perto de mim, porque entendem essas relações ou procuram entender, dialogar, por exemplo: “Estou fazendo medicina e entendendo como tratar esses corpos, me diz como funciona”, são pessoas com quem eu tenho a disponibilidade de falar sobre porque eu sei que estão interessadas em remodelar essa estrutura de atendimento a corpos gordas. Pessoas do convívio cotidiano me perguntarem se tal pessoa é gorda, ter esse entendimento foi uma coisa que me deixou bem em choque, porque entra nas passabilidades. Por exemplo, uma das pessoas que não foi reconhecida como gorda é uma pessoa de um poder aquisitivo um pouco mais alto, que tá super sociável, oferecendo festas, sempre movimentando essa cena. Tem também o interesse de estar perto dessa pessoa, até que ponto é passável ou não, ou só não houve um entendimento dessas relações. Só é gorda a pessoa que levanta a bandeira e trabalha com isso dentro do viés artístico? Eu não conversei com todas elas pra saber como elas lidam com isso, mas esse feedback dos próprios artistas que estão na cena junto com a gente foi meio assustador. Você automaticamente invisibiliza essa existência, não que você seja obrigada a levantar essa bandeira e carregá-la pra sempre, mas na forma como você é acolhido nos espaços.

25:08

Alla: Como você é tratado no mundo, no micro e no macro. Muito legal esses micro mapeamentos que a gente faz de artistas perto. Quem são as outras artistas que ocupam esse lugar

parecido de corpo pra gente conversar nossas singularidades?

Aline: É um trabalho às vezes tímido, porque é de pouquinho, você chega no espaço pessoal dela. Vai acontecendo, às vezes a gente olha e fala “Que puta trabalho”, e a pessoa não se identifica, ou não se entende ou levanta isso propositalmente, tem essas esferas também.

Alla: Eu e meu eu estudante do doutorado estamos pensando em fazer esse catálogo de arte gorda com as pessoas entrevistadas, e queria saber sobre seus trabalhos, quais você acha que faria sentido estar nesse catálogo.

Aline: Tem o meu xodó que eu me vejo fazendo pra vida, o Sou Dessas Beija Eu, eu fico nua na frente de um espelho com vários batons, e internamente eu estou curtindo e rindo da cara das pessoas, tipo “Olha como eu sou gostosa, ai que delícia essas dobras”, e eu olho pra fora e as pessoas estão se debulhando em lágrimas, chorando e em universos diferentes. Acho que esse foi o primeiro trabalho que eu fiz sozinha, foi o desenvolvimento do meu TCC que partiu dele e não o contrário. É um trabalho bem honestão de me ver e me mostrar. Geralmente eu estou dançando, andando, correndo, conversando com as pessoas cotidianamente num rolê bem naturista, me vejo fazendo ele pra vida porque, muitas vezes, apesar de me olhar, eu não me vejo, muitas vezes eu consigo ver muito das pessoas, algumas a gente sempre conhece depende de onde ele é feito. Você vê quando a pessoa tá se escondendo, eu nunca obriguei ninguém a nada, nem a me beijar, nem a interagir, geralmente eu só estico o batom e a pessoa vem e escreve. Eu já fiz ele em vários lugares, comecei fazendo na universidade aqui em Maringá, realizei ele aqui outras vezes em diferentes situações, congressos pra pedagogas, no teatro, festivais específicos de performance, e já realizei ele fora, no Rio, em São Paulo, Floripa, Curitiba, Brasília na pilastra, em Londrina numa galeria. É muito louco porque muda muito a relação das pessoas, quando eu comecei a fazer esse trabalho, eu nunca tinha feito nada pelada sozinha, esse não foi meu trabalho inicial na performance, mas era a primeira vez que eu estava sozinha e pelada. Tinha aquela preocupação de assédio, eu estava estudando ainda o que estava acontecendo, geralmente é assim que meus trabalhos são. Eu demorei um tempo pra entender que primeiro eu não passava esse viés da sexualidade, ou levava as pessoas pra esse olhar, porque, naturalmente, o olhar para um corpo gordo não te remete à sexualidade ou uma sensualidade, isso já é um recorte. As pessoas se voltam muito pra elas, de comentar como eu sou corajosa, de pensar muito na própria vida, elas se comparam da minha coragem e pensam na merda que elas estão fazendo da vida delas, mas tem trocas muito honestas também. Todos tem suas questões, acho que teve só uma vez em

que não houve alguém que me dissesse que estava tentando o suicídio pelo fato de ser uma pessoa gorda. Uma vez eu fiquei travada, a gente estava fazendo no meio da universidade, e a menina tava sentada chorando horrores, soluçando alto, e do nada, quando acabou, ela veio, me abraçou, ficou 5 minutos abraçada comigo, e eu não conseguia entender o que ela falava chorando. Como a gente fez no meio da universidade, saindo daquela coisa de estar no teatro com as pessoas do teatro, era na frente de uma cantina, tinha todo esse contexto, e ela começou a falar que estava indo pra casa pensando em tentar o suicídio de novo, já era a terceira vez naquela semana, e ela me viu e parou. Aí eu travei, não tive como lidar com isso, não foi um pedido de ajuda para mim, mas também é isso, são diferentes esferas de responsabilidades mesmo. Sempre que eu procuro conversar sobre, eu não sou psicóloga, eu não sou analista, eu trabalho com o deboche do que eu faço, do que eu sinto e passo, isso reverbera nas pessoas, mas se você me perguntar como resolver sua vida, eu não sei nem pra mim. Essa é uma das preocupações que sempre são levantadas para mim.

33:42

Alla: Durante a pandemia você chegou a fazer trabalhos em outros formatos?

Aline: Foi muito diferente porque eu sempre estou pelada, beijando e abraçando as pessoas, encostando, tipo, aprendam a lidar com o corpo gordo. Foi muito diferente por questão de estrutura e espaço, mas eu consegui trabalhar de uma forma legal, continuei com a pegada dos alimentos e essas coisas, e fui desenvolvendo um aspecto interessante nesse quesito de como lidar. A maioria dos meus trabalhos é pegando o fetiche das pessoas de curtir uma gordinha, o que envolve todos aqueles aspectos de não te assumir, ou de não estabelecer relações para além do fetiche. É sempre comendo, com uma roupa curta, lidando com essas sensações. O que teve mais impacto foi o Banquete de Obscenidades que eu cheguei a desenvolver para um festival que rolou aqui, nessa pegada de cozinhar, mexer com a massa. Pra mim as texturas são fascinantes, faz muito sentido o pão, tanto pela minha trajetória de vida de ter nascido e vivido numa padaria, quanto com o aspecto visual que ele traz mesmo, essa coisa do fofinho, gostosinho do apertar, das dobras e tal. Nesse trabalho, eu vou construindo esse alimento junto com os dados de feminicídio e como isso vai de desdobrando dentro da vivência cotidiana feminina, a associação da mulher com a manutenção do lar e a feitura do alimento, e essa coisa toda dentro do espaço de confinamento, é uma mistura dessas sensações. Eu moldo essa cueca virada, que é o nome pelo qual a gente conhece essa massa frita, eu moldo ela na vagina, frito, e ofereço pras pessoas banhada em leite

condensado e vinhos. É uma pré santa ceia bem básica. Esse trabalho teve uma repercussão muito boa, no sentido de que está sendo financiado pela prefeitura agora. Imagina que louco, ter uma pessoa gorda, pelada, moldando uma massa no corpo que você vai comer depois, e os feedbacks são justamente do prazer, sabe quando você água de querer comer? Independente do que tá acontecendo ali, é essa a sensação que eu busco, sabe quando você espreme um cravo e a boca enche de água? É essa a sensação que eu tento encontrar, que para mim é o que permeia esse aspecto.

Alla: Que venham muito mais financiamentos para corpos gordos. Agora a gente vai entrar no babado da gordência que eu conversei com você antes. Quando eu comecei essa pesquisa, eu sentia muita falta de uma palavra no português que remetesse aos prazeres gordos. Hoje a gente tem a palavra gordofobia, mas as outras palavras que se referem ao corpo gordo são todas pejorativas, ou apelidos infames, comparações com comida, com animais, não tem uma palavra que esteja ali pra anunciar o prazer do corpo gordo. Foi assim que eu pensei a palavra gordência que é uma flexão simples de gorde e existência, os prazeres cotidianos e coisas singulares do corpo gordo. Em você, como se manifesta, ou o que são esses possíveis prazeres gordos?

39:41

Aline: Complexo. Eu entendo essa sua busca pela palavra e acho que ela faz todo sentido, porque a gente não tem um ponto de referência. Eu costumo trabalhar realmente com a ideia da desconstrução do gorda, eu me chamo de gorda, e é justamente pra pedir que a pessoa me chame de gorda na minha cara, além de incluir esse trabalho no cotidiano e nas micro ações. Ao mesmo tempo, eu entendo que o gorda ainda tem muito estigma e fere muito a memória das pessoas, está muito atrelado ao sofrimento e da não afetividade. Eu entendo essa dificuldade e essa resistência em utilizar o gorda, principalmente pelas mulheres gordas, como uma palavra absolutamente normal: Eu, Aline, Mulher, Gorda. Eu nunca tinha parado pra pensar nessas outras possibilidades de palavras ou de criar palavras pra expressar ou dar formas pra isso, conheço poucas, estou no processo de entendimento ainda dessa gordência, porque é diferente de praticar ela no seu cotidiano habitual de pessoas diversas, e no cotidiano de pessoas gordas, porque é muito difícil existir assim. Pelo menos para mim nunca houve só essa existência de pessoas gordas num espaço, por mais que a gente dialogue e converse. Sobre os prazeres, é um meio para mim, é uma estrada que eu utilizo pra tudo na vida, tanto lidar com o fetiche dos outros, principalmente de homens héteros, quanto lidar

com essas relações de trabalhar com a imagem sendo um corpo gordo, e ser sexualmente ativa, sexualmente desejável, tornar isso um espaço comum de não estranhamento, ser sem porquê, sem um mas, sem um adendo. E também dentro da minha própria vivência, eu faço tudo isso pelo deboche, pelo prazer de mostrar como é prazeroso, está atrelado a isso, é gostoso pegar, apertar, ver essas estruturas, eu permeio pro lado da própria sexualidade em si. Tem dobras, tem manchas, diferentes tons, é uma estrutura singular como qualquer outra. Sempre procuro entender para mim, a pretensão de ver e lidar bem comigo dentro desse enfrentamento que a todo momento está te jogando que você não pode, que não é aceitável, toda aquela história que a gente conhece muito bem. Eu nunca tinha linkado essas duas questões, já tinha ouvido antes essa questão da gordência por você, e já ouvi gordoridade, essa relação de se ter um espaço só de pessoas gordas, mas é uma questão que eu sinto falta de ter esse leque de possibilidades de realmente identificar pelo nome, de poder dizer uma coisa sem ter que explicar 5 vezes, só dizer o nome e aquilo estar entendido, é uma coisa que valeria muito por essa questão da estafa, do desenvolvimento do entendimento dessas corpos e dessas sexualidades, eu acho que é um espaço infinito e interessante de ser explorado.

44:35

Alla: É um convite pra gente alargar o dicionário. Eu concordo com a reapropriação do termo gorda, me chama, eu sou isso mesmo, mas além disso cabe à gente inventar essas palavras.

Aline: Faz total sentido, porque a gente é uma geração que está acostumada com as gírias e as mudanças, toda essa reestruturação do português, tanto na escrita quanto no usual, porque não existir esse espaço pra essas vivências? Isso também faz com que essas vivências sejam mais acessíveis fora dessa estrutura, não pra facilitar pro outro, mas é um caminho também de ruptura.

Alla: De alguma forma também legítima, como se tivesse uma palavra pra dizer algo sem ter que ficar rodeando. Um exemplo é o termo gordofobia porque, embora eu seja gorda desde 1988, eu não falava sobre gordofobia em 2005, eu sofria, mas não tinha nome, e eu não sabia, pra mim era uma coisa normal. Imagina quem estava tentando em 2005 explicar o que estava acontecendo sem uma palavra. A palavra facilita.

Aline: E isso impacta diretamente na sobrevivência, não só no social, mas nas legislações, se passa a ter um entendimento social e estrutural do que é isso e de quando isso ocorre, como afeta o ser humano. A mesma questão acontece com o bullying, com o racismo, nesse

aspecto de estrutura de palavra, quando você consegue introduzir ela no social, você conseguir inserir essas vivências dentro de outras estruturas e com isso conseguir mais espaço, legislações que acolhem ou protegem.

Alla: Já tem trabalhadoras processando empresas por condutas gordofóbicas, por exemplo. O que seria impraticável antes dessa palavra ser conhecida porque esse crime não existiria, por isso que a gente tem que criar palavras positivadas pro nosso prazer também. Você acha que o corpo transborda sensações quando se palavreia?

48:53

Aline: Eu acho que tem um reconhecimento, pra se palavrear, existe todo um pré, isso que estamos falando de entender esses prazeres e nomear, e a partir dessa nomeação, você internaliza essa palavra, e a partir dela você pensa em outras. É aquilo, a conversa não parte do início sempre, ela começa a ter outras possibilidades, eu acho que faz essa conexão de você ter o prazer da própria palavra, não ter que ficar se explicando, não só pro outro, mas para si, um entendimento do que é e deixar bater, e ver como isso reverbera em você, de você, nessa estrutura do próprio auto prazer. Essa noção de entender tanto na sensação de como reverbera, tipo quando você fala da gordência, você já absorveu o que essa palavra é fisicamente, mentalmente, ela está no plano do teu corpo entender esse prazer e toda ideia que vem por trás. Descobrir novas palavras causa essas sensações, e essas descobertas fazem com que a gente progrida nesses aspectos, cada vez mais novas palavras vão surgindo.

Alla: Agora eu te convido a pensar um futuro, conjurar um futuro gordo que está na nossa imaginação, mas que é de fato gordo, largo onde que caibam os desejos das pessoas. Como seria pra Aline esse futuro gordo?

Aline: Eu tenho um recorte muito específico há um tempo, é um recorte de possibilidade de trabalho mesmo, de estruturas sociais remuneradas e tal, mas é que eu acho que as pessoas estão ficando tão iguais e tão irreconhecíveis entre si que em algum momento isso vai dar um ruim tão grande que essas corpas gordas, trans, que fogem da ideia de binaridade, que não sejam essas corpas idênticas, elas vão se dar muito bem nesse aspecto de mercado de trabalho mesmo. Pensando que somos atrizes, performers e que trabalhamos com isso. É uma utopia na minha cabeça que vai ser um futuro muito acolhedor nesse aspecto. É um misto de um show de horrores sem ser, eu acho que eu viajo demais, mas estou me preparando pra ele. Não sei como você trabalha fora da academia, mas por exemplo, recentemente eu fui

chamada pra fazer uma mini série global e não passei pelo fato de eu usar 54, e não 52, que era até onde a marca ia. São esses aspectos, primeiro que é um lugar onde eu nunca quis estar, segundo que depois que eu descobri que eu podia, eu quis, e terceiro é que eu não fui lá bater na porta pedir alguma coisa pra mim, foi uma coisa que vieram atrás de mim pelo meu trabalho, pelo que eu faço, que era exclusivamente pra mostrar a bunda, desfilas, ficar peladona, ter umas piras com shibari que eu já vinha fazendo. Tudo isso foi anulado pelo fato de eu não me encaixar dentro do gorda que eles queriam. Até o não padrão é padrão, e você pega essas estruturas que remuneram, não precisa ser uma Globo ou uma Record, pode ser uma dessas agências de fundo de quintal que fazem trabalho de supermercado e dão uns 150 reais por dia pela diária de alguém, é um trabalho, só que não chega até esses profissionais. Por exemplo, eu, uma profissional que tenho DRT, tenho licenciatura, trabalho com isso há anos, vai chegar na amiga da fulana que vai receber menos, mas está lá porque é bonita e padrão e vai passar despercebido. Na minha ideia, essas pessoas vão chegar num patamar de tão iguais e tão monótonas que, ou elas partem pro extremo oposto da deformidade e, até elas chegarem nesse aspecto, a gente que tá totalmente transgressora vai entrar nesse meio e rasgar essas estruturas, na minha ideia é um futuro utópico perfeito, estou lidando com ele, posso me decepcionar? Posso, mas estou lidando.

Alla: A Orquídea Fernanda, que também é uma pesquisadora gorda, fala que o futuro é ancestral e é feito hoje, alguma coisa assim. Talvez em algum lugar remoto a gente já viveu esse futuro no passado também, vai saber quais são os segredos da imaginação.

Aline, você quer acrescentar alguma coisa?

58:09

Aline: A primeira coisa que é importante que as pessoas saibam é que eu realmente ganho a vida mostrando a bunda e a banha, isso já está mais que dito, e dá pra ter uma pequena noção do que eu sou e faço com isso. Tanto com trabalhar com o deboche, quanto com os processos de enfrentamento por fazer tudo que disseram que um corpo gordo não pode fazer. Esses são os motivadores de todos os trabalhos que eu faço. Eu sou bem fácil de lidar e gostosinha de trabalhar, como você bem sabe, minhas redes e contatos estão todos linkados no Facebook e Instagram, tem o link com todos os trabalhos, portfólios. Estou me entendendo com esse espaço de colocar as mídias pra funcionar para mim, porque é praticamente uma outra profissão que eu tenho que me dedicar, mas tem todo o material lá, currículo, meu histórico, por

onde meus trabalhos passaram, e no mais é só me dar um oi que a gente pode conversar, eu sou um moção maravilhoso, atento e responsável em responder as pessoas. É mais um convite pra trocar uma ideia sobre.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA DE ORQUÍDEA FERNANDA

O: Hoje eu sou Orquídea Fernanda Garcia. Acho que “hoje eu sou” e “hoje eu estou” são colocações que me interessam muito expor dessa forma, porque vão numa direção de questionar um pouco o que é senso de identidade como algo essencial, acho que quando a gente se apresenta, a gente começa a recorrer a muitos rótulos, muitos termos que são usados para nos enquadrar em certos lugares. Eu poderia começar a falar, por exemplo, que eu sou uma pessoa trans não binária, bissexual, que nasceu em Pernambuco, mas sempre morou no Rio de Janeiro e, por isso, me permito a brincadeira de dizer que sou transcarioca, e que eu transito entre a educação e a arte, acho que a criatividade do processo de aprendizagem e ensino e a criatividade artística têm muito a colaborar uma com a outra. Normalmente, eu foco em tentar aproximar o que seria uma arte da ciência a uma ciência da arte pensando em como as teorias que eu estudo, sobretudo dentro das teorias de literatura, estudos culturais e estudos de corpo gordo, como esses estudos podem ser matéria prima pra pulsões artísticas e como pulsões artísticas acabam sendo, também, uma expressão de onde sai a teoria, de onde se constrói um saber por uma via menos engessada do que aquelas normatizadas dentro da academia. Atualmente, eu faço pesquisa em poesia brasileira contemporânea, especificamente poesias feitas por pessoas trans, também faço um trabalho incipiente sobre as músicas de Linn da Quebrada pensando a ideia de território, corpo e identidade, também faço algumas inserções em poesia e fotografia, tenho interesse em poesia visual, já escrevi peça de teatro pra escola, já me apresentei em teatros, já brinquei um pouco com o universo da dança, estudei violino na escola de música Villa Lobos. A minha relação com a arte é sempre de uma posição de desejo, ainda que não seja tanto de intimidade quanto eu gostaria, mas estamos mudando e atuando nisso. As coisas estão aí, em diálogo, entrelaçamentos, construções, acho que sou/estou Orquídea Fernanda, multiartista, professore, pesquisadore, ile, ela, é isso.

06:17

A: Você acredita que a gordofobia pode ser extinta ou amenizada? Por quê? Já frequentou espaços de debate ou criação exclusivamente gordos? Se sim, como se sentiu?

O: Falar sobre a extinção de qualquer opressão é sempre um tema delicado, eu nunca sei se a gente consegue falar sobre a extinção de opressões de forma geral, mas eu sempre acho que elas podem ser amenizadas e reconfiguradas. Sim, eu acho que a gordofobia pode ser amenizada, eu não sei responder se ela pode ser extinta, quero acreditar que sim, mas não consigo

ter esse sentimento categórico sobre isso, como não tenho esse sentimento categórico sobre outros recortes. Independente de poder ser extinta ou não, amenizada ou não, ou de como os esforços se processam, acho que a gente tem uma necessidade de fazer alguma coisa a respeito disso, que não tá na lógica do que vai acontecer, mas na lógica do que a gente precisa fazer agora. A gente precisa fazer alguma coisa agora porque são os nossos corpos, as nossas vidas, nossas vivências, é o nosso direito de estar no mundo, de estar dignamente no mundo. Estar e exercer esse direito é lutar contra a gordofobia, denunciar essas opressões na forma que elas ocorrem é combater a gordofobia, instruir as pessoas sobre esses dilemas é combater a gordofobia, e quando a gente pensa se essas coisas vão ter fim ou não, vão ser amenizadas ou não, acho que a gente corre um risco, o risco funcionalista: “só vou fazer se tiver uma função”, e eu não gosto desse risco funcionalista, ele me incomoda porque acho que ele tem uma ligação muito próxima com o capitalismo, no sentido daquilo que é produtivo, então, para mim interessa mais pensar, primeiro, como a gordofobia opera nas nossas vidas individualmente, como a gordofobia opera coletivamente, no plano social, no plano político, no plano econômico, e como essas vidas arrumam mecanismos, saídas e alternativas para viver a despeito da gordofobia, seja combatendo, seja criando dinâmicas outras. A gente tem essa ideia de que o combate, tem essa coisa marcial e militar do combate, é o único caminho, e talvez não seja, talvez a opção não seja o combate ou a submissão, talvez a gente tenha outras linhas de fuga que não estamos sendo criativos o suficiente para enxergar, mas talvez estejamos sendo criativos o suficiente para fazê-las, mesmo sem nomeá-las. Sim, acredito que a gente está fazendo alguma coisa a respeito disso, e acho que esse fazer alguma coisa a respeito cria uma resposta que é uma forma de resistência, que pode ser lida como uma mitigação, ainda que circunstancial.

10:02

O: Respondendo à outra parte da pergunta, vejo isso muito claramente nos momentos em que eu tive experiências e convivência entre pessoas gordas. Eu tive essa vivência em alguns momentos, felizmente, acho que não dá pra dizer que é sorte no sentido de que eu estava atenta e buscando essas experiências, mas acho que dá pra dizer que é sorte, no sentido de que ainda é uma espécie de privilégio. É um privilégio porque eu tenho acesso tecnológico à internet, ao Instagram, porque eu to no radar de certas pessoas que me apontam e me direcionam essas oportunidades, é uma combinação de oportunidade e de busca que culmina nessas experiências. A minha primeira relação com espaços de pessoas gordas foi em 2015,

por meio de uma comunidade do Facebook, que eu comecei com duas outras pessoas, uma comunidade super pequena que era muito nossa no sentido de falarmos sobre questões que nós passamos, trocando experiências sem qualquer intenção ativista ou militante, ou qualquer coisa do gênero nesses termos, de falar sobre experiências gordas. Esse grupo cresceu, inclusive a ponto de tomar caminhos que eu me distanciei deles por estar passando por outros processos com a minha transição de gênero. Lá em 2015, a partir dessa troca, foi o primeiro contato que eu tive com essa ideia de que existiam experiências a fins com que pessoas gordas passavam. Tinha uma amiga minha que é uma pessoa gorda que falava sobre a dificuldade dela de acesso a trabalho, ela falava sobre o irmão dela que teve dificuldade de terminar o ensino médio porque as carteiras da escola não comportavam o corpo dele, e quando ela fala disso, eu lembro da minha experiência na escola no ensino médio, quando eu cheguei naquelas carteiras duplas e pensei: “Não vou caber aqui com outra pessoa”. Eu tinha uma ansiedade de entrar naquela carteira e dividir aquele espaço com outra pessoa, aquele desconforto de estar incomodando a pessoa do meu lado porque meu corpo era espaçoso demais. Trocar essas experiências naquele microcosmos de três pessoas já fez ativar todas essas questões. A partir daí eu acho que a gordofobia entrou no meu radar de temas, em 2015. Falando sobre espaços que eu já considero numa perspectiva um pouco mais empoderadora, debatendo gordofobia usando já essas palavras pra falar disso, eu localizo mais fortemente no ano passado, quando fiz o primeiro curso de estudos do corpo gordo com Malu Jimenez. A partir desse primeiro curso, a gente teve uma primeira sessão em que as pessoas se apresentaram e falaram um pouco da sua história, comentaram um pouco de suas vivências, e obviamente, as questões de como a gordofobia nos atravessa foi um tema compartilhado por todes ali. Nesse mesmo esteio, Malu e Sabina fizeram uma oficina de fotografia de corpos políticos pensando sobretudo em corpos dissidentes, especificamente nesse recorte de pessoas gordas. Era uma oficina fotográfica que a gente tinha seis encontros e, no primeiro encontro, Malu apresentou um pouco da sua história, falou um pouco sobre seu processo, a Sabina falou um pouco sobre o processo dela e sobre como ela localizou a questão da produção de imagens de pessoas gordas e como isso se inseria na pesquisa pessoal dela, também, que é uma pesquisa corrente junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Depois, a gente partiu pra produções fotográficas com as nossas memórias, histórias, fotografias pessoais, e teve um momento de grande reflexão, um mergulho sobre essa questão da nossa história pessoal, um reviver/revisitar essa história através das imagens, e construir colagens e novas imagens, e eu já estava pensando nessa relação entre corpo gordo, sexualidade e gênero, onde eu me colocava, recuperando não uma experiência coletiva, mas uma experiência individual que

eu tive em 2015 quando comecei a me entender bissexual. Entender a minha bissexualidade sempre foi uma questão intimamente ligada com a gordofobia e eu só me dei conta disso em 2015, porque enquanto pessoa gorda, a quantidade de pessoas que demonstravam interesse de ficar ou namorar comigo era sempre mais circunstancial, mais reduzida, então eu não tinha uma grande amostragem de pessoas demonstrando interesse por mim pra eu saber como eu reagia àquelas propostas, inclusive. Em 2011, eu estava passando por uma questão da minha identidade sexual, já fazia tempos que eu questionava isso, e em 2011, eu tive um emagrecimento abrupto motivado por problemas pessoais que desembocaram numa quase anorexia, mas eu comecei a fazer um processo de reeducação alimentar radical com um nutricionista e eu perdi 16 quilos em um mês, e 11 quilos no mês seguinte, o que reconfigurou abruptamente como as pessoas respondiam à minha presença. Eu literalmente comecei a receber cantadas de homens e mulheres em balada, pessoas começaram a me oferecer drinks e me chamar pra dançar com elas, aquela atenção começou a mexer muito comigo, tipo, como me posiciono frente a isso? Em algum momento eu tinha essa questão do corpo gordo, a minha sexualidade, minha identidade de gênero, sempre muito atreladas umas com as outras sem conseguir pontuar onde começava um e terminava o outro, não consigo até hoje, não sei se um dia vou conseguir e não quero nem tentar mais, acho uma perda de tempo tentar localizar esses limites, mas em algum momento pensei muito sobre eles. Em 2020, quando eu voltei pra essas imagens fotográficas, a partir da oficina, eu me lembrei disso e de como foi estranho esse processo, e como é até hoje, por exemplo, eu ter um certo receio de emagrecer e isso chamar atenção das pessoas e como isso interage com o fato de eu querer colocar silicone porque eu sou uma pessoa designada homem no nascimento, mas não sou uma pessoa masculina e quero colocar meu silicone porque quero ter peito, porque acho que a estética de uma pessoa lida como mulher barbada é linda, e acho que uma mulher barbada gorda, voluptuosa é linda, e isso interage com como eu vejo o meu corpo, como vejo meu direito de existir no mundo, como vejo o direito de eu me vestir. Comecei a me dar conta disso em vários processos e momentos, mas nesse curso, nessas oficinas, isso culminou como uma amaração, isso começou a se amarrar e comecei a fazer um ensaio fotográfico chamado Devore Suas Prisões. Devore Suas Prisões é pensar no corpo gordo como um corpo que devora essa imagem mítica do corpo gordo como um corpo voraz, que está sempre insaciado, que sempre quer comer mais, deglutir mais, mastigar mais, engolir mais, e eu pensei: se o corpo gordo devora tanto, o que simbolicamente a gente pode devorar ao nosso favor? A gente pode devorar as nossas prisões, aquilo que são as nossas amarras, nossos mecanismos de controle internalizados. E comecei a pensar nessa imagem do Devore Suas Prisões, Liberto

Suas Paixões, como um conceito poético visual, como um conceito poético fotográfico.

A: Você fez fotos a partir disso?

O: Fiz fotos a partir disso e ainda não lancei o ensaio nem o texto que eu fiz.

[ÁUDIO 2]

O: O texto que eu escrevi tem o título Gordofobia é uma doença social, é um texto nessa onda de manifesto falando sobre como o corpo gordo atravessa muitos problemas e, muitas vezes, o que a gente entende como causa e efeito operam numa lógica contrária, ou seja, o corpo gordo não é necessariamente um corpo doente, ele é um corpo adoecido, e eu começo a pensar nessas categorias de como ser uma pessoa gorda é estar sendo posta nesse lugar do adoecimento e o quanto eu não preciso dialogar com essa lógica, eu não preciso responder a isso, com “Eu sou uma pessoa gorda, mas o meu colesterol tá ok, faço exame todo mês, vou sempre ao médico”, essa resposta como se estivesse sempre devendo uma explicação, como se o único corpo gordo possível fosse aquele que está com o checkup feito e todos os níveis dentro do que os médicos esperam. Eu comecei a pensar muito sobre essa relação, isso partiu tanto do grupo de estudos do corpo gordo da Malu Jimenez quanto dessa oficina fotográfica com a Sabina, e também partiu da gente, dos nossos encontros do Arte Gorda, também partiu de eu começar a estar com pessoas gordas em outros espaços falando sobre isso. Não só isso, quando Júnior fez uma apresentação do seu trabalho sobre gordofobia, não era um espaço só com pessoas gordas, mas a pessoa gorda falando em primeiro plano e em foco era Júnior, e isso também tem um impacto muito positivo. Acho que o impacto que isso teve para mim, primeiro, foi de me olhar com mais carinho, entender que algumas questões pelas quais eu passo estão numa lógica social e não individual apenas, lembrar que, como tudo, existem recortes e que a gordofobia nos afeta de formas muito diversas dentro de nossas próprias questões, temas, histórias, localizações geográficas, culturais e etc, e que eu não tô só. Acho que esse sentimento de coletividade tem uma força que a gente transforma em palavras, mesmo que a gente tenha que criá-las nós mesmos.

03:40

A: Nesse lugar da arte contemporânea brasileira, você já trabalhou presencialmente com outros artistas gordes ou normalmente você é a única?

O: Vou te contar uma coisa quase anedótica, antes desses rolês acontecerem, eu estava con-

versando com Regina, que é uma pessoa que mora comigo e também é uma pessoa gorda, também envolvida com o universo da arte, de alguma forma, e a gente estava falando sobre vídeos de artistas, vídeos de curadoria e de pessoas falando sobre arte, e a gente comentou que não tinha um artista gordo aparecendo, tem curadora gorda? Será que pessoas gordas não podem criar arte ou será que existe uma invisibilização sistemática desses corpos nesses espaços, nessas produções e etc.? A gente começou a falar sobre isso que dialoga com provocações em outros espaços, sobre quem são as referências gordas de artistas, quem são as pessoas gordas que você olha, qual Instagram você segue, quais fotos você consome, quais imagens você consome, onde as pessoas gordas se inserem no seu cotidiano. Nos meus processos artísticos, quando eu falo, por exemplo, sobre os momentos em que eu era criança e escrevi uma peça na escola, por mais que eu não fosse a única criança gorda da turma, eu era a única criança gorda envolvida no processo de escrever/atuar na peça. Mesmo não sendo a única pessoa gorda na faculdade, nos grupos de pesquisa com caráter de criação literária, se eu não era a única pessoa gorda, tinha mais uma. Lembro que eu fiquei muito feliz quando eu vi Leidiane me chamando pra fazer um trabalho sobre o corpo gordo na dança e fiquei muito feliz quando vi que na minha turma de oficina de poesia tinha uma moça que a alcunha dela nas redes sociais é Rainha do Verso, e ela faz parte do Slam das Minas do Rio, e ela é uma pessoa gorda. Ainda é motivo de celebração não ser a única pessoa gorda no rolê, não ser a única pessoa gorda atuando, escrevendo, fotografando, participando de alguma coisa, é sempre ainda motivo de celebração porque não é frequente, ainda é incomum.

06:58

A: Se você topar colocar esse manifesto e essas fotos no mini catálogo vai ser incrível.

O: Sim.

A: Em você, como se manifestam os prazeres gordes?

O: É engraçado porque quando eu comecei a pensar em desejo enquanto pessoa gorda, muitas vezes, o desejo que é associado a mim é o desejo da comida, o prazer da comida. Então, eu sempre tive que responder sobre o prazer de comer, e ao longo do tempo, eu comecei a pensar sobre que outros prazeres se produziam no meu corpo a partir dele e com ele, foi uma reflexão muito recente na minha vida, dos últimos dez anos, sobretudo, porque eu sou essa pessoa que fez arte marcial quando era criança, fiz ioga, eu era uma pessoa com alguma flexibilidade na adolescência, uma flexibilidade não associada à pessoa gorda, muitas

vezes, essa coisa de fazer estrela, fazer ponte, certos movimentos com equilíbrio que estavam dissociados da imagem de uma pessoa gorda, sempre acompanhado daquela frase bastante gordofóbica: “Às vezes você nem parece uma pessoa gorda”. Eu demorei pra descobrir como isso perpassava o desejo do meu corpo, esse desejo de me contorcer, de me dobrar sobre mim mesmo, de sentir minha pele atritando contra a minha própria pele nos movimentos, sentir essa torção das minhas gorduras, dos meus músculos, dos meus tendões, esses limites de onde tá confortável, onde tá doendo, onde tá relaxando, onde tá estirando. Isso é um prazer incrível que quando a gente é criança, a gente lembra pela prática de descobrir o corpo, mas a gente esquece de redescobrir o corpo. Nesse redescobrimento do corpo, de me alongar de manhã, de ficar em posições ridículas que são posições nada práticas, experimentar com o próprio corpo, eu comecei a sentir prazeres nesses movimentos, nesse mapeamento da superfície desse corpo como um todo. Isso vai pras minhas relações sexuais, eu brinco que quando eu fico com uma pessoa magra demais, pequena demais, eu tenho medo de quebrar a pessoa, mas essa relação do toque, do contato e do afeto com outra pessoa gorda, com outra corporeidade gorda foi uma coisa descoberta, primeiro porque parecia, de alguma maneira, inadequado duas pessoas gordas se relacionarem publicamente. Essa coisa de uma pessoa gorda namorar outra pessoa gorda parecer muito chocante, pelo menos na minha infância e adolescência era. Tinha uma outra questão, que era naqueles contextos em que eu estava, de pessoas gordas não se acharem atraentes umas para as outras. Esse processo de começar a me relacionar com pessoas gordas, por exemplo, e descobrir nesse contato com outro corpo gordo, também foi um prazer descoberto no tempo. E, também, muda o olhar quando você começa a ver pessoas gordas e começa a achar elas bonitas, você começa a olhar pra você e se questionar por que se acha uma pessoa feia.

A: O reconhecimento e o encontro de novo.

12:01

O: Exato. Se eu olho uma pessoa gorda e a acho sexy, por que eu não me acho sexy? Que gordofobia internalizada é essa que previne que eu me ache sexy, que discrepância é essa que me permite olhar para o outro com carinho e desejo, mas não me permite olhar para mim com esse carinho e desejo. Foram processos e não é só isso, estar num lugar com pessoas gordas e não ter vergonha de tirar a camisa, nem de mostrar sua gordura, seus pneus, da celulite, da estria, e esse não ter vergonha é muito poderoso também. Acho que meus encontros com pessoas gordas, com corpos gordos, essa adiposidade acontecendo foi muito forte.

Lembro que em 2015 fiz um workshop de dança contemporânea, e as duas únicas pessoas gordas éramos eu e minha namorada. Eu sentia essa certa pressão de sermos corpos olhados de forma diferente naquele contexto, e aconteceu uma coisa muito inusitada, tinha uma hora que a gente fazia uma espécie de batalha de dança entre as pessoas de forma a explorar movimentos, essa coisa de pergunta e resposta a partir do movimento do corpo e ela se sentiu constrangida de alguma maneira e, quando a gente saiu do rolê, ela me perguntou por que eu tinha feito movimentos tão agressivos pra cima dela, movimentos muito largos, muito abertos, a leitura dela era de que eram movimentos agressivos por terem sido feitos por um corpo muito grande. Aquilo me chamou muita atenção no lugar de não ter sido a intenção e isso gerou uma conversa pra gente entender de onde veio aquilo, e essa conversa me abriu os olhos pra como nosso movimento é visto de forma diferente até por pessoas gordas.

A: Às vezes o mesmo movimento feito por um corpo pequeno não é lido dessa forma. No nosso dicionário, a gente não tem uma palavra que associe corpo gordo e prazer, se você pudesse nomear esse prazer gorde da resistência, você teria alguma palavra em mente ou ainda é uma coisa inominável?

O: Brincando com essa construção de palavra, a gente tem a licença do nosso processo enquanto grupo de nomear coisas, lembro com muito carinho de como a gente criou certos nomes, lembro dessa coisa do adispósito, pensei nesse sentimento que vem de uma espécie de autocuidado e, ao mesmo tempo, de uma afirmação de si, adispósito é uma coisa que me dá vontade de associar corpo gordo e prazer nesse lugar do reconhecimento. Um corpo adiposo disposto, que se dispõe a fazer coisas e a estar no mundo em relações produzindo prazer.

A: Partindo da ideia de que todo futuro é uma conjuração que antes de materializado é necessário ser imaginado, como você sente que será um possível futuro gorde?

O: Acho que quando a gente pensa em materializar e imaginar futuros, sempre penso nos espaços que as pessoas ocupam e em que as relações transitam e se instituem, e em que as instituições se formam também. A primeira coisa é pensar num espaço que comporte, que seja capaz de permitir o trânsito desses corpos, dos nossos e de outros corpos de tamanhos variados. Por exemplo, lembro daquelas imagens associadas à Itália, que são imagens de vielas e becos muito estreitos, eu olho aquelas fotos e fico me perguntando se eu caibo ali, se eu passo por aquela rua, e é óbvio que eu passo, mas essa pergunta me ocorre. Acho que essa coisa da estreiteza dos espaços é a primeira imagem que me ocorre ao pensar em um futuro gordo, são espaços que comportem os nossos corpos, e quando a gente fala de

espaço, fala de veículos, de acessibilidade, e isso começa a se desdobrar em uma série de outras questões. É a carteira da escola que tem que comportar a pessoa gorda, o móvel que tem que comportar o peso da pessoa gorda, que não vai quebrar ou envergar, não vai tensionar aquela haste sob o corpo de forma a colocar esse corpo em perigo. E a gente começa a pensar nas relações que estabelecemos que são produtivas, o corpo gordo nesse sentido é um corpo anticapitalista, porque se a gente fala que precisa de mais espaço para existir, precisar de um banco maior no ônibus é produzir menos espaços para sentar no ônibus, você diminui a lotação máxima desse ônibus, você impacta na capacidade produtiva desse ônibus. Novamente, a partir dessa ideia do local, começa a desdobrar um milhão de coisas de como pensar o que é esse futuro gordo, e essas imagens sempre vêm a partir de como esse corpo se insere nos espaços, nas relações, nas instituições e coisas que são criadas a partir dele e com ele.

A: É um pensamento de base de futuro porque não adianta trocar subjetivamente as coisas e não pensar na mudança prática de acessibilidade.

20:52

A: Por último, queria um relato seu sobre a oficina Arte Gorda que eu ministrei pela UnB ano passado.

O: Tu é uma pessoa incrível, digo isso porque propor um projeto, reunir essas pessoas, se dispor a estar e movimentar a burocracia de sair o Arte Gorda é admirável, celebrável. A gente tem muitos desejos e inquietações, mas às vezes sofremos atropelamentos e atravessamentos que dificultam que a gente materialize essas coisas, o que inclusive fez parte do nosso processo. Nessa contramão do valor, adotar uma via do desejo de fazer, da necessidade de fazer, uma via da solidariedade de querer estar com outras pessoas gordas fazendo esse processo, acho isso muito bonito. É assim que eu recebo de cara a proposta do projeto.

A: Queria ouvir sobre os nossos exercícios sobre e com escrita.

O: A gente fez aquele momento de abrir um arquivo e em 40 minutos escrever, cada pessoa um pedaço do arquivo sem ver o que a outra pessoa estava escrevendo, fazer isso foi muito excitante, no sentido de ter a provocação dessa escrita a partir desse lugar e dessa reflexão de um fazer coletivo. Quando você faz isso individualmente, tem um traço diferente de quando faz isso com outras pessoas no mesmo instante, pessoas de lugares diferentes do

Brasil, pessoas de vivências e faixa etária diferentes, vindas de contextos diferentes, é muito legal como essas pessoas colaboram para criar esse tecido extremamente interessante pra gente formular um outro texto depois disso. Fiquei muito feliz de começar a ler, num segundo momento, e confeccionar esse texto. A palavra confecção se introduziu na minha vida e faz parte da minha pesquisa agora. Eu estou defendendo na minha pesquisa a ideia de que a produção de conhecimento acadêmico é uma ideia obsoleta nos moldes que ela é, obsoleta porque a gente produz conhecimento e saber como uma colcha de retalhos, a gente produz um pouco aqui, um pouco ali, acolá, e essas coisas são ressignificadas na costura. Essa coisa da gestalt do todo ser maior do que a soma das partes. Acho que essa confecção de saber, de palavras, de texto, entrou na minha vida de uma forma muito potente e está aqui reverberando no meu trabalho poético e acadêmico.

A: Texto e tecido são palavras muito próximas sonoramente. Onde as pessoas podem te encontrar?

O: To no Instagram como @orquidea_fernanda, no email ofernandagarcia@gmail.com, no facebook. Fora das redes, estou começando a construir um lugar na UFRJ em núcleos de pesquisa, agora sou a nova monitora do departamento de ciências da literatura, vou estar num projeto do laboratório de arte contemporânea da faculdade de letras junto com a faculdade de artes, vou estar lá regularmente fazendo a minha pesquisa e para trocar ideia com as pessoas. Estou criando esses lugares largos e grandes o suficiente para que eu possa ocupá-los.

A: E dançar dentro deles.

O: Gostaria de acrescentar que esse processo que começou no ano passado de estar em contato com pessoas gordas falando de arte gorda e de corpo gordo tem me trazido experiências incríveis. Três semanas atrás participei de uma oficina de dança gorda, Gordança, durou três dias, só com pessoas gordas, cada pessoa falou, fez movimentos e dançou e, no último dia, criamos uma mini coreografia individual de uns dois minutos, vou te mandar a minha. Eu fiz sem música, mas eu tinha uma música na cabeça.

A: Orquídea, gostaria de agradecer pela sua participação nessa etapa do projeto. Deixar grifado aqui que o encontro de nossas poética é uma válvula propulsora para criação. Espero que esteja cada vez mais próximo o dia em que possamos nos conhecer presencialmente!

Esses diálogos que são saudades e(m) possibilidades estão criando carne em mim que gigante anseio encontro destas (e mais) complexidades gordas. Suturando sutilmente sensações, seguimos sendo surpresa e suspiro: substanciais e serelepes. Gordências grandonas, gigantescas, gargalham e georreferenciam gente gorde. Inícios que se anunciam em fim. Pela magia do processo e do meio que os ajuntamentos gordes se multipliquem para além do papel e da tela. Transbordem e aconteçam no anunciado ajuntamento cósmico de ser em bando: presença e presente. Memória e carne.

ÚLTIMA VERSÃO DO FOTOLIVRO DESDOBRAMENTOS





nosotrxs somos las trincheras del fascismo/dictadura de la piel.
sacamos las garras, aullamos como lobas y salimos de espacio del
silencio.

HOY GORDE

AYER PUTA

MAÑANA LOBO

la cerda punk, constanzx alvarez castillo



desdobramentos

alla söb + uarê erremays + tatiana reis

cerrado, inverno de 2018





edição de emergência para espremer entre unhas as
procrastinações, autosabotagens e outros piolhos. de
afeto, afetação e desenrolar de tempos.

desdobramentos

alla @ce.jura.ne.bein

uaré @erremays

tatiana @tatianareisfotografia

edição revista e ampliada

outono/2021

móri zines

quarentena COVID-19

@morizines

morizines@gmail.com









Gordofobia é um substantivo feminino que significa:

- * aversão a pessoas gordas;
- * dificuldade de acesso de pessoas gordas a condições básicas do bem-viver como serviços hospitalares e transporte públicos;
- * ridicularização/inferiorização desses corpos baseado em característica única: peso;

Gordência é um substantivo feminino que pode significar:

- * sensação corporal prazerosa de existência em corpos gordes;
- * movimento impulsionado por e criado a partir de vivências gordes;
- * prazer escorregadio;
- * amor pela gravidade;
- * cremosidade, aderência, curvas aquosas;
- * adiposidades sinceras, banhas queridas;

Na variação dessa palavra temos também o adjetivo **gordente** que refere-se a:

- * pessoa gorda que se move em busca do prazer corporal renunciando aos padrões impostos e buscando práticas de bem-estar para existir diante da gordofobia estruturante da sociedade;
- situação ou evento de protagonismo gorde.







na dobra, a montanha do tempo escuta a passagem do toque, rápida dança-lança, balada sísmica para sonhar, espessar vontades de um tempo em que era possível estar junto sem telas entre nós.

olhando e vivendo o presente em fotos do passado, juntamos a distância o futuro. sonhamos em dança o toque macio das peles em atrito gordo, miscigenado, trans, desviantes, toda pausa no compasso é o click que congelou a dança. a pandemia, foto que nunca passou, congelou os encontros e planos, nossas possibilidades e aqui dentro, na corpa, carne e saudade, o futuro vai se remodelando, se gerando, como grito gordo e denso que invade o cerrado todo, ecoa nos plotis dos prédios, passa pelas feiras ceilândia, guará, bandeirante e mais esbarra no entorno. como baleias e toda sua sapiência nos georeferenciamos e sabemos mais precisamente que não estamos sozinhas, a gordofobia que desde a construção da tão sonhada, e quase ruína, Brasília cem anos atrás vem nos esmagando está chegando ao fim. a união vem pesadona em bonde: gordas, gordes e gordos, diversos, pretos, indígenas, árabes, brancos, amarelos, anunciam a primeira grande ação pública.

as baleias, como desde sempre fomos chamadas, são mestras: entendemos e honramos. com elas aprendemos a nos comunicar em uma frequência superior, exclusiva gorde para nós ela é esse grito denso para as outras pessoas ela é inaudível, mais rápida que o 7g ou wi-fi. assim mesmo com nosso porte mastodôntico nossas ações são sempre surpresa, nosso bonde vai se formando de forma silenciosa e quando se percebe KABUM o bonde já está formado! a primeira ação é acabar com as catracas de todos os ônibus da rodoviária do plano piloto



e da rodoviária que vai para o entorno - objetivo básico que é podermos nos locomover pela cidade sem pedir licença para cobrador ou motorista, ou passar por situação vexatória além de afinar nossa parceria com o movimento passe livre - MPL, fazendo com que toda população do DF possa se mover de uma forma mais digna pelo território.

só que de repente eu ligo a televisão e passa o noticiário, é 2021, são mais de 2000 vidas perdidas por dia, eu mal durmo, o cheiro da morte se mistura com álcool em gel e até o arroz virou luxo. um ano e o riddim dos anos 90 que nunca saiu da filosofia brasileira volta com tudo "o de cima sobe e o de baixo desce", tá escancarado as desigualdades sociais, as valas sem nomes, a volta da miséria, o fim do auxílio emergencial. como sonhar futuros partilhados enquanto a vida é desmantelada todo dia com a política de morte, sofrimento e desprazer?

a imaginação me respira feito pulmão, em isolamento, conectados por meio das baixas tecnologias que dispomos ainda em 2021, celulares meia boca, internet ruim, contas atrasadas. o sonho precisa ser coletivo, na rede, online ou na varanda, me fisioterapio em saber da segurança das pessoas que amo. imaginamos futuros outros, mesmo sangrando olhos e ouvidos ao ver-ouvir notícias. a imaginação é o gás para alcançar futuros outros, diferentes do presentes, alicerçados na lembrança do passado, do toque e do encontro. no corpo levamos a sabedoria do encontro, do com-tato, memória revestida em couro. revisita as estranhas, memória muscular e líquida, desejo de vida para atravessar



distopias possíveis. esse músculo imaginativo que dança nossos prazeres não é simples, precisa ser exercitado, estimulado. nosso corpo que dança, nossa gordura gordente, anuncia chegada de mundos possíveis e desejos compartilhados. reinventamos todo dia formas para mantermo-nos aqui porque mesmo no improvável, aprendemos com as baleias a delícia do envelhecimento nessa terra-água.

desligamos o jornal, no apertado da quarentena inventamos possibilidades de imaginar desvios daqui, sinto o calor do abraço que nunca mais tive, ouço risadas de pessoas que nunca mais verei. a saudade me conecta com o ciclo mais primário da natureza: a chegada e a partida. sem esquecer das baleias nem da água, seu meio, aproveitamos a permanência para alicerçar realidades mais equânimes entre nós humanos... é preciso ouvir a sabedoria daquelas raízes que teimam e conseguem nascer e estrondar concretos no meio da urbis, metaforizar-se neles. gerar potência e força, tônus, imaginação e(m) dança.

o destino exuberante de cadeiras acolchoadas vai chegar, embarcaremos gordes rumo aonde não sabemos, mas estaremos. talvez aconteça por volta de 2060, ou bem próximo, nos encontraremos em um lugar de cerrado nativo, próximo a um poço de água doce funda e corrente. quando todo mundo chega, as barrigas mais lindas, grandonas, carnes que reverberam ao menor gesto, começa uma música que vai pouco a pouco aumentando as batidas por minutos (bpm). a gente vai deixando tudo que tem sobre a gente longe: mochila, óculos, roupa, anel, tudo que se pode... os bpm estão em baixas intensidades, o corpo desacelerando, a gente rola pro chão, cada um está em sua posição de prazer. os bpm vão subindo e nossa .

















alla soüb d'nadah, 32, nb, mineire quase brasiliense, saindo do meio da fogueira da fênix sob o céu seco do cerrado. doutorande em poéticas transversais pela universidade de Brasília sob orientação de maria beatriz de medeiros, pesquisa sobre registro de performance, poesia e artistas gordes. flerta com filosofia fotografia e dança. envolvimento diferente, corpo disposto, palavra afiada.

uarê é pessoa não-binária, autodidata, artista por insistência. a pesquisa de movimento (dança, performance e pós-pornografia) move a descoberta - ilustração e escrita concretizam e incarnam esse corpo quimicamente modificado, em puberdade autoinduzida. não sei o que espero, nem quando virá. o futuro distópico chegou, estamos trancados e online: estar acordado é estar conectado, produzindo opinião. é difícil imaginar futuros coletivos ou individuais. as ficções me ensinaram que estar necessariamente conectado à tela causa apatia, descolamento da realidade. me refugio nos sonhos para ousar seguir.







temos dançado desde nosso primeiro encontro, ainda que nem sempre tenha se chamado dança. às vezes conversa sob o céu baixo do cerrado, às vezes corpos rolando um sobre outro, interações dentro d'água, vertendo sal dos olhos, tombando álcoois para dentro porque temos sede e temos desejo de beber, temos fome e vontade de comer, temos tempo e desejo de compartilhar espaços. temos dançado porque descobrimos corpos-em-movimento, o prazer adiposo de juntar maciezas, insistir em encaixes porque na troca tudo se multiplica, abundantes horas de estar pele-com-pele, pixel-com-pixel. na distância, olhar fotos antigas nos aqueceu e escrever futuros nos juntou.

UM DIA EU OLHEI DENTRO DO SEU OLHO E Ñ SAÍ MAIS



este livro é sonho e materialidade, mais construção e paciência que amor incondicional, disponibilidade de encontro e acolhimento do inevitável fim. estéticas do possível, do precário e do real. afeto gordo.

